



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

EDUARDO FRANCISCO FERREIRA

**PORTUGUÊS DO BRASIL PRONUNCIADO POR FALANTES
NATIVOS DE INGLÊS:
UMA ANÁLISE À LUZ DA LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA**

Londrina
2006

EDUARDO FRANCISCO FERREIRA

**PORTUGUÊS DO BRASIL PRONUNCIADO POR FALANTES
NATIVOS DE INGLÊS:
UMA ANÁLISE À LUZ DA LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora:

Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão

**Londrina
2006**

EDUARDO FRANCISCO FERREIRA

**PORTUGUÊS DO BRASIL PRONUNCIADO POR FALANTES
NATIVOS DE INGLÊS:
UMA ANÁLISE À LUZ DA LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Alba Maria Perfeito
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Isabel Gretel Maria Eres Fernández
Universidade de São Paulo

Londrina, 26 de setembro de 2006.

DEDICATÓRIA

Para Francisco Ferreira Neto, meu pai.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por esta oportunidade de crescimento, por me acolher nos momentos difíceis ao longo do caminho e por mais uma vez me abençoar ao me conceder esta vitória.

A minha mãe, por ter muito orado por mim e por estar sempre por perto dizendo palavras de incentivo e ao mesmo tempo tranquilizadoras.

A minha orientadora Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, um exemplo de pessoa e de profissional, pela amizade, interesse, dedicação e compreensão em todos os momentos dessa trajetória.

A CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

A todos os informantes, pela generosidade e disponibilidade em me atender.

As professoras Alba Perfeito e Simone Reis, pelas contribuições enriquecedoras disponibilizadas no exame de qualificação desta pesquisa.

Aos amigos Otávio Góes de Andrade, Cláudia Cristina Ferreira e Márcia Zamariano pelas contribuições e incentivos, sempre na torcida por mim para que tudo saísse bem.

FERREIRA, Eduardo Francisco. **Português do Brasil pronunciado por falantes nativos de inglês**: uma análise à luz da Lingüística Contrastiva. 2006. 236f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2006.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo contribuir para a área de Português para Estrangeiros (PE), com interesse em fornecer elementos que possam facilitar o processo de ensino/aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE). Tendo em mente tal objetivo, realizamos um mapeamento da trajetória da área de PE no Brasil, que inclui estudos e iniciativas desde o início até o presente. Nesse âmbito, observamos que o espaço dedicado a pesquisas sobre a pronúncia de português do Brasil para estrangeiros é praticamente nulo. Seguindo os pressupostos da Lingüística Contrastiva, propusemos analisar a produção de nativos de língua inglesa, oriundos de vários países, ao utilizar a variedade brasileira de português para verificar suas dificuldades de pronúncia. Os dados foram coletados em instituições de uma cidade do norte do Paraná através de uma entrevista gravada em áudio que, posteriormente foi transcrita foneticamente. Das transcrições foram retirados os erros de pronúncia, que foram classificados de acordo com critérios do modelo de Análise de Erros. O número de erros cometidos reflete a dificuldade que os informantes têm no campo da pronúncia ao aprenderem o português do Brasil e corroboram a necessidade de propostas de soluções. Um padrão de língua portuguesa foi proposto para ser atingido pelos informantes de língua inglesa e as realizações não encontradas nas descrições de português foram classificadas como erro e, conseqüentemente, como dificuldade.

Palavras-chave: Português para estrangeiros. Lingüística Contrastiva. Modelo de Análise de Erros. Erro. Pronúncia.

FERREIRA, Eduardo Francisco. **Brazilian Portuguese pronounced by native speakers of English: an analysis based on contrastive linguistics.** 2006. 236f. Dissertation (Master's Degree Program) – State University of Londrina. Londrina, 2006.

ABSTRACT

The present study aimed at contributing to the area of Portuguese for Foreigners (PF) with real interest in providing elements which are able to facilitate the learning/teaching process of a foreign language (FL). Bearing this objective in mind, we described the development of the PF area in Brazil, setting discussions about studies and research since the very beginning up to the current moment. We could observe that the space dedicated to research about the pronunciation of Brazilian Portuguese is very little and that there is a lack of studies which aim at supplying this area with knowledge. Following the Contrastive Linguistics postulations, we decided to analyze samples of oral production performed by natives from English speaking countries utilizing the Brazilian variety of Portuguese language and check their difficulties in pronunciation. The data were collected in different institutions in a city from the North of Paraná through an interview recorded in audio and, subsequently, phonetically transcribed. The pronunciation errors were picked out from these transcriptions and classified according to Error Analysis Model criteria. The number of errors made by the informers mirrors the difficulty they have when they learn to speak Brazilian Portuguese and it confirms the necessity of studies which are able to implement solutions. A Portuguese Language pattern was proposed to be reached by the informers and all the occurrences which are not found in the Portuguese language descriptions were considered errors, consequently, difficulties.

Keywords: Portuguese for foreigners. Contrastive Linguistics. Error Analysis model. Error. Pronunciation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico A – Origem dos informantes	101
Gráfico B – Sexo dos informantes	101
Gráfico C – Idade dos informantes.....	102
Gráfico D – Escolaridade dos informantes.....	102
Gráfico E – Permanência no Brasil em meses	102
Gráfico F – Informantes que falam outro idioma além de português	102
Gráfico G – Informantes que possuem uma profissão	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Vogais orais de português	61
Tabela 2	– Vogais de Inglês	61
Tabela 3	– Contraste das vogais orais entre português e inglês	66
Tabela 4	– Vogais tônicas nasais em português	67
Tabela 5	– Contraste das vogais nasais entre português e inglês	68
Tabela 6	– Contraste das semivogais entre português e inglês	69
Tabela 7	– Contraste dos ditongos orais entre português e inglês	70
Tabela 8	– Ditongos nasais crescentes e decrescentes em português	72
Tabela 9	– Contraste dos ditongos nasais entre português e inglês	72
Tabela 10	– Tritongos orais e nasais em português.....	73
Tabela 11	– Contraste dos tritongos orais entre português e inglês.....	73
Tabela 12	– Contraste dos tritongos nasais entre português e inglês.....	74
Tabela 13	– Classificação das consoantes em português	75
Tabela 14	– Classificação das consoantes em português com exemplos	76
Tabela 15	– Consoantes em inglês	76
Tabela 16	– Contraste das consoantes oclusivas entre português e inglês.....	82
Tabela 17	– Contraste das consoantes africadas entre português e inglês	83
Tabela 18	– Consoantes oclusivas e africadas.....	83
Tabela 19	– Consoantes fricativas.....	87
Tabela 20	– Contraste das consoantes fricativas entre português e inglês.....	88
Tabela 21	– Contraste das consoantes vibrantes entre português e inglês.....	89
Tabela 22	– Contraste das consoantes laterais entre português e inglês.....	91
Tabela 23	– Consoantes nasais, fricativa, lateral; continuante; semivogais.....	92
Tabela 24	– Contraste das consoantes nasais entre português e inglês.....	92
Tabela 25	– Alfabeto fonético	93
Tabela 26	– Critérios metodológicos desta pesquisa.....	100
Tabela 27	– Os informantes desta pesquisa.....	103
Tabela 28	– Uso de “e” por “i”.....	108
Tabela 29	– Uso de “i” por “e”.....	109
Tabela 30	– Uso de “r” retroflexo	110
Tabela 31	– Uso de / r / por / h /.....	120
Tabela 32	– Uso de aspirada.....	120

Tabela 33 –	Uso de / n / por / ɲ /	121
Tabela 34 –	Uso de / l / por / λ /	123
Tabela 35 –	Uso de / j / por / λ /	123
Tabela 36 –	Uso de vogais orais por nasais.....	124
Tabela 37 –	Uso de vogais nasais por orais.....	124
Tabela 38 –	Uso de / æ / por / e/.....	125
Tabela 39 –	Uso de / ɔ / por / o /	126
Tabela 40 –	Uso de / d / por / dʒ /	126
Tabela 41 –	Uso de / dʒ / por / ʒ /	127
Tabela 42 –	Uso de / t / por / tʃ /	127
Tabela 43 –	Uso de / l / por / w /	128
Tabela 44 –	Estrangeirização	128
Tabela 45 –	Uso de / i / por / u /	129
Tabela 46 –	Adição de fonema.....	129
Tabela 47 –	Omissão de fonema	130
Tabela 48 –	Uso de / ɪ / ou / ə / em sílabas átonas	131
Tabela 49 –	Uso de / ʃ / por / s /	132
Tabela 50 –	Eleição de fonema inadequado.....	133
Tabela 51 –	Síntese e Estatística	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise Contrastiva
AE	Análise de Erros
BBC	British Broadcasting Corporation
CD	Compact Disc
CEB	Centro de Estudos Brasileiros
CELPE-Bras	Certificado de Língua Portuguesa para Estrangeiros – Variedade Brasileira
DELE	Diploma de Español como Lengua Extranjera
DELFL	Diplome d'Études de Langue Française
FL	Foreign Language
EPPE	Exame de Proficiência de Português para Estrangeiros
FM	Frequência Modulada
GA	General American
IELTS	International English Language Test System
IL	Interlíngua
IPA	International Phonetic Alphabet
JN	Jornal Nacional
LA	Linguística Aplicada
LAI	Língua Alvo
LC	Linguística Contrastiva
LD	Livro Didático
LE	Língua Estrangeira
L2	Segunda Língua
LP	Língua Portuguesa
LM	Língua Materna
MEC	Ministério da Educação
MRE	Ministério das Relações Exteriores
PBE	Português do Brasil para Estrangeiros
PE	Português para Estrangeiros
PF	Portuguese for Foreigners
PFOL	Português para Falantes de Outras Línguas
PLE	Português como Língua Estrangeira
PL2	Português como Segunda Língua

PNDS	Prüfung zum Nachweis der Deutschen Sprachkenntnisse
RP	Received Pronunciation
SESu	Secretaria de Ensino Superior
SIPLE	Sociedade Internacional de Português-Língua Estrangeira
TOEFL	Test of English as a Foreign Language

SUMÁRIO

PARTE I	15
1 PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS NO BRASIL	16
1.1 INTRODUÇÃO	16
1.2 UMA QUESTÃO TERMINOLÓGICA	17
1.3 A PROGRESSÃO DA ÁREA DE PE	17
1.4 PUBLICAÇÕES	19
1.5 CERTIFICADO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS – VARIEDADE BRASILEIRA: CELPE-BRAS.....	23
1.6 APRESENTAÇÃO.....	26
2 LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA	27
2.1 INTRODUÇÃO	27
2.2 O MODELO DE ANÁLISE CONTRASTIVA (AC)	28
2.2.1 Críticas ao Modelo de AC	30
2.2.2 Considerações a favor do Modelo de AC.....	31
2.3 O MODELO DE ANÁLISE DE ERROS (AE).....	33
3 PARÂMETROS LINGÜÍSTICOS	39
3.1 LÍNGUA PORTUGUESA	39
3.1.1 Introdução.....	39
3.1.2 O Português do Brasil – um Histórico.....	40
3.1.3 Dialeto.....	42
3.1.4 Dialeto Brasileiro	43
3.1.5 Características Fonológicas do Português do Brasil	43
3.1.6 O Português Padrão do Brasil.....	45
3.1.7 Rede Globo.....	46
3.1.8 O Jornal Nacional	47
3.2. LÍNGUA INGLESA	48
3.2.1 Introdução.....	48
3.2.2 Received Pronunciation (RP)	50
3.2.3 Falar Utilizando RP	53
3.2.3.1 Vogais.....	53
3.2.3.2 Consoantes.....	54

PARTE II	56
4 DESCRIÇÕES FONÉTICAS	57
4.1 INTRODUÇÃO.....	57
4.2 FONÉTICA E FONOLOGIA.....	58
4.3 AS VOGAIS.....	59
4.3.1 As vogais Orais.....	60
4.3.2 As vogais Nasais.....	66
4.3.3. As Semivogais.....	68
4.3.4 Os Ditongos.....	69
4.3.4.1 Os Ditongos Orais.....	69
4.3.4.2 Os Ditongos Nasais.....	72
4.3.5 Os Tritongos.....	73
4.4 AS CONSOANTES.....	74
4.4.1 As consoantes Oclusivas.....	77
4.4.1.1 As Consoantes Oclusivas Aspiradas.....	80
4.4.1.2 As Consoantes Oclusivas Glotais.....	81
4.4.2 As Consoantes Africadas.....	82
4.4.3 As Consoantes Fricativas.....	83
4.4.3.1 As Consoantes Fricativas Sibilantes.....	85
4.4.3.2 A Consoante Fricativa Glotal.....	87
4.4.6 As Consoantes Vibrantes.....	88
4.4.7 As Consoantes Laterais.....	90
4.4.8 As Consoantes Nasais.....	91
4.5 O ALFABETO FONÉTICO.....	92
PARTE III	97
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	98
5.1 INTRODUÇÃO.....	98
5.2 METODOLOGIA.....	98
5.3 CRITÉRIOS DE AE.....	99
5.4 LIMITAÇÕES DO MODELO DE AE.....	100
5.5 INFORMANTES.....	101
5.6 COLETA DE DADOS.....	104
5.7 TRANSCRIÇÕES FONÉTICAS.....	105

6 ANÁLISES DOS ERROS DOS INFORMANTES DESTE ESTUDO	106
6.1 INTRODUÇÃO	106
6.2 Os DADOS	106
6.3 Os ERROS	107
6.4 Os ERROS DOS INFORMANTES	107
6.5 SÍNTESE E ESTATÍSTICA	133
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
7.1 FATOS GERAIS	136
7.2 RESULTADOS	137
REFERÊNCIAS	139
REFERÊNCIAS DE LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS	146
APÊNDICES	149
Apêndice I – Transcrições Fonéticas.....	150
Apêndice II - Lista de Erros	197

PARTE I

1 PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS NO BRASIL

1.1 INTRODUÇÃO

A expansão de contatos e relacionamentos favorece a circulação de estrangeiros no território nacional em vários setores produtivos, principalmente nos empresariais e universitários. Neste sentido podemos explicitar as afirmações de Almeida Filho (1992) ao mencionar que:

À medida que vão se consolidando investimentos sustentados em recursos materiais e humanos em ciência e tecnologia, as universidades brasileiras passam a atrair professores e particularmente alunos estrangeiros, muitos deles oriundos de nações vizinhas de língua espanhola, mas também da África e uma fração menor, mas constante, de norte-americanos, europeus e asiáticos.

Ao desembarcar no Brasil, o estrangeiro imediatamente se depara com uma vasta gama de aspectos sócio-histórico-culturais, em geral, divergentes dos de sua própria experiência, panorama que, em maior ou menor profundidade, instala inquietações e/ou expectativas que podem ser amenizadas por meio da aprendizagem do idioma local.

Na intenção de melhor atender a esse estrangeiro, a área de Português para Estrangeiros (PE) tem se mobilizado através da implantação de cursos livres e em universidades, assim como do melhoramento dos já existentes, do desenvolvimento de pesquisas, da troca de experiências entre profissionais e pesquisadores da área, da publicação de descobertas e participação em eventos, tanto os promovidos pelas editoras a respeito de materiais, quanto os propostos por universidades como eventos de extensão.

Neste primeiro momento, temos como objetivo mapear a progressão da área de Português para Estrangeiros no Brasil. Apresentaremos um ponto de vista histórico, com indicações de seu início até o presente. Trataremos da questão terminológica, da publicação de materiais, tanto teóricos quanto didáticos e paradidáticos, e encerraremos falando a respeito do CELPE-bras, o único certificado da variante brasileira do português reconhecido pelo Ministério da Educação.

1.2 UMA QUESTÃO TERMINOLÓGICA

Ao visitar as publicações relativas a esta área, pudemos verificar que os autores se referem a ela de várias maneiras: Português como Língua Estrangeira (PLE), Português do Brasil para Estrangeiros (PBE), Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL), Português para Estrangeiros (PE). Muitas vezes, procura-se fazer uma distinção entre Português como Língua Estrangeira (PLE) e Português como Segunda Língua (PL2). Ao nos dirigirmos a um determinado campo de ensino/aprendizagem como *Língua Estrangeira* (LE), queremos dizer que tal língua está sendo ensinada fora do seu país de origem, o que acontece quando, por exemplo, a língua inglesa é ensinada no Brasil. Por outro lado, ao denominar um determinado campo de ensino/aprendizagem como *Segunda Língua* (L2), queremos dizer que uma língua está sendo ensinada no país onde é falada, como, por exemplo, a pessoas que residem no Brasil e que não possuem a *Língua Portuguesa* (LP) como *Primeira Língua* (LM) – como é o caso, por exemplo, dos povos indígenas e de algumas cidades de Santa Catarina, nas quais a LM é o alemão - e a estrangeiros que vêm ao Brasil por vários motivos, seja em permanência curta ou estendida.

Esclarecemos que neste trabalho não utilizaremos qualquer denominação que inclua a expressão *Língua Estrangeira* (LE) ou *Segunda Língua* (L2), porque esta dissertação não se dirige a qualquer outra comunidade brasileira em que o português não seja a *Primeira Língua* (LM) – como é o caso de indígenas e alemães residentes no Brasil, citados anteriormente – e, sim, a pessoas que vêm de outros países, mais especificamente, falantes de inglês como LM, que vêm ao Brasil para trabalhar ou estudar e que, por conseguinte, buscam cursos livres ou em universidades para aprender português. Com base no exposto, esclarecemos que no presente trabalho utilizaremos a denominação *Português para Estrangeiros* (PE).

1.3 A PROGRESSÃO DA ÁREA DE PE

Segundo Almeida Filho (1992), o ensino de língua portuguesa no Brasil teve o seu início algum tempo após a chegada dos conquistadores portugueses. Informalmente, os jesuítas tiveram a incumbência de ensinar sua língua aos povos

indígenas para que pudessem implementar seu processo de catequização. Ainda, de acordo com Almeida Filho (1992), pudemos verificar que, “*num contexto sistemático formal, o ensino de LE nas escolas do Brasil tem uma história de aproximadamente sessenta anos*” (atualizando a data, um pouco mais de setenta anos).

Até a década de 30, o ensino de LE restringia-se às línguas clássicas: grego e latim. Entretanto, a partir dessa época, as línguas modernas foram também introduzidas, assim como outros elementos, elencados a seguir, que trouxeram condições para pensarmos atualmente no ensino de PE: a criação do Ministério da Educação, de universidades modernas e de Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (ALMEIDA FILHO, 1992).

As décadas de 60 e 70 foram um palco de crescimento na área de Português para Estrangeiros, tanto em quantidade de cursos quanto em produção de materiais, muitos dos quais elaborados no exterior, principalmente em universidades americanas (GOMES DE MATOS, 1989; ALMEIDA FILHO, 1992).

Na década de 80, são disponibilizadas para o mercado em geral as primeiras séries de Livros Didáticos (LDs) para ensino desse idioma, integralmente produzidas neste país e destinadas a aprendizes que estudam no Brasil em um ambiente de imersão (ALMEIDA FILHO, 1992). Ainda nessa década, em comparação com as anteriores já descritas, houve uma considerável progressão na área de PE, até então considerada ‘amadora’, por não haver pesquisas que tratassem de elucidar os problemas existentes. Somente no final da década de 80 é que o surgimento de investigações torna-se realidade. A publicação de *O Ensino de Português para Estrangeiros – Pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais*, em 1989, organizado por Almeida Filho e Lombello, configura a pedra fundamental das publicações relativas ao ensino de PE no Brasil (CUNHA & SANTOS, 1998).

No decênio seguinte, houve alguns fatores que trouxeram um pouco mais de movimentação à área de PE, como por exemplo: a assinatura de intercâmbios culturais, econômicos e científicos entre o Brasil e outros países; a maior presença de estrangeiros nas universidades brasileiras; a produção de um número relevante de publicações na área, culminando na elaboração do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros – Variedade Brasileira (CELPE-Bras).

1.4 PUBLICAÇÕES

Como mencionamos anteriormente, o marco inicial das publicações relativas à área de PE é a obra intitulada *O Ensino de Português para estrangeiros – Pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais*, organizada por Almeida Filho e Lombello, em 1989. Tal publicação reúne em um mesmo livro, artigos escritos por vários autores que apresentam suas experiências e descobertas, assim como discussões a respeito das necessidades pelas quais atravessava a área de PE. Todas as outras publicações na década de 90, assim como as que vieram após a virada do milênio, seguem o mesmo estilo descrito acima e têm os mesmos propósitos. Tratam da abordagem a ser contemplada, das atitudes em sala de aula, da formação dos professores, de especificidades relativas aos aprendizes e aos LDs, da institucionalização de cursos em universidades brasileiras e das iniciativas no exterior.

Outro aspecto importante, a respeito das publicações na área de PE, é a produção de materiais didáticos, especialmente de LDs. A seguir, teceremos comentários relativos a essa produção, evidenciando dois momentos: o início da produção, a) no contexto nacional e b) no exterior, a partir da década de 80.

Na primeira metade do século XX, havia uma produção de LDs para o ensino de LE sob o domínio do *Método da Gramática e Tradução* (MORITA, 1998). Neste período, algumas línguas foram contempladas, mas não a portuguesa, que apenas viria a aparecer no cenário das publicações na década de 50.

O primeiro livro de PE foi produzido nos Estados Unidos, por um autor ítalo-americano chamado Vincenzo Cioffari, o qual escreveu, ainda na década de 50, *Spoken Brazilian Portuguese* (GOMES DE MATOS, 1989). No Brasil, neste mesmo período, Mercedes Marchant escreveu *Português para Estrangeiros* (MORITA, 1998).

Já nas décadas de 60 e 70, vieram outros livros:

- *Modern Portuguese* (ELLISON et al.)
- *Português 1* (BERLITZ)
- *Português Contemporâneo 1* (ABREU & RAMEH)
- *Português: Conversação e Gramática* (MAGRO & DE PAULA)
- *Português para Estrangeiros 1 e 2* (YÁZIGI)

A partir da década de 80, outros títulos foram introduzidos no mercado nacional, alguns dos quais passaram por reformulações e foram reeditados, como é o caso de vários dos exemplos elencados a seguir:



Ler faz a cabeça 1, 2 e 5.
Vãos, 1990



Prata da casa Vol. 1 e 2
Levi; Amos, 1991



Português para Estrangeiros
Marchant, 1994



Via Brasil
Um Curso Avançado para Estrangeiros
Lima; Pereira; Ribeiro, 1994.



Avenida Brasil
Curso básico de Português para estrangeiros 1 e 2
Lima; Rohrmann; Ishihara, 1995.



Aprendendo Português do Brasil
Laroça; Bara; Pereira, 1998.



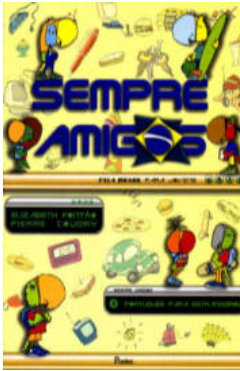
Bem Vindo!
A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação
Ponce; Burim; Florissi, 1999.



Fala Brasil
Português para Estrangeiros
Coudry; Fontão, 1999.



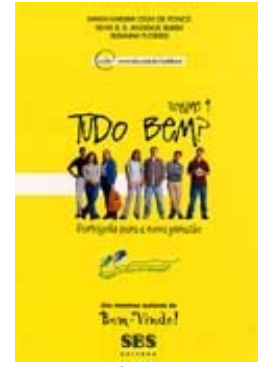
Falar, Ler, Escrever Português
Um Curso para Estrangeiros
Lima; Lunes, 1999.



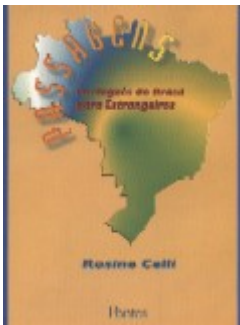
*Sempre Amigos
Fala Brasil para Jovens*
Fontão; Country, 1999.



*Falando, Lendo, Escrevendo,
Português: Um Curso para
Estrangeiros* Lima; Iunes, 2000.



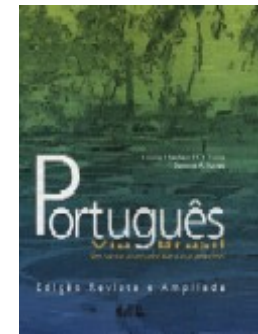
Tudo Bem?
Português para a Nova Geração 1 e 2
Ponce; Burim; Florissi, 2001.



*Passagens
Português do Brasil para estrangeiros*
Celli, 2002.



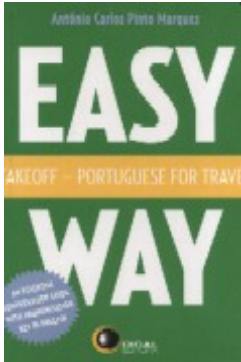
Diálogo Brasil
Lima; Iunes; Leite, 2003.



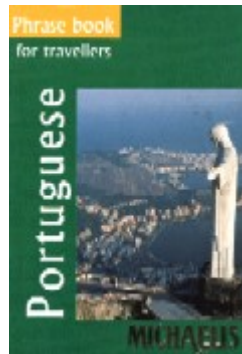
Português Via Brasil
Lima; Iunes, 2005.

Relacionados anteriormente, estão os principais LDs para o ensino de PE no Brasil. É importante mencionar que, atualmente, esses LDs vêm acompanhados de outros recursos audiovisuais como, por exemplo, portfólios, pôsteres, fitas cassete e compact discs (CDs) e livro do aluno, do professor, de atividades, de testes e de respostas.

Paralelamente aos títulos já elencados, incluímos os que podem ser usados como paradidáticos:



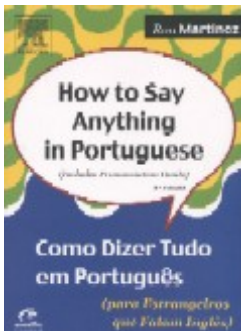
*Easy Way
Takeoff - Portuguese for Travelers
(livro de frases para viajantes)*



*Michaelis Tour Portuguese
Phrase book for travelers
(livro de frases para viajantes)*



*Gramática de Português
como língua estrangeira
(gramática)*



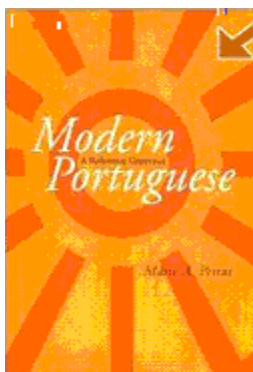
*How to say anything in Portuguese
(livro de frases).*



*Talking Brazilian - A Brazilian
Portuguese Pronunciation Workbook
(pronúncia).*



*Teach yourself Brazilian Portuguese
(auto estudo).*



*Modern Portuguese
A reference grammar
(gramática)*

1.5 CERTIFICADO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS – VARIEDADE BRASILEIRA: CELPE-BRAS

Um dos requisitos para o ingresso de um aluno em cursos de graduação e programas de pós-graduação em uma universidade não situada em seu país é que possua um certificado comprobatório de seu nível de conhecimento no idioma local. Exames como TOEFL (Test of English as a Foreign Language) dos Estados Unidos, DELF (Diplome d'Études de Langue Française) da França, PNDS (Prüfung zum Nachweis de Deutschen Sprachkenntnisse) da Alemanha, IELTS (International English Language Test System) da Inglaterra e DELE (Diploma de Español como Lengua Extranjera) da Espanha, são realidade há algum tempo e configuram a capacidade de um aluno em se comunicar.

Elaborar um exame brasileiro de proficiência em Língua Portuguesa que pudesse assumir essa postura era, há muito tempo, a intenção de profissionais da área de PE (SCHLATTER, 1998).

Uma primeira movimentação nesse sentido, ocorreu na UNICAMP em 1992, via apresentação de um exame de base comunicativa chamado EPPE, considerado o embrião que daria origem ao CELPE-Bras (Certificado de Língua Portuguesa para Estrangeiros – Variedade Brasileira), proposto pelo Ministério da Educação (MEC) (SCHLATTER, 1998).

O processo de implementação teve início em junho de 1993, quando o MEC, por meio de uma Portaria, compõe uma comissão de pesquisadores de universidades e de técnicos da Secretaria de Ensino Superior (SESu) e delega a esses profissionais a incumbência de formular o primeiro exame nacional de proficiência em Português do Brasil, padronizado. Missão que é oficializada em abril de 1997 (SCARAMUCCI, 1995).

Em abril de 1998, ocorre a primeira aplicação do exame nas cinco universidades brasileiras (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade de Brasília) então representadas pela Comissão Técnica e em três instituições de países do Mercosul (Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro, Centro de Estudos Brasileiros de Assunção e Fundação Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires), contando com 141 candidatos inscritos. A partir daí, os números progrediram,

havendo crescimento na quantidade de instituições credenciadas pelo MEC e na quantidade de inscrições, totalizando em 2001, 1.520¹.

O CELPE-Bras é um exame de proficiência integralmente desenvolvido no Brasil e outorgado pelo Ministério da Educação (MEC). Configura, tanto no cenário nacional quanto no internacional, apoiado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), o único instrumento de avaliação em língua portuguesa oficialmente reconhecido. Tem por objetivo testar a habilidade de comunicação oral e escrita em português do Brasil, em várias situações cotidianas, mediante a realização de tarefas, e proporcionar certificação aos candidatos que se enquadrarem em um dos níveis existentes. Idealizado para ser de base comunicativa, não busca examinar conhecimentos a respeito da língua, mas sim, a capacidade de um aluno em utilizá-la.

Para chegar a um resultado que espelhe o desempenho do aluno, o CELPE-Bras utiliza uma Grade de Correção. Na “parte coletiva”, por exemplo, o aluno é solicitado a cumprir tarefas escritas. De posse dos resultados, verificam-se as exigências contidas em cada banda da Grade de Correção e enquadra-se a tarefa realizada numa das categorias existentes, determinando-se, desta maneira, a que nível pertence o candidato.

Atualmente, o certificado é oferecido em quatro níveis de proficiência:

- **Proficiência parcial:**

Certificado Intermediário: controle operacional parcial da língua. O candidato pode apresentar algumas imprecisões, inadequações e interferências na comunicação.

Certificado Intermediário Superior: o candidato preenche as características descritas no nível Intermediário. Entretanto, as inadequações e as interferências na pronúncia e na escrita são menos freqüentes do que naquele nível.

- **Proficiência plena:**

Certificado Avançado: controle operacional amplo da língua. O candidato pode apresentar lapsos e pequenas imprecisões, mas que não impedem uma comunicação adequada (SCARAMUCCI, 1995).

Certificado Avançado Superior: o candidato preenche os requisitos do nível Avançado, porém, as inadequações na produção escrita e oral são menos freqüentes do que as citadas no nível anterior.

¹ Informação disponível na página www.mec.gov.br acessada em fevereiro de 2005.

Em um breve histórico, pudemos constatar a ocorrência de muitos avanços na área de PE, entretanto, acreditamos que muitas contribuições podem ainda ser propostas e realizadas e que PE poderá seguir seu curso de maneira mais abundante quando certos obstáculos forem ultrapassados. Uma delas trata da institucionalização de cursos de extensão e cursos regulares nas universidades (ALMEIDA FILHO, 1992).

Em cursos de Pós-graduação, em nível de Mestrado e Doutorado, podemos contar com muitos trabalhos e pesquisas. Em vários países da América Latina, México, Alemanha, Espanha, Itália, Japão, Suíça, Inglaterra e Moçambique estão presentes os Centros de Estudos Brasileiros (CEBs), que disseminam a cultura brasileira por meio do ensino de Língua Portuguesa, onde pesquisas também são implementadas².

Um outro avanço que deve ser mencionado é a respeito da organização da área por meio de uma associação de nível internacional, denominada *Sociedade Internacional de Português-Língua Estrangeira* (SIPLE). Foi constituída em 1992 durante o *II Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada*, realizado na Universidade Estadual de Campinas. Possui vários objetivos, dentre os quais podemos mencionar: congregar professores e pesquisadores, tanto em âmbito nacional quanto internacional; promover a articulação de profissionais e de instituições com atividade nesta área; incentivar, promover e divulgar o ensino, a pesquisa e os resultados obtidos. Para o cumprimento de seus objetivos, promove congressos e seminários e faz circular, a cada quatro meses, o Boletim da SIPLE, um periódico com artigos, resenhas, relatos de experiências e ensaios científicos e agenda de eventos na área..

Ao buscarmos apresentar um mapeamento da área de PE, constatamos que esta seara encontra-se carente de investigação. Em vários momentos, explicitamos que, a cada ano, amplia-se a quantidade de aprendizes interessados em dominar o português. Nesse contexto, a agilização de pesquisas e a implementação de descobertas tornam-se vitais no que tange à preparação de cursos e materiais cada vez mais empenhados em atender às especificidades desta clientela.

² Informação disponível na página www.mec.gov.br acessada em fevereiro de 2005.

1.6 APRESENTAÇÃO

Tendo em mente as considerações expostas no parágrafo anterior, a presente pesquisa tem interesse em trazer melhorias para a área de PE mediante a conversão de suas descobertas em esclarecimentos a pesquisadores e autores de materiais didáticos, bem como benefícios a professores e aprendizes. Ao visitarmos a literatura pertencente a essa área, pudemos constatar a ausência de pesquisas que visem a elucidar questões fonético-fonológicas do processo de ensino/aprendizagem de PE. Nosso objetivo, portanto, é buscar informações a respeito da pronúncia de nativos de língua inglesa, oriundos de vários países, ao utilizar a variedade brasileira de português e revelar os erros cometidos em suas produções para que, a partir deles, sejam propostos tratamentos que possam levar a soluções. Com esse intuito, entrevistamos nativos de língua inglesa presentes em instituições de uma cidade do norte do Paraná e gravamos suas realizações em fitas cassete. Os procedimentos adotados estão detalhados mais adiante nesta pesquisa, no capítulo que trata da metodologia.

As perguntas de pesquisa que norteiam nosso estudo são as expostas a seguir:

- 1 – Em que situação se encontra a área de PE no Brasil? Quais são as necessidades? Há pesquisas que, por meio de suas descobertas, puderam ser convertidas em avanços nessa área?
- 2 – Quais dificuldades de pronúncia são enfrentadas pelos os nativos de língua inglesa ao optarem pela aprendizagem da variedade brasileira de português?

Empenhada em buscar respostas a esse questionamento, esta dissertação foi dividida em três partes.

A primeira parte está subdividida em três capítulos: a) uma introdução, um mapeamento histórico e apresentação de iniciativas e avanços da área de PE; b) apresentação da Lingüística Contrastiva, o referencial teórico desta pesquisa; c) discussão a respeito do parâmetros lingüísticos de português e de inglês adotados neste estudo.

Na segunda parte, estão presentes as descrições fonéticas de português e de inglês.

Na terceira parte foram descritos a) os procedimentos metodológicos, os critérios do modelo de Análise de Erros, assim como informações sobre o instrumento de coleta e análise dos dados, informantes e transcrições fonéticas; b) análise dos erros dos informantes; c) resultados e conclusões. Nas considerações finais, trataremos de aspectos que retomam as perguntas de pesquisa alicerçadas nos capítulos precedentes.

2 LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA

2.1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a área de ensino de Línguas Estrangeiras (LE) é uma área em constante mudança. Idéias estruturalistas como a repetição, a memorização e a formação de hábitos, cederam espaço para outras que valorizam a habilidade de comunicação, compreensão e negociação de significado.

A otimização do processo de ensino/aprendizagem na sala de aula de LE tem sido, ao longo dos anos, crescente objeto de estudo da Lingüística Aplicada (LA). As pesquisas desenvolvidas nessa área têm contribuído de forma relevante para o entendimento de muitos aspectos desse processo, elucidando problemas, melhorando métodos e técnicas, motivando aprendizes, tranquilizando docentes e direcionando escritores. Todavia, apesar de tantos esforços e progressos, existem dificuldades que permanecem inquietando professores e pesquisadores. Um dos problemas, ainda motivo de proliferação de estudos, são os erros que os alunos produzem ao aprenderem uma LE. Há muito tempo, tais erros traziam desalento aos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, visto não haver procedimentos que tivessem a capacidade de diagnosticá-los e, conseqüentemente, implementar um tratamento que oferecesse resultados satisfatórios. Tendo como objetivo suprir essa necessidade, “foi criada a primeira abordagem sistemática de tratamento dos erros em sua origem lingüística e psicológica, regularidade, previsibilidade e, entre outros fatores, variabilidade” (SRIDHAR, 1981): a Lingüística Contrastiva (LC).

Este capítulo tem como objetivo apresentar a LC como referencial teórico da pesquisa a ser implementada neste trabalho. A LC foi escolhida por sua constante preocupação em resolver questões relativas ao processo de ensino/aprendizagem de uma LE, e por lidar com o erro dentro de parâmetros científicos.

A LC possui três vertentes de análise: o Modelo de Análise Contrastiva (AC), o Modelo de Análise de Erros (AE) e a Interlíngua (IL). Neste trabalho, utilizaremos os dois primeiros, visto que o terceiro, a Interlíngua, não vem ao encontro de nossos objetivos.

De acordo com Sridhar (1981), tanto a AC, como a AE têm importantes contribuições a fazer em várias áreas relacionadas com o ensino de LE: o Modelo de Análise Contrastiva explorou a pesquisa no desenvolvimento de uma teoria geral baseada na descoberta dos universais da linguagem, no estudo das mudanças do ponto de vista diacrônico, na variação dialetal e na tradução; o Modelo de Análise de Erros tem implicações nas teorias de línguas em contato, na mudança lingüística, na aquisição lingüística e na descrição de tipos específicos de línguas. Mesmo tendo sido rivais em certo período, complementares em outros e contribuído em diferentes áreas, é possível dizer que tais modelos apresentam um objetivo em comum: desenvolver pesquisas que visam a facilitar a aprendizagem de uma língua-alvo (SRIDHAR, 1981).

2.2 O MODELO DE ANÁLISE CONTRASTIVA (AC)

O Modelo de Análise Contrastiva nasce num período em que a teoria comportamentalista, ou behaviorismo, e o estruturalismo lingüístico eram as fontes geradoras de parâmetros científicos na área de estudos da linguagem. De acordo com as idéias do behaviorismo, o comportamento humano é o resultado de um condicionamento em que um estímulo produz uma resposta. Bastaria, portanto, apresentar um reforço positivo para que esta resposta correta permanecesse ou, ao contrário, um reforço negativo para que fosse erradicada. Inicialmente, todos os experimentos foram realizados com animais e os conhecimentos adquiridos mediante esses experimentos foram transferidos para o âmbito da aprendizagem humana. Por outro lado, o estruturalismo lingüístico, estabelecido a partir dos pressupostos de Saussure, estabelece a arbitrariedade do signo lingüístico e encontra ressonância nos trabalhos de Bloomfield, que defende que todos os erros devem ser corrigidos e evitados.

O modelo de **Análise Contrastiva (AC)** foi idealizado formalmente por Charles Fries (1945), a partir de quem aparece como componente fundamental da metodologia de ensino de LE, estabelecendo pontos que podem ser problemáticos na aprendizagem.

De acordo com Lado (1957), o modelo de AC funcionaria como uma importante ferramenta a serviço dos pesquisadores no sentido de prever e descrever quais seriam as estruturas que causariam dificuldades na aprendizagem. Segundo as idéias desse

autor, há uma relação direta entre as *diferenças lingüísticas* e as *prováveis dificuldades* na aprendizagem, ou seja, o aprendiz resgata características de sua LM e as utiliza na LE a que se dedica. A esse respeito, Lado (1957) afirma que:

Sabemos, pela observação de muitos casos, que a estrutura gramatical da língua nativa tende a ser transferida para a língua estrangeira. O aluno tende a transferir as formas das frases, os dispositivos de modificação, os padrões de número, gênero e caso da sua língua nativa... Sabemos que essa transferência ocorre muito sutilmente, de modo que o aprendiz nem mesmo a percebe, a menos que se chame a sua atenção para casos específicos. E sabemos que, mesmo assim, ele subestimar a força desses hábitos transferidos, que suspeitamos, podem ser tão difíceis de mudar quando transferidos como quando operam na língua nativa.

Weinreich (1953) introduz o termo “*interferência*” para denominar a utilização de estruturas fonéticas, léxico-morfológicas ou sintáticas notadamente não pertinentes à produção da LE em processo de aprendizagem.

Gargallo (1993) sustenta que existe uma diferença entre o conceito de interferência apregoado pela AC e o utilizado em ambiente bilíngüe. Para o modelo de AC, a interferência ocorre a partir da LM em direção à LE, enquanto no ambiente bilíngüe a interferência pode ocorrer nas duas direções, isto é, da LM para LE ou da LE para LM. No contexto do modelo de AC, considera-se que os elementos que migrarem da LM e facilmente se encaixarem na LE, resultarão em acerto, configurando, desta maneira, uma *transferência positiva*. Por outro lado, os elementos que utilizarem o mesmo percurso descrito acima e não realizarem encaixe adequado resultarão em erro e, por conseguinte, haverá uma *transferência negativa*, também denominada *interferência*.

Wardhaugh (1970) fala de duas versões do modelo de AC: uma **forte**, que realiza previsões a partir de um prognóstico de dificuldades com dados não reais e globais, e outra **fraca**, considerada um caminho viável por ser mais explicativa, a partir de fenômenos reais proporcionados pela comprovação de interferência na produção dos aprendizes. Conseqüentemente, a versão fraca tem na experiência em sala de aula o ponto de partida para estudos teóricos, incluindo o papel docente como colaborador ativo, fator que lhe atribui grande possibilidade de utilização prática. Aqui, a AC pode unicamente interpretar erros (DURÃO, 1999).

Lee (1968 apud SRIDHAR, 1981) estabelece os pressupostos da versão forte da AC ao dizer que:

- a única causa de erro é a interferência da LM do aprendiz;
- as dificuldades de aprendizagem se devem às diferenças entre LM e LE;
- quanto maiores as diferenças, maiores as dificuldades;
- os resultados da comparação das duas línguas são necessários para que dificuldades e erros sejam previstos;
- o que há de melhor para ser ensinado pode ser encontrado, após comparação, na subtração de elementos comuns, para que o aluno aprenda o que há de diferente entre ambas as línguas.

De acordo com o mesmo autor, esta versão não foi seguida por todos os teóricos da época, ao ser considerada simplista, justamente por preconizar a interferência como fonte única de erros.

Lado (1957) apresenta a descrição formal do modelo de AC por meio de um procedimento que se compõe de quatro momentos:

- descrição formal das línguas em contraste;
- seleção das áreas a serem comparadas;
- contraste das semelhanças e diferenças e
- previsão dos possíveis erros.

De posse dos dados resultantes desses momentos, que, em princípio, parecem desvendar todas as zonas de prováveis dificuldades, um material didático seria formulado e o passo seguinte seria implementá-lo na sala de aula.

2.2 1 Críticas ao modelo de AC

As primeiras considerações contrárias à utilização do modelo de AC começam a aparecer no final da década de sessenta e no início da década de setenta (DURÃO, 1999 e 2004). Após algum tempo de utilização, os pesquisadores puderam verificar que o modelo não era infalível, ao contrário, havia brechas em sua utilização, possibilitando questionamentos, configurando, desta maneira, a sua imperfeição.

Fernández (1997) menciona os três aspectos que resumem as razões de tais questionamentos:

- por meio de investigações empíricas, verificou-se que o fenômeno da interferência da LM não explica a maioria dos erros dos aprendizes;

- as descobertas no campo da Lingüística, Sociolingüística e Psicolingüística, pela via de suas novas correntes, realizam fortes ataques aos alicerces da AC;

- métodos de ensino embasados nesta hipótese não eram eficazes no sentido de evitar os erros.

Durão (1999) menciona ainda que vários pesquisadores puseram em dúvida o poder de previsão da AC, pois houve a comprovação de que nem sempre a diferença entre as línguas conduzia a dificuldades de aprendizagem, além de ter ficado evidente, também, que certas áreas de transferência não previstas ocorriam e, vice-versa, áreas previstas, não ocorriam. A mesma autora (1999 e 2004) argumenta haver outras fontes de dificuldades deixadas de lado pelo modelo de AC tais como: elementos de outras línguas anteriormente estudadas, limitações na capacidade de retenção de dados na memória, a generalização de regras, a motivação e, entre outros mais, a aptidão lingüística do aprendiz. Justamente por deixar de lado os componentes sócio-cultural e pragmático, a utilização do AC foi duramente rechaçada. Baralo (1996) aponta as deficientes aplicações das estratégias de ensino para ampliar sua exemplificação:

(...) instrução, (...) pobreza de dados (“input”) da LE a que o aprendiz está exposto; falta de adequação de materiais didáticos; ou, inclusive, a própria metodologia (quando se obriga o aprendiz a produzir estruturas para as quais não está preparado, ou ao se propor exercícios mal preparados).

Em face de tantos problemas creditados ao modelo de AC, Sridhar (1981) ressalta que os críticos desta hipótese sugerem que *“a única versão de AC que tem alguma validade é a versão à **posteriori**, em que o papel de AC deveria ser explicativo, restrito a áreas com problemas recorrentes como revelado pela Análise de Erros (AE) e não uma versão à **priori** ou de previsão”*.

2.2.2 Considerações a favor do Modelo de AC

É inegável que o modelo de AC representa um avanço no processo de ensino/aprendizagem em um período em que não se tinha notícia de um direcionamento

metodologicamente embasado que pudesse auxiliar o professor na sua atuação em sala de aula. Mesmo tendo seus pressupostos teóricos questionados, ainda é possível encontrar pesquisadores que levantam suas bandeiras a favor do modelo, esclarecendo que esta hipótese não pode simplesmente ser descartada e esquecida, por considerarem que *“propicia o desenvolvimento de materiais eficazes para o ensino de línguas (...) e por aparecer, mesmo que modificada, nos modelos que a sucederam”* (DURÃO, 1999 e 2004). Sridhar (1981) realiza algumas considerações a respeito do modelo de AC, que também são argumentos favoráveis à sua manutenção e utilização:

- os proponentes da versão forte da AC são os primeiros a admitir que ela não cobre *todos* os erros e nunca afirmaram que cobriria;
- a não-ocorrência do erro não invalida a previsão; por outro lado, isso pode confirmar que o aprendiz está evitando utilizar estruturas problemáticas;
- a AC pode ser um subcomponente da AE (...) porque a primeira pode detectar áreas de dificuldades não percebidas pela segunda;
- a falha nas previsões de dificuldades em certas áreas não necessariamente invalida toda a teoria;
- publicações da época mencionam que o modelo de AC nasceu de resultados empíricos;
- estima-se que aproximadamente um terço dos erros na língua alvo, ao serem rastreados, são provenientes da LM (GEORGE, 1972).

Fernández (2004) revela o que hoje muito se faz e que envolve a utilização da LC:

No âmbito da pós-graduação realizamos pesquisas de alto nível que, quase sempre, redundam em efetivas contribuições para o ensino de línguas estrangeiras e, vale ressaltar, muitos desses trabalhos de investigação tomam como base a Lingüística Contrastiva...

Mais adiante que:

É, no mínimo, ingênuo pensar que nossos alunos vão separar completamente os dois idiomas; que não vão procurar pontos em comum e pontos divergentes; que não vão fazer transposições e analogias; que não vão realizar transferências (positivas ou não). Dessa forma, sabemos que o contato vai ocorrer, por que não tirar partido dele em vez de ignorá-lo ou rejeitá-lo? Apropriar-se desse contato de maneira eficaz é o que faz, em última instância, a LC.

Para finalizar, podemos afirmar que os críticos não foram bem sucedidos ao tentar provar, conclusivamente, o fracasso da AC e que avanços na teoria e metodologia, tanto de análise de erros quanto de interlíngua, explicitamente incorporaram os pressupostos e metodologia da AC em seus modelos (SRIDHAR, 1981).

2.3 O MODELO DE ANÁLISE DE ERROS (AE)

Os anos setenta trouxeram à luz o modelo de AE, a partir das pesquisas realizadas por Chomsky, que se contrapõem ao behaviorismo no que diz respeito à teoria de aquisição da linguagem apregoada por Skinner. De acordo com Durão (1999), Chomsky considerava que os princípios estruturalistas eram mal formulados. Para Chomsky, um falante é capaz de produzir e, conseqüentemente entender, um número infinito de frases bem formadas, portanto, essa competência lingüística não poderia ser explicada mediante um modelo cujos alicerces estivessem num modelo de estrutura de hábitos. Chomsky (1957) propõe que todos nascemos com um aparato mental que contém uma estrutura abstrata a que denominou “Gramática Universal”, isto é, um dispositivo para inferir regras da língua a que somos expostos, que automaticamente funciona ao ser alimentado com um *input*.

Sridhar (1981) explicita três aspectos da gramática transformacional que modificaram as bases do modelo de AC:

- a hipótese de base universal;
- a distinção entre estrutura superficial e profunda e
- a explícita e rigorosa descrição de fenômenos lingüísticos.

De acordo com esse autor, o *primeiro aspecto* fornece um fundamento teórico mais consistente por pressupor que, no nível abstrato, todas as línguas são similares; o *segundo*, possibilita capturar e representar as intuições dos bilíngües sobre traduções equivalentes em duas línguas, mesmo havendo diferença no nível superficial e, *finalmente*, a adaptação de modelos matemáticos para a descrição de línguas naturais possibilitaram que as descrições sejam mais rigorosas e explícitas.

Neste mesmo período, um outro ponto de vista foi proposto por Hymes (1972), segundo quem, a linguagem não é algo restrito ao âmbito mental, mas também é um fenômeno socialmente construído, daí que a aprendizagem meramente lingüística é

insuficiente diante da totalidade do que representa conhecer uma LE. Para Hymes (1972), aprender uma LE agruparia conhecimentos lingüísticos imersos em seus contextos de utilização, por haver “regras de uso sem as quais as regras da gramática seriam inúteis”. Nesse sentido, a língua se desenvolve na interação entre os indivíduos do grupo que a utiliza, tendo como parâmetro um marco sócio-histórico-cultural (HYMES, 1972) em que, a gramática não se separa do social, nem o cognitivo se separa do comunicativo.

O modelo de AC, no seu intento de prever as dificuldades e não permitir que o erro acontecesse, apresenta falhas em seu funcionamento. Diante disso, e de novos avanços nesta área, verificou-se que havia a necessidade de uma mudança na concepção de “erro” e o modelo de AE vem ao encontro deste novo ideal.

As publicações de Corder (1967, 1971, 1973) baseadas nos pressupostos de Chomsky, propõem uma reorientação a respeito de como levar adiante as novas pesquisas que tratam da relação ensino/aprendizagem de uma LE. Corder ratifica a teoria mentalista chomskyana ao afirmar que o aluno envolvido no processo de aprendizagem de uma LE utiliza o mesmo sistema cognitivo que utilizou ao aprender sua LM. Procedendo dessa maneira, afirma que a natureza da aquisição de LM é a mesma da aprendizagem da LE, e as diferenças, por conseguinte, não estariam no processo, mas nas circunstâncias em que ambas acontecem.

Neste âmbito, inicia-se uma nova etapa na qual o erro passa a ser parte integrante da aprendizagem, o que possibilita a professores/pesquisadores vislumbrarem em que altura da caminhada rumo a LE se encontra o discente. A esse respeito, Corder (1971), explicita que:

As orações idiossincráticas produzidas pelos aprendizes são manifestações de uma gramática do dialeto transicional e não devem ser consideradas simplesmente erros, desvios ou orações agramaticais; ao contrário devem ser objeto de estudo lingüístico longitudinal. Esse conceito lança um novo olhar sobre os erros, vistos agora como passos obrigatórios para a apropriação da língua, índices dos estágios alcançados pelo indivíduo nesse caminho do conhecimento.

O aprendiz, como foco de interesse do modelo de AE, deixa de ser visto como uma caixa vazia a ser preenchida com o conhecimento apresentado pelo professor e torna-se atuante, responsável por sua própria aprendizagem, ao processar hipóteses e criar outras a respeito da LE a que está exposto. Em termos práticos, os erros supostamente

forneceriam a indicação das áreas que ofereceriam maior dificuldade, possibilitando a revisão e/ou elaboração de materiais didáticos mais afinados com as necessidades dos alunos (DURÃO, 1999).

O redirecionamento do erro traz à tona as conclusões de Corder (1967, 1992), que o organiza em dois tipos, a partir da produção dos aprendizes: *erros sistemáticos* (error) e *erros não sistemáticos* (mistakes) (CORDER, 1967). Os *erros não sistemáticos* seriam aqueles que ocorrem momentaneamente na atuação do aprendiz (performance) e são prontamente corrigidos por ele mesmo. São considerados casuais, meros acidentes, equívocos, enganos ou deslizos, cometidos pelos alunos de LE por influência de fatores alheios à competência lingüística, como, por exemplo, cansaço físico, fatores psicológicos, falha da memória, pressão do ambiente onde a produção se realiza, entre outros aspectos. Pode-se, também, dizer que esse tipo de erro é verificado da mesma maneira em produções na LM e que, do ponto de vista de aprendizagem da língua, não é ameaçador, tampouco revelador, podendo até mesmo ser descartado. Citando as palavras de Corder (1974) “*Não há sentido em se estabelecer regras para erros não sistemáticos*”. Os *erros sistemáticos*, ao contrário, são os que realmente devem ser considerados “erros”, pois atuam diretamente na competência lingüística. Para Corder (1967, 1971), esses erros ocorrem por conhecimento truncado de características da língua utilizada, e são elucidativas quando a intenção é a de se desvendar em que fase de conhecimento da língua alvo está o aprendiz.

Para Corder (1971), entender o que os erros estão tentando revelar pode trazer benefícios, não só para professores, que poderão direcionar seus planos de aula de maneira mais afinada com a necessidade em questão, mas também para pesquisadores, que contariam com dados mais específicos a respeito de estratégias e processos de aprendizagem utilizados pelo aprendiz, aqui colocado em última posição, mas sendo a parte principal, que se utilizaria do erro como fator necessário à verificação de suas hipóteses.

De acordo com as explicações propostas por Durão (2004), inferimos que todos os tipos de erro, até a intervenção de Corder (1967), estavam em um mesmo patamar: todos possuíam a mesma gravidade e, independentemente de sua origem, deveriam ser banidos. Depois da distinção estabelecida por Corder (1967), que, como vimos, classifica o erro de formas distintas, surge um novo desafio: o de estabelecer explicitamente a que categoria cada erro pertenceria. Nesse sentido, desencadeou-se a necessidade de estudos teóricos que trouxessem uma definição capaz de direcionar cada erro a esta ou aquela classificação.

Teóricos como Nickel (1971), Chun et al., (1982) e Chaudron (1988) se debruçaram sobre esta questão. No entanto, cada investigador tem seu próprio entendimento quanto ao assunto e muitos deles explicitaram contribuições, que, mesmo limitadas sob algum aspecto, são um direcionamento a essa definição.

Independentemente do conceito que possa vir a ser adotado, Corder (1967), explica que “*um melhor entendimento das emissões produzidas pelos aprendizes de LE serve para a compreensão do que o aluno sabe e do que não sabe em cada momento de seu processo de aprendizagem*”, o que possibilita ao professor proporcionar melhores modelos lingüísticos, capazes de retificar uma hipótese inadequada proposta pelo educando.

De acordo com Brandão (2003), a dedicação dos estudiosos, no início do modelo de AE, concentrava-se na avaliação da *competência lingüística* dos aprendizes de LE. Sua produção era colhida e seus erros relacionados a algum tipo de interferência, não importando a origem ser inter ou intralingüística. O surgimento do conceito de *competência comunicativa*, no início da década de 80, reduziu o conceito de competência lingüística a um papel coadjuvante e introduziu dois novos fatores que passaram a ter importância no estudo dos erros: o grau de inteligibilidade da comunicação e o efeito que possam produzir no interlocutor (DURÃO, 1999).

Burt & Kparsky (1972) fizeram a distinção entre erros *globais* e erros *locais*. Segundo esses autores, os *erros globais* seriam aqueles que comprometem a organização geral da oração, afetando a sua estrutura sintática, enquanto que os erros *locais* ficariam localizados em algum lugar da oração, comprometendo apenas algum, ou alguns, de seus constituintes. Tomando-se o grau de inteligibilidade como parâmetro para se verificar o impacto do erro sobre a tentativa de comunicação, chegamos ao entendimento de que os erros *globais* são graves e inviabilizam a comunicação, enquanto os *locais* causam estranheza no ouvinte, mas não impedem sua compreensão.

Outras contribuições no sentido de elencar as possibilidades de classificação do erro foram apresentadas por Durão (1999), organizadas a partir do nome dos estudiosos que as propuseram:

- Johansson (1973) credita mais importância aos erros lexicais frente aos gramaticais, utilizando como critério a frequência e a generalização de regras afetadas e o grau de irritação que isso pode causar no interlocutor;
- Olsson (1973) tem os mesmos preceitos do teórico anterior e propõe a divisão dos erros em *sintáticos* (deformações formais) e *semânticos* (que dizem respeito ao sentido da frase);

- Enkvist (1973), James (1977), Halley e King (1975), Chastain (1980) e Vázquez (1987) fornecem subsídios para a criação de três critérios para a avaliação da gravidade do erro: erro compreensível e aceitável; erro compreensível, mas inaceitável; erro incompreensível.

Como se pode verificar, até este momento há a preocupação em se encontrar um mecanismo capaz de enquadrar as incorreções num sistema de classificação rigoroso, necessitando apenas de critérios para a descrição de tais erros. Nesse intento, Gargallo (1993) e Durão (1999 e 2004) explicitam os seguintes critérios:

- **Critério pedagógico:** classifica os erros em erros transitórios e erros sistemáticos (CORDER, 1967);

- **Critério etiológico-lingüístico:** subdivide os erros em interlingüísticos ou intralingüísticos, dependendo da interferência que os motivaram (CORDER, 1973);

- **Critério gramatical:** classifica os erros de acordo com a categoria que afetou na gramática tradicional (CORDER, 1973);

- **Critério comunicativo:** avalia o efeito comunicativo do erro do ponto de vista do ouvinte e emprega os parâmetros de conceito de aceitabilidade, compreensibilidade, irritação, etc.

Segundo Corder (1971), a AE deveria ser desenvolvida em três sucessivos momentos: a) reconhecimento, b) descrição e c) explicação. No primeiro momento, do *reconhecimento* dos erros, deve-se ter em mente o conceito de “erro” para se fazer a mencionada distinção entre erro e lapso. No momento da *descrição* dos erros deve-se mostrar como o erro foi cometido na tentativa de caracterizar uma mensagem. No caso de os aprendizes não utilizarem o mesmo trajeto para chegar ao erro, deve-se observar os que ocorreram repetidamente, na tentativa de se detectar a regra utilizada. Desta maneira, somente os erros sistemáticos são verificados. Feito isso, pode-se iniciar o momento da *explicação*. Há ainda muita controvérsia, por não sabermos exatamente os processos psicológicos e neurológicos envolvidos na aprendizagem de uma língua, possibilitando que um mesmo erro seja, inclusive, abordado de diferentes maneiras.

De acordo com Sridhar (1981), a metodologia de AE em seu modelo tradicional é composta pelos seguintes passos:

- a) coleta de dados;
- b) identificação dos erros;
- c) classificação do tipo de erro;
- d) estabelecimento da frequência dos tipos de erros;

- e) identificação das áreas de dificuldade na língua alvo;
- f) terapia.

O mesmo autor salienta, ainda, que em seu modelo mais sofisticado de investigação, a AE dispõe de mais dois passos:

- g) análise da fonte dos erros;
- h) determinação do grau de estranheza produzido pelo erro.

Ao verificarmos a evolução, tanto do modelo de AC quanto do modelo de AE, ressaltada neste capítulo, podemos dizer que um modelo não ignora a existência do outro. Ambos se integram e se complementam, seguindo uma trajetória que visa unicamente a apresentar alternativas que agilizem o processo de ensino/aprendizagem de uma LE.

3 PARÂMETROS LINGÜÍSTICOS

3.1 LÍNGUA PORTUGUESA

3.1.1 Introdução

É vasto o número de dialetos encontrados ao longo do extenso território nacional e para esclarecer o que significa a palavra “dialeto” podemos utilizar a definição de Matos e Silva (1988) ao explicitar que

Por dialeto, hoje, se entende, na lingüística, as variedades de uma língua histórica que caracterizam formas de falar específicas de lugares, estratos sociais, faixas etárias, com seus registros próprios quanto à formalidade da situação de comunicação, daí as designações metalingüísticas de dialetos diatópicos, dialeto diastráticos, dialetos diacrônicos.

Essa diversidade não se restringe apenas ao campo léxico-semântico, valendo também para o da pronúncia. Ainda que as diferenças dialetais não comprometam a unidade da língua falada, é possível, por meio do sotaque, na maioria das vezes, inferir a procedência geográfica do falante, em virtude das marcas segmentais e supra-segmentais características de cada região. As influências de outras línguas sobre a portuguesa foram tantas, que modificaram a trajetória da variedade do português falado no Brasil, estabelecendo um grande distanciamento entre o português brasileiro e o português falado em outros países, como, por exemplo, Portugal. A esse respeito, Orlandi (2002) menciona que:

A língua praticada nesse outro regime enunciativo realiza, deste lado do Atlântico, a relação unidade/variedade: a unidade já não refere o português do Brasil ao de Portugal, mas à unidade e às variedades existentes no Brasil. E a unidade do português do Brasil, referido a seu funcionamento historicamente determinado, é marca de sua singularidade. Há um giro no regime de universalidade da língua portuguesa que passa a ter sua própria referência no Brasil. A variação não tem como referência Portugal, mas a diversidade concreta produzida no Brasil, na convivência de povos de línguas diferentes (línguas indígenas, africanas, de imigração etc).

Essa questão é bastante complexa e, ao mesmo tempo, instigante. Pagotto (2005), que tem se dedicado ao estudo desse distanciamento, acredita que devemos nos remeter ao tempo da colonização do Brasil pelo povo de Portugal, para que possamos entendê-lo. Para esse pesquisador, existem três hipóteses que podem trazer um norteamento para este assunto.

A **primeira**, a *hipótese da deriva lingüística*, supõe que o que aconteceu no português do Brasil foi somente “*o lento, gradual e inexorável processo de mudança lingüística que afeta qualquer língua*”.

A **segunda**, a *hipótese do contato*, diz que as profundas alterações que verificamos na língua portuguesa hoje “*seguramente são o resultado de seu contato com línguas indígenas e africanas*”.

Finalmente, a **terceira**, a *hipótese conservadora*, afirma que o português do Brasil atual se deve ao “*isolamento das populações transplantadas*”.

Nesta primeira parte do capítulo, traçaremos, inicialmente, um sucinto histórico sobre a trajetória da língua portuguesa no Brasil. Em seguida, teceremos considerações a respeito dos dialetos brasileiros. Mais adiante mencionaremos as características do português do Brasil e também o padrão de língua portuguesa escolhido como parâmetro para esta pesquisa, com sua devida fundamentação.

3.1.2 O Português do Brasil – um Histórico

A ocupação do Brasil pelos portugueses teve início no século XVI e sua rápida intensificação está diretamente relacionada ao declínio do império português em outras localidades. O litoral foi o ponto de partida com suas terras divididas em capitanias hereditárias. Posteriormente, houve um gradativo aumento de domínio, transformando o Brasil em um prolongamento daquele país.

Ao chegarem aqui, os portugueses constataram que a terra já era habitada por povos indígenas, principalmente por tupis e guaranis. Nações jês partiram para o interior, entrando em contato com os colonizadores apenas a partir do séc. XVII. Outros povos indígenas, como o aruak e o karib, foram conhecidos bem mais tarde. Os indígenas foram dominados pelos portugueses e, como conseqüência disso, tiveram seus valores modificados e sua vida tribal descaracterizada. Segundo Mattos e Silva (2004), “*O processo*

colonizador e evangelizador dos séculos XVI e XVII teve de utilizar, como instrumento fundamental para a dominação, línguas indígenas brasileiras". Muitos nativos fugiram, outros foram eliminados ou escravizados e os mestiços já nasciam na sociedade dos brancos. O contato entre a língua dos portugueses e as mais de mil línguas indígenas (FRANÇA, 2002) trouxe à tona um novo dialeto conhecido como *língua geral*, hoje *nheengatu*. Essa língua geral, derivada do tupinambá, foi a primeira influência recebida pelo idioma dos portugueses no Brasil.

A chegada de negros a partir de 1538, trazidos da África como escravos, falantes de várias outras línguas - entre duzentas e trezentas - perfaz a segunda grande influência lingüística abarcada pela língua portuguesa no Brasil. França (2002) explica que não havia uma única língua africana, mas sim uma grande variedade porque:

As mais variadas nações negras, em sua maioria, da África Ocidental, (do grupo Bântu ou do não-Bântu, especialmente, os Yoruba), e tipologicamente diferentes ("fragmentation belt"), eram aportadas no Brasil. Assim, para adaptar-se facilmente à sociedade branca, assim como às novas línguas com as quais se depararam, logo criaram uma língua veicular, integrando-se rapidamente às suas principais atividades; o que propiciou, segundo alguns lingüistas, o desenvolvimento de um português crioulo, que uniu entre si os negros das mais diversas proveniências.

A partir do séc. XVII o tráfico de escravos foi intensificado, fator que viabilizou a presença de negros africanos em todas as áreas brasileiras ocupadas, tanto rurais quanto urbanas. Nesse contexto, os escravos, para se comunicar com os seus senhores, foram compelidos a aprender a língua colonizadora, desenvolvendo um português crioulo, o qual também facilitava a comunicação com negros de outras nações, adaptado à língua geral.

A trajetória da língua geral é interrompida no dia 17 de agosto de 1758, com o Marquês de Pombal, que, por meio de um decreto, proibiu a sua utilização e elevou o português ao patamar de língua oficial brasileira. Com isso, o ensino e toda e qualquer documentação, obrigatoriamente passava a ser em português. Nesta fase, a língua portuguesa já havia sucumbido à presença da língua geral, iniciando sua ascensão apenas na segunda metade do século XVIII, tornando-se predominante apenas no final desse século. Esse fato foi motivado pelos bandeirantes ao descobrirem ouro e diamantes no interior do país, incentivando o aumento de imigrantes portugueses que buscavam melhores condições de vida nos novos centros econômicos.

3.1.3 Dialeto

Ao mencionarmos a língua portuguesa falada no Brasil, não podemos deixar de nos referir à imensa diversidade dialetal existente no país. Essas diferenças ocorrem devido à ampliação da língua por meio, principalmente, das influências indígenas e africanas, que deixaram suas marcas no território lexical, fonológico e gramatical, marcas essas, muitas vezes, distanciadas do português considerado padrão. A esse respeito, França (2002) evidencia que

(...), podemos afirmar que o Português do Brasil é fruto inicial de diversificada criolização de povos indígenas e de africanos. Trata-se, portanto, de um idioma distinto do europeu, não só pelo fato de trazer para a nova terra falares diferenciados, mas também em função de um complexo de contextos sócio-lingüísticos bastante diverso daqueles de sua origem, cujo substrato possibilitou-nos a aquisição de um povo mestiço, de língua também peculiar.

Assim como o Brasil, países africanos foram ocupados pelos portugueses e transformados em colônias. No entanto, o desenvolvimento da língua portuguesa adversa ao padrão europeu, como ocorreu no Brasil, parece não ter respaldo por lá, tendo esses outros povos incorporando e, até o presente momento, utilizando a variedade proveniente de Portugal. Pela similaridade entre o português de Portugal e suas antigas colônias africanas, podemos dizer que hoje, em países independentes, frente ao distanciamento da variedade brasileira, existem apenas duas modalidades “padrão” de língua portuguesa: a brasileira e a européia.

Cada vez há mais motivo para se realizarem pesquisas a respeito das diferenças entre o português brasileiro e o português europeu. Trata-se do mesmo idioma, com estrutura gramatical similar e vocabulário quase idêntico, mas com falares distintos. O português do Brasil se flexibilizou e aceitou empréstimos, inicialmente por contato com línguas indígenas - como, por exemplo: *imbu*: uma árvore típica; *tamanduá*: um animal típico - e africanas - como: *acará*: bolo de feijão cozido, feito em azeite de dendê com pimenta malagueta; *agôgô*: instrumento de dupla campânula; *angu*: massa feita de fubá de milho ou mandioca (FRANÇA, 2002) - como já mencionado, e, posteriormente, pelo

contato com a língua de outros povos imigrantes como, por exemplo, alemães, italianos, espanhóis, franceses e, mais recentemente, ingleses.

3.1.4 Dialeto Brasileiro

Não são necessários aprofundados estudos para se chegar à conclusão de que as línguas se alteram em um determinado período de tempo. Basta uma breve leitura de algum texto, por exemplo, do início do século passado para percebê-lo. Tendo esse fato em mente, não podemos considerar truncadas ou inaceitáveis, as variedades divergentes da eleita como padrão. Podemos explicitar outros fatores que contribuem para a movimentação evolutiva dialetal. Um deles está relacionado com os movimentos migratórios. Na década de cinquenta, os brasileiros deixaram o campo para fixar residência em centros urbanos. Nesse sentido, variedades lingüísticas, até então isoladas umas das outras, encontraram nas cidades o espaço comum para se relacionarem. Um outro tipo de movimentação que pode ser mencionado é o de pessoas de uma região do país em busca de oportunidades em outra. Povos do Nordeste que migram para o Sudeste e povos do Sul que migraram para o Centro-Oeste são exemplos típicos. Fatores como a universalização da escola - o que estreita o contato com formas um pouco mais eruditas da língua - e o desenvolvimento dos meios de comunicação em massa contribuem grandemente para essa questão (PAGOTTO, 2005).

3.1.5 Características Fonológicas do Português do Brasil

Segundo Matos e Silva (1988) existem aspectos fonológicos que indicam diferenças entre o português brasileiro e o português europeu.

O **primeiro aspecto** refere-se à *realização das vogais pré-tônicas*. No português europeu, essas vogais tendem a ser reduzidas, enquanto que no português brasileiro são claramente articuladas e pronunciadas. Também funcionam como traço de distinção entre falantes do Norte, que as pronunciam de forma aberta, e os do Sul, que as pronunciam de modo fechado. Um outro aspecto é o da elevação da vogal, situação na qual

o som /e/ se torna /i/ e o som /o/ se torna /u/. Por exemplo, a palavra “menino” seria pronunciada /mi'ninu/, “colégio” /ku'leʒiu/ e “notícia” /nu'tisia/.

O **segundo aspecto**, o da *realização da consoante /t/ diante da vogal /i/*, é típico do português do Brasil e é realizado de maneira africada no sul e no sudeste, com exceção do litoral catarinense. Sob este aspecto, palavras como “tiro”, “tinta” e “titânio” seriam pronunciadas /tʃirʊ/, /tʃinta/ e /tʃi'tãniʊ/ no Sul e Sudeste e /tirʊ/, /fita/ e /ti'tãniʊ/ nas outras regiões, respectivamente.

Como **terceiro aspecto**, a *realização da consoante fricativa /s/ fechando sílaba* pode ser pronunciada de maneira palatalizada em algumas variantes do português brasileiro. Neste caso, palavras como “mestre”, “mosca” e “mais” podem apresentar um “chiado” característico de algumas regiões, como o do Rio de Janeiro, por exemplo. Assim, a pronúncia de /mɛstri/, /moska/ e /mais/ seria realizada /mɛʃtri/, /moʃka/ e /maij/ respectivamente.

Finalmente o **quarto aspecto** é a *realização de /l/ em final de sílaba*. Em Portugal, assim como em alguns pontos do Brasil, o /l/ final é pronunciado como /l/, enquanto que em muitas outras regiões é pronunciado como /w/. Neste contexto, palavras como “geral”, “animal” e “nacional”, seriam pronunciadas respectivamente /ʒe'raw/, /ani'maw/ e /nasio'naw/. Evidentemente, existem outros aspectos que podem ser citados. É o caso, a exemplo do que ocorre com o /t/ do segundo aspecto mencionado, do /d/, antes de /i/, que apresenta a mesma característica; palavras monossilábicas ou oxítonas terminadas em /s/, mesmo as grafadas com “z”, se tornam ditongos: “traz”, “atrás”, “mês”, “vez”, “conduz” são pronunciadas /trais/, /a'trais/, /meis/ e /veis/; no pretérito perfeito em algumas regiões, como por exemplo, em Minas Gerais, as desinências da terceira pessoa do plural “am”, fica reduzida a “o”, por exemplo, “casaram”, “fizeram” e “saíram” ficaria /ka'zarɔ/, /fi'zɛro/ e /sa'iro/.

3.1.6 O Português Padrão do Brasil

Falar a respeito de pronúncia de língua portuguesa em um país como o Brasil é mergulhar numa seara de múltiplas possibilidades de realização. Diante de tantas variedades, faz-se necessário eleger uma que possa assumir o papel de “padrão”. Como um dos elementos de nossa escolha, levamos em consideração as palavras de Mattos e Silva (1988) ao explicar o que considera variedade padrão:

«dialecto de prestígio» é característico de um grupo social e de um centro cultural considerado modelar, por razões sócio-políticas e culturais; mas não por razões estritamente linguísticas. (...) O dialecto chamado de prestígio ou **standard** não é mais, portanto, do que um dos «modos de falar» (significado etimológico de dialecto, do grego «dialektos») de uma determinada língua histórica, próprio a um segmento social de um determinado lugar que é pela sociedade em que se insere escolhido como modelo ou norma a ser seguido, em certas instâncias obrigatoriamente seguido, neste caso como uma das múltiplas formas de controle social existentes nas sociedades humanas, com o fim político de neutralizar a diversidade natural às sociedades e línguas históricas.

Imbuídos dessa definição, prosseguimos nossa trajetória no sentido de buscar o padrão que, revestido de prestígio, possa funcionar como o modelo de língua portuguesa do Brasil a ser utilizado nesta pesquisa. O Norte dessa busca foi encontrado nas considerações de Cagliari (2004) ao revelar a importância do rádio e, sobretudo, da televisão nas casas e nas vidas das pessoas, argumentando com isso que “*criou-se um novo conceito de fala de prestígio: a fala formal da televisão. Como a influência da TV Globo é hoje muito grande, o assim chamado ‘padrão global’ está penetrando na fala das pessoas e comunidades*”. Nesse mesmo sentido, Silveira (2004) revela que, mesmo em meio a diversidade de variedades e variações de pronúncia no Brasil,

“há uma unidade de pronúncia que é reconhecida e aceita por falantes nativos e estrangeiros como a mais representativa do português brasileiro. Esta é uma arquinorma televisiva irradiada pela TV GLOBO, resultante do longo alcance geográfico desta rede de televisão e da sua aceitabilidade por parte dos falantes/ouvintes do português brasileiro, tanto em território nacional quanto internacional, ainda que estes não a usem, efetivamente.”

De acordo com essa autora, essa arquinorma é utilizada por jornalistas e apresentadores dos noticiários da TV Globo, que diariamente são transmitidos a todos os recantos do Brasil e alguns no exterior. Silveira (2004) acrescenta que,

“essa pronúncia foi construída com neutralizações de traços articulatórios específicos de nossas variedades/variações lingüísticas orais, apresentando-se como uma variável mais neutra, com o objetivo de ser amplamente aceita por falantes/ouvintes do português brasileiro, de forma a conseguir um grande público de telespectadores, ainda que estes apresentem variações lingüísticas diferentes.”

A aura de solidez da TV Globo, que conta com uma rede de emissoras espalhadas por todo o território brasileiro e por vários contextos internacionais, dá prestígio à arquinorma veiculada, transformando essa pronúncia em algo extremamente aceito em todos os meios sociais. Baseados nos fatores explicitados, declaramos que a pronúncia padrão de língua portuguesa do Brasil que adotaremos nesta pesquisa será a utilizada pelos locutores do Jornal Nacional, programa jornalístico da TV Globo. Apresentaremos um breve histórico desta emissora de televisão, discorreremos a respeito do Jornal Nacional, explicitando o tratamento que dá a questões lingüísticas e finalizaremos mostrando a penetração desta rede em outros países, por meio da Globo Internacional.

3.1.7 Rede Globo

O início da televisão no Brasil se deu nos anos 50, em uma época em que apenas 30% da população moravam em centros urbanos e, por restrições tecnológicas, a programação era produzida localmente. Em 1963, nasce a TV Excelsior, com status de empresa moderna. Mas, por não ter isenção política, sofreu boicotes financeiros a partir de 1964, pelo regime vigente e, em 1969, deixou de operar. Existiam outras duas emissoras nesse período, a TV Record, que funciona até hoje, e a TV Tupi, que faliu em 1979.

Fundada em 1965, a TV Globo é a maior rede de televisão brasileira. Iniciou suas transmissões no Rio de Janeiro, onde possui atualmente um dos maiores complexos de produção do mundo. No ano seguinte, iniciou suas atividades também em São Paulo e, sucessivamente, a partir de 1969, em todos os outros estados do país,

tornando-se a primeira emissora nacional do Brasil. Em função da distância imposta pela vasta geografia, os povos do Brasil não se conheciam, apresentando poucos aspectos sociais em comum, situação que começou a ser modificada com a abrangência dos meios de comunicação. Portanto, é possível dizer que os brasileiros começaram a conhecer a vida de outros brasileiros, habitantes dos mais longínquos recantos, pela televisão. Segundo Narlock (2005), “*A televisão igualou o imaginário de um país cuja realidade é constituída de enormes contrastes, conflitos e contradições*”. Hoje, cada brasileiro passa em média 700 horas anuais, assistindo à Globo (NARLOCK, 2005), o que a eleva à categoria de líder de mercado, detendo uma participação entre 40% e 60% da audiência total.

3.1.8 O Jornal Nacional

Por volta das oito horas da noite, a Rede Globo veicula o Jornal Nacional (JN), programa que existe há trinta e quatro anos e que, com média de 68% dos televisores nele sintonizados, é, proporcionalmente, o telediário mais assistido do mundo (NARLOCK, 2005). O JN não teria chegado à média tão alta de índice de audiência se não tivesse dedicado parte de sua atenção à questão da linguagem utilizada, manifestada de forma neutra, para que se afinasse com os falantes/ouvintes de todas as camadas sociais. Um dos fatores que contribuíram para que tal acontecesse foi o afastamento da linguagem extremamente solene e pomposa, característica do telejornalismo até então. Mantém-se certa formalidade, mas utilizando-se uma linguagem coloquial na tentativa de levar a um fácil entendimento (LIMA, 2004).

A diversidade de sotaques é levada em conta, claro que com alguns elementos constritores que funcionam como atenuantes (conta-se com a ajuda de fonoaudiólogos para superar este aspecto). Existe um conjunto de regras que são seguidas por todos os envolvidos na locução do JN, que limita os exageros regionais:

- evitar o sotaque “acaipirado” do interior de São Paulo;
- evitar regionalismos;
- atenuar o “s” chiado do Rio de Janeiro, evitando, inclusive, o uso de plurais no texto para facilitar este aspecto;
- atenuar o falar “cantado” do nordeste do Brasil;

- pronunciar os nomes geográficos como se fala na sua origem como, por exemplo, “Roráima” e não “Rorâima” (LIMA, 2004; ZAHAR, 2004).

Sem dúvida, a utilização desses fatores atenuantes transforma a língua portuguesa numa variedade falada por alguns, mas aceita pela maioria, como exemplificado anteriormente, e compreendida por todos no Brasil. Devemos ainda comentar que, além do prestígio que tem entre os falantes/ouvintes nativos em território nacional, também conta com a mesma notoriedade dos nativos brasileiros em solos internacionais. Salientamos ainda que, devido à existência da Globo Internacional, a língua portuguesa brasileira ouvida no exterior, conseqüentemente, serve de modelo para a aprendizagem do português do Brasil para estrangeiros, é esta variedade apresentada pelo JN. Inaugurado em 1999, o Globo Internacional é o primeiro canal brasileiro em rede mundial, presente em todos os continentes, preliminarmente idealizado para disponibilizar a programação da TV Globo a milhões de brasileiros e lusófonos que moram fora do Brasil. A partir dessa informação, podemos inferir que a mesma programação, inclusive os telejornais, maior fonte de informação sobre o Brasil, é assistida tanto por telespectadores estrangeiros quanto por brasileiros, por serem transmitidos simultaneamente no Brasil e no resto do mundo.

3.2 LÍNGUA INGLESA

3.2.1 Introdução

Milhões de pessoas falam inglês como língua materna (LM) e muitos são os países em que esse idioma é oficial. Evidentemente, a língua em todos esses lugares é a mesma, apresentando poucas diferenças no tocante ao vocabulário, à gramática e à ortografia, o que não se pode afirmar que aconteça quando se fala de ‘sotaque’. Existem grandes distinções no sotaque de um país em comparação com outro, ou mesmo, entre as diferentes regiões de um mesmo país, entre pessoas de classes sociais diferentes e, ainda, entre pessoas de diferentes gêneros, idades, e nível educacional, entre outras características. Pela constante evolução lingüística e fatores sócio-histórico-culturais, não é fácil dizer precisamente o número de sotaques existentes na língua de um país, o que se aplica à Língua Inglesa. Tomando-se o Reino Unido como referencial, podemos dizer que há

inúmeras maneiras de realizações do idioma local, inclusive podendo evidenciar se o usuário é proveniente de algum país britânico, pelo sotaque escocês, galês, irlandês ou inglês, ou de alguma cidade, como, por exemplo, Londres, de onde o ‘Cockney’ e o ‘Estuary English’ são originários.

Em meio a um mar de variedades, torna-se necessário optar por uma que possa ser vista como ‘padrão’. *“Há, porém, uma variedade ou dialeto conhecido como “inglês da rainha” (ou da BBC, ou como chamam os lingüistas, RP, isto é, received pronunciation) que é considerado a variedade padrão, o dialeto padrão”* (CAGLIARI, 2004).

Nesta pesquisa, decidimos utilizar o modelo inglês britânico, citado no parágrafo anterior, ‘Received Pronunciation’ (RP) como padrão de pronúncia de língua materna (LM) a ser comparada e contrastada com o padrão de português do Brasil para estrangeiros (PE). Esclarecemos também, que não se trata da vertente clássica e tradicional de RP, mas sim a que abarcou avanços, neutralizações e flexibilizações, denominada “Neo RP”.

Sabemos, entretanto, que ao optarmos por este ou aquele sotaque disponível, nos depararemos com críticas e opiniões referentes ao modelo escolhido. **Por um lado**, podemos explicitar, por exemplo, as opiniões contrárias a utilização de RP, ao revelarmos as palavras de Jenkins (2000), quando diz que se trata de um sotaque:

- em crescente rejeição pelos professores e outros profissionais britânicos envolvidos no ensino de L2;
- é minoritário: segundo Crystal (1995), menos de 3% da população inglesa fala RP; em função disso, brevemente não haverá professores capazes de fornecê-lo como modelo, causando seu desaparecimento,
- obsoleto frente à existência de outros sotaques mais atualizados;
- difícil de ser aprendido porque apresenta a pronúncia muito distante da escrita;
- os professores ensinam uma pronúncia antiquada aos seus alunos e isso pode ocorrer porque as mudanças recentes de RP não estão incorporadas aos materiais didáticos.

Por outro lado, podemos mencionar as considerações favoráveis à escolha de RP, proferidas por Gimson & Ramsaran (1982) e O’Connor (1999), quando dizem que RP:

- representa o estado contemporâneo de um padrão que evoluiu no Reino Unido por pelo menos os últimos quatro séculos;
- é considerado como uma forma de fala que não é marcadamente regional mas que é facilmente entendida em qualquer lugar no Reino Unido;
- é a forma de pronúncia de inglês britânico completamente descrita;
- é o sotaque geralmente utilizado nas gravações em áudio e vídeo para cursos de inglês que ensinam a variedade britânica;
- este é tão bom quanto qualquer outro no sentido de ser largamente aceito.

Thornbury (1997) afirma que “*Não há o ‘melhor modelo’*. *O fato é que RP, falado por uma pequena parcela dos falantes nativos, é geralmente considerada como uma variedade ‘padrão’ do Inglês Britânico para a comunicação global e propósitos educacionais*”. De acordo com esse mesmo autor, os falantes nativos de língua inglesa ficam menos surpresos quando ouvem um estrangeiro falar RP do que, provavelmente ficariam ao ouvir o sotaque australiano, que certamente causaria certo grau de estranhamento.

Para Cagliari (2004), quando se fala utilizando o inglês padrão, “*todos os outros valores de prestígio e desprestígio, revelados pelos modos diferentes de falar a língua, ficam de certo modo neutralizados em favor da forma neutra (que na verdade é a de prestígio absoluto)*”.

A nosso ver, o ‘padrão’ de pronúncia do inglês britânico chamado *RP*, em meio a outros “padrões” – General American, General Australian, ou Canadian, entre outros - pelos quais poderíamos ter optado, é satisfatório no que diz respeito a atender aos objetivos deste estudo. Esclarecemos que, tal escolha funcionará apenas como um ponto de partida, um parâmetro de comparação e contraste em direção ao ponto de chegada, ou seja, ao ‘padrão’ de pronúncia de português brasileiro, conhecido como Português Global.

3.2.2 Received Pronunciation (RP)

De acordo com o dicionário Cambridge International, *sotaque* é a maneira em particular pela qual uma língua pode ser pronunciada, mencionando que existem duas modalidades que chegaram à posição mais importante no contexto da Língua Inglesa. A **primeira**, chamada *Received Pronunciation (RP)*, é o sotaque padrão Britânico utilizado

por pessoas educadas, no sentido formal, e por profissionais atuantes em diferentes áreas. Não tem origem geográfica apesar de muitos dos seus falantes estarem localizados principalmente no sul e no sudeste da Inglaterra. A **segunda**, chamada *General American (GA)*, é o sotaque padrão dos Estados Unidos da América, especialmente no Centro e no Oeste do país. É a pronúncia utilizada por grande parte dos americanos, pela mídia local e por escolas de línguas que optam pelo padrão americano de pronúncia.

Por haver apenas duas fontes consideradas padrão, todos os outros sotaques da Língua Inglesa seriam ligados a esta ou aquela, podendo variar tanto de maneira *intrínseca* quanto *extrínseca*. As variações *intrínsecas* dizem respeito aos diferentes sotaques britânicos dentro da Inglaterra e aos diferentes sotaques americanos nos Estados Unidos, enquanto as *extrínsecas* se referem aos sotaques pertencentes a outros países que não esses dois. A RP, por exemplo, durante o Império Britânico, foi exportada para as colônias, transformando-se em padrão em muitos países. Muitos australianos usam um sotaque semelhante à neo-RP.

De acordo com Crystal (1995) foi o foneticista Daniel Jones quem, no início do séc. XX, introduziu o termo *Received Pronunciation* primeiro a codificar as propriedades deste sotaque. A palavra "received" é um adjetivo formal que indica a aceitação de algo como "o correto". No caso da RP, podemos dizer que se trata de uma pronúncia imersa na idéia de correção e, sem, necessariamente, ser a variedade mais falada, é amplamente aceita e compreendida.

Definida como "*pronúncia de Inglês Britânico, originalmente baseado na fala da classe alta, e/ou de pessoas formalmente educadas*", a RP foi a escolha dos ingleses que desejavam não mais falar com sotaque regional, o que os marcava como sendo de classes inferiores, ou os rebaixava ao patamar de *provincianos* (The American Heritage® Dictionary of the English Language, 2000). A RP tornou-se uma variedade que imprimia a idéia de status, e de classe social, pois era oferecida nas escolas que solicitavam altos montantes em dinheiro para serem freqüentadas³, tendo, por este motivo, seu acesso vedado à classe trabalhadora.

Mesmo associada à hegemonia econômica e/ou cultural sulista e, apesar de não ser nativa de nenhum lugar do Reino Unido, a RP é encontrada em toda parte e, por ser o sotaque de prestígio, tornou-se foco das atenções, tendo suas características vasculhadas e

³ Eton, Harrow, Rugby, Winchester e as Universidades de Cambridge e Oxford, são exemplos dessas instituições

detalhadamente verificadas por pesquisadores, ocupando o posto de primeiro sotaque Inglês a ser compreensivelmente gravado e amplamente estudado.

Pela neutralidade, compreensão e aceitação, a RP foi absorvida pela British Broadcasting Corporation (BBC) e tão utilizada por esta rede de comunicação que as duas siglas passaram a ser vistas como sinônimas (RP seria o mesmo que BBC Pronunciation).

Hoje, por não mais haver delimitadores nítidos entre as classes sociais e devido à ampla difusão dos meios de comunicação em massa, a RP alargou suas fronteiras e passou a atingir a todos e não somente à elite. Trata-se de uma variedade "educada", da qual descendem muitas, umas mais conservadoras, como as utilizadas pela família real, pelo parlamento, pela igreja, pelas altas cortes, diplomatas e pelas instituições nacionais, frente a outras mais avançadas. O termo BBC Pronunciation se popularizou e isto se deve a um fator histórico: para muitos, a "Received Pronunciation" denota superioridade, status e posição social, enquanto "BBC pronunciation" não carrega essas idéias de superioridade e prestígio.

Recentes estudos registram as mudanças sofridas pela RP, explicitando que, na sua forma *pura* ou *tradicional*, como há cinquenta anos, é falada por aproximadamente 3% dos britânicos. O que acontece atualmente é o casamento de RP com características regionais, resultando em uma 'RP modificada' (CRYSTAL, 1995).

Apesar desses elementos, a RP segue sua trajetória trazendo em seu bojo um status bastante notório, como, por exemplo, o de figurar nos livros textos e páginas da Internet, o de ser considerado o sotaque mais apropriado no ensino de Inglês como língua estrangeira (LE) aos aprendizes que almejam utilizar o modelo britânico e o de ser o mais usado no exterior, sendo o número de falantes muito superior ao de nativos. Em ambiente acadêmico, professores de inglês, mesmo aqueles possuidores de sotaques regionais, buscam adequar suas maneiras de falar ao RP, tendo em mente atingir a compreensão de um maior número de ouvintes. Visualizamos nessas afirmações que a RP é uma pronúncia padrão extremamente respeitada e universalmente compreendida (CRYSTAL, 1995).

3.2.3 Falar Utilizando RP

Como anteriormente mencionado, existem diversas maneiras de se diferenciar um sotaque de outro. Sons vocálicos e consonantais, articulação e realização desses sons, seleção léxica, posição das palavras, tonicidade, ritmo e entonação são exemplos dessa diversidade. A RP se distingue dos outros sotaques devido a sua *neutralidade*, que se traduz em clareza na emissão de mensagens e gera maior aceitação por parte do ouvinte. Estamos aqui falando de uma RP conhecida como “avançada” que, como todos os sotaques de todas as línguas, evoluiu permitindo que influências regionais e flexibilizações ocorressem. Mesmo com mudanças para garantir este nível de inteligibilidade, algumas características foram valorizadas. Passaremos a mencionar algumas delas.

3.2.3.1 Vogais

A ‘BBC pronunciation’ atribui grande valor aos sons vocálicos. Mais do que as consoantes, as vogais são fatores distintivos na produção do sotaque. Tais sons são distribuídos da seguinte maneira:

- sete vogais curtas: / ɪ, ʊ, e, ə, æ, ʌ, ɔ /;
- cinco vogais longas: / i:, u:, ɜ:, ɔ:, ɑ: /;
- oito ditongos: / ɪə, ʊə, eə, eɪ, ɔɪ, aɪ, əʊ, aʊ /;
- duas semivogais: /w, j/.

Podemos, desta maneira, elencar alguns exemplos de utilização dos sons vocálicos:

- *Oh!* é pronunciado como ditongo /əʊ/;
- existe a diferenciação entre o /ʊ/ curto e o /u:ɔ/ longo, enquanto não há em muitos outros sotaques;
- há sons distintos: *caught* /kɔ:t/, *cot* /kɒt/, *cart* /kɑ:t/ são diferentes em RP;

- o som /ɑ:/ é mais alongado: *class* /kla:s/;
- a vogal curta /ɪ/ é mais usada que em outros sotaques: *city* e *indivisibility* têm todas as vogais iguais, e representa um ‘e’ átono, como na palavra *regarded* /rɪ'gɑ:dɪd/;
- a vogal posterior longa /ɑ:/ como em *father*, *park*, *calm*, *path* é mais profunda na garganta.
- /ɪə/ e /ʊə/ em *deer*, *dour* são ditongos e podem ser dissílabos /dɪ ə/, /dʊ ə/.

3.2.3.2 Consoantes

Grande atenção é dada à correta articulação das consoantes, por desempenharem um papel importante na distinção do significado das palavras. Uma exceção é bastante notória ao se tratar da distribuição do som /r/. A BBC pronunciation é considerada um sotaque ‘não rótico’, isto é, o som /r/ será pronunciado quando seguido por uma vogal e não pronunciado quando seguido por uma consoante. Quando o sotaque é ‘não rótico’, há um aumento no número de utilização de ditongos. Quando é ‘rótico’, como nos Estados Unidos, na Escócia, na Irlanda e no oeste da Inglaterra, o som /r/ é pronunciado e, conseqüentemente, diminui o número de ditongos. Para esclarecer esta questão, citamos a palavra *beer*: rótico /bi:r/ e não rótico (RP) /bɪə/. O som /r/ em posição final na palavra, dependerá do som inicial da palavra seguinte.

Por outro lado, é muito comum em RP acrescentar um som /r/ no final de uma palavra que termine com um som vocálico átono, desde que a próxima palavra se inicie com um som também vocálico. A esta prática de inserir dá-se o nome de ‘intrusive’. Podemos citar como exemplo: “the idea/r/ is”; “I saw/r/ it yesterday”; “prorata/r/ is a kind of...”.

No decorrer deste capítulo, tratamos da língua portuguesa do Brasil a partir do descobrimento e colonização do país até chegarmos ao dialeto conhecido como ‘globês’ ou ‘português global’. Essa variedade foi eleita aqui para figurar como o padrão a ser atingido pelos falantes nativos de inglês. Buscamos, também, elucidar as origens do

dialeto do inglês britânico, a RP, pronúncia a ser utilizada como parâmetro para comparação. Como visto, os dois sotaques são os utilizados pela mídia com grandes sucesso e prestígio ao longo de muito tempo, portanto, devemos considerar sua ampla aceitação. Um outro fator preponderante para que optássemos por escolhê-los foi a *neutralização* de características regionais, o que proporciona sua penetração em qualquer parte do território de onde são originários.

PARTE II

4 DESCRIÇÕES FONÉTICAS

4.1 INTRODUÇÃO

Em muitos contextos comunicativos a fala protagoniza a interatividade entre locutores e interlocutores, tendo na pronúncia as condições para que muitas das informações sejam ou não compreendidas de forma adequada. Portanto, melhorar a pronúncia do aluno de LE significa aumentar a inteligibilidade e, conseqüentemente, suas possibilidades de comunicação. Por meio do entendimento de aspectos fonéticos e fonológicos, podemos desvendar dificuldades e reduzir, ou até mesmo eliminar, da pronúncia, as características que podem causar confusão (POEDJOSOEDARMO, 2004).

Professores e alunos interessados em adquirir conhecimentos na área das descrições fonéticas muitas vezes se deparam com certa dificuldade para encontrar materiais que apresentem linguagem acessível ao entendimento. Estamos nos referindo a um grande leque de vocábulos e símbolos que pode parecer de extrema complexidade, muitas vezes causando desinteresse em um leitor menos treinado. Visando a atingir a compreensão de todas as pessoas, com maior ou menor familiaridade com a Fonética e a Fonologia, optamos pela utilização de um texto desprovido de emaranhados terminológicos.

Esclarecemos que existem várias propostas de fontes que representam os alfabetos fonéticos, com uma base comum advinda do alfabeto internacional (CALLOU & LEITE, 2003). Entretanto, para explicitar os sons nesta pesquisa, utilizaremos os símbolos convencionados pelo *International Phonetic Alphabet* (IPA). Nesse âmbito, as representações fonológicas generalizadas dos sons (fonemas) aparecerão entre barras, da seguinte maneira: / /, enquanto as representações fonéticas (fones ou alofones: diferentes maneiras de dizer um mesmo som) aparecerão entre colchetes: [].

Iniciaremos este capítulo estabelecendo os limites de atuação da Fonética e da Fonologia e, logo após, apresentaremos a descrição dos sistemas vocálicos e consonantais da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa, assim como suas eventuais diferenças e semelhanças.

4.2 FONÉTICA E FONOLOGIA

A **Fonética** descreve os processos de produção e as características dos sons, mesmo que esses sons não possuam significado algum. É, portanto, o estudo, descrição e análise dos sons da fala como entidades físico-articulatórias isoladas, podendo ser verificada sob vários pontos de vista:

- a *Fonética Acústica* se ocupa da transmissão do som, isto é, estuda o som como evento físico na atmosfera ou algum outro meio e é de interesse para engenheiros da comunicação;
- a *Fonética Auditiva* estuda a percepção dos sons pelo ouvinte e interessa, principalmente, a psicolingüistas e neurologistas;
- a *Fonética Articulatória* estuda a produção dos sons da fala no aparelho fonador (entendido como o “conjunto de órgãos adaptados ao ato da fala, que se compõe de: pulmões, brônquios, traquéia, laringe, faringe, boca e fossas nasais” (ROCHA LIMA, 2003) e é interessante para professores de línguas (KEHOE, 1968; CALLOU & LEITE, 2003; CAVALIERE, 2005; MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI, 2005).

A **Fonologia** centra-se na *análise da maneira com a qual os sons da fala são organizados no sistema lingüístico de cada idioma* (KEHOE, 1968), *preocupando-se com a diferença de significação, estabelecendo como se relacionam entre si os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases* (CALLOU & LEITE, 2003). Portanto, *interpreta os resultados obtidos por meio da descrição (fonética) dos sons da fala, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos disponíveis. (...) busca o valor dos sons de uma língua* (MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI, 2005).

Na pesquisa em foco utilizaremos a análise *fonética*, em virtude do nosso interesse em explicitar e analisar os erros contidos na fala dos sujeitos envolvidos, ao tentarem se exprimir em português. Para que possamos atingir essa meta, verificaremos os sons que o aprendiz produz em contraste com os sons que deveriam ser produzidos, frente ao sotaque da língua alvo escolhido no âmbito desta pesquisa.

4.3 AS VOGAIS

Objetivando apresentar uma definição a respeito das vogais, em língua portuguesa utilizaremos as palavras de Callou & Leite (2003), ao mencionar que “as **vogais** são sons produzidos com o estreitamento da cavidade oral devido à aproximação do corpo da língua e do palato sem que haja fricção de ar” e, em língua Inglesa, as de Kehoe (1968), segundo quem “as vogais são ressoantes, sons abertos, com relativa falta de impedimento na passagem de ar e são sempre os elementos mais claramente ouvidos nas sílabas onde ocorrem”. Para se descrever as diferentes qualidades de cada som vocálico, alguns parâmetros devem ser considerados: avanço, recuo e altura da língua, pela abertura da mandíbula e pela mudança na posição dos lábios durante a realização:

- A altura da língua, ou sua posição vertical, durante a produção, classificará a vogal como: **baixa**, **média** (sub-classificadas em média-baixa, média-alta) e **alta**.
- A posição do corpo da língua em relação ao palato, ou posição horizontal, também é uma característica da vogal que a classifica como **anterior**, **central** e **posterior**.
- A protrusão (avanço) labial caracteriza as vogais **arredondadas** e, não havendo esse movimento, vogais **não-arredondadas** (CALLOU & LEITE, 2003).

Em língua inglesa existe uma outra característica pertencente às vogais:

- o comprimento (curto, longo).

As três características iniciais dizem respeito à qualidade acústica, enquanto a quarta à quantidade, tamanho ou duração de cada monotongo (UNDERHILL, 1994). As vogais em inglês são orais, isto é, são produzidas com a cavidade nasal fechada, mas podem sofrer nasalização ao precederem uma consoante nasal, fato que não costuma ser mencionado por ocorrer automaticamente e não ser relevante no que diz respeito ao significado da palavra.

Os fenômenos que podem afetar as características das vogais são o **acento tônico** e o **desvozeamento**. Cagliari (2004), explica que

“uma sílaba é **tônica** quando é identificada como mais saliente do que as demais e serve para marcar as batidas rítmicas dos compassos da fala. As demais sílabas são consideradas sílabas átonas. A **tonicidade** pode ser causada por um volume sonoro maior, por uma duração maior ou por uma ênfase entoacional sobre a melodia da fala”

À vogal da sílaba tônica atribuímos o nome ‘núcleo’ ou ‘base’, devido à proeminência acentual que possui em relação às outras vogais, assumindo a posição de vogal tônica. Na transcrição, utilizaremos o diacrítico [ˈ] para informar que a sílaba é a tônica da seguinte maneira: parado [paˈradu]. Já as sílabas átonas são divididas em: **pretônica** ou **postônica**.

Quando produzimos uma vogal, juntamente com sua articulação, há vibração nas cordas (ou pregas) vocais, o que define os sons vocálicos como **sonoros** ou **vozeados**. Sem essa vibração, o som é **surdo** ou **desvozeado**, isto é, quando as cordas vocais permanecem abertas. Cagliari (2004) menciona que a presença de vibração “*se verifica facilmente, através do tato, articulando os sons e colocando a palma da mão junto à cartilagem tireóide da garganta*”. Apesar de serem caracterizadas como sons vozeados, as vogais podem ocorrer sem vibração nas cordas vocais de maneira *sussurrada* (a glote se estreita e produz fricção), o que geralmente ocorre com vogais átonas, nos finais das palavras. A esse respeito, Cagliari (2004), esclarece que “*Por sua própria natureza, um som sussurrado é mais semelhante a um som surdo do que a um som sonoro, tanto é assim que muitos lingüistas não usam tal distinção e chamam a todas as realizações surdas ou sussurradas simplesmente de surdas*”. Salientamos que, quando houver desvozeamento ou sussurro, o som será representado por meio de um diacrítico sob o respectivo som, da seguinte maneira: [̥].

4.3.1 As Vogais Orais

As vogais orais são produzidas com o véu palatino levantado, de modo que o ar escoia todo pela boca. Em português, as vogais orais são **sete** e são representadas da seguinte maneira: **cinco vogais fechadas**, representadas pelos símbolos: [i]: real[i]sta; [e]: t[e]lha; [a]: v[a]gem; [o]: [o]sso; [u]: aç[u]de; **duas vogais abertas**, representadas pelos símbolos: [ɛ]: cong[ɛ]la; [ɔ]: fil[ɔ]sofo.

Com a apresentação do quadro abaixo, iniciaremos a descrição com os segmentos vocálicos em língua portuguesa, tomando por base a localização articulatória, a elevação da língua e o arredondamento dos lábios, o que funciona perfeitamente nas sílabas tônicas, já que para as átonas pode ocorrer neutralização, como veremos mais adiante.

Temos, portanto, sete representações de sons, tanto abertos quanto fechados, distribuídos da seguinte maneira:

Tabela 1 – Vogais orais em português

	VOGAIS		
	Anteriores	Central	Posteriores
Altas	i		u
Médias	e ɛ		o ɔ
Baixa		a	
	Não-arredondadas		Arredondadas

Fonte: Callou & Leite (2003)

Segundo Gimson & Ramsaran (1982) e Underhill (1994), os símbolos fonéticos aprovados pela Associação Internacional de Fonética (IPA) são usados para indicar um sistema de **doze** monotongos distintos em língua inglesa, divididos da seguinte maneira: **cinco vogais longas**, representadas pelos símbolos: /i:/: pease - [pi:s]; /ɑ:/: palm [pɑ:m]; /ɔ:/: hoarse [hɔ:s]; /u:/: true [tru:]; /ɜ:/: work [wɜ:k]; **sete vogais curtas**, representadas pelos símbolos: /ɪ/: miss [mɪs]; /ɛ/: dress [drɛs]; /æ/: bank [bæŋk]; /ʌ/: club [klʌb]; /ɒ/: drop [drɒp]; /ʊ/: butcher ['bʊtʃə]; /ə/: address [ə'drɛs].

O quadro de distribuição destas vogais ficaria da seguinte maneira, de acordo com as posições horizontal (anterior, central e posterior) e vertical (alta, média e baixa) da língua:

Tabela 2 – Vogais em inglês

	ANTERIORES	CENTRAIS		POSTERIORES
ALTAS	i:	ɪ		u:
MÉDIAS	ɛ	ə	ɜ:	ɔ:
BAIXAS	æ	ʌ	ɑ:	ɒ
	NÃO ARREDOND.			ARREDOND.

Fonte: Underhill (1994).

A partir deste momento, iniciaremos uma descrição detalhada a respeito dos sons vocálicos, na tentativa de explicitar diferentes nuances de suas utilizações.

/a/

A vogal **/a/** é uma vogal baixa, central, não-arredondada. Ao ser pronunciada, a boca alcança a sua maior abertura, o véu do paladar se levanta, impedindo a passagem do ar pelas fossas nasais e a língua se mantém numa posição relativamente plana (ROCHA LIMA, 2003). Em português, pode ocorrer em várias posições na palavra: em sílaba tônica [a]: camar[a]da; em sílaba pretônica [a]: cam[a]rada; em sílaba postônica [a]: camarad[a], podendo sofrer desvozeamento nessa última posição.

/ɑ:/

Ocorre em inglês em posição tônica, pretônica e postônica.

Existe uma oposição característica da RP entre a vogal anterior, baixa, não arredondada, curta /æ/ e a central, baixa, longa /ɑ:/ em palavras como ‘Pat’ e ‘part’. RP geralmente usa /ɑ:/ em palavras que contenham a sequência ‘-ar’ (far, art) ou ‘-al’ (palm, calm). Grosso modo, podemos afirmar que, quando a letra ‘a’ é seguida por /f/, /θ/ ou /s/ ou por consoante nasal mais consoante, a letra ‘a’ será pronunciada /ɑ:/. Esta consideração pode ser tomada como regra, mas, como acontece com várias outras regras, não está imune a variações, como por exemplo: falamos com /ɑ:/: dance, half, pass, demand; mas falamos com /æ/: passage, gas, romance (GIMSON & RAMSARAN, 1982). Em português, essa vogal é ausente.

‘r’ pós-vocálico

Em inglês, o ‘r’ pós-vocálico foi desaparecendo durante o séc. XVIII na região de Londres e, devido a esta perda, a RP atual criou homofonia entre palavras que anteriormente não apresentavam semelhança: /ɑ:/: alms, arms; /ɔ:/: caught, court (GIMSON & RAMSARAN, 1982). Em português, essa característica não procede.

/ʌ/

A vogal central, baixa, não arredondada, curta /ʌ/ ocorre em posição tônica e pretônica apenas em inglês: up [ʌp] e upstage [ʌp'steɪdʒ]. Nas sílabas átonas ocorre como schwa [ə].

/ə/

A vogal central, média, curta /ə/ ocupa o posto de menor som vocálico em inglês. Conhecida pela denominação *schwa* /ʃwa/, é o som mais freqüente mesmo sendo átono, contrastando com os sons tônicos para contribuir com a natureza rítmica da língua inglesa. Sua versão longa é a central, média /ɜ:/, que ocorre somente em sílabas tônicas (GIMSON & RAMSARAN, 1982). Este som é freqüente no português de Portugal, mas inexistente no português do Brasil.

Muitas sílabas átonas que apresentavam /ɪ/ agora são geralmente pronunciadas com /ə/, por exemplo: -ity /-əɪtɪ/: quality, enimity; -ate /-əɪt/: certificate, chocolate; -ily /-əɪl/ (especialmente depois de /r/): angrily, cheerily.

/e/

A vogal ‘e’ pode ocorrer de maneira aberta e fechada em português e apenas aberta em inglês: /e/ - vogal média-alta, anterior, não-arredondada, fechada: - torr[e]smo, clich[e], p[e]lo. /ɛ/ - vogal média-baixa, anterior, não-arredondada, aberta: **Português:** trap[ɛ]zio, paqu[ɛ]ra, p[ɛ]tala; **Inglês:** t[ɛ]n, tr[ɛ]ble; f[ɛ]llow.

/æ/

Ao verificarmos o quadro da distribuição das vogais em inglês, perceberemos que o fonema /æ/ é tradicionalmente indicado como vogal anterior, baixa, não arredondada, curta. Entretanto, poderá assumir uma duração especial quando preceder consoantes vozeadas, ex: /b, d, dʒ, g, v, ð, z, ʒ/, em que será pronunciado com a duração de uma vogal longa. Ao contrastarmos *man* /mæn/ com *cap* /kæp/ a constatação de que no primeiro caso a pronúncia é longa fica mais clara (UNDERHILL, 1994). Vale a pena lembrar que essa vogal pertence apenas ao sistema inglês.

/o/

A vogal ‘o’ também pode ocorrer de duas maneiras: uma aberta e uma fechada em português e uma curta e outra longa em inglês, ambas abertas nessa última: /o/ - média-alta, posterior, arredondada: **português**: [o]nix, aç[o]itar, c[o]mpelido. /ɔ/ - média-baixa, posterior, arredondada: **português**: [ɔ]culos, c[ɔ]coras, calh[ɔ]rda; **inglês**: h[ɔ]t, cl[ɔ]ck, f[ɔ]x. /ɔ:/ - média, posterior, arredondada, longa: **inglês**:c[ɔ:]urse, f[ɔ:]ur; f[ɔ:]rce.

Tanto a vogal /e/ quanto /o/ podem ocorrer como tônicas ou átonas, entretanto, as vogais /ɛ/ e /ɔ/ como átonas dependerão do contexto onde estão ou do dialeto do usuário.

Em português, /e/ e /o/, tanto como vogais átonas pretônicas quanto postônicas, podem ser submetidas a uma variação na qualidade chamada *neutralização*. A respeito dessa variação, Callou & Leite (2003) comentam que:

Dentro do estruturalismo europeu, temos de lembrar ainda o conceito de neutralização, que não deve ser confundido com o de variação. Existe neutralização quando há uma supressão das oposições entre dois ou mais fonemas em determinados contextos, isto é, quando uma oposição é anulada ou neutralizada.

Nesse âmbito, o [e] é produzido como [ɪ]: quent[ɪ], acident[ɪ]; e o [o] como [ʊ]: médic[ʊ], práctic[ʊ].

Podemos também citar um outro aspecto chamado ‘*queda*’ (CAGLIARI, 1981; DURÃO, 2004) que pode afetar o âmbito das vogais, ocasionando seu desaparecimento e, conseqüentemente, diminuindo a quantidade de sílabas da palavra resultante: estranho - øtranho; está - østá, øtá; xícara - xícøra.

/i/

Em português, o /i/ ocorre como vogal alta, anterior, não-arredondada: tr[i]bo, car[i]cia, cr[i]me. Dependendo da posição que ocupa, assumirá diferentes transcrições fonéticas: em sílabas tônicas [i] e em sílabas átonas [ɪ]: cripta - cr[i]pta; ínfimo

- [i]nf[ɪ]mo; príncipe - pr[i]nc[ɪ]p[ɪ]. O [i] do português pode aparecer em vocábulos da língua inglesa, como por exemplo, os que terminam com a letra “y”: happ[i], hardl[i]. O som [ɪ] é assim representado em português simplesmente por ser a versão átona de [i]. Já em inglês, o [ɪ] possui uma qualidade que o diferencia: é uma vogal central, alta, curta e se opõe a [i:] vogal anterior, alta, longa, podendo ambos ocorrerem em posição tônica, pretônica e postônica.

Exemplos: [ɪ]: k[ɪ]ss, th[ɪ]s, sh[ɪ]p; [i:]: keys – k[i:]s, these – th[i:]se, peace – p[i:]s

Em sílabas finais é muito comum a utilização do /i:/ longo e vez do /ɪ/ curto em palavras como ‘money’ e ‘lady’. (GIMSON & RAMSARAN, 1982).

/u/

A vogal /u/ pode ocorrer de duas maneiras em português: [u]: vogal alta, posterior, arredondada: ac[u]stico, t[u]bo, cl[u]be; [ʊ]: um pouco mais centralizada, mais baixa e um pouco menos posterior que [u]: em sílabas átonas: cáps[ʊ]la, incred[ʊ]lo; em neutralizações de /o/: martel[ʊ], clar[ʊ], cíníc[ʊ].

Em inglês, também pode ocorrer de duas maneiras: [u:]: alta, posterior, arredondada, longa: boot - [u:]t, hoot – h[u:]t, booster – b[u:]ster; [ʊ]: alta, central, curta: bull – b[ʊ]ll, bully – b[ʊ]lly, bush – b[ʊ]sh.

Até o presente momento, as vogais orais foram descritas em quadros separados. Passamos a apresentar o quadro comparativo/contrastivo, contendo exemplos nos dois idiomas em questão. Salientamos que, tanto neste quadro, quanto nos vindouros, a ausência de um som em uma ou outra língua será representado por um hífen entre parênteses, da seguinte forma: (-).

Tabela 3 – Contraste das vogais orais entre português e inglês

VOGAIS ORAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
i	Cacique, mastiga, realista	Happy ['hæpi], Mary ['mæ:ɪ]
i:	(-)	Feed [fi:d], dream [dri:m]
ɪ	(-)	Pit [pɪt], kiss [kɪs], miss [mɪs]
e	Gelo, cabelo, telha * Pode ocorrer neutralização em posições átonas: p[ɪ]rigo. * Pode ocorrer sussurro: quent[ə]	(-)
a	Batávia, clonagem, blindado * Em posição postônica pode ocorrer sussurro: batat[ə].	(-)
ʌ	(-)	Cut [kʌt], hut [hʌt], club [klʌb]
ə	(-)	About [ə'baʊt], address [ə'dres]
ɑ:	(-)	Carve [kɑ:v], palm [pɑ:m]
ɜ:	(-)	Nurse [nɜ:s], deserve [dɪ'zɜ:v]
o	Leitoso, escabroso, religioso * Pode ocorrer neutralização: c[ʊ]mprid[ʊ]; * Pode ocorrer sussurro: fatigad[ə]	(-)
u	Açude, bule, regula	(-)
u:	(-)	Hoot [hu:t], boot [bu:t], true [tru:]
ʊ	(-)	Put [pʊt], butcher ['bʊtʃə]
ɛ	Capela, congela, seqüela	Pet [pɛt], desk [dɛsk], dress [dres]
æ	(-)	Hat [hæt], cat [kæt], bank [bæŋk]
ɔ	Óculos, glóbulos, foco	Hot [hɔt], drop [drɒp], pot [pɔt]
ɔ:	(-)	Horse [hɔ:s], morning ['mɔ:nɪŋ]

4.3.2 As Vogais Nasais

Segundo Cavaliere (2005), existe controvérsia em torno do real conceito de vogal nasal que perdura por mais de dois séculos. De acordo com esse autor, “A tradição gramatical, com efeito, sedimentou a noção de vogal nasal como a de uma vogal dotada do traço da nasalidade, que se contrapõe, por tal motivo, a sua correspondente oral.”

Cagliari (1981), afirma que “*em Português, todos os monotongos orais podem ocorrer nasalizados e que, o processo de nasalização vocálica, em geral não ocasiona uma mudança na qualidade vocálica básica (...)*”. Nesse caso, a vogal nasal é entendida como uma vogal oral a que se atribuiu nasalidade, criando a noção de que toda vogal oral possui uma correspondente nasal, o que, segundo Cavaliere (2005), não corresponde à realidade.

Vários estudos têm se desdobrado no sentido de tentar diferenciar os casos de *nasalidade* e de *nasalação*, e, com base nos estudos de Mattoso Câmara, chegou-se à conclusão de que o fator que deve ser levado em consideração é o **traço distintivo**: há oposição entre [mõto] e [mato]; [fíco] e [fico] em que, do ponto de vista fonológico é um traço distintivo, portanto trata-se de um caso de **nasalidade**. Entretanto, em casos como [bã'nãna] e [ba'nãna] ou [pã'nɛla] e [pa'nɛla], não há traço distintivo, portanto trata-se de uma **nasalação** (CAVALIERE, 2005).

Considerando-se os postulados acima, teríamos **cinco** vogais nasais, descritas da seguinte maneira: [ĩ]: p[ĩ]ça; [ẽ]: d[ẽ]te; [ã]: esper[ã]to; [õ]: c[õ]tato; [ũ]: c[ũ]plice.

Para transcrever foneticamente as vogais nasais tônicas, adotaremos as mesmas representações das vogais orais, acrescidas de um til, da maneira representada no quadro abaixo:

Tabela 4 – Vogais tônicas nasais em português

	VOGAIS TÔNICAS NAsAIS		
	Anteriores	Central	Posteriores
Altas	[ĩ]		[ũ]
Médias	[ẽ]		[õ]
Baixa		[ã]	

Fonte: Cavaliere (2005)

O quadro contrastivo seria representado como segue:

Tabela 5 – Contraste das vogais nasais entre português e inglês

VOGAIS NASAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
ĩ	Quinta, trincado, pinça	(-)
ẽ	Quente, gente, parente	(-)
ã	Quanto, esperanto, rompante	(-)
õ	Conto, apronta, onça	(-)
ũ	Cúmplice, tumba, truncado	(-)

De acordo com o quadro contrastivo, não há vogais nasais em inglês.

4.3.3 As Semivogais

Kehoe (1968) também salienta que “*existe um grupo de sons vocálicos que apresenta mínima fricção ao ser produzido e que ocorre ao lado de outros sons vocálicos*”. Podem ocorrer em sílabas tônicas ou átonas e são conhecidos como *semiconsoantes*, *semivogais* ou *glides*, tanto em português quanto em inglês. A combinação de um glide /y/ ou /w/ com uma vogal é chamada *ditongo*. Os ditongos têm sua qualidade distintiva também produzida pela língua, lábios e mandíbula, como os monotongos, com a diferença de que há uma postura da boca no início de sua produção e outra postura no final.

/w/ e /y/

Por se tratar de sons que podem ser sustentados por algum tempo, pode-se dizer que o modo de articulação funciona como o das vogais. O som representado por /w/ é de fato um /u/ realizado rapidamente para dar lugar à próxima vogal, fato que também caracteriza as consoantes. /w/: por ser realizada com os lábios arredondados, é denominada semivogal, bilabial, sonora e ocorre em posição inicial e final. /y/: sua realização depende da próxima vogal, mas a língua sempre se movimenta em direção próxima ao palato. Por isso, é denominada semivogal, palatal, sonora.

O quadro contrastivo assim ficaria:

Tabela 6 – Contraste das semivogais entre português e inglês

SEMIVOGAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
w	Maudade, cautela, capiau	With, wax, wing
y	Cais, seita, rejeita	Day, you, unit

4.3.4 Os Ditongos

Um ditongo é a ocorrência de duas vogais em uma mesma sílaba. De acordo com Cavaliere (2005), o ditongo “*se constitui de um vogal, especificamente denominada vogal silábica, a que se atribui o papel de base do ditongo, e de uma semivogal, também denominada vogal assilábica, que pode aparecer antes ou depois da base*”. Também com o objetivo de contribuir com uma definição a respeito dos ditongos, Cagliari (2004), diz que “*Um ditongo é uma vogal que muda de qualidade articulatória, por um movimento da língua durante a sua realização. (...) Como as vogais, os ditongos podem ser nasalizados ou simplesmente orais*”.

Na palavra “caule”, por exemplo, podemos verificar que /a/ é mais acentuada (forte) em comparação a /u/, por esse motivo, a primeira é a vogal silábica enquanto a segunda é uma vogal assilábica, que neste estudo será chamada de ‘glide’.

4.3.4.1 Os Ditongos Orais

Ditongos orais respeitam os postulados mencionados acima e são produzidos com a cavidade nasal fechada, o que faz com que a corrente de ar egressa dos pulmões passem apenas pela cavidade bucal. Quando as vogais /i/ e /u/ forem produzidas em um ditongo como glides, serão, respectivamente, transcritas como /y/ e /w/.

De acordo com Cavaliere (2005) e Rocha Lima (2003) há dois tipos de ditongos orais: **Crescentes** - quando o glide ocorre *antes* da vogal: canár/y/o. **Outros**

exemplos: [ya]: areia; [yɐ]: cárie; [yɛ]: dieta; [yo]: ansioso; [yɔ]: carioca; [yu]: colégio; [wa]: água; [wɛ]: tênue; [wɛ]: rastaquera; [wo]: aquoso; [wɔ]: quota. **Decrescentes** - quando o glide ocorre *após* a vogal: Pa/w/lo. **Outros exemplos:** [ay]: mais; [ey]: leigo; [ɛy]: papéis; [oy]: foice; [ɔy]: destrói; [uy]: fluido; [aw]: milho; [əw]: terapeuta; [ɛw]: chapéu; [ow]: roubo; [ɔw]: espanhol; [iw]: partiu; [uw]: azul.

Vale salientar um fenômeno importante que ocorre no português do Brasil: a vocalização da consoante /l/ em sílabas não seguidas por vogais. Palavras como *portal*, *tonel* e *sul*, a consoante em questão tende a ser substituída pelo glide /w/.

Em tempo, necessário se faz diferenciar o ditongo, mencionado anteriormente, de um hiato. Segundo Rocha Lima (2003), “*Quando uma sílaba terminada por vogal base se seguir outra também iniciada por vogal base, produz-se um efeito acústico especial. A este fato se denomina hiato*”. Para exemplificar tal diferença citamos as palavras a seguir: pais: p[ay]s (ditongo); país: p[ɑ'i]s (hiato).

Em inglês, os ditongos são apenas **oito** e são representados pelos símbolos abaixo: /ey/: take [teyk]; /ay/: deny [dɪ'nay]; /ɔy/: moist [mɔɪst]; /əw/: cloak [kləwk]; /aw/: shout [ʃawt]; /yə/: hear [hyə]; /ɛə/: pair [pɛə]; /wə/: tour [twə] (UNDERHILL, 1994).

O quadro contrastivo a seguir mostra a distribuição dos ditongos orais em português e em inglês:

Tabela 7 – Contraste dos ditongos orais entre português e inglês

DITONGOS ORAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
ya	Areia * Pode ocorrer por neutralização: área = ar[ya]	(-)
yə	(-)	Peer [pyə], deal [dyəl], near [nyə].
ye	Cárie * Pode ocorrer como [yɪ]: cár[yɪ] * Pode ocorrer simplificação: cár[ɪ]	(-)
yɛ	Dieta	(-)
yo	Ansioso	(-)
yɔ	Carioca	(-)
yu	Colégio	(-)
wa	Água	(-)

	* Ocorre por transformação de hiato: mágoa = mág[wa]	
wə	(-)	Poor [pwə], tour [twə].
we	Tênue * Pode ocorrer neutralização: tên[wɪ]	(-)
wɛ	Rastaquera	(-)
wo	Aquoso * Pode ocorrer neutralização: vácuo = vác[wʊ]; * Pode ocorrer redução: vác[ʊ]	(-)
wɔ	Quota	(-)
ay	Mais	Buy [bay], deny [dɪ'nay]
ey	Leigo	Bay [bey], betray [br'trey]
ɛy	Papéis	(-)
oy	Foice	(-)
ɔy	Destrói	Boy [boɪ], destroy [dɪ'stroɪ]
uy	Fluido	(-)
aw	Maudade * Pode ocorrer por vocalização de “l”: milharal = milhar[aw]	Now [naw], cloud [klawd]
əw	(-)	No [nəw], close [kləws].
ew	Terapeuta	(-)
ɛw	Chapéu * Pode ocorrer por vocalização de “l”: mel = m[ɛw]	(-)
ɛə	(-)	Pair [pɛə], share [ʃɛə], hair [hɛə].
ow	Roubo * Pode ocorrer redução: r[o]bo	(-)
ɔw	Espanhol * Somente ocorre por vocalização de “l”.	(-)
iw	Partiu * Pode ocorrer por vocalização de “l”: canil = can[iw]; * Pode ocorrer por neutralização: relógio = relóg[iw]	(-)
uw	* Ocorre por neutralização de [o]: suo = s[uw]; * Ocorre por vocalização de “l”: Azul = az[uw]	(-)

4.3.4.2 Os Ditongos Nasais

Assim como os ditongos orais, os ditongos nasais podem ser crescentes e decrescentes. De acordo com Cavaliere (2005), o ditongo nasal [ẽy] não existe fonologicamente em português, por ser uma variação prosódica da vogal /ẽ/ em sílaba final: também – tam[bẽ] ou tam[bẽy].

Há semelhança entre os ditongos orais e nasais crescentes e, do ponto de vista fonético, o quadro ficaria da seguinte maneira:

Tabela 8 – Ditongos nasais crescentes e decrescentes em português

DITONGOS NASAIS			
CRESCENTES		DECRESCENTES	
[w] + vogal	[y] + vogal	Vogal + [w]	Vogal + [y]
[wã]: quântico	[yã]: Iansã	[ãw]: cão	[ãy]: mãe
[wẽ]: cinqüenta	[yẽ]: paciente		[ẽy]: mantém
[wĩ]: pingüim	[yõ]: biombo		[õy]: põe
	[yũ]: médium		[ũy]: muito

Fonte: Cavaliere (2005); Rocha Lima (2003).

Em inglês não há ditongos nasais, portanto pode-se utilizar o quadro acima para que o contrastivo seja explicitado, como a seguir:

Tabela 9 – Contraste dos ditongos nasais entre português e inglês

DITONGOS NASAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
wã	Quantos	(-)
wẽ	Agüenta	(-)
wĩ	Pingüim	(-)
yã	Iansã	(-)
yẽ	Consciente	(-)
yõ	Biombo	(-)
yũ	Médium	(-)
ãw	Mão	(-)
ãy	Mãe	(-)
ẽy	Alguém	(-)
õy	Põe	(-)
ũy	Muito	(-)

4.3.5 Os Tritongos

Tritongo é a presença de uma vogal entre duas semivogais (glides) (CAVALIERE, 2005). O quadro abaixo exemplifica os tritongos:

Tabela 10 – Tritongos orais e nasais em português

TRITONGOS ORAIS	
Em direção a [y]	Em direção a [w]
[wəy]: Uruguai [wey]: averigüei	[waw]: luau [wiw]: delinqüiu [wow]: voou
TRITONGOS NASAIS	
[wěy]: deságüem [wõy]: saguõezinhos	[wǎw]: saguãozinho

Fonte: Cavaliere (2005); Rocha Lima (2003).

Crystal (1995) explica que, em Inglês, tritongos são vogais em que três qualidades vocálicas podem ser percebidas e esclarece que, nada mais são do que um ditongo acrescido do som / ə /. Tendo em mente essa última afirmação, nesta pesquisa, não consideraremos haver tritongos em inglês, mas sim a combinação de ditongos com o som / ə /, de acordo com o já mencionado. Portanto, para que esse aspecto seja explicitado, utilizaremos o quadro acima do ponto de vista contrastivo:

Tabela 11 – Contraste dos tritongos orais entre português e inglês

TRITONGOS ORAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
way	Uruguai	(-)
wey	Averigüei	(-)
waw	Luau * Pode ocorrer por vocalização de “l”: qualquer = q[waw]quer	(-)
wiw	Delinqüiu	(-)
wow	Voou	(-)

Tabela 12 – Contraste dos tritongos nasais entre português e inglês

TRITONGOS NASAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
wěy	Deságüem	(-)
wõy	Saguõezinhos	(-)
wãw	Saguãozinho	(-)

4.4 AS CONSOANTES

Para mencionar a definição de uma consoante em português, utilizaremos a proposta por Callou & Leite (2003) e Cavaliere (2005), ao dizer que

“Consoantes são vibrações aperiódicas ou ruídos ocasionados pela obstrução total ou parcial da corrente de ar devido à ação de dois articuladores, obstrução essa que se traduz numa redução da energia total do espectro acústico”.

As consoantes da língua portuguesa são descritas de acordo com **quatro** critérios articulatórios:

a) o **modo** de articulação trata dos diferentes graus de fechamento da cavidade orofaríngea e as maneiras com a qual o ar nela modificado passa pela boca:

- **oclusivas**: bloqueia a passagem de ar. /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g /;
- **constritivas**: obstrução parcial da passagem de ar. São subdivididas em:
- **fricativas**: /f/, /s/, /ʃ/, /v/, /z/, /ʒ/;
- **laterais**: /l/, /ʎ/, /ɲ/;
- **vibrantes**: /h/, /r/.

b) o **ponto** de articulação trata dos lugares em que dois articuladores entram em contato. Podem ser:

- **bilabiais** (articulado com dois lábios): /m/, /p/, /b/;
- **labiodentais** (dentes superiores e lábio inferior): /f/, /v/;
- **linguodentais** (língua e dentes): /t/, /d/, /n/;
- **alveolares** (língua e alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/;

- **palatais** (língua e palato duro): /ʃ/, /ʒ/, /ʎ/, /ɲ/;
- **velares** (dorso da língua e palato mole): /k/, /g/, /h/.

c) o papel das cordas vocais. Podem ser:

- **surdas** (sem vib.): /p/, /t/, /k/, /f/, /s/, /ʃ/;
- **sonoras** (com vib.): /b/, /d/, /g/, /v/, /ʒ/, /ʎ/, /ʎ/, /r/, /h/, /m/, /n/,

/ɲ/.

d) o papel das cavidades bucal e nasal. Podem ser:

- **oral** (com a cavidade nasal fechada);
- **nasal** (com passagem de ar pela cavidade nasal): /m/, /n/, /ɲ/.

Com base nos trabalhos de Mattoso Câmara Jr., Callou & Leite (2003) e Cavaliere, (2005) apresentam o quadro das consoantes da seguinte maneira:

Tabela 13 – Classificação das consoantes em português

	OCLUSIVAS		FRICATIVAS		NASAIS	LATERAIS	VIBRANTES
	surda	sonora	surda	sonora			
LAB.	p	b	f	v	m		
ANT.	t	d	s	z	n	l	r
POST.	k	g	ʃ	ʒ	ɲ	ʎ	h

Fonte: Callou & Leite (2003); Cavaliere (2005).

Cavaliere (2005) apresenta classificação juntamente com exemplos das ocorrências:

Tabela 14 – Classificação das consoantes em português com exemplos

Consoante oral	Oclusiva	Bilabial	Surda /p/: pirata Sonora /b/: bastidores		
		Linguodental	Surda /t/: tomada Sonora /d/: donativo		
		Velar	Surda /k/: cabeleira Sonora /g/: garganta		
	Constritiva	Fricativa	Labiodental	Surda /f/: fascinado Sonora /v/: vandalismo	
			Alveolar	Surda /s/: certeza Sonora /z/: casamento	
			Palatal	Surda /ʃ/: chuveiro Sonora /ʒ/: religioso	
		Vibrante	Simples /r/: trabalho Múltipla /h/: arruinado		
		Lateral	alveolar /l/: lanterna		
	Consoante	Oclusiva	Bilabial /m/: marmoraria Linguodental /n/: natal		
Constritiva		Palatal /ɲ/: cunhado			

Fonte: Cavaliere (2005)

De acordo com Underhill (1994), em Inglês, todas as consoantes envolvem uma restrição na passagem do ar pelo aparelho fonador. O **modo** e o **lugar** articulatórios dessa restrição é que caracterizam o som de cada consoante, que podem ser classificadas por meio de **três** variáveis:

- **sonora**, quando há vibração nas cordas vocais, ou **surda** quando isso não acontece. As surdas tendem a ser mais *aspiradas* por empenharem mais força na articulação do que as sonoras, que contam com o auxílio das cordas vocais;

- **lugar** de articulação: *onde* os sons são produzidos no aparelho fonador;

- **modo** de articulação: *como* o som é produzido no aparelho fonador.

Levando essas variáveis em consideração, Underhill (1994), distribui os sons consonantais em três seqüências horizontais, de acordo com o quadro abaixo:

Tabela 15 – Consoantes em inglês

p	b	t	d	tʃ	dʒ	k	g
f	v	θ	ð	s	z	ʃ	ʒ
m	n	ŋ	h	l	ɹ	w	y

Fonte: Underhill (1994).

- Na **fileira superior** estão representadas **seis oclusivas** (/p/: price; /b/: ball; /t/: talk; /d/: document /k/: chemistry; /g/: goose) e **duas africadas** (/tʃ/: check; /dʒ/: gym).

- Na **fileira intermediária** estão representadas **oito fricativas** (/f/: tough; /v/: voice; /θ/: nothing; /ð/: they; /s/: master; /z/: zebra; /ʃ/: mushroom; /ʒ/: garage).

- Na **fileira inferior** estão representadas **três nasais** (/m/: camera; /n/: canoe; /ŋ/: tongue), **uma fricativa glotal** (/h/: hit), **uma lateral** (/l/: lamb), **uma vibrante retroflexa** (/ɻ/: run) e **duas semivogais** (/y/: unit; /w/: wax).

O próximo passo neste estudo é o de tecer comentários a respeito dos segmentos consonantais mencionados anteriormente neste capítulo, tanto em inglês quanto em português. Iniciaremos pelos oclusivos, logo após os constrictivos, mais especificamente fricativos, laterais, vibrantes e nasais.

4.4.1 As Consoantes Oclusivas

As consoantes oclusivas, também conhecidas como plosivas, *são produzidas por uma momentânea e completa interrupção da passagem de ar pelo aparelho fonador, seguida por uma liberação de ar em forma de uma pequena explosão, ou por transmissão para outro ponto de articulação sem que haja liberação do ar* (GIMSON & RAMSARAN, 1982).

A seguir, teceremos considerações detalhadas a respeito das consoantes oclusivas, tanto em inglês quanto em português.

/p/

Consoante oclusiva, bilabial, surda. Opõe-se a [b], sem que as cordas vocais vibrem.

Para a realização dessas duas consoantes, em português e em inglês, os lábios se fecham para bloquear a passagem do ar, portanto, são oclusivas *bilabiais* e podem ocorrer em posição inicial ou final na sílaba.

Cavaliere (2005), explica que nos contextos da língua portuguesa em que /p/ precede uma consoante, “*é comum a ocorrência de uma vogal epentética nos grupos consonantais intra-silábicos pré-vocálicos, fato que resulta numa verdadeira ‘destruição’ desses grupos do ponto de vista fonético*”. Palavras como *adepto*, *pneu*, *apnéia*, *opção*, de maneira geral são pronunciadas com um /i/ epentético, com grau de atonicidade representado pelo alofone [ɪ]: *adep[ɪ]to*, *p[ɪ]neu*, *ap[ɪ]néia*, *op[ɪ]ção*, respectivamente. Entendemos como ‘epêntese’ o processo no qual o falante insere um som redundante em uma seqüência de fonemas. Nesse contexto, ‘redundante’ significa que o som adicional é desnecessário no sentido de que não acrescenta nada à informação contida nos outros sons (ROACH, 2002).

/b/

Consoante oclusiva, bilabial, sonora. O fechamento dos lábios é o que bloqueia a passagem do ar durante a produção dessa consoante e a vibração das cordas vocais a caracteriza como sonora: *[b]e[b]edeira*, *so[b]reloja*, *[b]eauty*, *[b]lack* e, em português, pode ocorrer seguida de vogal epentética [ɪ]: *su[bɪ]strato*, *su[bɪ]sistência*.

/t/

Tanto em inglês quanto em português classifica-se como consoante oclusiva, alveolar, surda. É produzida um pouco mais para trás na boca quando a língua é colocada contra a face interna dos dentes incisivos superiores, bloqueando a passagem de ar e pode ocorrer em posição inicial ou final. **Exemplos: Português:** *ca[t]a[t]au*, *[t]rânsito*, *car[t]ase*; **Inglês:** *[t]ime*, *[t]eacher*, *re[t]ail*; aspiradas: *[t^h]ime*, *[t^h]omb*; *[t^h]eam*.

Em português, o fonema /t/ pode ocorrer de maneira palatalizada, formando uma oclusão quase que simultânea a uma fricção, em que o som resultante é uma consoante africada, alveolopalatal, surda, representada pelo alofone [tʃ]: *tchau [tʃ]au*; *tia. [tʃ]ia*; *título [tʃ]ítulo*. Em posição final absoluta pode apresentar a vogal epentética [ɪ]: *interne[tʃɪ]*.

/d/

Em inglês e em português é uma consoante oclusiva que apresenta as mesmas características de [t], exceto por apresentar vibração nas cordas vocais. É formada um pouco mais para trás na boca, quando a parte da frente da língua toca a face de trás dos dentes incisivos superiores, ou dos alvéolos. Portanto é oclusiva dental / alveolar, sonora e pode ocorrer em posição inicial ou final. **Exemplos: Português:** [d]etesto, casa[d]o, [d]roga, a[d]miração; **Inglês:** [d]ice, in[d]ian, i[d]ol.

Em português, o fonema /d/ pode ser realizado de maneira africada, alveolopalatal [dʒ] diante da vogal [ɪ], ou da vogal [e] neutralizada: díximo - [dʒi]zimu, descobriu - [dʒɪ]scobriu, adiante - a[dʒɪ]ante. A vogal epentética [ɪ] pode aqui também ser observada: adjunto - a[dʒɪ]junto.

Em inglês, o fonema /dʒ/ não é classificado como uma variação de /d/, mas sim como um fonema distinto.

/k/

Consoante, em inglês e em português, formada ainda mais para trás na boca. A corrente de ar é bloqueada quando a parte de trás da língua fica em contato com o palato mole, portanto, é oclusiva, velar, surda.

Em português é ortograficamente representada pelas consoantes ‘x’ e ‘c’ seguida pelas vogais ‘a’, ‘o’ e ‘u’ e pelo grupo ‘qu’ seguido pelas vogais ‘e’ ou ‘i’: **Exemplos: Português:** periquito - peri[k]ito; fixo - fi[k]so; técnica - té[k]ni[k]a. Também podendo ser seguido pela vogal epentética: fixo - fi[kɪ]so; técnica - té[kɪ]ni[k]a.

Em inglês pode ser ortograficamente representado por “c”, “cc”, “k”, “ck” e “qu”, “ch”. **Exemplos: Inglês:** acacia [ə'keɪʃə], account [ə'kaʊnt], work [wɜ:k], clock [klɒk], aquatic [ə'kwætɪk], chemical ['kemɪkəl].

/g/

Consoante, tanto em inglês quanto português, também formada ainda mais para trás na boca, do mesmo modo que /k/. A corrente de ar é bloqueada quando a parte de

trás da língua fica em contato com o palato mole e há vibração das cordas vocais na sua produção, portanto, é oclusiva, velar, sonora. **Exemplos: Português:** galho ['gɑλu], angorá [ãgo'ra], guerrilha [ge'xiλɑ], guilhotina [gɪλo'tina]; **Inglês:** get [get], forgive [fə'gɪv], ignore [ɪg'hɔ:], mug [mʌg].

Em português, quando /g/ precede as consoantes /m/ ou /n/, ocorre a vogal epentética [ɪ] entre as consoantes: ma[g]na, ma[gɪ]na.

Existem algumas peculiaridades que podem ser mencionadas a respeito das consoantes oclusivas, que passaremos a tratar em seguida.

4.4.1.1 As Consoantes Oclusivas Aspiradas

Em inglês, quando /p, t, k/ ocorrem em sílaba tônica em posição inicial absoluta, são ‘*aspiradas*’, isto é, um pouco mais de ar explode durante a realização, intervindo entre a oclusiva e a vogal seguinte, criando, inclusive, a distinção entre essas consoantes e /b, d, g/. Por outro lado, se as consoantes /p, t, k/ forem precedidas por /s/ ou seguidas por outra oclusiva, não haverá ‘*aspiração*’ (GIMSON & RAMSARAN, 1982). Nas palavras de Massini-Cagliari & Cagliari (2005), a aspiração é *um processo que produz fricção local quando a corrente de ar pulmonar passa pela glote. Isto é obtido por uma constrição da glote que produz turbulência quando o ar passa por ela. Este tipo de fonação também é conhecido como sussurro.*

Para representar um som aspirado utilizaremos o símbolo /^h/ sobre o som que sofreu aspiração. Por exemplo: /p^h/, /t^h/ e /k^h/. **Aspiradas:** [p^h]oint, [k^h]ourse, [t^h]ake. **Não aspiradas:** s[p]eak, s[t]op, s[k]ale, ca[p]tain, o[b]tain, foo[t]ball.

Alguns grafemas aparentemente plosivos são, na realidade, ‘*silenciosos*’, ou seja, não apresentam som algum: **p:** cupboard /'kʌbəd/; **b:** climber /'klaɪmə/; **t:** listen /'lɪsən/; **d:** handsome /'hænsəm/; **k:** knee /ni:/; **g:** design /dɪ'zain/.

4.4.1.2 As Consoantes Oclusivas Glotais

De acordo com Underhill (1994), as oclusivas glotais são comuns na pronúncia em inglês e apresentam relevância nula por não interferirem no significado das palavras. Por esse motivo não configuram separadamente nas descrições fonéticas. É produzida pelo total bloqueio da corrente de ar na glote, seguida por repentina liberação. Podem ser descritas como *oclusivas*, *glotais*, *surdas* e representadas foneticamente pelo símbolo /ʔ/. E, segundo esse mesmo autor, existem quatro contextos em que são utilizadas: 1 - para enfatizar sílaba que se inicia com vogal: Am I? /æmʔaɪ/; 2 - para substituir um glide: co-operate /kəwʔəpəreɪt/; 3 - para evitar /r/ “intrusivo”: idea is /aɪdɪəʔɪs/; 4 - para substituir ou reforçar uma oclusiva surda: stop /stɔʔ/; want /wʌnʔ/, kick /kɪʔ/.

As consoantes glotais não são utilizadas em português.

A respeito das consoantes oclusivas, pudemos verificar que os fonemas estão presentes em português e em inglês, havendo diferenças na distribuição e em alguns alofones que pertencem a uma das línguas.

O quadro contrastivo seria como segue:

Tabela 16 – Contraste das consoantes oclusivas entre português e inglês

CONSOANTES OCLUSIVAS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
p	Pirata, pateta , capa * Pode ocorrer seguida por vogal epentética [ɪ]: pneu = p[ɪ]neu	Price, capture, stop. * Pode ocorrer de maneira aspirada [p ^h] no início da palavra.
t	Tomada, cantoria, matuto * Pode ocorrer seguida por vogal epentética [ɪ]: Internet = Internet[ɪ]; * Pode ocorrer de maneira africada [tʃ]: castigo = cas[tʃ]igo.	Talk, attitude, want * Pode ocorrer de maneira aspirada [t ^h] no início da palavra.
k	Cabeleira, moqueca, quina * Pode ocorrer seguida por vogal epentética [ɪ]: dracma = drac[ɪ]ma.	Candy, chemistry, chalk * Pode ocorrer de maneira aspirada [k ^h] no início da palavra.
b	Bastidores, bebida , cabeça * Pode ocorrer seguida por vogal epentética [ɪ]: sob = sob[ɪ]	Ball, cabbage, cab
d	Donativo, cada, deusa * Pode ocorrer seguida por vogal epentética [ɪ]: acquire = ad[ɪ]quire; * Pode ocorrer de maneira africada [dʒ]: acquire = a[dʒ]quire	Dice, cloud, document
g	Garganta, gargalhada, segura * Pode ocorrer seguida por vogal epentética [ɪ]: dogma = dog[ɪ]ma	Glide, gold, kangaroo

4.4.2 As Consoantes Africadas

Em Inglês, há somente duas africadas como fonemas separados. São formadas pelo fechamento das oclusivas /t/ ou /d/ nos alvéolos e, ao invés de liberar o ar de uma só vez de maneira rápida, libera-se lentamente como fricativa /ʃ/ ou /ʒ/ (KEHOE, 1968; GIMSON & RAMSARAN, 1982). Podem ocorrer em início e final de sílaba e em início, meio ou final de palavra: /tʃ/: larch, chin, cherry; /dʒ/: large, gin, Jerry.

Geralmente a grafia de /tʃ/ é ‘ch’ e a de /dʒ/ é ‘j’, mas esses sons podem ocorrer com outros tipos de distribuição, ou seja, com outras grafias, como por exemplo: /tʃ/: naturally, questionnaire, actually; /dʒ/: gender, soldier, suggestion.

Por meio do quadro contrastivo a seguir, podemos verificar a utilização das consoantes africadas:

Tabela 17 – Contraste das consoantes africadas entre português e inglês

CONSOANTES AFRICADAS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
tʃ	Tchau, tia, tipo	Chess, catch, check
dʒ	Dia, distante, diluído	Juice, gym, orange

Tendo em mente as considerações relacionadas a respeito das consoantes oclusivas e africadas até este momento, o quadro completo da *fileira superior*, proposto por Adrian Underhill (1994), é descrito como a seguir:

Tabela 18 – Consoantes oclusivas e africadas

OCLUSIVAS						AFRICADAS	
Bilabial		Alveolar		Velar		Palato-Alveolar	
surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora
p	b	t	d	k	g	tʃ	dʒ

Fonte: Underhill (1994)

4.4.3 As Consoantes Fricativas

O som fricativo, em inglês e em português, é produzido quando trazemos o articulador tão perto de um ponto de articulação, que o ar é compelido a passar por uma abertura muito pequena, produzindo, desta maneira, uma grande quantidade de fricção. Cagliari (2004), estabelece que

Um som é fricativo quando a corrente de ar fonatório, passando por alguma constrição no aparelho fonador, produz o efeito acústico de um ruído, ou fricção. Um som fricativo, por sua vez, pode ser sonoro ou surdo, dependendo da presença ou não das vibrações das cordas vocais durante a sua articulação.

De acordo com o mencionado anteriormente nesta pesquisa, as consoantes fricativas em português são em número de **seis**, enquanto em inglês somam **oito** e podem ser surdas ou sonoras, ocorrendo em início e final de sílaba e em início, meio ou final de palavra. (KEHOE, 1968, UNDERHILL, 1994).

Considerações mais detalhadas a respeito das fricativas, tanto em português quanto em inglês, serão tecidas a partir deste ponto.

/f/

Fricativa, labiodental, surda. A fricção ocorre entre o lábio inferior e a extremidade dos dentes incisivos superiores e as cordas vocais não vibram durante a produção desse fonema. Ocorre em início e final de sílaba, início e meio de palavra.

Exemplos: Português: ca[f]ona, [f]arinha, cala[f]rio.

Ao preceder a consoante ‘t’, pode ocorrer vogal epentética [ɪ], o que acrescenta uma sílaba a palavras como: cafta – ca[f]ta / ca[fi]ta; **Inglês:** front [frʌnt], different [ˈdɪfərənt], tough [tʌf].

/v/

É uma consoante fricativa, labiodental, sonora. O ar produz fricção ao passar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores e produzindo vibração nas cordas vocais. Em português, ocorre em início de sílaba e início e meio de palavra e, em inglês, nessas mesmas posições e também no final de sílaba. **Exemplos: Português:** [v]aidosa, [v]ocação, [v]aleu, ca[v]alaria; **Inglês:** love [lʌv], vanity [ˈvænɪti], cavity [ˈkævɪti].

/θ/

Consoante fricativa, dental, surda. Não ocorre em português, mas sim em inglês. Este som é produzido com a ponta da língua contra os dentes de cima. Representa os grafemas “th” e pode figurar no início e final de sílaba, início, meio e final de palavra: **Exemplos: /θ/** thanks, cathedral, cloth.

/ð/

Consoante fricativa, dental, sonora. Assim como /θ/, também não ocorre em português, mas sim em inglês. Este som é produzido com a ponta da língua contra os dentes de cima. Representa os grafemas “th” e pode figurar no início e final de sílaba, início, meio e final de palavra: **Exemplos:** /ð/: other, northern, this.

4.4.3.1 As Consoantes Fricativas Sibilantes

/s/

Consoante fricativa, alveolar, surda. Ocorre em início e final de sílaba e em início, meio e final de palavra, tanto em inglês quanto em português. Durante a sua produção, a língua aproxima-se dos alvéolos até quase tocá-los, onde ocorre a fricção sem a vibração das cordas vocais. **Exemplos: Inglês:** sink ['sɪnk], casino [kə'sɪnəw], peace [pi:s], kiss [kɪs]; Em **português**, pode configurar nos seguintes seguimentos e posições:

- em posição inicial absoluta na palavra: [s]alame, [s]ímbolo, [s]uor;
- precedido pela consoante ‘n’ ou ‘l’: tran[s]a, an[s]ioso; fal[s]o;
- nas seqüências ‘ce’ e ‘ci’: celular – [s]elular, cebola – [s]ebola, vacina – va[s]ina;
- representa as consoantes ‘ç’, ‘ss’: canção – can[s]ão; cassado – ca[s]ado;
- algumas realizações de ‘x’: máximo – má[s]imo, sintaxe – sinta[s]e.
- quando ‘s’ e ‘z’ ocupam a posição final absoluta de uma palavra, com ou sem utilização de vogal epentética [ɪ]: pais, paz, três, vez, pôs, arroz.

/z/

Consoante fricativa, alveolar, sonora. Ocorre em início e final de sílaba e em início, meio e final de palavra e de maneira uniforme quando representado pelo grafema ‘z’: [z]eloso, [z]ebra, rapa[z]iada, zoo [zu:], zodiac ['zəwɔdɪæk], zebra ['zi:brə].

Em português, existem várias possibilidades de realização do grafema ‘s’ e, ao preceder uma consoante sonora, será realizado como [z]: **esbofeteou**, das **dores**, **desgaste**, torres**mo**. A realização de ‘x’ com som de [z] ocorre na seqüência ‘ex’ + vogal: exato – e[z]ato, exagero e[z]agero.

/ʃ/

Consoante fricativa, palatoalveolar, surda. A fricção é produzida um pouco mais para trás em relação à /s/ e /z/, de maneira que a língua se posiciona oposta à junção dos alvéolos e o palato. A parte posterior da língua é levantada em direção ao palato.

Em português, ocorre em início de sílaba e em início e meio de palavra. Na ortografia é representado por “**ch**”: chalé, chuva, cachaça; e por “**x**”: começo de palavras: xarope, xingar; após ditongo: feixe caixão, (exceto “trouxe” e “auxílio”); após grupo inicial “**en**”: enxurrada, enxaqueca; após grupo inicial ‘me’: mexilhão, mexidos; outros: oxalá, abacaxi.

Na ortografia, em inglês, é representado por “**sh**” e pode ocorrer em posição inicial e final: ship, fish, cashier. Pode também ocorrer com a grafia “ch”, muitas vezes com palavras ‘importadas’: chic [ʃɪk], chef [ʃɛf], chicane [ʃɪˈkeɪn], chichi [ˈʃi:ʃɪ], chiffon [ʃɪˈfɒn].

/ʒ/

Consoante fricativa, palatoalveolar, sonora. Assim como /ʃ/, a fricção é produzida um pouco mais para trás em relação à /s/ e /z/, de maneira que a língua se posiciona oposta à junção dos alvéolos e o palato e a parte posterior da língua é levantada em direção ao palato.

Em português, ocorre em início de sílaba e em início e meio de palavra. Este som corresponde ortograficamente às consoantes ‘j’ (seguida por qualquer vogal):

juro, jantar, jiló, jóia; e ‘g’ (seguida pelas vogais ‘e’ e ‘i’): ginásio, generoso, gesso, gengibre.

Em inglês, fricativa /ʒ/ ocorre geralmente em posição medial na palavra (regime, usually, television, casual) e ocasionalmente em posição final (rouge, beige, prestige). Em posição inicial é extremamente rara, ocorrendo com palavras trazidas de outros idiomas como, por exemplo, do francês, gigolo /'ʒiɡələʊ/ e genre /'ʒɑ:njə/ (GIMSON & RAMSARAN, 1982).

Tendo em mente as considerações relacionadas a respeito das consoantes fricativas até este momento, o quadro completo da *fileira intermediária* é descrito como a seguir:

Tabela 19 – Consoantes fricativas

FRICATIVAS							
surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora
f	v	θ	ð	s	z	ʃ	ʒ
Labiodentais		Dentais		Alveolares		Palato-alveolares	

Fonte: Underhill (1994)

4.4.3.2 A Consoante Fricativa Glotal

/h/

Para produzir este som, é necessário que o ar seja expelido de maneira um pouco mais forte dos pulmões quando comparado à produção das vogais, causando fricção nas cordas vocais. Existe certa divergência no que tange ao consenso entre os pesquisadores a respeito de sua classificação. Entretanto, nesta pesquisa, tanto em português quanto em inglês, utilizaremos a proposta de Underhill (1994), ao descrevê-lo como um som fricativo, glotal, surdo, que aparecerá em seguida, no próximo quadro.

Em português, o grafema ‘r’ pode ser representado por um som fricativo, velar, surdo [x, h] quando inicia palavras: risco – [x]isco / [h]isco; rpto – [x]apto / [h]apto; e na seqüência ‘rr’: carrapato – ca[x]apato / ca[h]apato; escorregar – esco[x]egar / esco[h]egar. Para produzi-lo, o dorso da língua é colocado contra o palato mole, e pode

ser sonoro [ɣ, ɦ] ou surdo [x, h] (CAGLIARI, 1981), a depender da qualidade da consoante que vier a seguir: antes de consoante surda: carta – ca[x / h]ta; antes de consoante sonora: garganta – ga[ɣ / ɦ]ganta.

Diferentemente de português, o fonema /h/ não é representado pelo grafema ‘r’, mas sim pelo ‘h’. Ocorre no início da sílaba tônica e no início e meio da palavra, mas não no final. **Exemplo: /h/:** hot, heart, hear.

O quadro contrastivo a respeito das fricativas seria como segue representado:

Tabela 20 – Contraste das consoantes fricativas entre português e inglês

CONSOANTES FRICATIVAS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
f	Fascinado, faísca, sanfona * Pode ocorrer seguida por vogal epentética [ɪ]: aftosa = af[ɪ]tosa.	Foot, french, tough
s	Certeza, maciço, cansado	Sink, song, master
ʃ	Chuveiro, chuchu , caixa	Cash, chic , mushroom
v	Vandalismo, veludo, cavalo	Cavity, voice, love
z	Casamento, vazio, cosido	Zebra, zoo, lose
ʒ	Religioso, corajoso, canja	Casual, usually, garage
θ	(-)	Thanks, nothing , think
ð	(-)	Mother, they , other
h	Rosa, risada, carroça	House, hit , ahead

4.4.6 As Consoantes Vibrantes

/r/

Segundo Callou & Leite (2003), em português, o fonema /r/ pode apresentar um som de *tepe*, também conhecido como *vibrante simples*. “O *tepe* se articula com uma única batida rápida da ponta da língua contra os alvéolos dos dentes incisivos”: prático - [ˈpratikʊ]; lavradores - [lavraˈdores]; serenata – [sereˈnatɔ]. Não há *tepe* no padrão de inglês escolhido nesta pesquisa.

/ɹ/

No início da produção do fonema /ɹ/, a ponta da língua se levanta até a parte posterior dos alvéolos, mas suficientemente distante para não produzir fricção. Enquanto a parte da frente da língua se move para cima, a parte posterior se move em direção ascendente e a parte central é abaixada, criando a sensação de uma curva para cima (UNDERHILL, 1994).

Tecnicamente é chamado de *continuante sem fricção pós-alveolar* e, em inglês, somente ocorre antes de sons vocálicos (rip, rise, right, rose). Antes de consoantes e em final de palavras o /ɹ/ é “*silencioso*” (não pronunciado): car, mark, dark, hard, teacher, mother.

Quando a palavra seguinte se inicia com um som vocálico, o /ɹ/ no final da palavra anterior é geralmente pronunciado, entretanto, esta característica não é obrigatória: mothe[ɹ] and her car; not fo[ɹ] Allan (GIMSON & RAMSARAN, 1982).

Um outro fenômeno que pode ocorrer com este som é o chamado ‘*intruso*’, pois não está presente entre os grafemas que representa. Podemos citar como exemplo: ‘the idea [ɹ] is’.

Em português pode ocorrer em todas as posições ocupadas pelo grafema ‘r’, respeitando apenas os limites dos dialetos a que pertence. Nesta pesquisa, frente ao dialeto pelo qual optamos para representar o padrão a ser atingido, essa consoante retroflexa, alveolar, sonora não ocorre.

/r/

A consoante, vibrante múltipla, alveolar, sonora /r/, ocorre somente em alguns dialetos do português. Articula-se com várias batidas rápidas da ponta da língua contra os alvéolos dos dentes incisivos. **Exemplos:** [r]adio, [r]igorosamente, carro – ca[r]o.

Informamos, porém, que este som não ocorre no dialeto escolhido nesta pesquisa como parâmetro de pronúncia.

Tabela 21 – Contraste das consoantes vibrantes entre português e inglês

CONSOANTES VIBRANTES		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
ɹ	Atrito, arara, maré	(-)
ɹ	(-)	Rapid, Africa, wrong

4.4.7 As Consoantes Laterais

/l/

Segundo Cavaliere (2005) e Kehoe (1968), o termo ‘lateral’ utilizado nas descrições fonéticas, *é caracterizado pela passagem da corrente de ar pelos lados da cavidade bucal, tendo em vista o obstáculo formado na parte central em face da elevação da língua até os alvéolos ou o palato*. Nas duas possibilidades ocorre a vibração das cordas vocais: tras[l]adar, ap[l]auso, sub[l]inhado. O /l/ seguido por vogal, é uma consoante lateral, alveolar, sonora, podendo ocorrer como dental.

Um outro aspecto, em português, bastante recorrente chama-se ‘vocalização’. Nesse contexto, o /l/ é produzido como /ʊ/ ao preceder outra consoante, formando ditongo com a vogal anterior, ou quando está em posição final absoluta na palavra. Neste caso, recebe o símbolo [w]: calcanhar - c[aw̃]canhar, válvula - v[aw̃]vula, sideral - sider[aw̃].

Em inglês, Gimson & Ramsaran (1982), acrescentam que em RP existem dois sons distintos para /l/, de acordo com a posição que ocupa na palavra. O *primeiro*, chamado ‘claro’ (não velarizado) [l], é realizado antes de vogais, por exemplo: love, light, live, lungs, silly, clearly. O *segundo*, chamado ‘escuro’ (velarizado) [ɫ], é realizado depois das vogais, em posição final das palavras ou quando o som é silábico, por exemplo: kill, tail, tell, people, handle, apple, usual.

O grafema ‘l’ pode, em inglês, ser *silencioso*, isto é, não pronunciado, em muitas palavras, como por exemplo: salmon: /'sæmn/; half: /hɑ:f/; could: /kʊd/.

/ʎ/

Consoante lateral, palatal, sonora que ocorre apenas em português. É um som realizado com o ápice e as bordas da língua aderidos aos alvéolos e à gengiva dos dentes incisivos superiores, e a parte central da língua em contato com a parte central do palato duro (FERNÁNDEZ & QUILIS, 1997). Para produzir esse som, o ar passa por trás dos molares e sai por entre a parte externa dos dentes e a bochecha. [ʎ] corresponde à seqüência ortográfica ‘lh’: embara[ʎ]ado, mo[ʎ]o, ca[ʎ]a.

Tabela 22 – Contraste das consoantes laterais entre português e inglês

CONSOANTES LATERAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
l	Lanterna, maleta, amarela	Lateral, colar, lamb
ʌ	Trabalho, migalha, milho	(-)

4.4.8 As Consoantes Nasais

/m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/

De acordo com Cagliari & Massini-Cagliari (2005) os sons nasais são “*produzidos com um bloqueio à corrente de ar na cavidade oral, com concomitante abaixamento do véu palatino, o que permite a saída de ar pelas narinas (...)*”. Em outras palavras, estes sons são produzidos ao se interromper completamente a passagem do ar em algum ponto da boca, desviando-o para a cavidade nasal, que permanece aberta (KEHOE, 1968).

Existem duas consoantes nasais comuns a português e a inglês: a bilabial (os dois lábios completamente juntos) /m/ e a alveolar (ponta da língua em contato com os alvéolos) /n/. Em português, ocorrem sempre antes de vogais, já que antes de consoantes funcionam como nasalização da vogal que as precedem: **[m]**: ca[m]aleão, [m]andinga; a[n]o[n]imato, baca[n]a; campo – c[ã]po, combinado - c[õ]binado.

A consoante nasal, palatal, sonora /ɲ/, pertence apenas ao sistema português, e somente se realiza diante de uma vogal, como por exemplo: ama/ɲ/ã, ba/ɲ/a. É possível que ocorra em início de palavra, mas apenas quando se tratar de um empréstimo de outra língua, como, por exemplo “nhoque” [ˈɲokɪ], do italiano.

Por outro lado, a consoante nasal, velar, sonora [ŋ], pertence apenas ao sistema inglês. É formado com a parte de trás da língua em contato com o palato mole, som que ocorre somente no fim das sílabas (KEHOE, 1968, UNDERHILL, 1994). De modo geral, ocorre no início e final de sílaba e em início, meio e final de palavra. **Exemplos:** song [sɔŋ], sing [sɪŋ], ingrate [ˈɪŋɡreɪt], gang [gæŋ].

As ‘*silábicas nasais*’ ocorrem, em inglês, quando a consoante nasal funciona como uma sílaba sem vogal. **Exemplos:** /m/ pode ser silábico em posição final

quando comprimido: open: /'əʊpɪm/; rhythm: /'rɪðm/; /ŋ/ pode ocasionalmente em posição final (nasal velar sonoro): bacon: /beɪkŋ/; organ: /ɔ:ɡɪŋ/; /n/ é regularmente silábico em sílabas finais, especialmente após /t/, /d/, /f/, /v/, /θ/, /ð/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, por exemplo: soften: /'sɒfn/; lesson: /'lɛsn/; seven: /'sevɪn/; fashion: /'fæʃn/.

Tendo em mente as considerações mencionadas acima, o quadro completo da *fileira inferior* é descrito como a seguir:

Tabela 23 – Consoantes nasais, fricativa e lateral; continuante; semivogais

NAsAIS			FRICATIVA	LATERAL	CONTINUANTE	SEMIVOGAIS	
sonoras			surda	sonoras			
m	n	ŋ	h	l	r	w	y
BILABIAL	ALVEOLAR	VELAR	GLOTAL	ALVEOLAR	PÓS ALVEOLAR	BILABIAL	PALATAL

Fonte: Underhill (1994)

O quadro contrastivo das consoantes nasais em português e em inglês está exposto a seguir:

Tabela 24 – Contraste das consoantes nasais entre português e inglês

CONSOANTES NAsAIS		
SÍMBOLO	PORTUGUÊS	INGLÊS
m	Marmoraria, camisa, amor	Mouth, morning, camera
n	Natal, noivo, canavial	Canoe, natural, none
ɲ	Cunhado, manha, dinheiro	(-)
ŋ	(-)	Song, sing, tongue

4.5 O ALFABETO FONÉTICO

Existem diferentes maneiras de representação fonética que podem ser utilizadas. Contudo, nesta pesquisa, empregaremos o International Phonetic Alphabet (IPA) por acreditarmos que esta representação é largamente difundida e que pode, sem que haja

dubiedade, explicitar graficamente os sons envolvidos. No quadro abaixo apresentamos o repertório dos símbolos, suas descrições e um exemplo de cada um, primeiramente em Inglês e, em seguida, Português. É possível que um som representado por determinado símbolo ocorra em apenas uma das línguas. Na incidência desse fato, a ausência de um dos exemplos será marcada por um hífen entre parênteses: ‘(-)’. Os exemplos, escolhidos por este pesquisador, serão mostrados por meio de grafemas, seguidos de suas respectivas transcrições fonéticas. Colchetes limitarão as fronteiras das transcrições fonéticas e o sinal ‘[’] precederá as sílabas tônicas: seca [ˈseka], revista [heˈvista].

Tabela 25 – Alfabeto fonético

VOGAIS ORAIS			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
a / ɑ	Central, baixa, não arredondada	(-)	Calada [kɑˈlada]
ɑː	Central, baixa, não arredondada, longa	Card [kɑːd]	(-)
ʌ	Central, baixa, não arredondada, curta	Club [klʌb]	(-)
ɜː	Central, média, não arredondada, longa	Bird [bɜːd]	(-)
ə	Central, média, não arredondada, curta	About [əˈbawt]	(-)
e	Anterior, média-alta, fechada, não arredondada	Day [deɪ]	Gelo [ˈʒelo]
ɛ	Anterior, média-baixa, aberta, não arredondada	Chess [tʃɛs]	Época [ˈɛpoka]
æ	Anterior, baixa, não arredondada	Hat [hæt]	(-)
i	Anterior, alta, não arredondada	(-)	Piada [piˈada]
iː	Anterior, alta, não arredondada, longa	Clean [kliːn]	(-)
ɪ	Central, alta, não arredondada, curta	Kiss [kɪs]	(-)
o	Posterior, média-alta, fechada, arredondada	(-)	Boi [boɪ]
ɔ	Posterior, média-baixa, arredondada	Hot [hɒt]	Toca [ˈtɔka]
ɔː	Posterior, média-baixa, arredondada, longa	Cord [kɔːd]	(-)
u	Posterior, alta, fechada, arredondada, curta	(-)	Suco [ˈsuko]
uː	Posterior, alta, fechada, arredondada, longa	Boot [buːt]	(-)
ʊ	Posterior, alta, fechada, arredondada, curta	Put [pʊt]	(-)

VOGAIS NASAIS			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
ǎ	Central, baixa, não arredondada	(-)	Canta ['kǎta]
ě	Anterior, média, não arredondada	(-)	Tempo ['těpo]
ĩ	Anterior, alta, não arredondada	(-)	Quinta ['kĩta]
ǔ	Posterior, média, arredondada	(-)	Conta ['kǔta]
ũ	Posterior, alta, arredondada	(-)	Tumba ['tũba]
SEMIVOGAIS			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
w	Bilabial, sonora / Glide	Cow [kaw]	Paulo ['pawlo]
y / j	Palatal, sonora / Glide	Pay [pey]	Pais ['pays]
CONSOANTES OCLUSIVAS			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
p	Bilabial, surda	Stop [stɔp]	Capa ['kapa]
p^h	Bilabial, surda, aspirada	Pot [p ^h ɔt]	(-)
b	Bilabial, sonora	Bless [bles]	Beijo ['beizɔ]
t	Alveolar, surda	Mat [mæt]	Tapa ['tapa]
t^h	Alveolar, surda, aspirada	Tang [t ^h ʌŋ]	(-)
d	Alveolar, sonora	Doctor ['dɔktə]	Nada ['nada]
k	Velar, surda	Cap [kæp]	Cola ['kɔla]
k^h	Velar, surda, aspirada	Cap [k ^h æp]	(-)
g	Velar, sonora	Give [gɪv]	Gago ['gago]

CONSOANTES FRICATIVAS			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
f	Labiodental, surda	Force [fɔ:s]	Fica ['fika]
v	Labiodental, sonora	Love [lʌv]	Vela ['vɛla]
θ	Dental, surda	Thought [θɔ:t]	(-)
ð	Dental, sonora	They [ðey]	(-)
s	Alveolar, surda	Miss [mɪs]	Seda ['sɛda]
z	Alveolar, sonora	Zoo [zu:]	Azedo [a'zɛdo]
ʃ	Palatoalveolar, surda	Chic [ʃɪk]	Chinelo ['ʃi'nɛlo]
ʒ	Palatoalveolar, sonora	Measure ['mɛʒə]	Geada [ʒe'ada]
h	Glotal, surda	Horse [hɔ:s]	Rico ['hiko]
ɦ	Glotal, sonora	(-)	Amarga [a'maɦɣa]
x	Velar, surda	(-)	Velar [ve'lax]
ɣ	Velar, sonora	(-)	Amarga [a'maɣɣa]
CONSOANTES AFRICADAS			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
tʃ	Palatoalveolar, surda	Chalk [tʃɔ:k]	Tchau [tʃaw]
dʒ	Palatoalveolar, sonora	Job [dʒɔb]	Dia [dʒia]
CONSOANTES NASAIS			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
m	Bilabial, sonora	May [mey]	Mala ['mala]
n	Alveolar / dental, sonora	Not [nɒt]	Nota ['nɒta]
ɲ	Palatal, sonora	(-)	Manha ['mãɲa]
ŋ	Velar, sonora	Song [sɒŋ]	(-)

CONSOANTES LATERAIS			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
l	Alveolar / dental, sonora	Late [leɪt]	Liga ['liɡɐ]
ɫ	Alveolar, velarizada, sonora	Well [wɛɫ]	(-)
ʎ	Palatal, sonora	(-)	Milho ['miʎo]
CONSOANTES VIBRANTES			
Símbolos	Descrições	Exemplos	
		Inglês	Português
ɾ	Simple, alveolar / alveodental, sonora ou Tepe	(-)	Prato ['prato]
r	Múltipla, alveolar, sonora	(-)	Rádio ['radʒio]
ɹ / ɻ	Retroflexa, alveolar, sonora	Rich [ɹɪtʃ]	arca ['aɹkɐ]

PARTE III

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 INTRODUÇÃO

Apresentaremos, neste capítulo, a metodologia empregada neste estudo, os critérios de análise e os procedimentos de coleta e organização dos dados obtidos. Mencionaremos as características dos informantes, os equipamentos e programas utilizados, tanto para as gravações quanto para as transcrições fonéticas.

5.2 METODOLOGIA

A metodologia de análise do modelo de AE foi proposta por Corder (1971) e se compõe de três etapas sucessivas nas quais se enquadram os dados obtidos:

- *reconhecimento* da idiossincrasia: deve-se ter clara a distinção entre erro (error) e lapso (mistake). Neste âmbito, a produção pode ser bem formada mas inadequada ao contexto em questão ou, pode ser inadequada com relação às regras da LE (DURÃO, 2004);

- *descrição* da idiossincrasia: deve-se mostrar como o erro foi cometido na tentativa de caracterizar uma mensagem. No caso de os aprendizes não utilizarem o mesmo trajeto para chegar ao erro, observa-se os que ocorreram repetidamente, na tentativa de se detectar a regra utilizada;

- *explicação* da idiossincrasia: busca-se o porquê da utilização de determinada idiossincrasia. Este momento pode ser abordado de diferentes maneiras.

5.3 CRITÉRIOS DE AE

São 5 (cinco) os critérios de análise:

a) Gramatical: diz respeito à categoria que afeta na gramática tradicional.

Portanto pode ser:

- *Fonológico:* utilização errada de fonemas, por oposições que não existem ou por confusão entre LM e LE;

- *Ortográfico:* afeta a grafia;

- *Morfológico:* afeta a forma;

- *Sintático:* afeta a construção;

- *Léxico-semântico:* afeta o significado.

b) Lingüístico: de acordo com esta categoria o erro pode ser:

- *adição:* acréscimo de um fonema (ou palavra) inadequado ao contexto;

- *omissão:* deleção de um fonema (ou palavra) necessário ao contexto;

- *ausência de ordem na oração:* construções com ordem inadequada;

- *emprego de forma errada:* utilização errada de morfema (ou palavra) inadequado ao contexto.

c) Comunicativo: avalia o efeito comunicativo do erro do ponto de vista do ouvinte e emprega os parâmetros de conceito de aceitabilidade, compreensibilidade, irritação, etc. Com base nisso o erro pode ser:

- *global:* afeta todo o enunciado, não possibilitando entendimento;

- *local:* afeta algumas partes mas, possibilita entendimento;

- *estigmatizador:* diz respeito a determinada comunidade de falantes, induzindo a julgamentos negativos de valor;

- *irritante:* atinge as estruturas do senso comum e causa irritação;

- *por ambigüidade:* a ambigüidade dificulta a compreensão;

- *pragmático-cultural:* correto lingüística e gramaticalmente mas, inaceitável do ponto de vista pragmático.

d) Pedagógico: De acordo com este critério a inadequação pode ser:

- *individual:* erro de apenas um falante ao propor hipóteses;

- *coletivo:* erro de um grupo de informantes de mesma LM;

- *oral:* são produzidos na fala;

- *escrito:* São produzidos na escrita;

- *de compreensão:* má interpretação do que se ouve;

- *de produção:* proposição de enunciados total ou parcialmente errados.

e) Etiológico: Os erros se classificam da seguinte maneira:

- *transferência / interferência / interlingüístico*: emprego de elementos da LM na LE por serem: semelhantes, análogos com a LM, por falta de clara distinção entre as regras de LM e LE envolvidas ou, por emprego de estrangeirismos;

- *intringüístico*: dificuldades com as regras da LE em questão. Podem ser:

- *por simplificação*: falta de utilização de regras gramaticais;
- *por generalização*: estende-se a regra geral às exceções;
- *por indução*: orientação errada (do professor ou do material didático);
- *por excesso de produção*: repetição excessiva de uma determinada forma num mesmo contexto (erro de estilo).

Esclarecemos que, dos critérios mencionados, utilizaremos as categorias que atendam aos propósitos desta pesquisa, conseqüentemente, dispensaremos as outras. Portanto, nos serviremos dos seguintes:

Tabela 26 – Critérios metodológicos desta pesquisa

	Critério	Classificação
1	Gramatical	<i>Fonológico</i>
2	Lingüístico	<i>Adição</i> <i>Omissão</i> <i>Emprego de forma errada</i>
3	Etiológico	<i>transferência / interferência / interlingüístico</i>

5.4 LIMITAÇÕES DO MODELO DE AE

De acordo com Durão (1999, 2004), o modelo de AE apresenta uma “*aplicabilidade incontestável por proporcionar um melhor entendimento sobre as dificuldades dos aprendizes e propicia ao professor a possibilidade de intervir de modo mais adequado nas diferentes situações de aprendizagem*”. Apesar disso, o modelo apresenta limitações, mencionada pela mesma autora, expostos nos 5 (cinco) itens a seguir:

- obriga o investigador a se referir a uma situação dada e não a todas;
- os erros são parte da interlíngua dos informantes e não da interlíngua em si;
- os erros podem pertencer a mais de uma categoria;

- capacidade em identificar e explicar os erros a depender da competência lingüística e comunicativa do investigador sobre as línguas em questão;
- argumentação limitada ao conhecimento que o investigador possua referente à literatura envolvida.

5.5 INFORMANTES

Os dados foram obtidos de um grupo de informantes, tanto de origem inglesa quanto americana mas, que poderia ser procedente de qualquer outra nacionalidade, desde que nativa de língua inglesa.

Decidimos entrevistar 20 (vinte) pessoas, que apresentassem capacidade / habilidade de sustentar uma conversa em português, de maneira compreensível, durante o tempo da entrevista. Decidimos por esse número de informantes mediante a contatos preliminares que estabelecemos com instituições onde poderiam ser encontrados e verificamos, dessa maneira, que não havia a disponibilidade de um grande número dos mesmos. O exposto a seguir, traz detalhes a respeito dos informantes:

a) *origem*: a maioria dos informantes é americana:

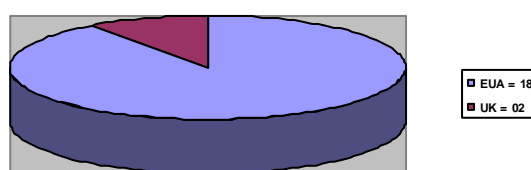


Gráfico A – Origem dos informantes.

b) *sexo*: a diferença entre homens e mulheres é bastante desigual:

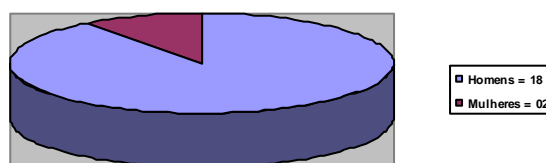


Gráfico B – Sexo dos informantes

c) *idade*: a média de idade é de 22 anos:



Gráfico C – Idade dos informantes

d) *escolaridade*: a maioria dos informantes terminou o curso correspondente ao Ensino Médio⁴:

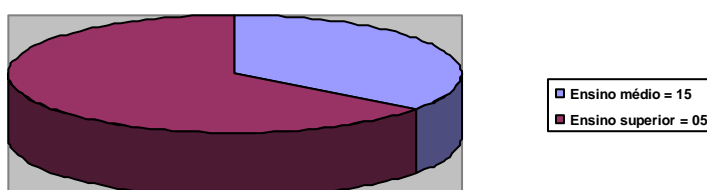


Gráfico D – Escolaridade dos Informantes

e) *permanência*: neste item descrevemos em meses o tempo que os informantes estão no Brasil:

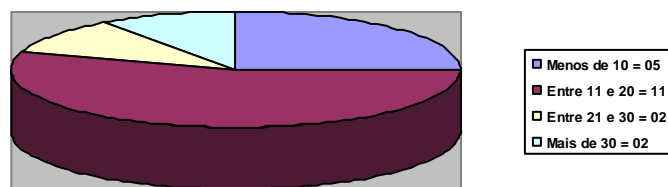


Gráfico E – Permanência no Brasil em meses

f) *outro idioma*: informantes que declararam ter conhecimento de outro idioma somam 3 (três). Trata-se de conhecimentos de Espanhol:



Gráfico F – Informantes que falam outro idioma além de português

⁴ High School

g) *profissão*: a maioria dos informantes declarou que, ao retornar ao país de origem, vai retomar os estudos e se profissionalizar, apenas 03 (três) são profissionais graduados:

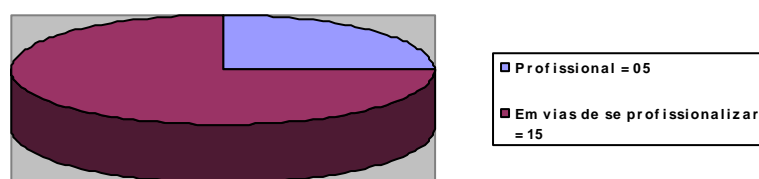


Gráfico G – Informantes que possuem uma profissão

A tabela disposta a seguir organiza as informações declaradas pelos informantes, na mesma seqüência em que foram entrevistados e, conseqüentemente, transcritos foneticamente, de acordo com o anexo I. Retrata o país de onde vieram os informantes, a profissão que desempenhavam no momento, se pertencentes ao sexo masculino ou feminino, sua idade no momento da entrevista, o nível de escolaridade que estivesse completo no momento do encontro, há quantos meses estavam no Brasil e se falavam um outro idioma além de inglês anteriormente a sua vinda para o Brasil.

Tabela 27 – Os informantes desta pesquisa

Informante	Origem	Profissão	Sexo M / F	Idade	Nível de escolaridade.	Meses no Brasil.	Fala outra língua?
01	UK	Músico	M	51	Superior	36	Não
02	UK	Professor	M	31	Superior	30	Não
03	USA	Missionária	F	46	Superior	48	Sim
04	USA	Missionário	M	20	Médio	20	Não
05	USA	Missionário	M	20	Médio	07	Não
06	USA	Missionário	M	20	Médio	20	Não
07	USA	Missionário	M	21	Médio	20	Não
08	USA	Missionário	M	20	Médio	15	Sim
09	USA	Missionário	M	27	Superior	07	Não
10	USA	Missionária	F	24	Superior	07	Não
11	USA	Missionário	M	20	Médio	12	Não
12	USA	Missionário	M	20	Médio	18	Não
13	USA	Missionário	M	21	Médio	24	Não
14	USA	Missionário	M	20	Médio	12	Não
15	USA	Missionário	M	20	Médio	12	Não
16	USA	Missionário	M	19	Médio	04	Não
17	USA	Missionário	M	20	Médio	19	Não
18	USA	Missionário	M	21	Médio	13	Não
19	USA	Missionário	M	20	Médio	05	Não
20	USA	Missionário	M	20	Médio	15	Sim

5.6 COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2005, mais especificamente nos meses de setembro e outubro, na cidade de Londrina, região norte do Paraná.

Para chegarmos aos informantes desta pesquisa, conversamos pessoalmente, ou via mensagem eletrônica (e-mail), com dirigentes de instituições londrinenses, expusemos os objetivos de nosso estudo e solicitamos que viabilizassem contatos com nativos de língua inglesa que falassem português, presentes naqueles locais.

No intuito de esclarecer os procedimentos e objetivos deste estudo ao informante, explicitamos que:

- se tratava de uma pesquisa de português para estrangeiros, que visava a propor facilidades a cursos e a materiais didáticos da área;
- ainda não havia decisão a respeito do que exatamente iríamos analisar;
- a entrevista seria realizada apenas em áudio e que não se estenderia por muito tempo;
- a entrevista poderia ser realizada em data, horário e local a sua escolha, para que não atrapalhássemos sua rotina;
- sua identidade seria preservada.

O instrumento de coleta de dados constituiu-se de uma entrevista entre informante e pesquisador, dividida em duas partes: a *primeira*, em que não havia gravação, o informante respondia a perguntas como: nome, idade, profissão, nacionalidade, nível escolaridade e há quanto tempo estava no Brasil. As respostas a essas perguntas eram anotadas para, posteriormente, serem trianguladas. Na *segunda*, em que as respostas seriam gravadas em áudio, buscando linguagem produzida de maneira espontânea, elaboramos um questionário com perguntas a respeito de aspectos e diferenças culturais entre o Brasil e o país de origem do informante, seu trabalho, sua rotina, suas impressões a respeito do Brasil e da língua portuguesa e seus planos. Buscamos tratar de temas agradáveis e acessíveis aos informantes.

Um outro fato que deve ser mencionado é a respeito da duração das entrevistas. Os informantes aceitaram gravá-las na condição de que o tempo não ultrapassasse 15 (quinze) minutos.

Utilizamos um gravador de voz da marca Panasonic, do tipo ‘repórter’, que produziu, em mini fitas cassete, gravações de boa qualidade.

5.7 TRANSCRIÇÕES FONÉTICAS

Na transcrição, os dados contidos nas fitas cassete foram transferidos para um computador que utiliza o programa ‘speech analyser⁵’, o mesmo utilizado em muitas rádios de frequência modulada (FM). Nele, o som é gravado em um formato utilizado pelo Windows chamado ‘mp3⁶’, que posteriormente, utilizando um programa chamado ‘sound forge⁷’ transforma os sons em ‘wave⁸’. Nesse último, todos os ruídos que interferem na compreensão são retirados, permanecendo apenas o som da fala. Em seguida a toda essa melhoria na qualidade sonora, são, por este pesquisador, realizadas as transcrições.

Por se tratar de um inquérito fonético-fonológico, decidimos utilizar a transcrição grafemática para a fala do inquiridor, visto que esse material não é objeto de nossa pesquisa, e transcrição grafemática e fonética para a fala do informante. Dessa maneira, o texto ficaria organizado, facilitando a visualização, e claro na questão da representação dos sons.

⁵ ‘analisador de fala’.

⁶ ‘MPeg 1 Layer 3’: permite gravar arquivos sonoros com alta qualidade e compactação.

⁷ ‘representação de som’: os sons são distribuídos em faixas.

⁸ ‘ondas’: formato do programa que permite melhor modulação do som.

6 ANÁLISE DOS ERROS DOS INFORMANTES DESTE ESTUDO

6.1 INTRODUÇÃO

Ao verificarmos o caminho percorrido pela LC por meio de seus dois modelos, AC e AE, pudemos verificar a modificação de tratamento dado aos erros: os erros já não são mais vistos como um mal a ser banido mas, como objeto de estudo. Como objeto de estudo, inspiram pesquisas e fornecem entendimentos a respeito do processo de ensino/aprendizagem. Dessa forma, de acordo com Durão (2004), “*a AE constitui um método adequado para avaliar o processo de aprendizagem de línguas, assim como as metodologias de ensino*”.

A análise de erros que apresentaremos neste trabalho busca entender os erros cometidos por falantes nativos de língua inglesa ao pronunciarem o padrão lingüístico de língua portuguesa escolhido por nós, no intento de elucidar as dificuldades desses informantes.

Buscaremos classificar os erros de pronúncia dos 20 (vinte) informantes, objetivando explicitar problemas que possam promover dificuldades em direção à LE. Os informantes apresentados nesta pesquisa compartilham a mesma LM (inglês), por conseguinte, muitos dos problemas, na tentativa de se expressarem em português, tenderão a se repetir, o que os torna erros *sistemáticos*, pertinentes a este estudo.

6.2 OS DADOS

Os dados desta pesquisa foram colhidos obedecendo a um procedimento com a seguinte seqüência:

- gravação em áudio de uma entrevista informal;
- transcrição grafemática e fonética das gravações⁹;
- seleção dos erros apresentados pelos informantes;

⁹ As transcrições fonéticas e grafemáticas estão anexadas no Apêndice I desta dissertação.

- listagem dos erros de cada informante¹⁰;
- listagem geral dos erros dos informantes;
- separação dos erros em categorias;
- explicação dos erros de acordo com o critério estabelecido.

6.3 Os Erros

Para efeito de classificação, os erros foram divididos em 3 (três) critérios, dos 5 (cinco) anteriormente mencionados (DURÃO, 2004):

a) *gramatical*: que atinge alguma categoria gramatical, no caso em questão, erros fonológicos;

b) *lingüístico*: por adição ou omissão de fonemas, ou por eleger um fonema inadequado;

c) *etiológico*: por haver transferência da LM.

Esses critérios funcionam de maneira satisfatória, já que tratamos especificamente de problemas de ordem segmental em itens lexicais.

6.4 OS ERROS DOS INFORMANTES

Os erros, a partir deste momento, são os apresentados pelos informantes que participaram deste estudo. A seguir, mencionados os problemas detectados de ordem fonológica, nos quais há utilização de fonemas equivocados frente à variante do português escolhido como padrão de referência. Esclarecemos que um mesmo vocábulo pode apresentar mais de um problema e que, portanto, pode configurar mais de uma categoria. Nos quadros que apresentamos a seguir, estão dispostas 4 (quatro) colunas: na primeira, *Vocábulo*, está exposta a versão grafemática, que utiliza o código alfabético; na segunda, *Produção*, está transcrito foneticamente o que o informante disse; na *Forma Correta* são apresentadas as correções respeitando o dialeto escolhido, nesta pesquisa, como padrão; e,

¹⁰ As listas de erros dos informantes estão anexadas no Apêndice II desta dissertação.

finalmente, *Informantes*, que mostra quais os informantes que cometeram aquele mesmo erro.

a) Uso de “e” por “i”

Assim como os estudantes brasileiros de inglês tendem a confundir essa oposição em inglês, o mesmo acontece com os nativos de língua inglesa ao aprender português. Num dos caso a seguir, houve uma generalização da regra mediante a conjugação das outras pessoas do verbo preferir. A referida hipercorreção caracteriza uma interferência intralingüística, demonstrando conhecimento insuficiente a respeito do verbo em questão, visto como regular pelo informante:

Tabela 28 - Uso de “e” por “i”

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
<u>D</u> iferente	defe'rětʃɪ	dʒife'rětʃi	01
<u>P</u> ior	peɔɾ	pjɔh	03
Pre <u>f</u> iro	prefero	pre'firu	20

b) Uso de “i” por “e”

Pode-se observar, nos exemplos a seguir, que a motivação dos erros é díspar com relação à mencionada anteriormente. Trata-se de uma transferência interlingüística, proveniente do inglês, em que a pronúncia da letra “e” ocorre como / i /:

Tabela 29 - Uso de “i” por “e”

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
<u>B</u> BC	bebe'si	bebe'se	01
<u>D</u> epois	di'pojs	de'pojs	16
<u>E</u> conomia	ikonomja	ekono'mia	14
<u>E</u> ntão	ĩtõ	'ětãw	03
<u>E</u> scrivendo	iskre'vêdu	eskre'vêdu	07
<u>E</u> scritório	iskri'tõriu	eskri'tõrju	07
<u>E</u> scrituras	iskri'turas	eskri'turas	05
<u>E</u> sfregando	isfrigadu	esfre'gãdu	07
<u>E</u> spanhol	ispaŋow	espa'ŋow	17
<u>E</u> sporte	is'põrtʃi	es'põhtʃi	18
<u>E</u> sportes	is'põrtʃis	es'põhtʃis	07 19 20
<u>E</u> stados	is'tados	es'tadus	19
<u>E</u> stamos	is'tãmus	es'tãmus	07
<u>E</u> star	is'taɾ	es'tah	07
<u>E</u> stava	is'tavɐ	es'tava	16
<u>E</u> studamos	istu'damus	estu'dãmus	20
<u>E</u> studando	istu'dãdu	estu'dãdu	17
<u>E</u> studar	istu'daɾ	estu'dah	05 16 17 20
<u>E</u> studava	istu'davɐ	estu'dava	17
<u>E</u> studei	istu'dej	estu'dej	20
<u>E</u> xatamente	ızata'mětʃi	ezata'mětʃi	07
<u>I</u> nternet	ĩtsinets	ĩteh'netʃi	01
<u>I</u> panema	ipani.ma	ıpa'něma	01
<u>J</u> esus	ʒi'zus	ʒe'zus	04
<u>N</u> enhum	nı'ŋu	ne'ŋũ	04
<u>P</u> essoa	pi'soɐ	pe'soa	04 05 06 07 16 17 18 19 20
<u>P</u> retendo	prıtědu	pre'tědu	06
<u>Q</u> ue	'ki	ke	02 06
<u>R</u> ealidade	xıali'dadʒı	heali'dadʒi	04
<u>R</u> ealmente	xıaw'mětʒı	heal'mětʃi	05
<u>R</u> estaurante	ristau'rãtʒı	hestaw'rãtʃi	06
<u>S</u> emana	sı'manɐ	se'mãna	05 06
<u>V</u> ezes	væzis	'vezis	01 03

c) Uso de “r” retroflexo

Ao optarmos por um padrão de língua portuguesa a ser atingido pelos aprendizes, concordamos com as restrições, em nome da neutralização, imposta por ele. Em língua portuguesa, de acordo com as descrições fonéticas apresentadas neste estudo, existem várias realizações sonoras para o grafema “r”, por exemplo:

- vibrante simples ou tepe: / r /;
- vibrante múltipla alveolar sonora: / r /;
- vibrante retroflexa alveolar sonora: / ɻ /, / ʀ /;
- fricativa glotal surda: / h /;
- fricativa velar surda: / x /.

Contudo, referente ao padrão adotado, apenas duas realizações são utilizadas:

- vibrante simples ou tepe: / r / - ex. caro / karo /, trapo / trapo /;
- fricativa glotal surda: / h / - ex. carro / kaho /, amargo / a'mahgo/.

Tendo em vista essas considerações, o uso de retroflexa, comum em inglês, não é possível em português:

Tabela 30 - Uso de “r” retroflexo

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Ab <u>er</u> ta	abeɾta	a'behta	03
Ab <u>er</u> tas	abeɾtas	a'behtas	09 13
Ab <u>er</u> to	abeɾtu	a'behtu	10 14
Ab <u>er</u> tos	abeɾtos	a'behtus	15
Acab <u>a</u> r	akabaɾ	aka'bah	12
Ach <u>a</u> r	aʃaɾ	a'ʃah	12 13
Acont <u>e</u> cer	akõteser	akõte'seh	12
Ac <u>o</u> rdamos	akoɾdãmos	akoh'dãmus	11 16 20
Ac <u>o</u> rdar	akoɾdaɾ	akoh'dah	12
Ac <u>o</u> rdei	akoɾ'der	akoh'dej	04
Ac <u>o</u> rdo	a'koɾdu	a'kõhdu	04
Ac <u>r</u> editamos	akɾedzi'tamos	akredzi'ãmus	16
Ag <u>o</u> ra	a'gõɾe	a'gõra	17 18
Ajud <u>a</u> r	aʒudaɾ	aʒu'dah	06 08 14 19
Aliv <u>i</u> ar	alivjaɾ	alivi'ah	12
Amer <u>i</u> cano	ameɾi'kãnu	ameri'kãnu	06 16 20

<u>Amor</u>	amor	a'moh	08 09 18
<u>Andar</u>	an'daɾ	ã'dah	16
<u>Aparecer</u>	apareseɾ	apare'seh	03
<u>Apartamento</u>	paɾtmento	apahta'mêtu	03
<u>Apertados</u>	apeɾ'tados	apeh'tadus	07
<u>Apesar</u>	apezaɾ	ape'zah	12 13
<u>Aprecia</u>	a'pɾesie	apre'sia	18
<u>Aprendendo</u>	apɾẽ'dêdu	apɾẽ'dêdu	16 20
<u>Aprender</u>	apɾêdeɾ	apɾẽ'deh	05 06 09 12 13 19
<u>Apresentar</u>	apɾezêtaɾ	apɾezê'tah	08
<u>Apresentamos</u>	apɾezê'tamus	apɾezê'ãmos	20
<u>Ar</u>	'aɾ	ah	07
<u>Área</u>	'aɾeɐ	'area	20
<u>Arrumar</u>	aɾu'maɾ	aɦu'mah	17
<u>Árvores</u>	aɾvoɾis	'ahvoɾis	11
<u>Assistir</u>	asistɿɾ	asis'tih	03
<u>Bares</u>	baɾs	'baris	02
<u>Bater</u>	bateɾ	ba'teh	14
<u>Batizar</u>	batɿizaɾ	batiz'zah	14
<u>Brasil</u>	bɾaziw	bɾa'ziw	08 16 17 19 20
<u>Brasileiro</u>	bɾazi'lejɾu	bɾazi'lejɾu	17
<u>Brasileira</u>	bɾazi'lejɾe	bɾazi'lejɾa	18
<u>Brincamos</u>	bin'kamus	bɾĩ'kãmus	16 17
<u>Brincar</u>	'bɾĩkaɾ	bɾĩ'kah	04
<u>Brincava</u>	bɾĩn'kave	bɾĩ'kava	17
<u>Brinquei</u>	bɾĩn'keɾ	bɾĩ'kej	07 17
<u>Britânia</u>	bɾitsãnja	bɾi'tãnja	01
<u>Buscar</u>	buscaɾ	bus'kah	11
<u>Calor</u>	kaloɾ	ka'loh	06 11 13 16 18 20
<u>Carnaval</u>	kaɾnavaw	kahna'vaw	15
<u>Carne</u>	kaɾni	'kahne	14
<u>Comer</u>	komeɾ	ko'meh	09
<u>Conhecer</u>	koɾeseɾ	koɾe'seh	12 20
<u>Continuar</u>	kõtzinu'aɾ	kõtĩnu'ah	12 15 16
<u>Conversar</u>	kõveɾsaɾ	kõveh'sah	08 09
<u>Cartas</u>	kaɾtas	'kahtas	06 07 08 12 13

Cas <u>ar</u>	kazaɾ	ka'zah	06 08 11 14 15 19 20
C <u>erte</u> za	seɾteza	seh'teza	02 04 08 11 12 18
C <u>ert</u> inho	seɾtʃĩnu	seh'tʃĩnu	03
C <u>erto</u>	seɾtu	'sehtu	13 15
Come <u>çar</u>	komesaɾ	kome'sah	12 20
Companhe <u>iros</u>	kõpa'nejɾus	kõpãnejɾus	16
Comp <u>artil</u> har	kõpaɾti'laɾ	kõpahtʃi'lah	19
Com <u>prar</u>	'kõpraɾ	kõ'prah	06
Com <u>pras</u>	kõ'pɾas	'kõpras	19
Confess <u>ar</u>	kõfesaɾ	kõfe'sah	05
Con <u>forme</u>	con'foɾmi	kõ'fõhmi	05
Conhe <u>cer</u>	koɾneseɾ	kõɾne'seh	12 13 20
Const <u>ru</u> ção	kõstɾu'sãw	kõstɾu'sãw	17
Continu <u>ar</u>	kõtʃĩnwaɾ	kõtʃi'nwah	02 08 12 15 17 20
Con <u>tra</u>	'kõtɾe	'kõtɾa	19
Con <u>versa</u>	kõveɾsa	kõ'vehsa	15
Con <u>versa</u> ção	kõveɾsasãw	kõvehsa'sãw	02
Con <u>vers</u> amos	kõveɾ'samos	kõveh'sãmus	19 20
Con <u>vers</u> ando	kõveɾsãnu	kõveh'sãdu	03 06
Con <u>vers</u> ar	kõveɾsaɾ	kõveh'sah	08 09
Corrig <u>ir</u>	koɾizit	kohi'zih	03
C <u>ort</u> ando	koɾtãdu	koh'tãdu	08 20
C <u>reio</u>	'kɾejw	kreju	18
Criador <u></u>	krjadoɾ	kria'doh	08
C <u>risto</u>	'kɾistɔ	'kristu	19
C <u>ursar</u>	kuɾsaɾ	kuh'sah	08
C <u>urso</u>	kuɾso	'kuhsu	02
<u>Dar</u>	daɾ	dah	12
Dedic <u>ar</u>	dedzikaɾ	dedzi'kah	12
Des <u>erto</u>	dezɛɾto	de'zehtu	12
Des <u>ertos</u>	de'zeɾtus	de'zehtus	04
Diferen <u>ça</u>	dzife'rẽse	dzife'rẽsa	06 16 19
Difer <u>ente</u>	dzifeɾẽtsɨ	dzife'rẽtʃi	01 16 17 18 20
Difer <u>entes</u>	dzife'rẽtʃis	dzife'rẽtʃis	05 07
Dinhe <u>iro</u>	dziɾejɾo	dzi'nejɾu	01
Dirig <u>ir</u>	dzirizit	dziri'zih	02 09

D <u>iv</u> ertido	dʒivertʃidu	dʒiveh'tʃidu	11 13 17
D <u>iv</u> ertir	diver'tʃiɾ	dʒiveh'tʃih	07 08
D <u>iv</u> ertimos	diver'timos	dʒiveh'tʃimus	20
D <u>iz</u> er	dʒizer	dʒi'zeh	02 09 17
D <u>or</u> mimos	doɾmimos	doh'mimus	04 11 12 15 20
D <u>or</u> mindu	doɾ'mĩdu	doh'mĩdu	06
D <u>or</u> mir	doɾmiɾ	doh'mih	07 14
D <u>ou</u> tor	dou'toɾ	dow'toh	05
D <u>ur</u> ante	du'ɾãtʃi	du'rãtʃi	06
D <u>ur</u> mo	'doɾmu	'duhmu	19
D <u>ur</u> o	'duɾo	'duru	18
D <u>ur</u> ou	'duɾo	du'row	18
Ele <u>tr</u> ônica	eletsɾoni	ele'trõnika	01
En <u>ch</u> er	ẽʃer	ẽ'ʃeh	08
En <u>con</u> trar	ẽkõtraɾ	ẽkõ'trah	07 19
En <u>sin</u> ar	ẽsi'naɾ	ẽsi'nah	07 11 13 14
En <u>sin</u> ar <u>mos</u>	ẽsi'naɾmus	ẽsi'nahmus	16
En <u>t</u> ender	entẽ'der	ẽtẽ'deh	06 07 18
Equa <u>d</u> or	ækwadoɾ	ekwa'doh	03
E <u>ra</u>	erɐ	era	06 17
Es <u>cre</u> vendo	iskɾe'vedu	eskre'vedu	07
Es <u>cri</u> to	es'kɾitu	es'kritu	07
Es <u>cri</u> tório	iskɾi'tõriu	eskri'tõriu	07
Es <u>cri</u> turas	eskɾi'turas	eskri'turas	05 07
Es <u>cu</u> tar	esku'taɾ	esku'tah	05
Es <u>per</u> ança	espe'ɾansɐ	espe'rãsa	05
E <u>sport</u> es	is'poɾtʃis	es'poɦtʃis	07 08 09 12 14 17 18 19 20
Es <u>qui</u> ar	eski'aɾ	eski'ah	20
E <u>st</u> ar	estaɾ	es'tah	07 12
E <u>stud</u> ar	estudaɾ	estu'dah	03 06 08 12 16 17 20
E <u>ter</u> no	e'teɾnu	e'tehnu	07
Ex <u>er</u> cícios	ezeɾ'sisjus	ezeh'sisjus	04 16
Ex <u>er</u> citar	ezeɾsitaɾ	ezehsi'tah	13
Exp <u>l</u> icar	eksplikaɾ	espli'kah	08
Ex <u>ter</u> ior	eksteɾioɾ	esteri'oh	01

Falar	falaɾ	fa'lah	04 05 07 08 11 13 14 15 18 19 20
Falar <u>ia</u>	fala'ɾiɛ	fala'ria	19
Farmacêutico	faɾmasewtʃiko	fahma'sewtʃiku	15
Fazer	fazeɾ	fa'zeh	05 08 09 10 12 13 15 16 20
Ficar	ficaɾ	fi'kah	03
Fisioter <u>apia</u>	fizioteɾa'piɛ	fizioteɾa'pia	06
Força	foɾsa	'fohsa	12
Formar	foɾmaɾ	foh'mah	12
Formei	foɾmej	foh'mej	10
Fort <u>e</u>	'foɾtʃi	'fohtʃi	05
Fort <u>es</u>	foɾtis	'fohtʃis	09
Freqüent <u>ar</u>	fre'kuêtaɾ	frekwê'tah	06
Frio	'fɾiw	friu	17 20
Fruto	'fɾujto	'frutu	19
Funcion <u>ar</u>	fũsio'naɾ	fũsjo'nah	05
Gener <u>al</u>	ʒeneɾaw	ʒene'raw	11
Ger <u>al</u>	ʒe'ɾaw	ʒe'raw	05
Ger <u>al</u> mente	ʒeɾaw'mêtʒi	ʒeraw'mêtʃi	05
Gostar <u>íamos</u>	gosta'ɾiɛmos	gosta'riamus	07
Gram <u>a</u>	'grãme	'grãma	20
Grande	'grãdi	'grãdzi	06 16 19
Histó <u>rias</u>	is'toɾiɛʃ	ɪs'toɾias	05
Igre <u>ja</u>	i'greʒa	i'greʒa	05 18 19 20
Imagin <u>ar</u>	imaʒinaɾ	imazi'nah	12
Impo <u>rtante</u>	ĩpoɾtãtʃi	ĩpoh'tãtʃi	09 13 18 19
Info <u>r</u> mação	ĩfoɾmasaw	ĩfohma'sãw	01
Integr <u>a</u> ção	ĩtegra'sãu	ĩtegra'sãw	05
Inte <u>iro</u>	ĩ'tejɾu	ĩ'tejru	17
Inter <u>ior</u>	ĩtsɾio	ĩteri'oh	01
Inter <u>net</u>	ĩteɾnetʃi	ĩteh'netʃi	05 06 12
Interp <u>re</u> tando	êteɾpɾe'tãdu	ĩtehpɾe'tãdu	07
Inve <u>r</u> no	in'veɾno	ĩ'vehnu	17
Lo <u>r</u> que	ioɾki	i'ohki	13
<u>Ir</u>	iɾ	ih	03 14 17 19
Jane <u>iro</u>	ʒa'nejɾo	ʒa'nejru	20

Jog <u>ar</u>	zo'gar	zo'gah	07 08 18
Jorn <u>al</u>	zorɲaw	zoh'naw	12
Lav <u>ar</u>	la'var	la'vah	06
Lemb <u>ro</u>	lě'bɾo	'lěbru	19
Lev <u>ar</u>	levaɾ	le'vah	13
L <u>er</u>	leɾ	leh	02
Levant <u>ar</u>	levãtaɾ	levã'tah	08
Lib <u>er</u> ta	libeɾta	li'behta	08
Londr <u>ina</u>	lõ'dɾine	lõ'drina	18 20
Lug <u>ar</u>	lugaɾ	lu'gah	03 06 13
Lugares	lu'gaɾis	lu'garis	05
Lut <u>ar</u>	lutaɾ	lu'tah	08
Mai <u>or</u>	maj'oɾ	maj'oh	07 15
Mand <u>ar</u>	mãdaɾ	mã'dah	03
Mandar <u>am</u>	mã'daɾa	mã'darã	20
Mane <u>ira</u>	ma'neje	ma'nejra	19
Mantique <u>ira</u>	mãtskejɾa	mãtʃi'kejra	01
Melh <u>or</u>	me'loɾ	me'lo'h	02 03 09 11 12 13
Melh <u>orar</u>	mi'lo'ɾaɾ	me'lo'rah	03 05
Melh <u>ores</u>	me'lo'ɾis	me'lo'ris	19
Missioná <u>ria</u>	miʃjonaɾia	misio'naria	03
Missioná <u>rio</u>	misio'naɾiw	misio'nariu	05 06 11
Missioná <u>rios</u>	misionaɾjos	misio'narius	07 17 20
Mod <u>er</u> na	mo'deɾnɐ	mo'dehna	05
Mod <u>er</u> no	modeɾno	mo'dehnu	13
Mor <u>ar</u>	moɾa	mo'rah	01
Mor <u>d</u> endo	moɾ'dědu	moh'dědu	06
Mor <u>d</u> ido	moɾ'dzidu	moh'dzidu	07
Mó <u>r</u> mon	'moɾmo	'mohmõ	14 07
Mor <u>o</u>	'moɾu	'mohu	07 17
Morr <u>er</u>	moxeɾ	mo'heh	03
Mud <u>ar</u>	mu'daɾ	mu'dah	06 08
Nam <u>ora</u>	namo'ɾa	na'mohra	18
Namor <u>ar</u>	namoraɾ	namo'rah	06 12
Norm <u>al</u>	noɾmaw	noh'maw	12 13 17 18 20
Normalmente	noɾmawmětʃi	nohmaw'mětʃi	03 09
Ob <u>ra</u>	'obɾɐ	'ohbra	05

Obras	'obras	'obras	06
Obrigado	obri'gado	obri'gado	18
Oportunidade	opoɾtunidade	opohtuni'dadzi	03 05 12 16
Orar	oraɾ	orah	09
Orenancias	oɾe'nãsiã	(-)	05
Organização	oɾganizasũw	ohganiza'sãw	13
Origem	o'ɾidzê	o'rizê	01
Outra	'owtɾe	'owtra	17
Outros	'outɾos	'owtrus	05
Ouvir	owviɾ	ow'vih	06 08
Para	'paɾe	'para	05 06 16 17 19 20
Parece	pa'ɾese	pa'ɾese	20
Parques	'paɾkis	'pahkes	18
Parte	paɾtʃi	'pahtʃi	03 08 13
Participava	paɾtʃisipava	pahtʃisi'pava	12
Particulares	paɾtʃikulares	pahtʃiku'lares	02
Partir	paɾ'ti	pah'tʃih	06
Passar	pa'saɾ.l	pa'sah	07 19
Passear	paseaɾ	pase'ah	02 18
Pegar	pe'gaɾ	pe'gah	18
Pensar	pêsaɾ	pê'sah	06 12 15
Passarmos	pa'saɾmos	pê'sahmus	16
Perceber	peɾcebeɾ	pehse'beh	15
Percebi	peɾcebi	pehse'bi	08 20
Pergunta	peɾgũta	peh'gũta	01 07 10 15
Perguntas	peɾgũtas	peh'gũtas	13
Perguntaria	peɾgũtaria	pehgũta'ria	13
Perguntou	peɾgũtso	pehgũ'tow	01 06
Perna	peɾna	'pehna	15
Pernilongos	peɾni'lõgas	pehni'lõgus	06
Perseverar	peɾseveraɾ	pehseve'rah	08
Perto	peɾt ^h o	'pehtu	11
Pior	pjoɾ	pjoh	03
Pobreza	po'bɾeze	po'breza	19
Poder	po'deɾ	po'deh	06
Por	poɾ	poh	02 06 08 10 12 13 14 19 20

<u>P</u> orque	poʁke	puh'ke	02 03 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 17 18 20
<u>P</u> orta	poʁta	'pohta	03
<u>P</u> ortas	poʁtas	'pohtas	14
<u>P</u> ortuguês	poʁtuges	pohtu'ges	03 04 06 08 09 13 19
<u>P</u> ortuguesa	poʁtu'geʒe	pohtu'geza	16
<u>P</u> ra	pra	pra	16 17 18
<u>P</u> raticar	praʦi'kaʁ	pratʃi'kah	17 19
<u>P</u> recisa	pre'size	pre'siza	05
<u>P</u> regador	pregadoʁ	prega'doh	03
<u>P</u> regar	pregaʁ	pre'gah	11 12 16
<u>P</u> reparação	prepaʁa'sãw	prepara'sãw	19
<u>P</u> reparar	prepaʁaʁ	prepa'rah	08 14
<u>P</u> reparando	prepa'rãdu	prepa'rãdu	18
<u>P</u> resta	preʃ'ta	'presta	17
<u>P</u> rimeira	primei'rɛ	pri'mejra	05 06
<u>P</u> rimeiramente	primeira'mêtʃi	primejra'mêtʃi	06
<u>P</u> rimeiros	pri'mejros	pri'mejrus	19
<u>P</u> rincípios	pʁin'sipios	pʁi'sipjus	20
<u>P</u> roclamar	pro'klamaʁ	proklamah	18
<u>P</u> rocurar	prokuraʁ	pro'kurah	09 13
<u>P</u> rofessor	profesoʁ	profe'soh	02
<u>P</u> rofeta	pro'fete	pro'feta	05
<u>P</u> ronunciar	pronũ'siaʁ	pronũ'sjah	05
<u>P</u> ropósito	pro'pozitu	pro'pozitu	07
<u>P</u> rovidenciar	providêsjaʁ	providě'siah	08
<u>Q</u> ualquer	kwawkeʁ	kwaw'keh	05 06 08 12 13 18
<u>Q</u> uarta	kwarta	'kwahta	09 18
<u>Q</u> uebradas	ke'bʁadas	ke'bradas	05
<u>Q</u> ueimar	kejmaʁ	kej'mah	02
<u>Q</u> uer	keʁ	keh	12 13 17
<u>Q</u> uerm	'keʁẽ	'keʁě	20
<u>Q</u> ueria	ke'ʁie	ke'ria	16 17 20
<u>Q</u> uero	'qeʁu	'keʁu	05
<u>Q</u> uiser	kiseʁ	ki'zeh	03
<u>R</u> ápido	'ʁapido	'hapidu	05 17

<u>Realmente</u>	ɾeaw'mětʃɪ	heaw'mětʃi	18 19
<u>Receber</u>	ɾese'ber	hese'beh	06 08
<u>Recompensável</u>	ɾekõpõ'savew	hekõpẽ'savew	18
<u>Relaxadas</u>	ɾela'ʃadas	hela'ʃadas	20
<u>Relaxar</u>	ɾela'ʃaɾ	hela'ʃah	19
Representantes	xepɾezen'tãtʃis	hepɾezẽ'tãtʃis	06 07 19
Responder	xespõdeɾ	hespõ'deh	07 13
Ressurreição	xesuɾeɪ'sãw	hesuhej'sãw	05
<u>Revelou</u>	ɾeve'low	heve'low	07
<u>Rio</u>	'ɾjo	hiu	20
<u>Rica</u>	'ɾika	'hika	05
<u>Rua</u>	'ɾue	hua	20
<u>Saber</u>	sabeɾ	sa'beh	03 20
<u>Sagradas</u>	sa'gradas	sa'gradas	07
<u>Sair</u>	saiɾ	sa'ih	12 19
<u>Salvador</u>	sawvadoɾ	sawva'doh	05 13
<u>Sempre</u>	sẽ'pɾɪ	'sẽpre	07 16 17 19 20
<u>Senhor</u>	seɲoɾ	se'noh	05 07 08 12 13 15 16
<u>Ser</u>	seɾ	seh	05 07 11 12 13 15
<u>Seria</u>	se'ɾie	se'ria	19
<u>Serviço</u>	seɾvɪso	seh'visu	11
<u>Servindo</u>	seɾ'vĩdu	seh'vĩdu	05
<u>Servir</u>	¹ seɾ'viɾ	seh'vih	05 06 08 12 14 15
<u>Similar</u>	similaɾ	simi'lah	02 10
<u>Sobre</u>	so'bɾɪ	'sobre	05 16 20
<u>Sobreviver</u>	sobreviveɾ	sobrevi'veh	02
<u>Sofre</u>	'sofɾɪ	'sofri	19
<u>Sorte</u>	soɾte	'sohtʃi	13
<u>Supor</u>	supoɾ	su'poh	08
<u>Surpresa</u>	suɾpɾeza	suh'pɾeza	13
<u>Tarde</u>	taɾdʒi	'tahdʒi	09
<u>Tentar</u>	têtaɾ	tẽ'tah	08 13 17
<u>Ter</u>	teɾ	teh	12 14 11 12 13 15
<u>Teria</u>	te'ɾja	te'ria	19
<u>Terças</u>	teɾʃas	'tehsas	09

<u>T</u>erminar	terminaɾ	tehmi'nah	06 11
Testificar	testifi'kaɾɫ	testʃifi'kah	07
<u>T</u>iver	tʃiver	tʃi'veh	08 13
<u>T</u>rabalhamos	tɾaba'lamos	traba'lãmus	20
<u>T</u>rabalhando	tɾaba'lãdu	traba'lãdu	16
<u>T</u>rabalhar	tɾaba'laɾ	traba'lah	03 05 06 09 14 16 18
<u>T</u>rabalhava	tɾaba'lave	traba'lava	11 17 19 20
<u>T</u>rabalhei	tʰɾaba'ej	traba'lej	15
<u>T</u>rabalho	tɾa'balu	tra'balu	17
<u>T</u>ranquei	tɾã'kei	trã'kej	06
<u>T</u>ranqüilo	tɾã'kujilo	trã'kwilu	19
<u>T</u>ranqüila	tɾã'kile	trã'kwila	19
<u>T</u>ransporte	trãspɔɾtʃi	trãs'pɔhtʃi	08
Univ<u>er</u>sidade	univeɾsidadzi	univehsi'dadzi	10
<u>V</u>ariações	vaɾia'sõiz	varia'sões	05
<u>V</u>árias	'vaɾjas	'varjas	05 20
<u>V</u>endedor	vêde'doɾ	vêde'doh	06
<u>V</u>er	veɾ	veh	03 13
<u>V</u>erbos	veɾbos	'vehbus	02 03 10
<u>V</u>erdade	veɾdadzi	veh'dadzi	04 08 09 13 14 15
<u>V</u>erdades	veɾ'dadis	veh'dadzis	20
<u>V</u>erdadeira	veɾda'deɾɐ	vehda'dejra	05 19
<u>V</u>erdadeiras	veɾ.da'dejɾ.las	vehda'dejras	11 20
<u>V</u>erdadeiros	veɾda'deiros	vehda'dejros	04 06 07 08
<u>V</u>erde	'veɾdʒi	'vehdʒi	13 17
<u>V</u>ergonha	veɾgoŋa	veh'gõŋa	15
<u>V</u>iajar	vjaʒaɾ	via'jah	02 03
<u>V</u>ir	viɾ	vih	05 15
<u>V</u>isitar	vizitaɾ	vizi'tah	03 12
<u>V</u>iver	viveɾ	vi'veh	06 13
<u>V</u>oltar	vowtaɾ	vow'tah	03 06 07 10 12 16 17 19

d) Uso de / r / por / h /

Ainda de acordo com os possíveis sons a partir da letra “r”, mencionado anteriormente, a utilização do tepe é aceitável por estar no padrão de língua portuguesa escolhido por nós neste estudo. Contudo, nos casos a seguir, a utilização do tepe está inadequada por não concordar com a distribuição de tal som em português:

Tabela 31 - Uso de / r / por / h /

Vocábulo	Produção	Forma correta	Informantes
<u>Corrigir</u>	korizitʃ	kohi'gih	03
<u>Terra</u>	'tɛrɛ	'tɛhɐ	07
<u>Rapidamente</u>	rapida'mɛtʃɪ	hapida'mɛtʃi	07

e) Uso de aspirada

Considera-se haver transferência interlingüística nos exemplos a seguir, visto que existem consoantes aspiradas em língua inglesa (/ p /, / t / e / k /), mas não em língua portuguesa:

Tabela 32 - Uso de aspirada

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Brit <u>â</u> nia	bɾitsãnja	bri'tãnja	01
<u>C</u> aminhada	k ^h ami'ɲada	kami'ɲada	01
Cont <u>in</u> uar	kõt ^h 'inwaɾ	kõtʃi'nwah	02
<u>D</u> eus	dzews	dews	03
El <u>é</u> trica	eletsrika	el'etrika	01
Elet <u>r</u> ônica	eletsɾoni	ele'trõnika	01
Ent <u>ã</u> o	ẽtsãw	ẽ'tãw	02 11 14
Fant <u>ás</u> tico	fã ^h 'tastsik	fã ^h 'tastiku	01
Import <u>an</u> te	ĩpo ^h 'tãts	ĩpoh'tãtʃi	01
Int <u>er</u> ior	ĩtsɾio	ĩteri'oh	01
Int <u>er</u> net	ĩtsinets	ĩteh'netʃi	01
J <u>an</u> ta	ʒõt ^h 'a	'ʒãta	11
Mant <u>iq</u> ueira	mãtskejɾa	mãtʃi'kejɾa	01
Muit <u>as</u>	mujt ^h 'as	'mujtas	15
Pergunt <u>ou</u>	peɾgũtso	pehgũ'tow	01
P <u>er</u> to	peɾt ^h 'o	'pehtu	11

Pretendendo	pretsědědu	pretě'dědu	02
Que	k ^h i	ke	02
Realmente	ɾeɐw'mětsɪ	heaw'mětʃi	05
Também	t ^h ãbē	tã'bě	11 14
Tem	t ^h em	tě	11
Tipo	tsipo	'tʃipu	01
Trabalha	t ^h rabalja	tra'baʎa	10
Trabalhando	tsrabajãdu	traba'ʎãdu	03
Trabalhar	t ^h ɾaba'ʎɾ	traba'ʎah	14
Trabalhei	t ^h ɾaba'ej	traba'ʎej	15
Sítio	sitsio	'sitʃiu	01
Utah	ut ^h a	ju'ta	11

f) Uso de / n / por / ɲ /

Em português, utiliza-se o fonema / ɲ / toda vez que aparecem os grafemas “nh”. Por não haver tal fonema em inglês, automaticamente os informantes buscam um outro em sua LM, no caso / n /, e fazem a substituição. Trata-se também de uma transferência interlingüística:

Tabela 33 - Uso de / n / por / ɲ /

Vocábulo	Produção do Informante	Forma Correta	Número de informantes
Ban <u>h</u> eiros	ba'neiros	bã'nejrus	05
Bolin <u>h</u> a	bo'line	bõ'lija	17
Camin <u>h</u> ada	k ^h ami'nada	kami'ɲada	01
Camin <u>h</u> o	ka'minu	ka'miɲu	07 08
Cert <u>h</u> inho	seɾtʃinu	seh'tʃiɲu	03
Compan <u>h</u> eiro	kõpãnejro	kõpa'nejru	12 16
Con <u>h</u> ece	konesɪ	ko'ɲese	01
Con <u>h</u> ecemos	konesemos	koɲe'semus	12 20
Con <u>h</u> ecer	koneser	koɲe'seh	12 13 20
Con <u>h</u> ecia	kone'sie	koɲe'sia	06 12
Con <u>h</u> ecimento	konesi'mětu	koɲesi'mětu	18
Cozin <u>h</u> a	ko'zina	ko'ziɲa	06
Cozin <u>h</u> amos	kozi'nãmus	kozi'ɲãmus	06
Din <u>h</u> eiro	dzinejro	dzi'nejru	01 02 09

Espan <u>h</u> ol	espa'nɔw	espã'ɲɔw	05 06 08 15
Estran <u>h</u> a	estrãna	es'trãɲa	01
Fresqui <u>h</u> o	freskinu	fres'kiɲu	11
Gan <u>h</u> amos	ga'namus	gã'ɲãmus	19
Lasan <u>h</u> a	la'zana	la'zãɲa	18
Man <u>h</u> ã	ma'nã	mã'ɲã	04 09 10
Min <u>h</u> a	mina	'miɲa	02 03 04 05 06 07 08 09 11 12 13 14 15 17 19 20
Montan <u>h</u> as	mõ'tanas	mõ'tãɲas	04 12
Nen <u>h</u> um	nɪ'nu	ně'ɲũ	04
Pouqui <u>h</u> o	po'kinu	pow'kiɲu	04 05 12 18
Sen <u>h</u> or	se'noɾ	se'ɲoh	05 07 08 12 13 15 16
Sozi <u>h</u> o	sɔzinu	sɔ'ziɲu	03 12
Ten <u>h</u> am	tenã	'těɲã	09
Ten <u>h</u> o	těnu	'těɲu	01 03 05 06 08 09 10 12 13 14 19
Testem <u>h</u> a	testemuna	teste'mũɲa	13
Testem <u>h</u> amos	testemunãmos	testemũ'ɲãmus	12
Tin <u>h</u> a	tʃina	'tʃiɲa	02 03 05 06 07 08 12 18 19 20
Tudi <u>h</u> o	tu'dzinu	tu'dziɲu	04 06
Vergon <u>h</u> a	veɾgona	veh'gõɲa	15

g) Uso de /l/ por /ʌ/

Caso de transferência interlingüística similar ao descrito anteriormente. O fonema /ʌ/ é comum em português mas, inexistente em inglês. Quando com ele se deparam, os informantes fazem uma substituição por um existente em seu próprio repertório, muitas vezes acompanhada de uma vogal epentética /i/ representada por /j/, por estar integrando um ditongo:

Tabela 34 - Uso de / l / por / λ /

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Evangel <u>h</u> o	evan'ʒeliu	evã'ʒɛλu	04 06 07 12 16 18 19
Fil <u>h</u> os	filʒos	'fiλus	10 11 14 15
Mel <u>h</u> or	meɻo	me'λoh	01 02 03 09 11 12 13
Mel <u>h</u> orar	meloraʒ	meλo'raɦ	03
Trabal <u>h</u> a	trabalʒa	tra'baλa	09
Trabal <u>h</u> ando	trabaɻ'fãdu	traba'λãdu	02 16
Trabal <u>h</u> ar	trabaɻa	traba'λaɦ	02 09
Trabal <u>h</u> o	trabaɻu	tra'baλu	02

h) Uso de / j / por / λ /

De acordo com o mencionado anteriormente, o fonema / λ / não ocorre em inglês, o que o torna difícil de ser produzido em português. Nos exemplos a seguir, os informantes deixam de utilizá-lo e contam com o apoio de um glide / j /, por entenderem que, formando um ditongo com a vogal posterior, a produção torna-se mais fácil. Considerando-se o padrão escolhido por nós e seus conceitos de prestígio e neutralidade, o resultado desses procedimentos não encontram respaldo, visto que as realizações que se enquadram em outro dialeto¹¹ não podem ser utilizadas.

Tabela 35 - Uso de / j / por / λ /

Vocábulo	Produção	Forma correta	Informantes
Ol <u>h</u> a	ɔja	'ɔλa	07 12
Ol <u>h</u> ava	oj'avɛ	o'λava	05
Ol <u>h</u> ei	ojej	o'λej	12
Trabal <u>h</u> ador	trabajadox	trabaλa'doh	04
Trabal <u>h</u> amos	trabajamos	traba'λamus	05 06
Trabal <u>h</u> ar	trabaja	tra'baλa	02 09 14
Trabal <u>h</u> ava	tɻabaʒavɛ	traba'λava	05 06 11 12 13
Trabal <u>h</u> ei	tʰɻabaʒej	traba'λej	15
Trabal <u>h</u> o	tra'baju	tra'baλu	06 12

¹¹ O dialeto em questão é o “caipira”, presente no interior de alguns estados como, por exemplo, São Paulo e Minas Gerais.

i) Uso de vogais orais por nasais

De acordo com o postulado no capítulo das descrições fonéticas, apresentado neste estudo, todas as vogais orais do português podem ocorrer como vogais nasais, portanto um total de 5 (cinco). De acordo com Durão (2004), a língua portuguesa apresenta dois tipos de nasalidade: uma *fonética*, em virtude da proximidade de um som nasal – diante de “m” e de “n” - e outra *fonológica*, quando há oposição com um som oral – por exemplo: “lá” e “lã”. Todavia, o mesmo não se concretiza em inglês, em que é possível ocorrer uma “delicada” nasalização de uma vogal em decorrência da consoante a ela posterior. Vistas dessa maneira, em inglês, as vogais nasais são consideradas inexistentes, o que causa dificuldade para os informantes ao utilizarem português. Nos exemplos a seguir, os informantes simplesmente omitem as vogais nasais, e utilizam os fonemas existentes na sua LM, mais um traço de transferência de inglês:

Tabela 36 – Uso de vogais orais por nasais

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Esfreg <u>ando</u>	isfrigadu	ɛsfrɛ'gãdu	07
Informaç <u>ão</u>	ĩfoɾmasow	ĩfohma'sãw	01
<u>Mim</u>	mi	mĩ	01
Miss <u>ão</u>	mi'saw	mi'sãw	06
<u>Não</u>	naw	nãw	01
Port <u>ão</u>	potaw	poh'tãw	01
<u>Sim</u>	si	si	01
Tamb <u>ém</u>	tamem	tã'bẽ	14

j) Uso de vogais nasais por orais

Durão (2004) e Cavaliere (2005) consideram que uma vogal pode sofrer nasalidade fonética ao preceder uma consoante “m” ou “n”. No exemplo a seguir, houve uma hipercorreção em que os informantes utilizam uma nasalidade fonética indevida, já que o grafema “m” forma uma outra sílaba ao se ligar à vogal seguinte:

Tabela 37 - Uso de vogais nasais por orais

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Amigos	ãmigis	a'migis	02 07

k) Uso de / æ / por / e /

Em português o grafema “e” pode ocorrer de maneira aberta ou fechada, dependendo do ambiente onde estiver localizado. Em Inglês, os monotongos são considerados abertos, enquanto a característica de serem abertos ou fechados pertence aos ditongos. Tendo esse fator em mente, os informantes transferiram a característica dos monotongos em inglês para os vocábulos em português, estendendo esta utilização, por hipercorreção, ao ditongo que deveria ser fechado, também em português:

Tabela 38 - Uso de / æ / por / e /

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Corre <u>í</u> os	kohæjus	ko'hejus	01
De <u>e</u>	dæle	'deli	12
De <u>e</u> les	dæles	'delis	14
De <u>z</u>	dæs	dez	03
<u>É</u>	æ	ε	01
<u>E</u> le	æli	'eli	08 10
<u>E</u> les	'ælis	'elis	01 08 10 11 12
<u>E</u> cuador	ækwadoɾ	ekea'doh	03
<u>E</u> screvendo	æskrevẽdu	eskre'vedu	08
<u>E</u> scritório	æskritɔɾju	eskri'tɔriu	03
<u>E</u> sse	æsi	'esi	08 09 12
<u>E</u> u	æw	ew	01 08 10 11
F <u>e</u> minino	fæmininu	femi'ninu	02
<u>L</u> eis	læjs	lejs	01
M <u>e</u> ses	mæzis	'mezis	11
M <u>e</u> smo	mæzmu	'mezmu	02 11
M <u>e</u> u	'mæw	mew	01 03 08 09 11 12
P <u>e</u> soas	pæsowas	pe'soas	02 09
Q <u>e</u>	kjæ	ke	11
Solte <u>i</u> ro	soltæro	sow'tejru	09
Te <u>l</u> visão	tælevizo	televi'zãw	09
Tamb <u>e</u> m	tã'bæ	tã'beĩ	01
Te <u>v</u> e	tævi	'tevi	09
Ver <u>d</u> e	væɾdʒi	'vehdʒi	13 17
V <u>e</u> zes	væzis	'vezis	01 03

l) Uso de / ɔ / por / o /

As mesmas considerações a respeito da troca de / e / por / æ /, descrita no item anterior, pode ser aplicada com relação ao uso de / ɔ / no lugar de / o /:

Tabela 39 - Uso de / ɔ / por / o /

Vocábulo	Produção	Forma correta	Informantes
<u>B</u> oa	'bɔə	boa	04

m) Uso de / d / por / dʒ /

A africada /dʒ/ ocorre tanto em português quanto em inglês. A diferença está na distribuição. Em inglês ocorre, geralmente, com os grafemas “g” e “j”, enquanto em português ocorre com o grafema “d” diante de “i”. Como em inglês, geralmente, o grafema “d” é representado pelo fonema /d/ e tendo em mente, por exemplo, a similaridade entre “difícil” e “difficult” (/ 'dɪfɪkult/), o informante sentiu segurança em fazer a transferência:

Tabela 40 - Uso de / d / por / dʒ /

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Decidi	desi'dɪ	desi'dʒi	19
<u>D</u> e depois	dɪ'pojs	de'pojs / dʒi'pojs	16 17 19
<u>D</u> iferente	dife'ɾɛtʃɪ	dʒife'rɛtʃi	01 02 16 17 18 19 20
<u>D</u> ifícil	di'fisil	dʒi'fisiw	17
<u>D</u> ivertido	diver'tʒido	dʒiveh'tʃidu	20
<u>D</u> ivertimos	diver'timos	dʒiveh'tʃimus	09
<u>D</u> izer	di'zeɾ	dʒi'zeh	17
Verdade <u>s</u>	veɾ'dadɪs	veh'dadɪs	20

n) Uso de / dʒ / por / ʒ /

De acordo com o mencionado anteriormente, em inglês, o fonema /dʒ/ é representado pelos grafemas “g” e “j” como, por exemplo, em Gym /dʒɪm/ e Jesus

/ˈdʒizəs/. Como visto, a distribuição é diferente em português, o que torna inadequados os exemplos a seguir:

Tabela 41 - Uso de / dʒ / por / ʒ /

Vocábulo	Produção	Forma correta	Informantes
<u>G</u> êmeos	dʒemjos	ˈʒemjus	10
<u>J</u> ovens	dʒovēs	ˈʒovēs	10

o) Uso de / t / por / tʃ /

Os fonemas /t/ e /tʃ/ podem ocorrer tanto em inglês quanto em português, a inadequação se encontra, justamente, em decidir onde usá-los sem que haja a interferência de LM na LE, ou seja, respeitando a distribuição. Em inglês o fonema /t/ pode ser produzido tanto de maneira ‘limpa’ /t/ quanto de maneira aspirada /tʰ/. Em português o /t/ pode ocorrer de maneira ‘limpa’ /t/ ou africada /tʃ/. Nos casos a seguir, é comum que o /t/ ocorra de maneira africada /tʃ/, devido ao padrão adotado como parâmetro para comparação e contraste nesta pesquisa, por estar diante do som /i/. Tendo as considerações a respeito do que ocorre na LM, assim como o desconhecimento da referida regra na LE, os informantes fazem uso incorreto deste som, buscando na LM o subsídio para utilização:

Tabela 42 - Uso de / t / por / tʃ /

Vocábulo	Produção	Forma correta	Informantes
Dent <u>t</u> ista	dẽˈtʃtʃɪstɐ	dẽˈtʃɪstɪstɐ	20
Est <u>e</u>	esˈtɪ	ˈestʃɪ	05
<u>T</u> imes	ˈtɪmɪs	ˈtʃɪmɪs	19
<u>T</u> inha	tɪˈɲɐ	ˈtʃɪɲɐ	08 18 20
<u>T</u> ive	ˈtɪvɪ	ˈtʃɪvɪ	19
Ú <u>t</u> imos	ˈuwtɪmɪs	ˈuwtʃɪmɪs	19

p) Uso de / l / por / w /

A consoante lateral “l” em posição pré-consonantal sofre vocalização em português. Inglês não configura essa característica e o “l” na mesma posição que português implica em elevação da língua, que o denomina *ele escuro*. Nesse caso, o informante

transfere tal característica de inglês, entrando em desacordo com o utilizado em português. Por desconhecimento da regra em português, o informante pronuncia o “l” sempre como lateral e não de maneira vocalizada:

Tabela 43 - Uso de / l / por / w /

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Difíc <u>l</u>	dí'fisil	dʒi'fisiw	01
Sol <u>l</u> teiro	soltæro	sow'tejru	09

q) “Estrangeirização”

Várias são as possibilidades de realização do grafema “x” em português. Em inglês pode ocorrer como /z/, mas, geralmente, apresenta-se como /ks/. Pela similaridade entre os vocábulos nos dois idiomas e pela característica citada anteriormente, o informante “estrangeiriza” a produção em português, o que obedecendo ao critério etiológico, trata-se de um erro por transferência por emprego de estrangeirismo:

Tabela 44 - Estrangeirização

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Apart <u>a</u> mento	paɾtmento	apahta'mětu	03
Bar <u>s</u>	baɾs	'baris	02
Carn <u>i</u> val	kaɾnivaw	kahna'vaw	12 18
Espec <u>i</u> almente	espeʃjawmětʃi	espesiaw'mětʃi	09
Ex <u>e</u> mpl <u>o</u>	ekzem'pow	e'zěplo	01 09
Exp <u>l</u> icar	eksplikaɾ	espli'kah	08
Ext <u>e</u> rior	eksterioɾ	esteri'oh	01
L <u>í</u> ngua	lěgwa	'līgwa	09
Prof <u>i</u> ssão	pro'feson	profi'săw	09
Tele <u>v</u> isão	tælevizo	televi'zăw	09
Tranqu <u>i</u> lamente	trăkwilmětʃi	trăkwila'mětʃi	08
Un <u>i</u> versidade	jwniveɾsidadzi	univehsi'dadzzi	10

r) Uso de / i / por / u /

O tipo de formação errônea apresentada a seguir atinge campos além do fonético/fonológico. Em primeiro lugar por usar / i / no lugar de / u /, fato que acontece

porque o informante “traduz” o vocábulo em questão e, por generalização da regra, chega ao resultado exposto no quadro a seguir. Em segundo lugar, pode-se dizer que, em português, a palavra almejada seria “regulamentos” ou “regras”, ficando a classificação submetida a um critério, também gramática, porém não escolhido neste estudo, chamado léxico-semântico:

Tabela 45 - Uso de / i / por / u /

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Reg <u>u</u> lações	χegilasões	hegul <u>a</u> ('sões)	01
Trad <u>u</u> ção	tradzisaw	tradu's <u>a</u> w	13

s) Adição de fonema

Nos exemplos a seguir, o informante adiciona à produção em português, fonemas utilizados na LM, tornando a produção inadequada:

Tabela 46 - Adição de fonema

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
Amazon <u>a</u> s	amizõnjas	ama'zõnas	08
<u>B</u> urocracia	biwɔokrasia	buokra'sia	01
Compu <u>t</u> ador	kõpiwta'do	kõputa'doh	01
Diferen <u>ç</u> a	dzife'rensɾe	dzife'rěsa	04
<u>F</u> ruito	'fɾujto	'frutu	20
Igrej <u>a</u> s	igrejas	r'grezas	03
Melh <u>o</u> r	me'ɔ	me'ʌoh	01 02 03 11 12 13
<u>M</u> inha	min'ja	'mija	11 12
Orig <u>e</u> m	o'ɾidzě	o'rigě	01
Pesso <u>o</u> s	pesowas	pe'soas	02
<u>Q</u> ue	kjæ	ke	11

t) Omissão de fonema

Ao contrário do que acontece nos exemplos descritos anteriormente, nos abaixo relacionados, o informante omite fonemas necessários para uma produção adequada em português. Observamos que, na maioria das vezes, o som suprimido é o do “r”, já que em inglês ocorre o alongamento da vogal anterior a ele e seu conseqüente desaparecimento.

Esse aspecto foi transferido para o português, desobedecendo ao critério lingüístico. Frente ao padrão escolhido neste estudo, a fricativa glotal / h / deveria ser utilizada:

Tabela 47 - Omissão de fonema

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
And <u>ando</u>	ãdãno	ã'dãdu	08
Apart <u>amento</u>	paɾtmento	apahta'mêtu	03
<u>Ar</u> rependimento	xepêdzimêto	ahepêdz'i'mêtu	08
B <u>ares</u>	baɾs	'baris	02
Computad <u>or</u>	kõpiwta'do	kõputa'doh	01
Conhecem <u>os</u>	koɲe'semu	kõɲe'semus	12 20
Convers <u>ando</u>	kõveɾsãnu	kõveh'sandu	03
<u>Dir</u> igindo	ziriʒĩnu	dziri'ʒĩdu	08
<u>Dir</u> ig <u>indo</u>	ziriʒĩnu	dziri'ʒĩdu	08
Eletr <u>ônica</u>	eletsɔni	ele'trõnika	01
Ent <u>ão</u>	ĩtõ	ĩ'tãw	03 11
Ex <u>er</u> cício	ezeʒisio	ezeɰh'sisiu	08
Fant <u>ástico</u>	fã'tastsik	fã'tastiku	01
Fav <u>or</u>	fa'vo	fa'voh	01
Faz <u>endo</u>	fazẽnu	fa'zẽdu	08
Faz <u>er</u>	fa'ze	fa'zeh	18
Feij <u>ão</u>	fejzõ	fei'zãw	03
Fut <u>ebol</u>	futʃbol	futʃi'bõl	08
Imp <u>or</u> tante	ĩpo'tãts	ĩpoh'tãtʃi	01 03
Int <u>er</u> ior	ĩtsɪɾio	ĩteri'oh	01
Int <u>er</u> net	ĩtsinets	ĩteh'netʃi	01
Jor <u>n</u> ais	ʒonajs	joh'najs	01
Lav <u>ando</u>	lavãnu	la'vãdu	08
mandar <u>am</u>	mã'dara	mã'darã	20
Mant <u>igueira</u>	mãtskejɾa	mãtʃi'kejɾa	01
Me <u>ia</u>	mea	meja	10
Mel <u>hor</u>	me'ljo	me'ʎoh	01 12
Miss <u>ão</u>	misõ	mi'sãw	03
Mor <u>ar</u>	moɾa	mo'rah	01
Mór <u>mon</u>	'mõɾmo	'mõhmõ	04 07
N <u>ão</u>	nõ	nãw	02
Nenh <u>um</u>	nɪ'ɲu	ne'ɲũ	04
Norm <u>al</u>	no'maw	noh'maw	01
Or <u>ar</u>	ora	o'rah	08
Ped <u>indo</u>	pedʒĩno	pe'dʒĩdu	08

P <u>er</u> gunta	pegũta	peh'gũta	01
P <u>ior</u>	pio	pi'oh	01
P <u>or</u> que	puke	puh'ke	08 11
P <u>or</u> tão	potaw	poh'tão	01
P <u>or</u>	po	poh	01
P <u>or</u> tuguês	potu'ges	pohtu'ges	01
P <u>re</u> ocupação	prekapasãw	preokupa'sãw	02
R <u>ea</u> lmente	xawmentʃi	heaw'mětʃi	08 12
Simil <u>ar</u>	simi'la	simi'lah	01
Solte <u>iro</u>	soltæro	sow'tejru	09
Super <u>er</u>	supe	'supeh	14
Tamb <u>ém</u>	tamem	ta'bě	12
Tamb <u>ém</u>	tʰũbe	ta'bě	13
Televis <u>ão</u>	tælevizo	televi'zãw	09
T <u>en</u> ho	tẽ'ʊ	'teju	09
Trabal <u>har</u>	traba'ʎa	traba'ʎah	02
Trabal <u>har</u>	trabjaʃ	traba'ʎah	03
Tranqu <u>il</u> a	trã'kile	trã'kwilu	19
Tranqu <u>il</u> amente	trãkwimětʃi	trãkuila'mětʃi	08

u) Uso de /ɪ / ou / ə / em sílabas átonas

Em inglês, alguns grafemas podem apresentar a tendência de se tornarem /ə/ ou /ɪ/ quando configuram uma sílaba átona. Para o “a” e o “o”, dos exemplos a seguir, os informantes transportaram tal característica de sua LM e a utilizaram na LE, resultando em inadequação:

Tabela 48 - Uso de /ɪ / ou / ə / em sílabas átonas

Vocábulo	Produção	Forma correta	Informantes
A <u>ma</u> zonas	amizõnjas	ama'zõnas	08
P <u>o</u> sição	pizisãw	pozi'sãw	09

v) Uso de /ʃ / por / s /

A consoante fricativa palatoalveolar surda /ʃ/ ocorre tanto em português quanto em inglês. Como já mencionado no capítulo das transcrições fonéticas deste estudo, em inglês este som é representado pelos grafemas “sh” ou “ch”, este último quando se tratar

de uma palavra oriunda de outro idioma, como nos exemplos “cash” /kæʃ/ e “chef” /ʃɛf/, sucessivamente. Em português, é representado ortograficamente por “ch” e “x”, como, por exemplo, em “chorar” /ʃo'rah/ e “baixo” /bajʃu/. Face ao padrão de língua portuguesa, escolhido por nós, para funcionar como parâmetro neste estudo, as realizações com o fonema /ʃ/ a seguir são inadequadas, visto que pertencem a um outro dialeto¹²:

Tabela 49 - Uso de /ʃ/ por /s/

Vocábulo	Produção	Forma Correta	Informantes
<u>B</u>asquete	baʃ'ketʃɪ	bas'ketʃi	17 18 19 20
<u>B</u>astante	baʃ'tâtʃɪ	bas'tâtʃi	17 18 20
<u>C</u>ostumes	koʃ'tumis	kos'tumis	19
<u>C</u>risto	'kɾiʃtu	'kristu	19
<u>D</u>elas	'delaʃ	'delas	05
<u>D</u>eles	'deɫʃ	'delis	05
<u>D</u>entista	dẽ'tiʃtɛ	den'tʃista	20
<u>D</u>esde	'deʃdʒɪ	'desdʒi	07
<u>E</u>les	'elʃ	'elis	05
<u>E</u>scrivo	ɛʃ'krevo	es'krevu	19
<u>E</u>sporte	is'pɔɾtʃɪ	es'pɔhtʃi	17 18 19 20
<u>E</u>squiar	ɛʃki'aɾ	eski'ah	20
<u>E</u>stá	ɛʃ'ta	es'ta	20
<u>E</u>stava	ɛʃ'tavɛ	es'tava	05 18 19
<u>E</u>stou	'ɛʃtow	es'tow	20
<u>E</u>studando	istu'dãdo	estu'dãdo	17
<u>E</u>studar	'ɪ istu'daɾ	estu'dah	03 16 17
<u>E</u>studava	istu'davɛ	estu'dava	17
<u>G</u>osta	'gɔʃtɛ	'gosta	16
<u>G</u>ostando	gɔʃ'tãdo	gos'tãdo	19
<u>G</u>ostaríamos	gɔʃta'riɛmus	gosta'riamus	19
<u>G</u>ostava	gɔʃ'tavɛ	gos'tava	18
<u>G</u>osto	'gɔʃtu	'gostu	18 20
<u>G</u>ostasas	gɔʃ'tɔzas	gos'tɔzas	16
<u>H</u>istórias	is'tɔɾiɛʃ	ɪs'tɔrias	05
<u>H</u>ospital	ɔʃpi'taw	ospitaw	17
<u>M</u>ais	maiʃ	mais	05

¹² Como, por exemplo, o do Rio de Janeiro.

<u>M</u> esma	'mɛʃmɛ	'mesma	05
N <u>ó</u> s	'nɔʃ	nɔs	05
O <u>v</u> os	ɔ'vɔʃ	'ɔvʊs	18
Pa <u>í</u> s	pa'ɨʃ	pa'is	05
Pre <u>s</u> ta	prɛʃ'ta	'prɛsta	17
Tem <u>o</u> s	'tɛmʊʃ	'têmus	05

x) Eleição de fonema inadequado

De acordo com o critério lingüístico, os fonemas relacionados a seguir foram eleitos de maneira inadequada, resultando em comunicação da mensagem de maneira truncada:

Tabela 50 - Eleição de fonema inadequado

Vocábulo	Produção	Forma correta	Informantes
<u>C</u> asamento	kozamêto	kaza'mêtu	09
Ch <u>o</u> vendo	ʃevãdu	ʃo'vêdu	09

6.5 SÍNTESE E ESTATÍSTICA

A tabela a seguir contém, no seu lado esquerdo, numeração de 1 (um) a 20 (vinte) verticalmente distribuída, em acordo com a seqüência de gravações de informantes, conforme descrito no capítulo anterior, tabela de número 27. Na horizontal, na parte superior, estão dispostos os erros de “a” a “x” conforme a classificação descrita neste capítulo. Na penúltima linha desta tabela, onde está escrito “T2”, está mencionada a quantidade de informantes que cometeram os erros de “a” a “x” e na última linha a porcentagem que tal número representa. Já na penúltima coluna, onde está escrito “T1”, está disposta a quantidade de classificações de erros infringidas e a porcentagem que tal número representa, em relação a um total de 23 (vinte e três). A partir dessa tabela é possível verificar quais os erros mais cometidos assim como os informantes que mais os cometeram.

Dessa forma, a tabela pode ser verificada horizontalmente, em que o ponto de partida são os informantes. Por exemplo: ao tomarmos o informante 01 como

parâmetro, poderemos verificar que, dos 23 tipos de erros, classificados de ‘a’ a ‘x’, este informante realizou 14. Portanto, dos 100% dos erros classificados nesta pesquisa, o informante 01 realizou 61%.

A tabela também pode ser verificada verticalmente, tendo como ponto de partida os erros. Por exemplo: o erro ‘a’ (uso de “e” por “i”) foi cometido pelos informantes 01, 03 e 20. Portanto, dos 20 informantes, 03 cometem tal erro, totalizando 15%.

Tabela 51 - Síntese e Estatística

		ERROS																								
		a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	T1	%
INFORMANTES	1	•	•	•		•	•	•		•		•		•			•	•	•	•	•				14	61
	2		•	•		•	•	•	•		•			•				•		•	•				12	52
	3	•	•	•	•	•	•	•				•						•		•	•		•		12	52
	4		•	•			•	•	•				•							•	•				08	35
	5		•	•		•	•		•							•								•	07	30
	6		•	•			•	•	•	•															06	26
	7		•	•	•		•	•	•		•											•		•	09	39
	8			•			•					•				•		•		•	•	•			08	35
	9			•			•	•	•			•		•	•		•	•			•	•		•	12	52
	10			•		•	•	•				•						•			•				07	30
	11			•		•	•	•	•			•								•	•				08	35
	12			•			•	•	•			•						•		•	•				08	35
	13			•			•	•	•			•							•	•	•				08	35
	14		•	•		•	•	•	•	•		•									•				09	39
	15			•		•	•	•	•																05	22
	16		•	•			•	•						•										•	06	26
	17		•	•			•					•		•										•	06	26
	18		•	•			•	•						•		•		•						•	08	35
	19		•	•			•	•						•		•								•	07	30
	20	•	•	•			•							•		•				•	•		•		09	39
T2	03	13	20	02	08	20	16	11	03	02	11	01	08	01	05	02	08	02	09	13	02	08	01			
%	15	65	100	10	40	100	80	55	15	10	55	05	40	05	25	10	40	10	45	65	10	40	05			

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou verificar as dificuldades no âmbito da pronúncia que os falantes nativos de língua inglesa enfrentam ao aprenderem a variedade brasileira de português, procurando evidenciar em quais aspectos há a necessidade de se propor soluções.

Num primeiro momento, o pesquisador foi levado a resgatar a área de PE no Brasil, e verificou seu constante crescimento, face ao aumento de demanda motivado por intercâmbios culturais, econômicos e científicos entre o Brasil e outros países, tanto do Mercosul quanto de outros lugares ainda mais distantes. Mesmo com tantos crescimentos, verificados por meio da presença de estrangeiros e desenvolvimento de pesquisas e eventos em universidades, difusão da cultura brasileira e, conseqüentemente, da língua portuguesa nos Centros de estudos brasileiros (CEBs), entre outros, podemos considerar a área ainda em fase embrionária, necessitando pesquisas que visem a trazer entendimentos e benefícios.

O presente estudo discute os pressupostos apregoados pela lingüística contrastiva por meio de dois de seus modelos: Análise Contrastiva (AC) e Análise de Erros (AE), base de referência teórica para esta pesquisa. O modelo de AC foi idealizado para, ao contrastar duas línguas, prever as estruturas que causariam dificuldade na aprendizagem, mediante a descrição das diferenças entre línguas em questão, evidenciando os pontos que poderiam ser considerados problemáticos na caminhada em direção à LE.

Exatamente por alegar ser capaz de prever dificuldades e por propor a interferência como fonte única de erros, desconsiderando outras, este modelo foi criticado. Investigações concluíram que a interferência não explicava a maioria dos erros e que os métodos desenvolvidos a partir dessa idéia não eram capazes de evitar que o erro acontecesse, levando o modelo ao descrédito.

O modelo de Análise de Erros (AE) traz abrangência na maneira de como verificar o erro, expondo várias outras fontes de onde os mesmos poderiam proceder. Neste sentido, os erros passam a serem vistos como parte do processo de aprendizagem e, com quanto mais freqüência ocorressem, fato que os tornam sistemáticos, maior por eles o interesse dos pesquisadores.

A metodologia de análise proposta pelo modelo de AE é composta de critérios concretos e categorias hierarquizadas de maneira satisfatória a possibilitar um melhor entendimento do caminho percorrido pelo aprendiz para se chegar ao erro, viabilizando, desta maneira, uma proposta de ensinar com mais adequação às necessidades do aprendiz.

Optamos, neste trabalho, por analisar os erros de pronúncia em nível segmental, por quisermos descobrir quais os mais recorrentes.

7.1 FATOS GERAIS

a) o presente trabalho foi desenvolvido com a colaboração de informantes britânicos e americanos. Vale mencionar que a grande maioria dos informantes é composta por americanos mas, poderia ser por falantes provenientes de qualquer outro país de língua inglesa, visto que o sotaque padrão, escolhido como parâmetro de comparação e contraste, funciona apenas como um ponto de partida em direção à LE;

b) todos os informantes, independentemente do tempo de permanência no Brasil, falavam português de maneira satisfatória aos propósitos desta pesquisa, desenvolvendo uma conversação de maneira compreensível pelo interlocutor;

c) os informantes simplificam as regras da LE e nela buscam acomodar as regras de sua LM. Mesmo se tratando de línguas diferentes, buscam traços supostamente similares para que possam implementar essa tendência;

d) há informantes que declararam ter conhecimentos de espanhol. Pela proximidade entre português e espanhol, podemos designá-los “falsos iniciantes” em língua portuguesa. No entanto, a grande maioria externou a condição de não conhecer outro idioma e, pelo maior distanciamento entre inglês e português, e pela grande dificuldade que relataram ter durante a aprendizagem de português, podemos considerar que se tratavam de “reais iniciantes”;

7.2 RESULTADOS

Os resultados de nossa pesquisa evidenciam aspectos fonético-fonológicos recorrentes e que, por conseguinte, necessitam ser tratados de modo mais adequado. Alguns exemplos estão elencados a seguir:

a) há confusão com a oposição entre “i” e “e”, utilizando /i/ no lugar de /e/ principalmente em sílabas pretônicas;

b) não reconhece as diferentes realizações da consoante “r” em português. Simplesmente simplifica a regra: traz a retroflexa /r/ de sua LM e a utiliza para representar o “r” em português que apareça em qualquer posição nos vocábulos;

c) ignora que em português não há a utilização de consoantes aspiradas;

d) tende a utilizar monotongos abertos, como os de sua LM, na LE;

e) não reconhece as diferentes distribuições, em ambas línguas, de determinados fonemas;

f) quando percebe que vocábulo em português e em inglês apresentam grafias semelhantes, dá preferência pela pronúncia da LM;

g) há confusão de quando deve utilizar nasais em lugar de orais e vice-versa;

h) não há vocalização de “l”, comum na LE.

i) há simplificação do uso de /ŋ/ e /ʌ/;

j) há mais omissão de fonemas do que adição.

Pelo descrito anteriormente, podemos verificar em que ambientes os erros estão localizados e a partir dessas constatações sugerir exemplos de procedimentos em sala de aula:

a) prever o erro, não da maneira tradicionalista, mas de maneira a sempre ter em mãos alternativas que possam oferecer tratamentos pertinentes;

b) buscar tratar os assuntos em ambientes contextualizados, aumentando a capacidade dos aprendizes em retê-los na memória;

c) procurar alinhar o nível das explicações ao nível da compreensão dos aprendizes;

d) utilizar a língua alvo (LAl) ao máximo possível, respeitando os parâmetros de compreensão dos aprendizes, para desenvolver o hábito de ouvi-la e usá-la;

e) apresentar evidências que diferenciem uma língua da outra.

Acreditamos, por meio desta pesquisa, ter mostrado a importância de um estudo a respeito da pronúncia na aprendizagem de PE. A explicitação dos erros mais cometidos pelos informantes nativos de língua inglesa ao aprenderem o português do Brasil, trazidos à tona sob os preceitos da lingüística contrastiva, permite ao professor implementar recursos técnicas mais eficientemente selecionadas, na busca de atender a necessidades e desejos dos aprendizes de maneira mais afinada, com o objetivo de superar dificuldades no trajeto. Nesse sentido, podemos fazer dos modelos de AC e AE ferramentas úteis na agilização e facilitação do processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. (org): *Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 1997.

_____: *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, 1995.

_____ & LOMBELLO, L. (orgs.): *Identidade e Caminhos no Ensino de Português para Estrangeiros*. Campinas: Pontes, 1992.

_____ & LOMBELLO, L.(orgs): *O Ensino de Português para estrangeiros – Pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de material*. Campinas: Pontes, 1989.

BARALO OTTONELLO, M.: *Algunos tópicos en la adquisición de una lengua extranjera*. Frecuencia L, 1996.

BRANDÃO, L. R.: *Yo hablo, pero... ¿Quién corrige?- A Correção de Erros Fonéticos Persistentes nas Produções de Espanhol de Aprendizes Brasileiros*. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP: 2003.

BURT, M. K. & KPARSKY, C.: *The gooficon a repair manual for English*. Rowly, Mass., Newbury House Publishers, 1972.

CAGLIARI, L. C.: *Alfabetização & Lingüística*. 10ª. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

_____.: *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. Tese de Livre Docência. UNICAMP, 1981.

CALLOU, D. & LEITE, Y.: *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 9ª. Edição. Coleção Letras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CARDOSO, S. A. M. (1998): *O Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional*. In Aguilera, V. de A. (org.) *A geolingüística no Brasil – caminhos e perspectivas*. Londrina, Editora da UEL.

CAVALIERE, R.: *Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

CELANI, M. A. A. (org.): *Ensino de segunda língua – redescobrimo as origens*. São Paulo: EDUC, 1997.

CHASTAIN, K.: *Native speaker reaction to instructor – identified student second language errors*. *Language Learning*, 1980.

CHAUDRON, C.: *A descriptive model of discourse in the corrective treatment of learner's errors*. *Language Learning* 27, 1988.

CHOMSKY, N.: *Syntactic Structures*. Mouton: The Hague, 1957.

CHUN, A. E.: *Errors, interaction and correction: study of native – nonnative conversations*. *TESOL, Quaterly*, 16 (4), 1982.

CINTRA, L. F. L. (1971): *Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses*. *Boletim de Filologia*. T XXII, fasc. 1 e 2, p. 81-116. 1971.

CORDER, S. P.: *The significance of Learners Errors*. *Iral* (4), 1967.

_____.: *Idiosyncratic Dialects and Error Analysis*. *IRAL IX* (2), 1971.

_____.: *Introducing Applied Linguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

_____.: *The Elicitation of Interlanguage*. *IRAL* (Special Issue on the occasion of B. Malberg's 60th Birthday, edited by G. Nickel), 1974.

_____.: *Introducción a la Linguística Aplicada*. Lima: México, 1992.

CRYSTAL, D.: *The Cambridge Encyclopaedia of the English Language*. Cambridge University Press, 1995.

CUNHA, M. J. & SANTOS, P.: *Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros – Programa de Ensino e Pesquisa para Falantes de Outras Línguas*. Brasília: Editora UnB, 1998.

_____.: Educação de Professores / Pesquisadores de Português como Segunda Língua. In: CUNHA, M. J. & SANTOS, P (orgs.): Ensino e Pesquisa de Português para Estrangeiros – Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas. Brasília: Edunb, 1998.

DURÃO, A. B. A. B.: *Análisis de Errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. 2ª. Ed. Modificada. Londrina, EDUEL, 2004.

_____. (org.): *Lingüística Contrastiva: teoria e prática*. Londrina, Moriá Editora, 2004.

_____.: *Análisis de Errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. Londrina: EDUEL, 1999.

ENKVIST, N. E.: *Should we count errors or reasure success?* In: STAVICK, J., ed. *Errata papers in error analysis*. Lund Cwk, Gleerup, 1973.

FERNÁNDEZ, G. M. E.: *A lingüística contrastiva é uma área de estudo fora de época?* In: DURÃO, A. B. A. B. (org.): *Lingüística Contrastiva: teoria e prática*. Londrina: EDUEL, 2004.

FERNÁNDEZ, J. A. & QUILIS, A.: *Curso de Fonética e Fonología Españolas*. 16ª. edição. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1997.

FERNÁNDEZ, S.: *Interlengua y Análisis de errores en el aprendizaje del español cono lengua extranjera*. Madri: Edelsa, 1997.

FRANÇA, N. A. (2002): *Nota De Pesquisa - Origens Do Português No Brasil: Da Criolização Ao Português Brasileiro*. Revista de História Regional, São Paulo: Ática (www.rhr.uepg.br (visita em 07.2005))

FRIES, C.: *Teaching and Learning English as a Second Language*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1945.

GARGALLO, I. S.: *Análisis Contrastivo, Análisis de Errores e Interlengua en el Marco de la Lingüística Contrastiva*. Madrid: Editora Sintesis, 1993.

GEORGE, H. V.: *Common Errors in Language Learning*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1972.

GIMSON, A. C. & RAMSARAN, S. M.: *An English Pronunciation Companion*. Oxford: OUP, 1982.

GOMES DE MATTOS, F.: *Quando a prática precede a teoria: a criação do PBE*. In.: ALMEIDA FILHO, J. C. P.: *O ensino de português para estrangeiros – pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais*. Campinas: Pontes, 1989.

HALLEY, F. M. & KING, J. K.: *Imitation and correction in learning*. In.: RICHARDS, J. C. (org.) *Error analysis: new frontiers in second language learning*. Rowley, Mass. Newbury House, 1975.

HOUAISS, A. (1922): *O Português no Brasil*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Revan. 167 p.

HYMES, D.: *On communicative competence*. In.: PRIDE, J. B. et al., (eds.) *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1972.

JAMES, C.: *Judgments of errors gravities*. *English Language Teaching Journal*. 1977.

JENKINS, J.: *The Phonology of English as an International Language*. Oxford: OUP, 2000.

JOHANSSON, S.: *The identification and evaluation in foreign languages: a functional approach*. In.: SVATVK, J. (ed.): *Errata: Papers in error analysis*. Lund CWK, Gleerup, 1973.

JÚDICE, N. et al. (org.): *Ensino de Português para Estrangeiros – Ciclo de Palestras*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997.

_____: *Ensino de Português para Estrangeiros – Ciclo de Palestras*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1996.

KEHOE, M. (ed): *English Pronunciation – A manual for teachers*. New York: Macmillan, 1968.

LADEFOGED, S.: *The linguistic use of different phonation types*. In: BLESS, D. & ABBS, J. (orgs): *Vocal fold physiology*. San Diego: College Hill Press, 1983.

LADO, R.: *Linguistics across cultures*. Ann Arbor: University of Michigan, 1957.

LEE, W. R.: *Thoughts of contrastive linguistics in the context of foreign language teaching*. Alatis, 1968.

LIMA, J. G.: *A guerra atrás das câmeras - Como é produzido o Jornal Nacional, que vive uma fase de sucesso e, aos 35 anos, faz uma reflexão sobre sua história*. Revista Veja, ed. 1.869, ano 37, no. 35. Editora Abril, 1º. de Setembro p. 101, 2004.

MAIA, E. M.: *No Reino da Fala – A linguagem e seus sons*. 4ª. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MASSINI-CAGIARI, G. & CAGLIARI, L. C.: *Fonética*. In BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. (orgs) *Introdução à Lingüística - domínios e fronteiras*. 5ª. Ed. V. 1. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

MATEUS, M. et al.: *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina, 1985.

MATTOS E SILVA, R. V.: *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____: *Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português*. São Paulo: Parábola Editorial, Revista ICALP, 1988.

MATTOSO CÂMARA JR., J.: *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36ª. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MEDONE, S. & ROOS, L.: *Guia prático de Fonética. Dicas e modelos para uma boa pronúncia*. Buenos Aires: Sotaque, 2000.

MORI, A. C.: *Fonologia*. In BENTES, A. C. & MUSSALIM, F.: (orgs.) *Introdução à Lingüística - domínios e fronteiras*. 5ª. Ed. V. 1. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MORITA, M. K.: *Pensando sobre material didático de LE*. In SILVEIRA, R. C. P.: *Português Língua Estrangeira – Perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

MOURA, V. G. (2004): *O padrão dos... encobrimentos - não há língua padrão sem a literatura; o ensino daquela não deve separar-se do desta*. Debate in Expresso, 24.04.2004 pp. 59-60

NARLOCK, L. (2005): *A voz do Brasil*. Revista Super Interessante, ed. 214, Editora Abril, Junho 2005, p. 48

NAVARRO, T.: *Manual de Pronunciación Española*. 27ª. edição. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999.

NEIVA, A.: *Estudos da Língua Nacional*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940.

NICKEL, G.: *Papers in contrastive linguistics*. Cambridge: CUP, 1971 a.

O'CONNOR, J. D.: *Better English Pronunciation*. 21a. edição. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

OLSSON, M.: *The effects or different types of error in the communication situation*. In.: STARTVICK, J., (ed.) *Errata: papers in error analysis*. Lund CWK, Gleerup, 1973.

ORLANDI, E. P.: *Língua e conhecimento lingüístico*. São Paulo, Cortez, 2002.

PAGOTTO, E. G.: *O Português No Mundo in Variedades do português no mundo e no Brasil*. *Cienc. Cult.*, Apr., vol.57, no.2, p.31-34. ISSN 0009-6725, June / 2005.

POEDJOSOEDARMO, G.: *O Ensino da Pronúncia: por quê, o quê, quando e como*. São Paulo: SBS, 2004.

QUILIS, A.: *Comparación de los sistemas fonológicos del Español e del Português*. In Revista Española de Lingüística. Año 9. Fasc. 1. 1979.

ROACH, P.: *A Little Encyclopaedia Of Phonetics*. Oxford: OUP, 2002.

ROCHA LIMA, C. H.: *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003.

SCARAMUCCI, M. V. R.: *O projeto CELPE-Bras no âmbito do mercosul: contribuições para uma definição de proficiência comunicativa*. In.: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (org.): *Português Língua Estrangeira – Interface com o Espanhol*. Campinas: Pontes, 1995.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro. Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

SILVEIRA, R. C. P.: *A Questão da Identidade Idiomática: A Pronúncia das Vogais Tônica e Pretônicas na Variedade Padrão do Português Brasileiro*. Signum: Estudos da Linguagem no. 7/1. Londrina, Eduel, 2004.

_____. (org): *Português língua estrangeira – Perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

SCHLATTER, S. N.: *Contrastive analysis, error analysis and interlanguage: three phases of one goal*. In: FISIAK, J.: *Contrastive analysis and the language teacher*. Oxford: Pergamon Press, 1981.

SRIDHAR, S. N.: *Contrastive Analysis, Error Analysis and Interlanguage: Three Phases of One Goal*. In: FISIAK, J.: *Contrastive Analysis and the Language Teacher*. Oxford: Pergamon Press, 1981.

STEINBERG, M.: *Pronúncia do Inglês Norte Americano*. 3ª. Ed. São Paulo: Ática, 1995.

The American Heritage® Dictionary of the English Language. 4th Edition. Houghton Mifflin Company, 2000.

THORNBURY, S. *About a Language – Tasks for teachers of English*. Cambridge University Press, 1997.

UNDERHILL, A.: *Sound Foundations*. Hastings: Heineman, 1994.

VÁSQUEZ, G.: *Hacia una valoración positiva del concepto de error*. Actas de las Jornadas de didáctica de español lengua extranjera. Madrid: Ministério de Cultura, 1987.

WARDHAUGH, R.: *The contrastive analysis hypothesis*. TESOL Quarterly 4, 1970.

WEINREICH, U.: *Languages in contact : findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

ZAHAR, J (ed) (2004): *Jornal Nacional – A notícia faz história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p. 61.

REFERÊNCIAS DE LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS

BERGWILER, C. G.: *Avenida Brasil 1 - Glossário Espanhol*. São Paulo: E.P.U., 1993.

BERGWILER, C. G. & ROHRMANN, L.: *Avenida Brasil 1 - Glossário Alemão*. São Paulo: E.P.U., 1992.

CARVALHO LAROCA, M. N.; BARA, N.; CUNHA PEREIRA, S. M.: *Aprendendo Português do Brasil*. Campinas, Pontes, 1998.

CELLI, R.: *Passagens – Português do Brasil para Estrangeiros*. Campinas, Pontes, 2002

COUDRY, P.; FONTÃO, E. *Fala Brasil – Português para Estrangeiros*. Campinas, Pontes, 1999.

_____.: *Avenida Brasil 1 – curso básico de Português para estrangeiros*. São Paulo, EPU, 1986.

ISHIHARA, T. & MOUZAT, A.: *Avenida Brasil 1 - Glossário Francês*. São Paulo: E.P.U., 1992.

IUNES, S. A.: *Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros*. São Paulo, EPU, 1990.

LEVI, V.; AMOS, E.: *Prata da Casa*. São Paulo: E.P.U., 1991.

LIMA, E. E. O. F.; IUNES, S. A.: *Português Via Brasil – Edição Revista e Ampliada*. São Paulo: E. P. U., 2005.

_____.: *Diálogo Brasil*. São Paulo: EPU, 2003.

_____.: *Falando... Lendo... Escrevendo... Português: Um Curso para Estrangeiros*. São Paulo, EPU, 2000.

_____.: *Falar, Ler, Escrever Português – Um Curso para Estrangeiros*. São Paulo: EPU, 1990.

_____.: *Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros*. São Paulo: E.P.U., 1990.

LIMA, E. E.; PEREIRA, S. M. C.; RIBEIRO, A.: *Via Brasil – Um Curso Avançado para Estrangeiros*. São Paulo: EPU, 1999.

LIMA, E. E. O. F.; ROHRMANN, L.; ISHIHARA, T.: *Avenida Brasil 2 – curso básico de Português para estrangeiros*. São Paulo, EPU, 1995.

_____.: *Avenida Brasil 1 – curso básico de Português para estrangeiros*. São Paulo: E.P.U., 1986.

LIMA, E. E. O. F.; VILELA, A. C.: *Michaelis Tour Portuguese – phase book for travellers*. Melhoramentos, 2001.

MARCHANT, M.: *Português para Estrangeiros*. Porto Alegre, AGE Editora, 1994.

MARQUES, A. C. P.: *Easy Way – Takeoff – Portuguese for travel*. São Paulo: DISAL, 2005.

MARTINEZ, R.: *How to say anything in Portugues*. Editora Campus, 2003.

MASSIP, V.: *Gramática de Português como língua estrangeira*. São Paulo: EPU, 2000

MONTEIRO, S.: *Português Básico para Estrangeiros*. Livros que Constroem, 7ª. Ed., 1998.

PERINI, M. A.: *Modern Portuguese – a reference grammar*. Yale University, 2002.

_____.: *Talking Brazilian – A Brazilian Portuguese Pronunciation Workbook*. Yale University, 2003.

PONCE, M. H. O.; BURIM, S. R. B. A.; FLORISSI, S.: *Tudo Bem? – Português para a Nova Geração 1*. São Paulo, SBS Editora, 2001.

_____.: *Tudo Bem? – Português para a Nova Geração 2*. São Paulo, SBS Editora, 2001.

_____.: *Bem Vindo! – A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação*. São Paulo, SBS Editora, 1999.

_____.: *Sempre Amigos – Fala Brasil para Jovens*. Campinas: Pontes, 1999.

TYSON-WARD, S.: *Teach yourself Brazilian Portuguese*. Hodder & Stoughton Educational, 2003.

VOOS, E. C.: *Ler faz a cabeça*. São Paulo: E.P.U., 1990.

APÊNDICES

APÊNDICE I
Transcrições Fonéticas

Convenções: INQ. - O entrevistador; INF. - O entrevistado

Foram colocados espaços mesmo na transcrição fonética para fins de visualização, não de sinalização de qualquer espécie.

INFORMANTE 01

INQ. – Primeira pergunta senhor Chris: fale como era sua vida lá no seu país de origem.

INF. – Meu vida no país de origem?

[**ˈmæw ˈvida ˈnu paˈis ˈde oˈtidzẽ**]

INQ. – Isso.

INF. – Ahn...

[**ã̃n**]

INQ. – A sua vida lá na Inglaterra.

INF. – Ahn, ah... é é igual daqui (risos). So... não, é pouco diferente porque ... lá tem... ahn... mais possibilidade

[**ɛ ɛ igwˈaw daˈki [] so. nãw ɛ ˈpowku dziferẽtsɪ pohˈke. la tẽm. ẽm. mais posibiliˈdadz**
pra... encontro natureza. Aqui no Paraná é dificeL porque tem muito... muitos fazendas né aqui...ah, mas

pra. ẽkõtru natuˈre.za aki. no. paraˈna. ɛ diˈfisil pũˈke. tẽ mujˈtu. mujˈtus fazẽdas ˈne aki. a. mas

outro coisa é similar né...

owtro kojzẽs ˈe simiˈla. nẽ.

INQ. – Por que você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Ah meu meu esposa é brasiLe... é... uma brasileira and the... (quero nosso) mudança ahn...mora nos num

[**a. mæw mæw esˈpoza ɛ. bɾazile. e. ɛ. ˈu.ma braziˈlera ã de. keɾo noˈsu. muˈdãse ã̃n. ˈmore nosˈ nũ.**

outro país né... porque ela mura lá ... morou lá com eu an... só, só issu né.

owtru paˈis nẽ puhˈke. ela ˈmoɾa la. moɾow la kõ æw ã̃n ˈso ˈso isu ˈnẽ]

INQ. – Que imagem você tinha do Brasil antes de viajar para cá?

INF. – Não (risos). Não imagem... (risos). Não, é muito diferente né porque a gente no exterior nom conhece o

[**ˈnow now imaˈgĩ now ˈe mujtu difeˈrentɪs nẽ puhke a zẽtʃi no eksteˈɾioɾ nõ koˈnẽsɪ o**

Brasil. A gente só acha o Brasil é o Rio de, Janeiro Carnaval, o é (you know)... Ipanima,

bɾaˈziw a gẽtʃi so aʃa o. bɾaˈziw ɛ o. ʃio de zaˈnejɾo kahnaˈvaw o o ip ɛ (iw now)pani.ma

Copacaba:na, (and the) (Amazon). É floresta, só. So, sul do Brasil, interior do Brasil a gente nom conhece.

kopakaba.na ã nẽ amazõ ɛ floˈreste ˈso so suw du bɾaˈzi.w ɪtsɪɾio du bɾaˈziw a gẽtʃ no koˈɾjesɪ

INQ. – Como é o seu dia-a-dia aqui em Londrina?

INF. – Meu dia-a-dia? Ahn... éu trabalha na casa... dia inteir.. inteiro. Em frente do comp(iu)tador. Eu acho pra

[**mæw dziaˈdzia a. æw tsɾaˈbaʎe na ˈka.za.. dzia ɪtej ɪˈteɾo ẽ frẽtʃ kõpiwtaˈdo. æw aʃu pra**

me... ahn... por exemplo ... (o situação) eu no tenho ahn... banda larga, conexão com internet eu acho... pra me

ˈme. ã. põ ekzẽmˈpow o situasãw æw ˈno. tẽˈɲu ã̃n bãdaˈlãɾga koneksãw kũ ɪtsinets æw ˈaʃu pra mi.

Brasil ... (is a) possibilidade é pouco dificeL pra (morar) né porque o internet pra me é fantástico

braˈziw is a posibiliˈdadzẽ. ɛ powku dziˈfisiw pra moˈɾa. ˈne puhˈke o ɪtsinets pra mi is fã ɛ fãˈtastik

porque eu, eu escuto pra, escuto ahn... BBC, rádio do BBC ... é, leio jornais em engles né.

puhˈke æw æw esˈkutu pra. eskuˈtu ã̃n bebeˈsi. ʃadziw du bebeˈsi ɛ læ jujuɾˈnajs ẽ ẽˈglejs ˈne

Porque aqui er... meu opinião er.. os jornais não é muito bom né m... (uma) possibilidade e o

puhˈke. aˈki. ẽ mæw opiniãw ɛ o zonajs nãw ɛ mujtsu ˈbõ ˈne m is a posibiliˈdadzẽ ɛ o

Estado de São Paulo e... (it's) jornal pra mim normal mas o... os jornais por exemplo de interior né

estadu de sãˈpaw e. its a. zoˈnaw ã pra ˈmmoˈmaw ma ˈso o jonajs põ ekzẽmˈpo de. ɪteˈriõ nẽ.

... no no no... no tem no tem cosas né, nada... né... informação do mundo...(you know) (uma) folha só...

no no no no tẽ no ˈtẽ ˈkojzas nẽ ˈnada ˈne ɪfoɾmasow du ˈmũdu iw now uma ˈfa ˈso

por exemplo né...(so) pra mim o internet é muito importante.

põ ekzẽmˈpow nẽ. so pra mi o ɪtsinets ɛ ˈmujtsu ɪpoˈtãts]

INQ. – Fale um pouco da sua profissão.

INF. – Meu profissão ahn... o é... tem várias profissões né, mas agora... eu trabalhe com companhia de dança

[mæw profi'sāw a. o e tē 'varias profi'sōjs ne mas ago'ta ān 'æw traba'le kō kōpānia de 'dā.sa
de brasileiro (and)... sou músico eu eu compor... ahn... música para (eles) e também ahn... eu trabalho
de brasileiro. sow 'muziko æwæw kōpor ā 'muzika pra 'ælis æ tã'bæ e æw traba'le no.
no palco com (eles) né... ahn (it's a) coisa interessante porque (is a) compa... companhia du interior do Brasil
'pawku kō ælis ne ā its ā 'kojza itere'sātsi puh'ke. iza kōpā kōpānia du. itirjo du bɾa'ziw
(eles) é baseado né no Campo Mourão, interior do Paraná são cidade pequena, cidade::: ahn... agroindustrial...
e e ælis e æ. ba'zjadu ne nu. kāpu mow'tāw itirjo sāw si'dadz pi'ke.na. sida'dzi. ā. agɾo'industɾi'aw.
(so) é diferente por exemplo dum companhia do Rio de Janeiro ou São Paulo.
so. e dziferētʃ po ekzēpow dū kōpā'nja du χiw de zānejɾu ow sã pawlu]

INQ. – O que você faz no seu tempo livre?

INF. – Tempo livre? Ahn, internet (risos) não, é fil... é, eu gosto cinema o é... eu gosto caminhada né.

[tēpu 'livre a. itsinets ... naw e fiw. e æw gostu sine'ma o e æwgost k'ami'ɾada ne.

Agora, agora no Brasil é eu comecei a andar a cavalo, eu gosto muito né. S.. isso é bom.

a'goɾa agoɾa nu bɾa'ziw e æw kome'sej a adar a ka'valu eu 'gostu mujtu ne. so isu ke 'bō]

INQ. – Como você se sente falando português?

INF. – Ah, pergunta de novo por favor.

[a. pegūta dzi 'novu po fa'vo.]

INQ. – Como você se sente, como é para você falar português?

INF. – () Ahn... às vezes é muito difícil pra mim, mas agora eu fico mais acostumado mais ahn...

[an as væzis e mujtu dzi'ficiw pra 'mi. mas a'goɾa fiku majs akostu'madu majs ān.

eu no, eu no trabalhei muito com... aprender português né (it's a) problema porque meu esp... meu esposa
æw no æw no traba'lej 'mujto cō. apɾē'de potu'ges ne its a pɾo'blema puhke mæw æspo mæw es'posa
fala inglês (so) ahn... temos é... con-conjunto né? Dez, dez, onze anos né... imagine, não fala português na casa
fala ē'gles so. æ. temos e. kō kō'jūtu 'ne 'des des ōze 'anos ne. imagi naw 'fala potu'ges na kaza
não não falamos português na casa só inglês né então (risos)
naw naw falāmus potuges na 'kaza ē'gles ne ē'tāw]

INQ. – Em comparação com a Inglaterra, Brasil-Inglaterra, o que é melhor, o que é pior e o que é igual?

INF. – Ahn, okay, várias coisas é diferente né por, por exemplo, aqui ahn... uma coisa boa aqui a...

[ān. o'kæj varias kojzas e dziferētʃ ne poɾ p(Δ) kzēm'pow a'ki ā.. uma kojza boa aki a

tem vá... é coisas normal a gente fala ó lá tem o Inglaterra e... o tempo no é bom é chuva, é muito frio mas eu...
tē va e kojzas no'maw a gētʃ fala o 'la tē o. ēgla'texa e. o 'tēpu no e 'bō e 'juva e mujtu friw mas ew.

pra mim não é um problema no tem muito chuva né... tem bastante chuva aqui agora né er (and and) o tempo
pra mi nāw e ũ pɾo'blema no tē mujtu 'juva 'ne. tē bas'tā 'juva aki agoɾa ne æ. ā æ æ o tēpo

frio eu prefero okay? Ahn... mas aqui tem fruta (and) comida muito mais muito melhor né... (and) também
fria æw prefero okæj ā. mas aki 'tē 'fruta ā ko'mida mujtu 'mais mujtu me'loɾ ne.ā tã'bæ

o culturalmente o diferente é: er, aqui, às vezes o o... situação com por exemplo o leis
o kuwturawmētʃ o dziferētʃ 'e. ā a'ki as væzis u. u. situasāw kō porekzēm'pow o o o læjs

(and) reg-regulações é ahn... é... is a... a problema aqui por exemplo no tem muito policia né, na rua né ...
ān χegi χegilasōes e ān. e is a. pɾoble.ma aki. poɾækzēpow no tē mujtu. poli'sia ne. na xua ne.

então (so) a gente mora dentro casas com paredes alta com cerca eletrônica elétrica né er... todo gente
ētāw so. gētʃi 'mōra dētro kazas kō paredzis awta kō seɾka eletsɾoni eletsrika ne ā todo gētʃi

tem cachorros brava (imita um rosnado canino) né...(this) é louca pra mim né. Mas agora eu entendi.
tē kafoxus brava ...ne ōis e lowka pra mi ne mas agoɾa æw ētēdzi

Pra segurança porque a gente no tem policia né... em (Gran Britan) tem muitas poli... polic.. (policise...) né...
pra segurāsa puhke a gētʃi no tē polisia ne ē gɾābɾitsan tē mujtas poli polis polisajzi ne

no no... no sei. Er, mas er... lá também tem muitos... muitos vezes tem... er... (it's a outro tipo de
no no no sej an mas e. la tã'bæ tē mujtus. a. mujtus væzis tē æ. its a owtru tsipo de

burocracia. Aqui, é eu acho burocracia não... não... não tem fu... fun... função... não função muito bem
biwɾokrasia aki. æ æw aɟu biwɾokrasia now. now. now tē funfun fūsāw nāw fūsāw mujtu mujtu bē

né er... tem tem (umas) burocracia aqui mais porque... eu eu eu no entende né ahn... (so) eu no sei... tem coisas
ne æ. tētē umas biwɾokrasia aki. majs puhke.æw æw æw no ētēdzi ne ā. so æw no sej tē kojzas

lá é melhor é o...outras coisas d... é... é pior né, por exemplo um... a a... semana passada fui pra o... o... um
la e mel'õ e o. owtras kojzas d. e e pio ne pørekzãpow ũ a a ã semãna pasada fuj pra o o ũ
 correios né mandar uma pacote pra pra (Britânia) é o... funcionário ela falou pra me... “ó... olha, você... você
kohæjus ne mãdaç uma pakotf pra pra bñtsãnja æ o fũfjonarju æ æla falow pra mi o o'ĩa vose vose
 mora aqui? No Brasil? você é inglês você mora aqui” eu eu re... eu falei sim sim, moro aqui. Ela perguntou
moça aki nu bñaziw vose e ãglejs vose moça aki æw æw xe æw falej si si moço aki ela perçgũto
 pra mim: “Não é melhor lá?” Porque gente acha só o porque dinhe- dinheiro tem... er... mais pelo p... o o ma... é
pra mi. nãw e mel'õç la. pohke gẽtj afa so o puhke dziņe dziņejto tẽ æ. majs pelo pa o o ma e.
 mais grande dinheiro lá okay esse país melhor. É não é né. Porque às vezes aqui er... é eu achei melhor porque
majs grãdži dziņejtu la okæj æsi pais mel'õ e nãw e ne pohke as væzis aki ã. æw afej mel'õ puhke
 no precisa muito dinheiro né pra vida em... comida outra coisas... o problema é que pra mim é er... é o o... er...
no prisiza mujtu dziņejtu ne pra vida ã komida owtrã kojzas o problema e ke pra mi e e. e o o æ e.
 (ene) qualidade né né... gente, as gente tem muito dinheiro outra gente não tem nada. Né tem um (mercedez)
ne kwalidadzi ne ne gẽtji az gẽtji tẽ mujtu dziņejtu owtrã gẽtj no tẽ nada ne tẽ ũ merçedzis
 perto de uma mula né.. (risos) na rua (and) (and) também pra mim é uma coisa muito louca (essa) gente passa
pehtu d'uma mula ne na na xua an an tãbæ pra mi e uma kojza mujtsu lowka eza gẽtji pasa
 er... no... por...portão na casa“por favor, você tem um pouco comida pra mim? (and) comida pra er...no arroz, né,
e. no po potaw na kazas po fa'vo. vose tẽ um powku komida pra mi. an komida pra e. no axos ne
 feijão pra mim?” Its a coiso muito estranha mas (por exemplo), tudo bem passa pra gente né
fejzãw pra mi its a kojza mujtu estrãna mas () [tsudu bẽ passa pra gẽtj ne]

INQ. –()

INF. – Nunca, nunca vi.

[nũka nũka vi]

INQ. – E agora, quais são seus planos?

INF. – Oh, eu no tenho planos né (risos) nunca () num tenho (risos) um sítio um né...é é ahn... agora temos um...

[o. æw no tẽņu plãnus ne nũka pẽso no tẽņu ũ sitsio ũ ne ã ã agoça temos u

um terra... na Ser da Man... Serra da Mantiqueira conjunto com outro gente (and) eu eu eu gosto ... eu gos...

ũ texa na sex da mã sexa da mãtskejra kõjũtu kõ owtro gẽtji ãn æw æw æw gosto æw gos

gostarei (and) morar lá.

gostarej ã ã moça la

INQ. – Obrigado Chris.

INF. – De nada, de nada.

[dzi nada dzi nada]

INFORMANTE 02

INQ. – Senhor Justin, fala como era sua vida lá na Inglaterra.

INF. – Você já me perguntou (risos) mi.. minha vida Inglaterra er... um... tá, minha vida Inglaterra

[vose ja me perçgũtow mi miņa vida ãglatexa e. ũ. ta miņa vida ãglatexa

era um... um... eu morei no área rural então er... que... é similar porque eu acho Londrina é um cidade rural né

era ũ ũ ew morei no area xuraw ãtsãw e. k'hi e similar porçe ew afu ke lõdrina e u sidadz i xuraw ne

então tem algum simi... similaridade e... além de clima e as pessoas era... similar (riso) similar.

ẽtãw tẽ awgũ simi similaridadzis e. alẽ dzi klima e as pesowas era similar similar

INQ. – Quando, e como, porque você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Como ahn... foi... foi dois mil dois mil e três, que eu cheguei aqui. Ahn, eu... veio por causa

komu ãn foj foj dojs miw dojs miw i trejs kew seguei aki ã ew. veju poh kõwza

de minha esposa. Casei com uma brasileira lá em Inglaterra e... a gente... veio junto, juntos e...

dzi miņa espoza kazej kõwma brazilejra la ã ãglatexa i. a gẽtji veju jũtu jũtus i.

por por causa dela na verdade porque ela tinha saudade de, de país dela (ela tava) estudando

puh poh kawza dela na verçdadzi puhke ela tñja sawdadzi de pajs dela ela tava estudãdo

e... p.. por causa dela mesmo.
i. p poh kawza dela mezmju]

INQ. – Fala de novo, já que você falou comigo uma vez, a respeito da imagem que você tinha do Brasil antes de vir pra cá.

INF. – Eu no lembra o que eu falei a primeira vez, então é... imagem do Brasil ah, (pigarreia)...

[ew no lēbra o ke ew falej a primejra vejs ētāw ē. imażē du braziw a.

de futebol, de clima, de de... ahn... das pessoas né... e... mais além disso no, eu num tinha...

dzi futebōw dzi. dzi klima dzi dzi ā das pæsowas ne i.majs alē disu no ew nū tjiņa

é muito, é muito e... é imagem fixa na minha cabeça sobre o Brasil. Só que eu vi na televisão,

e mujtu e mujtu e e imażē fiksa na miņa kabesa sobri braziw so. ke ew vi na televizāw

ou li no jornal ... (and) é, só isso.

ow li no joṛnaw ā e so isu]

INQ. – Como é o seu dia-a-dia, aqui no Brasil?

INF. – Er... ahn... é, normal er fazendo compras (risos) andando no cidade, visitando os amigos,

[æ. a noṛmaw ew æ. fazēdu kōpras ādādu no sidadzī. vizitādu us amigus

trabalhando, er... pagando as contas, (and) um... é... sabe é, minha vida é normal, não é nada fora de de...

trabaļādu æ. pagādu as kōtas ān æ. sabi e miņa vida e noṛmaw nāw e nada fora dzi dzi

(riso) de normal eu...

dzi noṛmaw ew]

INQ. – Fala um pouco da sua profissão.

INF. – Ah (pigarro) quando eu cheguei aqui não...ah eu no sabia que eu ia... ser um professor de inglês né...

[a kwādu ew ſejei aki nāw a ew no sabja ke ke ew ja seṛ ũ profesoṛ dzi iḡles ne

então foi a coincidência, que... porque sou músico. Então eu cheguei aqui com... preden... pretendendo de... de

ētāw foj a cojsidēsja ki. poṛke sow muziko ētāw ſejej aki kō predē pretsēdēdu dzi dzi

continuar dando aula de música. Só que eu encontrei a dona de de Cultura Inglesa e... eu fez a

kōtjiṅwar dādu awla dzi muzika so ki ew ēkōtrej a dona dzi dzi kuwtura iḡleza i. ew feza

curso de professor... ahn ai... eu acabei dando aula de ingles e deixando de ser professor de musica de lado

kuṛso dzi profesoṛ ā aļi ew akabej dādu awla dzi iḡles i dejsādu pṛfesoṛ dzi muzika dzi ladu

porque eu sabia que não pagava muito bem, então... esse é como aconteceu, aconteceu assim, eu f... eu eu entrei

puhke ew sabja ke nāw pagavā mujtu bē ētāw ese komu akōtesew akōtsisew aļi ew f ew ew ētrej

em contato com a Cultura Inglesa, e daí eu fiz um curso e dai peguei alguns aulas particulares daí comecei

ē kōtatu kō a kuwtura iḡleza i dai ew fis ũ kuṛsu i dai pegej algūs awlas paṛtjiḡlares dai komesej

trabalhar numa escola e até agora tô envol... envolvido.

trabaļa numa iskola i ate agora to ēvowvi ēvowvidu]

INQ. – E o que você faz no tempo livre?

INF. – Eu... é(pigarro) passear... u-um...er viajar para outras cidades, amigos, er... escuta musica, bar, cinema,

[ew e. paseaṛ ũ. e viazaṛ pra owtras sidadzis āmigus ā. eskuta muzika baṛs sinema

ér ler, tomar sol, ér queimar no sol . Que mais? Sabe, depende de dia. Eu gosto de passear, eu gostu

e leṛ toma sow e kejmaṛ nu sow ke majs sabe depēdzi dzi dzia ew goṣtu dzi pasea ew goṣtu

de de de... eu gosto de cinema cinema muito...(essas coisas) assisti filme em casa.

dzi dzi dzi ew goṣtu dzi sinema sinema mujtu esas koiza asistji fiwm i kaza]

INQ. – Como é falar português?

INF. – Difícil. (risos) Muito difícil.

[difisiw mujtu dzifisiw]

INQ. – Qual é a parte mais difícil?

INF. – Er... é... a jogação dos dos verbos né. Eu acho que eu falei isso primeira vez eu acho que é jogação

[ē. e a zogasāw dus dus veṛbus ne ew aḡu ki ew falej isu primejra vejs ew aḡu ke e jogasāw

dos verbos e e e... concordância d.. ds... dos verbos e masculino feminino () que não existe em Inglês né.

dus i i i kōkohdāsja dzis de dzi dus veṛbus i maskulinu fæmininu () i nāw eziste ē iḡles ne

Hum.... pronuncia a falta de... e estudo também né... que eu não nunca estudei então... eu não sei como as

ū e pronūsia a fawta dzi e estudu tābē ne kew nāw nūka istudei itāw ew nāw seḡ komu as

palavras (para ler) (eu tenho imagem) (so) porque eu aprende mais de conversação do que leitura né.
palavras para le ew tēṅu imagē so. pohke ew aprēde majs dzi kōveṛsasāw du ke lejtura ne
 Então, esse que é difícil.
ītāw esi kje dzifisiw]

INQ. – Em comparação com o seu país, o que é melhor aqui, o que é pior, o que é igual?

INF. – Hum, então é... a ssstradas (in) Brasil geralmente ahn... e... trânsito aq... é... é complicado (risos).

[ū ītāw e. as.tradas ī braziw gerawmētʃi ā i. trāzitu aki e e kōplikadu

Lá é, pessoas tomam mais cuidado (and) respeitam mais é ... trânsito né. E as estrada são melhor porque tem
la e pesoas tomā majs kujdadu ā xespejtā majze. trāzitu ne jas istradas sōw meļoṛ purke tē

muito buraco... er.. pessoas não respeitam os outro sabe... na estrada, no trânsito. E realmente você tem que
mujtu buraku e pesoas nōw xespejtā us owtrus sabe na istrada nu trāsitu je xeawmētʃi vose tē ke

dirigir para você mesmo né. Defensivo eu acho que eles falam né. Lá na Inglaterra não é tanto assim.

dzirizjīṛ pra vose mezmū ne defēsivū ew aḡu ke eles falā ne la na īglatexa nōw e tātu asī

Então, esses, esses coisa eu acho que é trânsito e estrada são duas coisa piores e lá é melhor.

ītāw esis esis kojzas ew aḡu ke e trāsitu jestrada sōw duas koisas pjores e la e meļoṛ

Com certeza clima aqui é melhor, pessoas são mais amigáveis né mas é... lá não não não tanto assim.

kō seṛteza klima aki e meļoṛ pesoas sōw majs amigavejs ne mas e la nōw nōw nōw tātu asī]

INQ. – E igual?

INF. –Hum... Ah igual eu acho que todo mundo tá ten... lutando para sobreviver né. E... pra... paga as contas né

ū. ah igwaw ew aḡu ke todo mūdu ta tē e. lutādo para sobreviver ne i. pra. pagas kōtas ne

e... ter uma vida boa... seguro né... e... é preocupação das pessoas é mesmo é igual né, de de trabalho, com

i. teṛ uma vida bo.a seguru ne. i. e prekapasāw das pesoas e mezmū e igwaw ne dzi dzi trabaļu ū kū

futuro e amb... ambições né. Só que mais pessoas tá saindo da Brasil pra trabalho lá.. (because) porque é país

futuru i āb ābisōjs ne. so ke majs pesoas ta saīdu da braziw pra trabaļu la bikazi pohke e pais

mais...er vamos dizer mais pobre né.

majs e. vāmus dzizer majs pōbri ne.]

INQ. – Seus planos quais são?

INF. – Meus planos eu vol... eu voltarei (risos). Eu voltarei para Inglaterra em dezembro. Ahn... er visitar minha

[mews planus ew vaw ew vovtarei ew vātarei para īglatexa ē dezēbru ā. e vizitar miņa

família e daí vol.. eu volto no dia trinta. Aí depois ano novo eu não sei, eu vou continuar aqui e

famiļja e dai vow ew vowtu n dzia tṛita ai depojs ānu novu ew nū sej ew vow kōtʃinwaṛ aki i.

talvez ano novo eu voltarei dinovo para Inglaterra e... trabalho um pouco porque realmente é difícil

tawvez anu novu ew vovtarej dzinovu para īglatexa i. trabaļo ū powku puhke reawmētʃ e dzifisiw

sobreviver aqui se não tem é... trabalho fixo, emprego fixo... ahn talvez eu voltarei para um ano e... por causa

sobreviver aki si nō tē e trabaļu fiksū ēpregu fiksū. ā tawves ew vovtarei para ū ānu i. puṛ kawsa

de situação de dinheiro, só isso. Além disso eu não ia, eu não ia voltar... porque eu gosto,

dzi sitwasāw dzi dzinejru so issu alē dzisu ew nō ja ewe nō ja vovtaṛ pohke ew gōstu

eu gosto de cultura.

ew gōstu dzi kuwtura]

INQ. – Brigado.

INF. – Brigado. (risos)

[brigadu]

INFORMANTE 03

INQ. – Me fala, como que era a vida antes de vir para o Brasil, lá no seu país?

INF. – Meu vida lá, eu estava trabalhando no sede da da da missão né. (Indyanapolis), esta trabalhando bastante

[mæw vida la. ew estava tsrabajūdu nu sede da da misō ne īdianapolis esta trabaļūdu bastātʃi

num escritório como estou fazendo aqui. E morava sozinho, morava num apartamento, é quase igual aqui, moro

nū eskritōriw como estow fazēnu aki i. morava soziṅu morava nū paṛtmento e kwazi igwaw aki mōru

num partamento sozinha e... não sei mais (risos)
nũ partmento sozina i. no sej majs]

INQ. – E porque você decidiu vir para o Brasil?

INF. – É... Deus me chamou para ser missionária desde idade de cinco anos. E sempre está orando para ver
[e. dzews mi samow para ser misjonaria dezde idade de siko ãnus i sēpre esta orãnu para veř
 lugar certo para Ele me mandar e... fui primeiro para Equador, estava lá três anos, depois voltou para
lugař seřtu para ele mi mãdař i. fuj primejru para ækwadoř estava la tres ãnus depois vowntow para
 Estados Unidos, um pouco tempo veio para o Brasil fiquei aqui três anos e depois voltou pra Estados Unidos
istaduzinidus ũ powku tēpu veju para u braziw fikej aki tres ãnus i depojs vowntow pra istaduzinustrabal
 har no sede e sempre está querendo voltar aqui mas só depois dez doze anos voltou. Eu está adorando o
trabjař no sede e sēpre esta kerēdu vowntař aki mas so dæs doze ãnus vowntow ew esta adorãdu u.
 país e o povo muito.
pais i o povu mujtu]

INQ. – Antes de vir para cá, qual era a imagem que você tinha do Brasil?

INF. – Realmente quando eu estudei Sul-Americana pensa todo sul- americana... todo povo mora mais em casas,
[heawmētři kwãdu ew estudej suw merikãna pēsa todo suw merikãna. todo povo mora majs ě kazas mais
 com muito barro, muito... sujo. Mas quando eu estou sabendo eu vou para Brasil aí eu emprestei
majs kō mujtu baxu mujtu suzu majs kwãdu ewe estow sabēdu ew vow para braziw ai ěprestej
 alguns vídeos e comecei ver, tem grandes cidades e tudo este então eu fica surpresa mas é foi muito,
awgũs vidzjos j komesej veř tē grãdzis sidades e todo estři ětãw ew fica supřeza majs e foj mujtu
 muito feliz para saber tem lugares muito grande como (esse).
mujtu feliz para sabeř tē lugares mujtu grãdzi komo esi]

INQ. – Como é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Dia-a-dia eu sempre sai do meu partamento vem para o escritório trabalhar aqui mas nunca sabe que vai
dziadzia ew sēpri saj do mew partmentu vē para o eskritōriwtrabajař aki mas nũka sabe ke vaj
 aparecer no trabalho no dia-a-dia. Normalmente eu trabalho mais com as coisas da contabilidade da misson e...
apareseř nu trabało no dziadzia nořmawmētři ew trabału majs kō as kojzas da kōtabilidadz da mison
 de vez em quando ajudo os outros e ainda tem tres horas por semana está estudando português.
de ves ě kwãdu azudos owtros e aida tē tres oras poř semãna esta studãnu pořtuges

INQ. – Fala um pouco da sua profissão.

INF. – Sou misse... missionária. Eu vim por causa foi chamada de Deus para vim para o Brasil, eu adoro Deus, e
[sow mise misjonaria ew vř puř kawza foj samada de dewš para vř para o braziw ew adōru dewš e
 adora ficar nas Igrejas ajudando um vez em quando e sempre louvando Deus e... e... como este eu vim pra
adora fika nas igrežas azudãdu ũ ves ě kwãdo e sēpre lowvãdo dewš i. i. komo estři ew vř pra
 Brasil. Eu não sou um pregador, eu não ficar na parte da Igreja, mas meu parte mais como missionária
braziw ew nãn sow ũ pregadoř ew nãn ficař na partř da igreža mas mew partři majs komu misjonariaě
 mais para ajudar as outras missionárias, como eu pago aluguel, e faz coisas como (assi), que eu não
e majs para azudař as owtras misjonarias komo eew pago alugew e fas koiza komu asi ke ew nãn
 preci... eles não precisa fazer entom eu faz essa parte para eles.
presi elis nãw presiza faze řtō ew faz esa partř para elis]

INQ. – E no seu tempo livre, o que você faz?

INF. – Ah eu gosto assistir filmes, eu gosto faz crochê, ponto cruz, brincar com minho gata (risos) e às vezes eu
[a. ew gōstu asistřĩř filmes ew gōstu fas kroře pōto¹ krus břikař ko mjo gata [] i as væsis ew
 faz viagem também. Eu gosto viajar pra Foz do Iguaçu, tem algumas lugares bonita lá e... coisas como assi.
fas vjazēs tãbē ew gōstu vjažař pra fōš dujgwasu tē awgumas lugares bonita la. i. koizas komo asi]

INQ. – E como é falar português?

INF. – Para mim agora é mais fácil de antes. Porque para estudar as verbos são muito difíceis. Tem muito mais
[para mi agora e majs fasiw de ětřis pořke para estudař as veřbos sãw mujtu difisiws tē mujtu majs
 complicado de-de inglês. Mas é... um começo é difícil para aprender novo idioma mas pouco a pouco
kōplikadu de de řglejs majs e ũ komesu e difisiw para aprēdeř nõvu idjoma mas powko a powko
 a gente aprende e sempre está tentando a melhorar a idioma também.

a gētʃi aprēdʒi e sēpri esta tētādu a meloraʒ a idjoma tībē]

INQ. – Em comparação com os Estados Unidos, em que Brasil é melhor?

INF. – Hum... comida (risos) eu adora pizza chocolate que não tem nos Estados Unidos. E arroz feijão eu gosto **[ū kumida [] ew adora pítsa ʃokolatʃ ke nō tē nos estados unidos e ahos fejzō ew gōstu** muito. Sente falta quando visitar os Estados Unidos porque lá você não encontra muito feijão e arroz e... e o **mujtu sētʃ fawta kwādu vizitaʒ os estadus unidos porʒe la vose ñ ěkōtra mujtu fejzō e ahos i. i o** povo são mais aberto, mais alegre. Nestas coisas eu acho que é melhor no Brasil. **povu sūw majs abeʒtu majs alegri nestas kojzas ew aʃu ke e melʹoʒ nu braziw]**

INQ. – E o que é pior?

INF. – Num sei que é pior. Porque tem coisas peor aqui como lá. Tem quem (roba quem mata) mas pra mim eu **[nū sej ke e pjoʒ porʒe tē kojzas peoʒ aki komu la tē kē xoba kē mata mas pra mī eu** num vejo muito coisa pior aqui dos Estados Unidos. **nō vezu mujtu kojza pjoʒ aki dos estadus unidus]**

INQ. – Quais são seus planos?

INF. – Ah se Deus quiser eu plano para ficar no Brasil ajudando Londrina ou outro lugares das igrejas e **[aj. se dewš kiseʒ ew plānu para fikaʒ nu braziw ajudādu lōdrina ow owtro lugares das iglezjas i** trabalhando ainda com escritório, melhorar o meu português e... veja que Ele tem para mim no futuro. **trabajādu ajda com eskritorio meloraʒ o mew portuges i. veza ki ele te pra mī nu futuro]**

INQ. – Fala um pouco pra mim a respeito das missões.

INF. – Missões eu gosto muito porque este é um oportunidade não somente para viajar mas para faz contato **[misōes ew gōstu mujtu porʒe este e um oportunitade nāw somētʃi para vjaʒar mas para fas kōtatu** com outros povos e quando eu estou no Brasil muita gente fala: “Porque você está aqui? Você saiu dos **kō owtrus povus e kwādu ew estow nu braziw mujta gētʃi fala porʒe vose esta aki. vose saiw dos** Estados Unidos? Eu estou querendo ir pra Estados Unidos.” E deixam porta aberta pra mim fala com elas” Ah **estadus unidus ew estow kerēdu iʒ pra estadus unidus i. dejšā porta abeʒta pra mī fala kō elas a.** mas Deus me chamou aqui, e...porque eu tenho respeito (dios) e e... na minha vida é Deus é bem importante **mas dewš mi šamow aki. i. porʒe ew tēnu respejtu djos i. i. na mīja vida e djos e bē ĩpōtātʃ** porque sem Deus nós só somos pecados... e pecadores e não tem jeito para entrar no céu e só porque ele mandou **porʒe sē djos nōso somus pekadus e pekadores e nāw tē zejtu para ětraʒ no sew e so porʒe ele mādowo o...** filho dele para morrer na cruz nós temos uma oportunidade de Salvação. Então este é meu (algo) para **o u. filo dele para moxeʒ na krus nōs temo uma oportunitade de sawvasāw ětō esto e mew awgo para fazer.** Para ver gente salva, às vezes eu não sou um pregador, eu não fico em frente, mas dia-a-dia eu tenho **fazeʒ para veʒ gēte sawva as veses ew nō sow ũ pregadoʒ ew nō fiko ě frētʃ mas dzia dzia ew tēnu** oportunidade de falar com gente e eu, eu estou aqui para ajudar os outros que está fazendo este. **dzi falaʒ kū gētʃi jew ew estow aki para ajudaʒ os ke esta fazēdu estʃi]**

INQ. – Brigado.

INF. – Dinada (risos).

[dzinada]

INQ. – Como são suas aulas de português?

INF. – As aulas são muito diferentes porque às vezes tem planos (em várias) vezes vem com plano às vezes não **[azawlas sūw mujtu dziferētʃ puʒke as væsis tē planos ě varias vesis vē kū plānus as vesis nāw** se fica conversando, que me ajuda bastante porque ela pode me co-corriger no momento quando eu estou **se fika kōveʒšānu ke me azuda bastātʃ porʒe ela pode mi kokoriʒiʒ nu momētu kwādu ew estow** falando e outras vezes nos faz revisões das verbos e diferentes coisas que eu tinha esquecido e no fala **falānu e owtras veses nōs fas xevizōes das veʒbos e dziferētʃ kojzas ke ew tʃiŋa eskesido e no fala** certinho. Então esta é um coisa muito bom porque todos aulas foi planejada com o eu () que eu precisa e... que **seʒtʃiŋu ětō esta e um kojza mujtu bō porʒe todos awlas foj plānezadas kō o ew [] ke ew precisa i. keu** vou precisar falar no futuro, que eu precisa fazer. Eu comecei com quinze horas por semana no **e ew vow presizaʒ falaʒ nu futuro ke ew presiza fazeʒ ew komesej kō kīze oʒas poʒ semana nu** primeiro semestre... a primeira duas semestre, agora estou com três horas por semana que ainda eu sei **primejru semestri a primejra duas semestri agora estow kō tres oʒas poʒ semana ke ajda ew sej**

precisa ajuda e... me ajudar bastante também.
presiza azuda i. me azudaṛ bastātʃi tãbẽ

INFORMANTE 04

INQ.- Me fala como era sua vida, lá nos Estados Unidos?

INF.- Minha vida é... sempre era boa, sempre é feliz porque sempre tava seguindo os passos de meus pais né?

ʃmijɐ vidɐ ɛ... sɛprɪ ɛʃ b̃, sɛprɪ ɛ feliz poʃkɛ sɛprɪ taʋ sɛgind̃ os pasos dʒɪ meʊʃ paiz, nɛ
 E... meu pai sempre era trabalhador, uhun... e eles me ensinaram todos os ensinamentos puros que deveriam ter
i... meʊ paɪ sɛprɪ ɛʃ trabajãdox, ɪ elis ʃ mi ɛsinarãw̃ tudos̃ os ɛsinãmetos̃ puros̃ ki devɛriãw̃ tɛ
 ensinado, né...mas então minha vida era boa e ainda é muito boa agora, sabe? Mas...
ensinað, ʃ nɛ... mas inãtãw̃ miʃ vid̃ ɛʃ b̃ i ăind̃ ɛ muito b̃ ăġɪ, sabiʔ mas...

INQ.- E por que que você decidiu vir pro Brasil?

INF.- Eu não decidi, né, como missionário o que nós fazemos, e mandamos papéis pra... o profeta

[ʃew nãw ʃdesidi, ʃnɛ, ʃkomo misio ʃnariw o ʃki ʃnos faʃzemos, ɪ man ʃdãmus pa ʃpeiz ʃpra... o pro ʃfete
 da igreja. O que ele faz, ele ora, né, a respeito onde esse pessoa vai, ahn. E...recebeu regulação
da i ʃgreʋ. o ʃki ʃeli ʃfas, ʃeli ʃorɐ, ʃnɛ, a xes ʃpeitu, ʃd̃dʃɪ ʃesi ʃri ʃsoɐ ʃvai, ahn i... xese ʃbeu xegula ʃsãw
 para me mandar pra o Brasil. Então em realidade, não sabia que...que viria pra cá.
pare ʃmi ma ʃda ʃpra o bra ʃziw. in ʃtãw ʃẽ xheali ʃdadʃɪ, ʃnãw sa ʃbie ʃki... ʃki vi ʃrie ʃpra ʃka.]

INQ.- E quando soube, qual foi a imagem que você formou na sua cabeça a respeito do Brasil?

INF.- he, essa é uma pergunta bem popular, muitas pessoas falam isso. Ah... então muitas pessoas acham em...

[ɛ, ʃesɐ ɛ umɐ pɛrgũtɐ ʃbẽ popu ʃlax, ʃmũtas pɛ ʃsoas ʃfalã ʃisu. ah... in ʃtãw ʃmũtas ʃri ʃsoas a ʃfã
 que...Brasil só tem índios e mata...esse tipo de coisa. Mas meu tio morava aqui em Londrina.
ʃki... bra ʃziw ʃso ʃtẽ ʃindʒius ɪ ʃmata... ʃesi ʃtʒipu ʃdʒɪ ʃkoizɐ. ʃmas ʃmeu ʃtʃiu mo ʃrave a ʃki ʃim ʃlõdrinɐ.
 Então ele mo...me mostrou bastante fotos, como é tudinho e também eu já viajei pra outros países...
in ʃtãw ʃeli mo... ʃmi mos ʃtrou bas ʃtãtʃɪ ʃfɔtos, ʃkomo ɛ tu ʃdʒinju ɪ ʃtãbẽ ʃeu ʃza via ʃzei ʃpra ou ʃtros pa ʃizis. ɛntãw
 ...mas também eu pensei pouquinho pessoas... pessoas que não eram muito ricas, um país
.. in ʃtãw... ʃmas ʃtãbẽ ʃeu ʃpɛsei ʃim... ʃũ po ʃkiɲu ʃri ʃsoas... ʃri ʃsoas ʃki ʃnãw ʃerã ʃmuito ʃxikas, ʃũ pa ʃiz
 não muito rico, sabe? Mas, em nossa realidade, não sabia muito sobre Brasil antes.
ʃnãw ʃmũtu ʃxiku, ʃsabiʔ ʃmas, ʃim ʃnosɐ xiali ʃdadʒɪ, ʃnãw sa ʃbie ʃmũtu ʃsobri bra ʃziw ʃãtes.
 Mas agora eu sei bastante.
ʃmas a ʃgɔrɐ ʃeu ʃsei bas ʃtãtʃɪ.]

INQ.- Como que é o seu dia-a-dia aqui, agora?

INF.- dia-a-dia...é... eu acordo as seis horas de manhã para fazer exercícios, depois eu planejo nosso dia,

[dʒiɐ a dʒiɐ... ɛ... ʃeu a ʃkɔldu ʃaz ʃseis ʃoras ʃdʒɪ ma ʃɲã ʃparɐ fa ʃzɛx eze ʃsisius pla ʃneʒu ʃnosu ʃdʒiɐ,
 também nós estudamos as escrituras. Depois, as dez e meia saímos pra rua pra pregar, né e
tãbẽ ʃnos estu ʃdamus ʃaz eskri ʃturas. de ʃpoiz, ʃas ʃdez ɪ ʃmejɐ sa ʃimus ʃpra ʃxuɐ ʃpra pre ʃgax, ʃnɛ ɪ
 visitamos pessoas casa em casa e depois as nove horas voltamos pra casa e dormimos.
vizi ʃtamus pɛ ʃsoas ʃkaza ʃim ʃkaza ɪ di ʃpois ʃas ʃnovɪ ʃhoras vol ʃtamus ʃpra ʃkaza ɪ do ʃmimus].

INQ.- E o que que voce faz no seu tempo livre?

INF.- Meu tempo livre...eu leio as escrituras no tempo livre.

[mɛw ʃtɛpu ʃlivri... ʃeu ʃlɛɐ ʃas eskri ʃturas nu ʃtɛpu ʃlivri]

INQ.- Fala um pouquinho das escrituras então.

INF.- Muito bom. Ahn, nós acreditamos na biblia, que é verdadeira, num é, que foi escrita nas mãos de

[mũtu ʃbõ. ahn, ʃnos akredʒi ʃtamus na ʃbibliɐ, ʃki ɛ vexda ʃdeirɐ, ʃnũ ɛ, ʃki ʃfoi es ʃkrite ʃnas ʃmãws ʃdʒɪ ʃprofe
 tas, mas também na mesma época, os profetas estavam escrevendo aqui nas américas, então tem a

pro'fetas, 'mas tã'bê 'na 'mezme 'epokê, 'os pro'fetas es'tavã iskre'vedu a'ki 'nas a'merikas, m'tãw 'tê abiblia e também tem o livro de mórmon, que foi escrito aqui nas amérikas pelas mãos de profetas 'biblie e tã'bê 'tê u 'livru 'dži 'mómō, 'ki 'foi es'kritu a'ki 'nas a'merikas 'pelas 'māws 'dži pro'fetas aqui, então eu estudo os dois, e dois são verdadeiros. Com os dois temos o plenitude do a'ki, in'tãw 'ew is'tudu 'os 'dois, i 'os 'dois 'sãw ve'lda'deiros. 'kō 'os 'dois 'temus u pleni'tudzı 'du evangelho de Cristo. evan'zeliu 'dži 'kristu].

INQ.- E como que é falar português?

INF.- Eu amo! Ó, voce nem sabe. Eu sempre queria aprender uma outro idioma, e quando eu fui chamado pra [ew 'amo. ɔ, vo'se 'nê 'sabe. 'ew 'sēprı 'kerie apren'dex 'outro idi'omê, i ku'ãdu 'ew 'fur 'ša'madu 'prê Brasi l, eu sabia: Eu vou aprender português. Quando eu cheguei era muito difícil, mas, depois bra'ziw, 'ew sa'bie 'ew 'vow apren'dex portu'gez. ku'ãdu 'ew 'je'ger 'era 'mūrtu di'fisiw, 'mas, di'pois tempo estudando e praticando, né, daí eu um dia acordei falando português num milagre mesmo. 'tēpu estu'dãdu i prat'fi'kãdu, 'ne, 'dai 'ew 'ũ 'džie ako'dei fa'lãdu po'ltu'ges 'nũ mi'lagrı 'mesmu. ' Mas eu amo português e é muito bom mesmo. mas 'ew 'amo po'ltu'ges i e 'mūrtu 'mesmu]

INQ.- Qual é a grande diferença que o Brasil tem?

INF.- A grande diferença? Bem...eu falaria, provavelmente só arroz e feijão (risos) a grande diferença. [a 'grãdzı džife'rensıe? 'bê... 'ew fa'lariê, provavew'mētzi 'so a'xois i fei'zãw a grãdzı džife'rēsıe. Mas, Brasil eu acho, um país muito muito bonito, bem tropo...tropical. Meu estado não é 'mas, bra'ziw 'ew a'ʃu, ũ pa'iz 'mūrtu, 'mūrtu bu'nitu, bê tro'po... tropi'kaw 'mew is'tadu 'nãw e tropical, tem muitos montanhas e desertos né...mas grande diferença seria...provavelmente só tropi'kaw, 'tê 'mūrtus mō'taņas i de'ze'ltus, 'ne... 'mas 'grãdzı džife'rensıe se'riê... provavel'mētzi 'so arroz e feijão, que são ah, boa e... mas...num sei...num sei falar, não é verdade? a'xois i fei'zãw, 'ki 'sãw ah, 'bœ i... 'mas... 'nũ 'sei... nũ 'sei fa'la' 'nãw e ve'l'dadzı?

INQ.- Seus planos agora, quais são?

INF.- Depois de minha missão vou voltar...eu vou freqüentar faculdade, vou trabalhar e no futuro [di'pois 'dži 'miņe mi'sãw 'vow vow'tax... 'ew 'vow frekuê'tax fakul'dadzı, 'vow traba'ʌax i 'no fu'turu eu vou me casar, tudinho, ter vida normal sendo membro da igreja de Jesus Cristo, e... vou 'ew 'vow 'mi'ka'za, tu'diņu, 'te 'vidê nox'maw 'sēdu 'mēbru 'da i'grez.ê 'dži zı'zus 'kristu, i... 'vow voltar com certeza pra Brasil pra fazer um pouquinho turismo. Eu e meu pai queremos pescar lá no pantanal (risos) vow'ta 'kō se'l'tezê 'pra bra'ziw 'pra fa'ze 'ũ po'kiņu tu'rismu. 'ew i 'mew 'pai ke'remus 'peskê 'la 'nu pãta'naw]

INQ.- Brigado, ???? (nome)

INF.- De nada

['dži 'nadê]

INQ.- Era só isso.

INQ.- Fala a respeito de alguma coisa que a gente não conversou?

INF.- Ta bom. Eu amo a sistema de ônibus aqui no Brasil, porque você pode pegar um ônibus pra [ta bō. 'ew 'amo a sis'temê 'dži 'onibus a'ki 'nu bra'siw, pox'ke vo'se 'pōdzi pe'gax 'ũ 'onibus 'pra qualquer lugar no país. Lá, você tem que ter carro, né? Se não, você não vai pra nenhum lugar, kual'kex lu'gax 'nu pa'iz. 'la , vo'se 'tê 'ki te 'kaxu, 'ne? 'sı 'nãw, vo'se 'nãw 'var 'pra ni'ņũ lu'gax, sabe. Então, aqui é muito simples, muito fácil para pegar um ônibus pra qualquer lugar, então, 'sabi. m'tãw, a'ki e 'mūrtu 'sıplıs, 'mūrtu 'fasiw 'pare pe'gar 'ũ 'onibus 'pra kuaw'kex lu'gax, in'tãw. isso é uma coisa boa. 'isu e 'ũa 'koizê 'bœ].

INFORMANTE 05

INQ.- Como era a vida lá no seu país?

INF.- A minha vida? Era muito boa, eu trabalhava...doze dias, doze horas cada dia...eu tocava

[a mi'jɐ 'vidɐ? 'erɐ 'mũtu bɔɐ, 'ew trabajavɐ... 'dozi 'dʒiɐs, 'dozi 'ɔras 'kadɐ 'dʒiɐ... 'ew to'kavɐ
guitarra, eu lia, passava tempo com minha família, ahn ia pra igreja e eu trabaiaava muito e
gi'taxɐ, 'ew 'liɐ, pa'savɐ 'tɛpu kɔ 'miɐ fã'milie. ahn 'iɐ 'pra i'grezɐ ɪ 'ew traba'javɐ 'mũtu ɪ
estudava bastante.

istu'davɐ bas'tãtʃɪ.

INQ.- Por que que você decidiu vir para o Brasil?

INF.- Ah foi a mesma coisa, ahn eu não decidi para vir aqui mas eu decidi para mandar me os

[ah 'foi a 'mɛʃmɐ 'koizɐ, ahn 'ew 'nãw desi'di 'para 'viɪ a'ki, 'mas 'ew desi'di para mãdal 'mɪ 'os
papéis para fazer...fazer obra missionário. Então quando eu recebi meu chamado para Brasil
pa'pɛis 'parɐ fa'zɛɪ... fa'zɛɪ 'ɔbrɐ misio'naliv. m'tãw 'kuãdu 'ew xesɐ'bi 'mɛw ʃa'madu 'parɐ bra'siv
para ser um missionário do Senhor aqui, ah eu fiquei bem animado. Então, porque eu quis, é um moti...
'parɐ 'sɛɪ 'ũ misio'naliv 'do sɛ'jɔɪ a'ki, ah 'ew fi'ker'bɛ ani'madu. m'tãw po'l'kɛ 'ew 'kis, ɛ 'ũ 'mõtʃɪ... ah,
aprender mais sobre este país.

ah, apɫɛn'dɛɪ 'mais so'bɪ es'ti pa'ij.

INQ.- Qual era sua imagem?

INF.- Ah, minha imagem... eu pensava a mesma coisa. Que tinha muitas florestas, tinha muitos animais

[ah, mi'ja i'mazɛ... 'ew pɛ'savɐ a mezɛ 'koizɐ. 'ki 'tjɐ 'mũtas flo'restas, 'tʃjɐ 'murtus ani'mais
diferentes, mas eu recebi (risos) eu recebi, recebi ahn, algumas fotos de meu irmão ele estava
dʒife'lɛtʃɪs, 'mas 'ew xesɐ'bi 'ew xesɐ'bi, xesɐ'bi ahn, al'guma 'fotos 'dʒi 'mɛw i'l'mãw 'ɛɪ is'tavɐ
servindo em Belém. Então eu tinha mais imagem do que realmente todo o país era como em Belém.
sɛɪ'vidu 'im be'lɛ. in'tãw iɛw 'tʃjɐ 'mais i'mazɛ 'du 'ki xɛal'mɛtʃɪ 'todo o pa'is 'erɐ 'komu 'em be'lɛ.
Mas eu olhava na internet, fotos, eu descobri que realmente , ah foi como...ah nosso país, tem
'mas 'ew oj'avɐ 'na intɛɪ'netʃɪ, fɔtus, 'ewdesko'bɪ 'ki xɛaw'mɛtʃɪ, ah, 'foi 'komu... ah, 'nɔsu pa'is, tɛ
vários cidades bem diferentes.

'varius si'dadzɪs 'bɛ dʒife'lɛtʃɪs

INQ.- E como que é o seu dia-a-dia aqui?

INF.- A minha dia-a-dia aqui é ótima. Ah...tem a oportunidade para fazer obra missionária. Então me

[a 'miɐ dʒiɐ a dʒiɐ a'ki ɛ 'ɔtʃimɐ. ah... 'tɛ a opoɫuni'dadzɪ 'parɐ fa'zɛɪ 'ɔblɐ misio'naliv. in'tãw mɪ
acordei cada dia, eu tenho a oportunidade para estudar as escrituras, e depois eu tenho a
a'koɫɛɪ 'kadɐ 'dʒiɐ, 'ew 'tɛɲu a opoɫuni'dadzɪ 'paɪɐ istu'daɪ iskɫi'turas, ɪ dɪ'pois 'ew 'tɛɲu a
oportunidade para ah, confessar meu testemunho com pessoas, encontrando com várias pessoas de
opoɫuni'dadzɪ 'paɪɐ ah, kɔfɛsaɪ 'mɛw testɛ'mujɪ 'kɔ pɪ'soas, ãkɔ'trãdu 'kɔ 'valiɛz pɪ'soas 'dʒi '
vários lugares mas também de varias historias e eu posso falar com eles sobre a vida delas, como o
valiɪs lu'gais 'mas tã'bɛ 'dʒi 'valiɛʃ is'tɔliɛʃ ɪ 'ew 'pɔsu fa'laɪ 'kɔ 'ɛɪʃ 'sobɪ a 'vidɐ 'delaf, 'komu u
salvador Jesus Cristo pode melhorar a vida deles.

sawva'doɪ zɛzus kristu 'pɔdʒɪ mɪ'ɫo'ɫaɪ a 'vidɐ 'delaf

INQ.- Fala da missão.

INF.- Missão. Sobre o que? Sobre qualquer coisa?

[mi'sãw. so'bɪ o 'kɛ? so'bɪ kuaw'kɛɪ 'koizɐ?

INQ.- Sobre qualquer coisa.

INF.- A missão é uma coisa muito especial, é um...nós só temos dois anos para trabalhar aqui, então

[a mi'sãw ɛ 'ũa 'koizɐ 'mũtu ispesi'aw, ɛ ã... 'nɔʃ 'sɔ 'temɪʃ 'dois'ãnuʃ 'paɪɐ traba'ɫaɪ a'ki, in'taw

eu vim para Brasil, mas eu estava disposto para ir pra qualquer lugar. Entao aqui na missao
 'ew 'vĩ 'paɫɛ bɫa'ziw. 'mas 'ew eʃ'tave dis'pɔstu 'paɫɛ 'il 'pɫa kuaw'keɫ lu'gaɫ. m'tãw a'ki 'na mi'sãw
 nós trabaíamos por dois anos compartilhando nosso conhecimento e nosso entendimento sobre a
 'nos trabaia'mus 'pɔɫ 'dois ā'nus compaɫati'ãdu 'nosu coɫesi'mētu 'nosu ɛtɛdʒi'mētu so'bɫi a
 ressurreição da igreja verdadeira, sobre Jesus Cristo e sobre a profeta moderna. Entao nós
 xesuɫeɫ'sãu 'da i'gleʒa veɫda'deɫɛ, 'sobɫi ʒe'zʊs 'kɫistu ɪ 'sobɫi a pɫo'fete mo'deɫne. m'tãw, 'nos
 compartilhamos sobre um ????? que é o livro de mórmon. E também nós usamos a bíblia para ajudar pessoas
 kōpaɫʃi'lamus 'sobɫi um 'ki ɛ ʊ 'livɫu 'dʒi 'mɔɫmō ɪ tã'bē 'nos u'samus a 'bibliɛ 'paɫɛ azu'daɫ pɫ'soas
 para conhecer Cristo como pess...salvador pessoas e fazer orenancias necessarias para ganhar
 'paɫɛ koɫe'seɫ 'kɫistu 'komu 'pes... sawva'doɫ pɫ'soas ɪ faz'eɫ oɫe'nãsias nese'saɫias 'paɫɛ ga'ɫaɫ
 salvação.
 sawva'sãu.]

INQ.- E o que que você faz no seu tempo livre?

INF.- A meu tempo livre,é estou lendo bastante também. Mas, só temos um pouquinho. As vezes eu vou a
 [a 'mew 'tɛpu 'livɫɪ, ɛ es'tou 'lɛdu bas'tãʃi tã'bē. 'mas, 'so 'temus 'ũ pou'kiɲu 'as 'vezis 'ew 'vow a
 escutar musica mas somente acho que eu leio mais do que qualquer outra coisa.
 esku'taɫ 'muzike 'mas so'mɛtʒɪ 'aʃu 'ki 'ew 'leju 'maif 'du 'ki kual'keɫ 'owtre 'koize

INQ.- E como que é pra você falar português?

INF.- Ah, foi bem difícil, eu cheguei, ahn, sabia um pouco...um pouco de espanhol e a primeira semana eu
 [ah, 'foi bē di'fisiw, 'ew ʒe'geɫ, ahn, sa'biɛ 'ũ 'pouku... 'ũ 'pouku 'de espa'ɲow ɪ a pɫimer'ɫe sɫ'mane 'ewtinha
 muito medo porque eu não podia falar. Entao eu aprendi que em português precisa
 'tʒiɲɛ 'mũitu 'medu pɔɫ'ke 'ew 'nãw pɔ'dʒie fa'laɫ. in'tãw iew apɫen'dʒi 'ki 'im pɔɫtu'ges pɫe'size
 pronunciar mais ...tem variações como você falou e é um tipo bem mais difícil, mas eu acho que
 pɫonũ'siaɫ 'mais... tɛ vaɫia'sõiz 'komu vo'se fa'lou ɪ ɛ ã 'tʃipɫ bē 'mais di'fisiw, 'mas 'ew 'aʃu 'ki
 escutando as pessoas eu comecei para aprender, então, fica bem difícil mas...ah, isso passa...
 esku'tandu 'as pɫ'soas 'ew kome'seɫ'paɫa apɫendeɫ, m'tãw 'fikɛ 'bē di'fisiw 'mas... ah, 'isu pase...
 passa rápido então fica bem difícil a cada dia...ainda voce vai aprendendo a cada dia.
 'pasea 'ɫapidu in'tãw 'fikɛ 'bē di'fisiw a 'kade 'dʒie... a'inde vo'se 'vai apɫen'dēdu a 'kade 'dʒie].

INQ.- E qual é a grande diferença que tem aqui no Brasil?

INF.- A gran...tem um... cultura bem...bem a...rica mas tem um, tem pessoas de vários lugares então tem
 [a 'gran... 'tem 'ũ... cul'ture 'bē... 'bē a... 'lika 'mas 'te 'ũ, 'tɛ pɫ'soas 'dʒi 'vaɫios lu'gaɫiz in'tãw 'tɛ
 pessoas de cada cor, de cada cultu...cultura, de cada país, entao, coisa mas, aqui tem mais
 pɫ'soas 'dʒi 'kade 'kox, 'dʒi 'kade kul'tu... kul'ture, 'dʒi 'kade pa'iz, in'tãw 'koize 'mas, a'ki 'tɛ 'mais
 integração. Também, tem um sistema bem diferente, mas realmente, a minha vida, na dia-a-dia,
 integɫa'sãu. tã'bē, 'tɛ 'ũ sis'teme 'bē dʒife'ɫentʃi 'mas xiaw'mɛtʒɪ, a 'miɲɛ 'vide, 'na 'dʒie a 'dʒie,
 é a mesma coisa, estou tentando para para ter esperança, para trabalhar. Mas também há uma...
 ɛ a 'mezme 'koize, 'estou ten'tandu 'paɫɛ 'paɫɛ 'teɫ espe'ɫanse, 'paɫɛ traba'jaɫ. 'mas tã'bē 'a 'ũa...
 acho talvez as famílias, geralmente as famílias são mais...mais...num sei, não mais forte,
 'aʃu 'ki taw'veis 'as fa'milias, ʒeɫaw'mɛtʒɪ 'as fa'milias 'sãw 'mais... 'mais... 'nũ 'sei, nãw 'mais 'fɔɫʃi, mas
 eles dão mais importância para as famílias aqui.
 'mas 'elis 'dãw 'mais impoɫ'tãsie 'paɫɛ 'as fa'milias a'ki.]

INQ.- Do que que você não gosta aqui no Brasil?

INF.- Eu não gosto das ruas. Eles são bem ah...quebradas e coisa assim...eu tenho raiva das calçadas aqui
 ['ew 'nãw 'gostu 'das 'xuas. 'elis 'sãw 'bē a... ke'bɫadas ɪ 'koize a'si... 'ew 'teɲu 'xarve 'das kaw'sadas
 (risos). Fica difícil para andar mas os outros coisas eu gosto bastante.
 a'ki. 'fikɛ di'fisiw 'paɫɛ ādaɫ 'mas 'os 'outɫos 'koizas 'ew 'gostu bas'tãʃi].

INQ.- E os seus planos quais são?

INF.- Meu plano, para servir até o fim conforme minha missão aqui e, depois eu vou voltar e estudar
 ['mew 'plānu, 'paɫe seɫ'viɫ a'te u 'fi con'foɫmɪ 'miŋe mi'sāw a'ki ɪ, dɪ'pois 'ew 'vow vow'taɫ ɪ istu'daɫ 'na
 faculdade. Eu tenho um plano para uhn, fazer escola de medicina. Então depois eu quero ser
 na fakul'dadʒɪ. 'ew 'teŋu 'ũ 'plānu 'paɫe uhn, fa'zeɫ es'koɫe 'dʒi medi'sinɛ in'tāw dɪ'pois 'ew 'qeɫu 'seɫ 'um
 tipo de doutor, mas eu não sei exatamente como vai funcionar, como geral. Mas eu
 ũ 'tʃipɪ 'dʒi dou'toɫ, 'mas 'ew 'nāw 'sei exata'mɛtʒi 'komu 'vai fũsio'naɫ, 'komu ze'ɫaw. 'mas 'ew 'vow vou
 trabalhar e estudar.
 tɫaba'jaɫ ɪ istu'daɫ.

INQ.- Brigado.
 INF.- Ah, de nada.
 [ah, 'dʒi 'nadɛ].

INQ.- Alguma coisa que eu não perguntei, que você quisesse falar?
 INF.- Ahn...eu gosto muito aqui...vocês tem chuveiros, as banheiros são bem diferentes, ah... eu não
 [ahn.. 'ew 'gostu 'mũitu a'ki... vo'ses 'tɛʃu'veiros, 'as ba'ņeiros 'sāw 'bɛ dʒife'ɫentʃis ah... 'ew 'nāw
 gosto de lavar roupas por mão mas...tudo isso eu gosto muito...eu gosto muito comida aqui.
 'gostu 'dʒi la'vaɫ 'xoupas 'poɫ 'māw 'mas... 'tudu 'isu 'ew 'gostu 'mũitu... 'ew 'gostu mũitu ko'mide a'ki].

INFORMANTE 06

INQ.- Como era sua vida lá nos Estados Unidos?
 INF.- Era bom, bom demais. Eu gostei...eu fazia muitas coisas.
 ['ɛɾe 'bõ, bõ dʒimais. 'ew gos'teɪ... 'ew fa'ziɛ 'mũitas 'koɪzas

INQ.- Exemplo?
 INF.- Jogava futebol americano, trabalhava em restaurante, também era um vendedor de facas, depois né,
 zo'gavɛ fute'bow ameli'kānu, tɫaba'javɛ 'im ristau'rātʒɪ, tā'bɛ 'ɛɾe 'ũ vēde'doɫ 'dʒi 'fakas, dɪ'pois, 'ne,
 eu trabalhava pra um homem, que abriu a igreja, fazia tudo por ele. E era muito bom, tinha carro...tinha
 'ew traba'java 'pra 'ũ 'omĩ 'ke a'briu a i'grezɛ, fa'ziɛ 'tudo 'poɫ 'eɫɪ 'eɫɛ 'mũitu 'bõ, 'tʃiŋɛ 'kaxu... 'tʃiŋɛum
 namorada e eu frequentar faculdade, fazia faculdade, mas eu fiz o ...tranquei e vim pra missão.
 'ũ namu'radɛ ɪ 'ew fre'kuɛtaɫ fakul'dadʒɪ, fa'ziɛ fakul'dadʒɪ, 'mas 'ew 'fiz o... tɫā'kei ɪ 'vĩ 'pra mi'sāw.E...eu
 não sabia português antes da missão e...ah, foi muito bom antes da missão, fazia muita coisa, conhecia
 ɪ... 'ew sa'bie poɫtu'ges 'ātis 'da mi'sāw ɪ... ah, 'foɪ 'mũitu 'bõ 'ātis 'da mi'sāw, fa'ziɛ 'mũite 'koɪzɛ]

INQ.- Como... e por que que você decidiu vir pro Brasil?
 INF.- Pra ser um missionário, eu recebi um chamado do profeta atual, pra servir aqui no Brasil, então
 ['pra 'seɫ 'ũ misio'naɫiu. 'ew xese'bi 'ũ ja'madu 'du pro'fete atu'aw, 'pra seɫ'viɫ a'ki 'nu bra'ziw, in'tāw por
 isso eu vim para Brasil, e... pra servir como missionário da igreja Jesus Cristo dos Santos
 'poɫ 'isu 'ew 'vĩ 'paɫe bra'ziw, ɪ... 'pɫa seɫ'viɫ 'komu misio'naɫiu 'da i'grezɛ ze'zus 'kristo 'dos 'santos dos
 Últimos Dias e pra pregar o evangelho pra que as pessoas possam ser salvas.
 'dos 'ultʃimus 'dʒias ɪ 'pra pre'gaɫ u evā'geliu 'pra 'ki 'as pɪ'soas 'põsā 'seɫ 'sawvas].

INQ.- Quando você ouviu assim: “você vai pro Brasil”, que imagem que veio à sua cabeça?
 INF.- Floresta, sucuri, tudinho assim...é...eu já vi por um pouco obras antes da missão mas...via
 [flo'reste, suku'ri, tu'dʒiŋu a'sĩ... ɛ... 'ew 'za 'vi 'poɫ 'ũ 'pouku 'obɫas a'tis 'da mi'saw 'mas... 'vie
 muito, eu tenho parentes que são portugueses mas...eles não me falam nada entao... eu pensei sobre
 'mũitu. 'eu 'teŋu pa'rɛtis 'ki 'sāw poɫtu'gezis 'mas... 'elɪs 'nāw 'mɪ 'falā 'nadɛ in'tāw... 'ew pen'sei 'sobɾi
 sucuri e...anaconda, jacaré...coisa assim...
 suku'ri ɪ... ana'kõde, jaka're... 'koɪzɛ a'sĩ...

INQ.- E como é seu dia-a-dia assim?

INF.- dia-a-dia aqui? Ah...cesso de...excesso de trabalho. Nós trabalhamos todo dia conversando com [dʒiɐ a 'dʒiɐ a'kiʔ ah... 'sesu 'dʒi... e'sesu 'dʒi tra'baju. 'nɔs traba'jamus 'todu 'dʒiɐ, kōve'l'sādu 'kō pessoas na rua sobre o evangelho de Jesus Cristo, e... são bem legais porque nos estamos vendo uma pr'soas 'na 'xuɐ 'sobri o evan'geliu 'dʒi ze'zus 'kristu, i... 'sāw 'bē le'gais pol'ke 'nɔs is'tamus 'vēdu 'ũa outra cultura, estamos aprender coisas sobre o Brasil, sobre o povo aqui... trabalho aqui bem 'outrɐ 'kuw'turɐ, es'tāmus a'prendɐl 'koizas 'sobri o bra'siw 'sobri o 'povu a'ki... tra'baʎu a'ki 'bē amigável...se sei também, muitas pessoas querem ouvir, e...é muito bom para ver uma outra cultura, para viver ami'gavew... 'se 'sei tā'bē, 'mūrtas pr'soas 'kerē ou'viʎ, i... e 'mūitu 'bo 'paʎɐ 'veʎ 'ũa kuw'turɐ, 'paʎɐ numa outra cidade, falar outra língua, é bem bacana. vi'veʎ 'nūmɐ 'owtrɐ si'dadʒi, fa'laʎ 'owtrɐ 'liɣua, e 'bē ba'kãɐ].

INQ.- Fala pra mim o que que você fala pras pessoas na rua que te ouvem bem?

INF.- Que ouvem bem? Primeiramente falamos oi, e falamos...nós somos os verdadeiros representantes [ki 'ouvɐ 'bēʔ pʎimɐrra'mɛtʃi fa'lāmus oi, i fa'lāmus... 'nɔs 'somus 'us veʎda'deirus xɐplɛzɛn'tātʃis de Jesus Cristo e...e nós temos uma mensagem bem especial para você...gostaria de explica sobre 'dʒi ze'zus 'kristu i... i 'nɔs 'temus 'ũa mɛ'sazɛ 'bē espesi'aw 'paʎɐ vo'se... gosta'riɐ 'dʒi espli'kaʎ 'sobri como nosso salvador pagou por nossos pecados e como eles chamam os doze apóstolos hoje em dia. 'komu 'nɔsu sawva'dol pa'gou 'pol 'nɔsus pe'kadus i 'komu 'elɪs 'ʃamā 'os 'dozi a'pɔstolus 'hoʒi 'ɛ 'dʒiɐ E nós queremos ajudar você a um dia ter mais felicidade em sua vida, aprenderem que o salvador i 'nɔs ke'remus azu'daʎ vo'se a 'ũ 'dʒiɐ 'teʎ 'mais felisi'dadʒi 'ɛ 'suɐ 'vidɐ, apren'derɛ 'ki o sawva'dol 'tte ama. E também queremos ajudar você a ser mais feliz com suas mensagens, você vai poder receber ʃi 'āmɐ. i tā'bē ke'remus azu'daʎ vo'se a 'seʎ 'mais 'feliz 'kō 'suas mɛ'sagɛs, vo'se 'vai po'deʎ lɛse'beʎ isso, que ??? passe em sua casa. Mais ou menos isso. 'isu, 'ki 'pasɪ 'ɛ 'suɐ 'kaza. 'mais 'ou 'menos 'isu].

INQ.- Beleza. E o que que você faz no seu tempo livre?

INF.- Tempo livre? no sábado, de dez e meia até seis horas e escrevo cartas para minha família, minha [tɛpu 'livriʔ 'nu 'sabadu, de 'dez i 'meʒɐ a'tɛ 'seis 'horas i es'krevu 'kaʎtas 'paʎɐ 'miɣɐ fã'miliɐ, 'miɣɐ namorada, meus amigos, ahn...escrevo...na internet, mando uma carta para meus pais... namo'radɐ, 'meus a'migus, ahn... is'krevu... 'na inteʎ'netʃi, 'mādu 'uñã 'kaʎtɛ 'paʎɐ 'meus 'pais... ahn, jogo boliche aqui na Catuaí Shopping, jogo basquete, dormo...durmo. Ahn...que mais... as vezes ahn, 'ʒɔgu bo'liʃi a'ki 'na ka'tuɛi 'ʃɔping, 'ʒɔgu bas'ketʃi, 'dɔʎmu... 'duʎmu. ahn... 'ki' mais... 'as 'vezis 'nɔs cozinhamos um pouco...ahn... nɔs kozi'ɣāmus 'ũ 'powku... ahn...

INQ.- Lava roupa também.

INF.- Lavamos roupa...temos que lavar roupa no sábado porque não tempo durante a semana...e...uhn... la'vāmus 'xoupe... 'temus 'ki la'vaʎ 'xoupe 'nu 'sabadu pol'ke 'nāw tɛpu du'lātʃi a sɪ'māna... i... uhn... as vezes vamos nas lojas para comprar coisas do Brasil... 'as 'vezis 'vāmus 'nas 'lojas 'pra 'kōpraʎ 'koizas 'do bra'ziw

INQ.- Como que é falar português?

INF.- É ótimo. As vezes, é...dá pra entender tudo mas eu não falar, um pouco difícil as vezes, [ɛ 'ótimu. 'as 'vezis, e... 'da 'pra entɛ'deʎ 'tudu 'mas 'ɛw 'nāw fa'laʎ, 'ũ 'powku di'fisiw 'as 'vezis

algumas ...regras que tem, como pronuncia, coisa assim, é meio difícil... mas somente...agora

aw'gumas... 'xɛgras 'ke 'tɛ, 'komu pro'nūsiɐ, 'koiza a'ʃi, e 'meʒu di'fisiw... 'mas so'mɛtʃi... a'gɔrɐ português é...a primeira coisa que eu penso. Agora, inglês, é...demora um pouco pra pensar em pol'tu'ges e... a pl'i'mɛiʎɐ 'koizɐ 'ki 'ɛw pɛsu. a'gɔrɐ in'glez, e... de'mɔrɐ 'ũ 'pouku 'pra pɛ'saʎ 'ɛ inglês. Mas eu amo falar português. in'glez. 'mas 'ɛw 'amu fa'laʎ pol'tu'ges].

INQ.- Qual é a grande diferença aqui do Brasil?

INF.- A grande diferença de... dos Estados Unidos ou de qualquer lugar?

[a 'g'lãdɪ dzife'lẽsɐ 'dʒi... dos ɪs'tadus u'nidus 'ou 'dʒi kuaw'kɛl lu'gãlʔ]

INQ.- Qualquer lugar.

INF.- aqui também fala português e...ahn...grande diferença...do que eu realmente morei numa cidade

[a'ki tã'bê 'falɐ po'lɥu'gues ɪ... ahn... 'g'lãdʒɪ dzife'lẽnsɐ... 'du 'ki 'ew reaw'mɛtʃɪ mo'rɛɪ 'nũmɐ sɪ'dadʒɪ antes,

numa cidade mesmo, no centro, então aqui, estou morando no centro, então isso é pouco

'ãtʃɪs, 'nũmɐ sɪ'dadʒɪ 'mezmu 'nu 'sɛtɾu, ɪn'tãw a'ki es'tow mo'rãdu 'nu 'sɛtɾu, ɪn'tãw 'isu ɛ 'pouku

diferente pra mim, estou acostumando pra...a viver na cidade, na...no centro da cidade, um

dʒife'lɛntʃɪ 'pra 'mɪ, es'tou akostu'mãdu 'pra ... a 'vi'vel na sɪ'dadʒɪ 'na... 'nu 'sɛtɾu 'da sɪ'dadʒɪ, 'ũ

pouco de correria mas...mas eu insisto, porque no Brasil, eu amo, calor aqui. Faz muito

'pouku 'dʒi koxe'riɐ, 'mas... 'mas 'ew ɪn'sistu, po'l'ke 'nu bra'ziw, 'ew 'amɥ, ka'loɪ a'ki. 'faz 'mũitu

calor, mas...eu gosto.

ka'loɪ, 'mas... 'ew 'gɔstu].

INQ.- Do que que você não gosta aqui no Brasil?

INF.- Não gosto? Uhn as pernilongas, que ficam me mordendo, me picando à noite...quando estou dormindo,

['nãw gɔstuʔ uhn, 'as pe'ni'lɔŋgas, 'ki fi'kã 'mɪ mo'l'dɛdu. 'mɪ pi'kãdu a 'nɔrtʃɪ... 'kuãdu es'tou do'l'mĩdu.ah...e..

.também um pouco chato quando as pessoas rejeitam a gente, porque é uma coisa...nós temos uma

ah... ɪ... tã'bê 'ũ 'pouku 'ʃatu 'kuãdu 'as pi'soas xe'zɛitã a 'zɛtʃɪ, po'l'ke ɛ 'ũa 'koizɐ... 'nos 'temus 'ũa

mensagem que vai mudar a vida delas se elas aceitarem, mas...coisa chato, mas...Eu gosto do

mɛ'sagɛ 'ki 'vai mu'dal a 'vidɛ 'delas 'sɪ 'elas aseɪ'tarɛ, 'mas... 'koizɐ 'ʃatu, 'mas... 'ew 'gɔstu 'du

Brasil, mas...só é chato...as pessoas acham chato, só é chato quando eles rejeitam a gente, mas... acho que é

bra'ziw, 'mas.. 'sɔ ɛ 'ʃatu... 'as pi'soas a'ʃã 'ʃatu. 'sɔ ɛ 'ʃatu 'kuãdu 'elɪs xe'zɛitã a 'zɛtʃɪ, 'mas... 'aʃu 'ki esó

isso, os insetos que mordem, picam a gente.

'sɔ 'isu, 'os ɪn'sɛtus 'ki mɔldɛ, 'pi'kã a 'zɛtʃɪ].

INQ.- Quais são seus planos?

INF.- Depois dessa missão? Depois dessa missão, eu vou terminar minha missão, tem mais...quatro

[de'pois 'desɐ mi'sãwʔ de'pois 'desɐ mi'sãw, 'ew 'vow te'lmi'nal 'miŋɐ mi'sãw 'tɛ 'mais... 'kuatɾu

meses...vamos ensinar mais pessoas, partir mais pessoas, depois vou voltar para o Estados

'mezɪs... 'vãmus ɛsi'nal 'mais pi'soas, pa'l'tɪl 'mais pi'soas, de'pois 'vow vow'tal 'paɪɐ o ɪs'tadus

Unidos e lá, eu pretendo...voltar trabalhar, vou fazer fisioterapia...vou fazer fisioterapia,

u'nidus ɪ 'la. 'ew pɾitɛndu... vow'tal trabaɪ'al, 'vow fa'zɛl fizioteɪa'piɐ... 'vow fa'zɛl fizioteɪa'piɐ,

vou ser um personal trainer e vou jogar futebol americano, vou namorar e vou casar

'vow 'sɛl 'ũ peɪso'naw 'tɪleɪɪ ɪ 'vow jo'gal futʃɪ'bɔw amɛli'kãnu, 'vow namɔral ɪ 'vow ka'zãl

e...que mais... ahn vou divertir com meus amigos e nos estamos planejando voltar para o Brasil

ɪ... 'ki 'mais... ahn, 'vow diveɪ'tʃɪl 'kɔ 'meus a'migus ɪ 'nos ɪs'tãmus plane'zãdu vow'tal 'paɪɐ o bra'siwno

futuro e eu pretendo também aprender espanhol novamente e italiano.

'nu fu'turu ɪ 'ew pɾɛ'tɛdu tã'bê apɾɛn'dɛl espã'ŋɔw nɔva'mɛtʃɪ ɪ italiã'nu

INQ.- O que que eu não te perguntei que voce gostaria de dizer?

INF.- Uhn... todo mundo aqui no Brasil cozinha muito bem, gosto muito de feijao e arroz, acho que vou

[uhn... 'todu 'mũdu a'ki 'nu bra'ziw ko'ziŋa 'mũitu 'bê, 'gɔstu 'mũitu 'dʒi fei'zãu ɪ a'xois, 'aʃu 'ki 'vow 't

ter que comer depois dessa missão e ah...que mais? Você também perguntou se eu já vi uma sucuri,

teɪ 'ki ko'mɛl de'pois 'desɐ mi'sãw ɪ ah... 'ki 'maisʔ vo'se tã'bê pe'lgu'tou 'sɪ 'ew 'ja 'vi 'ũa suku'ri,

alguma coisa assim, mas se gostaria de ver, pessoalmente, só vi nas fotos e...cobras pequenas mas...

aw'gumɛ 'koizɐ a'sɪ 'sɪ gɔsta'riɐ 'dʒi 'veɪ pesoaw'mɛtʃɪ, 'sɔ 'vi 'nas 'fotos ɪ... 'kobras pe'kenas 'mas...

quero ver um sucuri já que bem grande. Seria legal.

'keru 'ver 'ũ suku'ri 'zã 'ki 'bê 'grãdʒɪ. se'riɐ le'gaw].

INQ.- Brigado.

INF.- De nada.

['dʒɪ 'nadɐ]

INFORMANTE 07

INQ.- Como era a vida lá no seu país? Sua vida.

INF.- Minha vida? Mas você quer...desde o começo? Era boa...era boa, gostei bastante, brinquei (risos)
 ['miŋa 'videʔ 'mas vo'se 'kɛ ... 'deʃdʒɪ u ko'mesʊʔ 'ɛɾɛ 'bowɛ... 'ɛɾɛ 'bowɛ, gos'tɛɪ bas'tãtʃɪ b'lin'ker
 supoe assim?
 su'pow ɪ a'siʔ]

INQ.- Vai...

INF.- Ah...eu gostei bastante, sempre estava brincando, estudando, fazendo muito com os meus amigos...
 ah... 'ɛw gos'tɛɪ bas'tãtʃɪ, sɛ'pɪɪ ɪs'tavɛ b'lin'kãdu, ɪstu'dãdu, fa'zɛdu 'mũitu 'kõ 'os 'mews ã'migus...
 uhn...
 uhn...]

INQ.- Muitos amigos?

INF.- Ah, tinha um pouco...(risos) Sempre...sei lá, gostei de jogar esportes...
 ah, 'tʃiŋɛ 'ũ 'powku... 'sɛpɪɪ... 'sɛɪ 'la, gos'tɛɪ 'dʒɪ jo'gal ɪs'põltʃɪs.]

INQ.- Qual?

INF.- Eu joguei golfe, eu joguei roquey, ahn...mais esses dois, mas eu joguei bastante, como basquete,
 'ɛw jo'gɛɪ 'gowfi, 'ɛw jo'gɛɪ 'xõkɛɪ. ahn... 'mais 'ɛsis 'dois, 'mas 'ɛw jo'gɛɪ bas'tãtʃɪ, 'komu bas'ketʃɪ,
 coisa assim mas...só um pouco. Mas eu gostei muito de jogar roquey, né, um...esporte privilégio.
 'koɪzɛ a'si 'mas... 'sõ 'ũ 'powku. 'mas 'ɛw gos'tɛɪ 'mũitu 'dʒɪ jo'gal 'xõkɛɪ 'nɛ, 'ũ... ɪs'põltʃɪ prɪvɪ'lɛʒɪo].

INQ.- Qual era sua imagem, antes de vir pra cá? A imagem que você tinha do Brasil.

INF.- do Brasil...(risos) ahn... iche, nem sei como responder essa pergunta...ahn pensando, mas só tinha um
 ['do bra'ziw... ahn... 'iʃɪ... 'iʃɪ, 'nɛ 'sɛɪ 'komu xɛspõ'dɛɪ 'ɛsɛ pɛ'l'gũtɛ... ahn, pɛ'sãdu, 'mas 'sõ 'tʃiŋɛ 'ũ amigo
 falando um pouco mas nós andamos bastante aqui, então eu pensei que só seria fazendas, muito
 a'migu fa'lãdu 'ũ 'powku 'mas 'nõs an'dãmus bas'tãtʃɪ a'ki ɪn'tãw 'ɛw pɛ'sɛɪ 'ki 'sõ sɛ fa'zɛdas, 'mũitu
 tempo até o próximo casa e...só andando nas ruas de terra, coisa assim. Índios (risos)
 'tɛpu a'tɛ o 'pɾõsimu 'kazɛɪ... 'sõ an'dãdu 'nas 'xuas 'dʒɪ 'tɛxɛ, 'koɪzɛ a'si. 'ɪndʒɪus.]

INQ.- Foi você quem decidiu vir pro Brasil?

INF.- Ahn não, te...só mandei os papéis e eles me mandou para cá.
 [ahn 'nãw, 'tʒɪ... 'sõ mã'dɛɪ 'os pa'pɛɪs ɪ 'ɛɪɪs 'mɪ mã'dow 'parɛ 'ka.]

INQ.- Você gostou da novidade quando soube que era pra vir pra cá?

INF.- Ahn...fiquei bem feliz, fiquei bem animado.
 [ahn... fi'kɛɪ 'bɛ fɛ'lɪz, fi'kɛɪ 'bɛ ani'madu.]

INQ.- Vou catequizar os índios, né?

INF.- (risos)

INQ.- Como era o seu...como é o seu dia-a-dia aqui?

INF.- Dia-a-dia? Ahn...iche, um pouco de tudo, sei lá... fiquei bem tranqüilo de vez em quando, mas...
 [dʒɪɛ a dʒɪɛʔ ahn... 'iʃɪ, 'ũ 'powku 'dʒɪ 'tudu, 'sɛɪ 'la... fi'kɛɪ 'bɛ trã'kuɪlu 'dʒɪ 'vɛɪs 'ɛ 'kuãdu, 'mas...
 fiquei bem estressado também...ahn...(risos) Eu fico no escritório, com ar condicionado, sem sapatos o maior
 fi'kɛɪ 'bɛ ɪstre'sadu tã'bɛ... ahn... 'ɛw 'fɪku 'nu ɪskɪli'tõɾɪu, 'kõ 'aɪ kõdʒɪ'sɪõnadu, 'sɛ sa'patus o maj'õɪ
 do tempo, e... sei lá, estar descansando.
 'do 'tɛpu, ɪ... 'sɛɪ 'la, ɪs'taɪ deskã'sãdu.]

INQ.- Você mora sozinho aqui?

INF.- Não, moro com... mais dois, duas pessoas, outros dois missionários.

[nāw, 'mɔɮ 'kõ... 'mais 'dois, 'duɛs pɪ'soɛs, 'owtrɯs 'dois misɪo'nalius.]

INQ.- Você também tem que lavar sua roupa?

INF.- Iche... lavamos...mas é bom porque aqui nós temos uma maquina nessa área. Os outros

[i'ʃɪ... la'vāmus... 'mas ɛ 'bõ poɮ'ke a'ki 'nɔs 'temus 'ũa 'makinɛ 'nesɛ 'aɮɛ. 'os 'owtrɯs 'so is'tāmus... só estamos...só...esfregando com as mãos e...

'so... isfrigadu 'kõ 'as 'māws ɪ...]

INQ.- Me fala um pouco da sua missão aqui?

INF.- Minha missão...iche...como o que exatamente?

[miŋɛ mi'sāw... 'i'ʃɪ... 'komu ɯ 'ki ezata'mētʃɪʒ]

INQ.- O que você faz.

INF.- Nos pregamos o evangelho. Nos...vamos para a cidade...cidade onde nós fomos chamados e...só

[nɔs pre'gamus ɯ evā'geliu. 'nɔs... 'vāmus 'pare a si'dadʒɪ... si'dadʒɪ õ'dʒɪ 'nɔs 'fomus ʃa'madus ɪ... 'so prega mos o evangélio, ensinamos as pessoas mais respeito da igreja de Cristo, mais respeito

pre'gamus ɯ evā'geliu, ɛsi'nāmus 'as pɪ'soɛs 'mais xes'pɛrtu 'da i'greʒa 'dʒɪ 'kristu, 'mais 'xespɛrtu do...de tudo como eles podem melhorar a vida, como eles podem ter uma família mais feliz.

'do... 'dʒɪ 'tudu 'komu 'elɪs 'podɛ 'tɛɮ 'ũa fā'miliɛ 'mais 'felis.]

INQ.- Você me encontrou na rua, como é que você conversa comigo?

INF.- Olha...opa, bom dia, tudo bem? Como está as coisas, tudo jóia...eu falaria que nós somos os

[ʔɔiɛ... 'opɛ, 'bõ 'dʒiɛ, 'tudu 'bɛʔ 'komu is'ta 'as 'koizas, 'tudu 'ʔɔiɛ... 'ew fa'larie 'kɪ 'nɔs 'somus 'os verdadeiros representantes do senhor, de Jesus Cristo e estamos aqui com um propósito para ensinar

veɮda'deɮus xepɮɛzɛ'tātʃɪs 'do se'ŋoɮ, 'dʒɪ ʒɛ'zus 'kristu ɪ is'tāmus a'ki 'kõ 'ũ pɮo'pozitu 'paɮɛ ɛsi'nal 'as pessoas e gostaríamos passar sua casa e falar um pouco mais como vocês podem...como vocês...

as pɪ'soɛs ɪ gosta'liɛmus pa'sal 'sue 'kazɛ ɪ fa'laɮ 'ũ 'powku 'mais 'komu vo'ses 'podɛ... 'komu vo'ses...ah...po dem encontrar mais felicidade, na sua vida.

ah... 'podɛ ɛkõtraɮ 'mais felisi'dadʒɪ, 'na 'sue 'vidɛ.]

INQ.- E no seu tempo livre, o que que você faz?

INF.- Tempo livre? Iche...ahn (risos) não temos muito, mas, eu gosto de dormir quando é possível, nos outros

[tɛpu 'livɪɪʔ 'i'ʃɪ... ahn 'nāw 'temus 'mũitu, 'mas, 'ew 'gostu 'dʒɪ doɮmiɮ 'kuādu po'sivew, 'nos 'owtrɯs ' tempos, estou escrevendo cartas, estou...comendo, somente isso.

tɛpus, is'tow is'kle'vɛdu , is'tow... ko'mɛdu, so'mētʃɪ 'isu.]

INQ.- O que é muito diferente aqui no Brasil?

INF.- Os cachorros. Tem um monte na rua sempre latindo, sempre...eu não gosto muito não. Ahn... outros

[os ka'ʃoxus. 'tɛ 'ũ 'mõtʃɪ 'na 'xuɛ 'sɛpɪ la'fidu, 'sɛpɪ... 'ew 'nāw 'gostu 'mũitu 'nāw. ahn... 'owtrɯs coisa...as casas, são bem diferentes também... todos as casas tem paredes na frente, são bem...

'koɪzɛ... 'as 'kazɛs, 'sāw 'bɛ dʒife'lɛtʃɪs tã'bɛ.. 'todus 'as 'kazas 'tɛ pa'redʒɪz 'na 'frɛtʃɪ, 'sāw 'bɛ... apertados também.

apeɮ'tadus tã'bɛ.]

INQ.- Do que você não gosta aqui no Brasil?

INF.- Uhn...deve ser os cachorros... eu não gosto dos cachorros...

[uhn... 'devɪ 'sɛɮ 'os ka'ʃoxus... 'ew 'nāw 'gostu 'dos ka'ʃoxus...]

INQ.- Já foi perseguido?

INF.- É...algumas vezes. Meu amigo aqui, ele foi...tipo...mordi...mordido, isto mesmo...

[ɛ... aw'gumas 'vezɪs. 'mew a'migu a'ki, 'elɪ 'foi... 'tʃipɯ... 'moɮdʒɪ... moɮ'dʒidu, 'istu 'mezmu...]

INQ.- E o que é...melhor aqui no Brasil?

INF.- Melhor? Acho que é...as pessoas, eu gosto muito das pessoas aqui, eles são bem...amáveis, são bem...sei lá

[me'ʎɔʎ 'aʃu 'ki ε... 'as pɾ'soas, 'ew 'gɔstu 'mũtu das pɾ'soas a'ki, 'elis 'sãw 'bẽ... a'maveiz, 'sãw 'bẽ...
eles são bem legais...eles são...é isto mesmo.
'sei 'la 'elis 'sãw 'bẽ le'gais... 'elis 'sãw... ε 'istu 'mezmũ.

INQ.- Seus planos depois da sua missão?

INF.- Voltar e casar rapidamente.

[vow'taʎ ɪ ka'zaʎ rapida'mêtʃɪ.]

INQ.- Todo mundo aqui quer casar logo, por que?

INF.- Iche...é...porque...nao sei, casamento é eterno, e meu próximo...ahn...como se chama...próximo

['iʃɪ... ε... pol'ke... 'nãw 'sei, kazamētu e e'teʎnu, ɪ 'mew 'pɾɔsimo... ahn... 'komu 'sɪ 'ʃãma... 'pɾɔsimo missão
para mim, encontrar uma esposa para começar minha família.

mi'sãw 'paʎe 'nĩ, enkõtraʎ 'ũma ɪs'pozɛ 'paʎe kome'saʎ 'miŋɛ fã'mire

INQ.- Quantos filhinhos?

INF.- uns três, quatro...não muito não... (risos)

['uns 'tres, 'kuatru... 'nãw 'mũtu nãw...]

INQ.- Alguma coisa que eu não te perguntei e você queria falar?

INF.- Ahn...que...sei que esta é a única igreja verdadeira na face da terra. Que nós estamos aqui...como

[ahn... 'ke... 'sei 'ki 'este e a 'unikɛ ɪ'grezɛ verda'deire 'na 'fasɪ 'da 'terɛ. 'ke 'nos ɪs'tãmus a'ki... 'komu verda
deiros representantes do senhor.

verda'deiros repʎezɛ'tãtʃɪʃ 'do se'ŋox.]

INQ.- Brigado.

INF.- Brigado.

[brigadu]

INQ.- Me fala um pouco aqui a respeito do livro dos mórmons.

INF.- O livro de mórmon...é um outro testamento de Jesus Cristo, é outras escrituras sagradas que nós

[o 'livru 'dʒɪ 'mɔʎmõ... ε 'ũ 'owtru testa'mētu 'dʒɪ ze'zus 'kristu, ε 'owtras eskʎi'tuʎas sa'gladas 'kɪ 'nosusamo
s como bíblia. E...está aqui para testificar sobre a bíblia. Sabemos muito que...muitos...a

u'samus 'komu 'bibliɛ. ɪ... ɪs'ta 'pare testifi'kaʎ 'sobɾɪ a 'bibliɛ. sa'bemus 'mũtu 'ki... 'mũtus... a

bíblia tem muito confusão hoje em dia, tem um monte de igrejas que estão interpretando a bíblia

'bibliɛ 'tɛ mũtu kõfu'sãw 'oʒɪ 'ɛ 'dʒiɛ, tɛ 'ũ 'mõʃɪ 'dʒɪ ɪ'grezas 'kɪ ɪs'tãw ɛteʎpʎe'tãdu a 'bibliɛ

diferente e o Senhor revelou essa, essas escrituras para nos...para nos ajudar a entender mais da

dʒife'rêʃɪ ɪ o sɪ'ŋoʎ leve'low 'esɛ. 'esas eskʎi'tuʎas 'paʎe 'nos... 'paʎe 'nos azu'daʎ a ɛtɛ'deʎ 'mais 'da

bíblia e também entender mais sobre nosso plano aqui, mais sobre Jesus Cristo, como fala. E esse livro está

'biblia ɪ tã'bẽ ɛtɛ'deʎ 'sobɾɪ 'nosu 'plãnu a'ki, 'mais 'sobɾɪ ze'zus 'kristu, 'komu 'falɛʎ ɪ ɛ'sɪ 'livru ɪs'ta

escrito numa maneira que as pessoas podem entender exatamente o caminho, entender...mais sobre

es'kʎitu 'nũme ma'neirɛ 'ke 'as pɾ'soas 'pɔdɛ ɛtɛ'deʎ ɪzata'mêtʃɪ u ka'miŋu, ɛtɛ'deʎ... 'mais 'sobɾɪ

Cristo, mais sobre...ah, a vida dele.

'kristu, 'mais 'sobɾɪ... ah a 'vide 'delɪ.

INFORMANTE 08

INQ. – Fala para a gente como era a vida lá no seu país.

INF. - Bem, como era? Era muito ativo. Realmente sempre estava jogando esportes ahn... andando de

[bẽ komo era era mujtu atʃivu xawmentʃɪ sɛpre estava jogũdu esporʃtʃis ă. ădũdu dʒɪ

“snowboard”, algo chamado “wakeboard” também.

snowboɾd awgo ʃamadu wɛjkiboɾd tãbẽ

Sempre jogava futebol americano, qualquer tipo de esporte. Estava fazendo faculdade, já cumpri um ano,

sɛpri jogava futʃbol amerikãno kwak tʃipo dʒɪ esporʃtʃɪ estava fazẽnu fakuwdadʒɪ ʒa kũpri ũ anu

estava trabalhando também. Ahn... so pra lutar na vida.
estava trabaładu tãbẽ a. so pra lutar na vida]

INQ. – Porque você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Bem, eu decidi para servir uma missão. (Realmente) eu encher alguns papéis pra servir essa missão pelo
[bẽ ew desidzi para serwił uma misãw xawmõtji ew eřer awgũs papejs pra serwił essa misãw pelo
 amor que eu tenho para por Cristo. E o profeta que tem hoje em dia, ele... foi revelado para ele que eu... viesse
amor ke æw teŋu para por kristo i o [profeta que tẽ oze ẽ dzia. æli. foj xeveladu para æli kjew viesi
 até aqui para o Brasil para ajudar esse povo.
ate ki para o brasiw para ajudał æsi povu]

INQ. – Qual foi a imagem que você fez na sua cabeça quando sabia que vinha para o Brasil?

INF. – Sabe, eu pensei que eu andaria com facão no meu lado, cortando meu caminho. Acho que muitos
[sabe æw pẽsej kjew andaria kã fakã do mew lado kořtãdu mew kãmiŋu ařu ke mujtas
 americanos pensam nisto. Realmente foi isso, acho que você pensa mais nos... ahn.. Amazônias... do que
amerikãnos pẽsã nisto xawmõtji foj isso p. ařu ke vose pẽsa majs nos ã. amizõnjas do ke
 qualquer outra coisa.
kwawqueł owtra kojza]

INQ. – E como é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Dia-a-dia? Bem, so...tem horário pa tudo, levantar, fazer exercício, exercitar, geralmente é muito
[djadja. bẽ so. tẽ orarju pa tudo levãtał fazer ezesisio [ezesitał zerawmõtji e mujtu
 andando... mas é algo muito agradável, realmente, traz uma alegria para você, é que... incompreensível para...
ãdãno mase awgoagradawew xawmõtji tras uma alegria para vose eke ikõpřesiwew para
 para... ahn... iss... não dá para tentar explicar é coisa assim, realmente é um... tra-trabalho muito agradável.
pra ã. is.. nãw da para tẽtał eksplikał e koiza aři xamõtji e ũ tra trabału mujtu agradawew]

INQ. – E no seu tempo livre, o que você faz?

INF. – Meu tempo livre? Aqui no missão ou antes? Porque é diferente. (risos)
[mew tẽpu livre aki no misã o ãřis poke e dziferõtji]

INQ. – Fala antes e fala aqui na missão.

INF. – Ah, antes meu tempo livre só foi ahn... criando bagunça. Lá só foi como sempre como eu falei, sempre
[a ãřis mæw tẽpu livre so foj ã. krjũdu bagũsa la so foj komo sẽpre komwew falej sẽprj
 estava jogando esporte, fazendo academia, ahn saindo com os amigos. Aqui, nós temos um dia para nos preparar.
estava jogãdu esporte fazẽnu academia ã. sařdu kãs amigos aki nos temos ũ dzia para nos preparał
 Geralmente nesse dia so estou roupa, limpando casa, escrevendo cartas para minha família lá em... De
zerawmõtji nese dzia so estow lavãnu rowpa lipãdo kaza eskrevẽdu kařtas para miŋa familja la ẽ de vez
 em quando se eu tiver tempo vamos jogar vôlei, basquete, alguma coisa assim, para tentar divertir um
ves ẽ kwãdu sew třiver tẽpo vãmos jogał. volej basketji awguma kojza aři para tẽtał dziverřitji ũ
 pouco.
powku

INQ. – E como é a missão? O que você faz exatamente?

INF. – Então nós convidamos todas as pessoas a chegarem-se a Cristo. Ajudando você, se receber o evangelho é
[õtãw nos kãvidãmos todas as pesoas a segarẽ se a kristo ajudãdu vose se xeseber o evãzeło e
 restaurado por meio da fé em Jesus Cristo. Em seu (expição) do arrependimento, do batismo, de se receber o
xestawrado por mejo da fe ẽ zezus kristo ẽ sew espjasãw do xepẽdzimẽto do batřismo de se xeseber odom
 do Espírito Santo e de perseverar até o fim. Então nós ajudamos as pessoas realmente a ter mais paz e
dã do espirito sãto e de perřerar ate o fi õtãw nos ajudamos as pesoas xawmõtji a teł majs pas e
 alegria nas vidas deles. Realmente eu sei que o que nós ensinamos é verdade, que estar aqui na terra e (com o
alegrja nas vidas deles xawmõtji ew sej ke o ke nos ẽsinamos e verřdadzi ke estał aki na texa [e kã o senhor
 se liberta)
seŋoł se liberta]]

INQ. – Suponhamos que você me encontre na rua e você quer falar a respeito da palavra de Cristo, como que
 você me convence a ouvir?

INF. – Bem eu não convenço, eu só convido. Eu só vou a... me apresentar, realmente nós () somos os **[bē ew no konvēso ew so konvido ew so vow a me aprezētaŕ xawmētʃi nos [dojs] somos os** representantes verdadeiros do Senhor Jesus Cristo e nós convidamos as pessoas para ouvir o que nós temos **xeprezētātʃis veŕdadejros do señoŕ zezus kristo e nos kōvidamos as pesoas para owviŕ o ke nos temosque** falar. Que nós falamos para todas as pessoas que hoje em dia, tem um profeta vivo. Aqui sim, como tinha **ke falaŕ ke nos falamos para todas as pesoas ke oze ē dzia tē ũ profeta vivo aki sī komo tiŕa** antigamente, e que antigamente também tinha doze apóstolos e hoje tem doze apóstolos também e que a mesma **ātʃigamētʃi e ke ātʃigamētʃi tībē tʃiŕa doze apóstolos e ozi tē dozi apóstolos tībē e ke a mezma** igreja que existia na época de Jesus Cristo novamente. existe aqui na terra. Que traz paz, felicidade sem fim **igreza ke ezistʃia na epoka de jesus kristo novamētʃi eziste aki na texa ke tras pas felisidadʒi sē fi** para as pessoas e para a salvação **para as pesoas e para sawvasāw]**

INQ. – Como é falar português para você?

INF. – Falar português, ah, já me acostumei já... ah... realmente já penso em português e estudei espanhol por **[falaŕ portuges a. za mi akostumej za a. xawmētʃi za pēso ē portuges e estudej espaŕow poŕ** oito anos então não foi algo muito difícil para mim mas também não sabia nenhuma palavra antes da **oito anos ētāw nāw foj awgo mujto dzifisiw para nī mas tībē nāw sabja neŕuma palavra ātʃis da** missão, mas eu gosto muito. Gosto de...poder ahn... so, conversar com as pessoas nos... na língua deles realmente **misā mas ew gōstu mujtu gōstu dzi podeŕ a. so kōveŕsaŕ kō as pesoas nus na liŕwa deles xawmētʃi** é um dom de Deus que realmente, com certeza eu não poderia falar sem a ajuda dele com só quinze meses aqui **e ũ dō dzi dewš ke xawmētʃi kō seŕteza ew nāw poderja falaŕ sē azuda dele kō so kīze mezes aki** no Brasil. **no bŕaziw]**

INQ. – Você estudou português ou foi naturalmente?

INF. – Ah, antes da missão não. Realmente eu aprendi aqui, as... tem um lugar de treinamento aqui todos os **[a ātʃis da misā nā xawmētʃi ew apŕēdzi aki as tē ũ luŕaŕ dzi trejnamēto aki todosos** missionários americanos vão. Mas você só passa lá por dois, dois meses. Você somente aprende os básicos, **misionarjros amerikānus vāw mas vose so pasa la poŕ dojs dojs mezes vose somētʃi apŕēde os bazikosquand** o você sai de lá você acha que você sabe português fluentemente mas você chega aqui no mundo real, é **kwādu vose saj de la vose aŕa ke vose sabe portuges fluētʃimēte mas vose ſega aki no mūdo xeaw e** um língua diferente, mas já com seis semanas você já acostuma e você pode falar, conversar. **ũ liŕwa dziferētʃi mas za kū sejs semānas vose ja akostuma i vose podzi falaŕ kōveŕsaŕ trākwimētʃi]**

INQ. – Em comparação com seu país ou com outros, qual é a grande diferença aqui do Brasil?

INF. – A grande diferença?... Ahn só falo... é... como eu percebi, não tem muita diferença realmente mas o **[a grādʒi dziferēsa ā so falu e komu ew peŕsebi no tē mujta dziferēsa xawmentʃi mas o** diferente que eu vejo muito, o povo em geral aqui só tm mais um... mais fē... que existe um Criador Supremo. E **dziferētʃi kew vezu mujtu o povu ē geraw aki ſo tē majs ũ majs fe ke ezistʃi ũ krjadoŕ supremu i** que esse Criador Supremo sendo um Deus vá ajudar eles. E ter eles mais costume orar para esse Criador **ke aesi kriadoŕ supremu sēdu ũ dewš va azudaŕ ælis e teŕ ælis majs kostumi ora] para esi krjadoŕ** Supremo ahn para eles pedindo ajuda. Então assim, acho que o povo aqui no Brasil tem mais fé em algo superior **supremu a. para ælis pedʒino azuda ētāw aſi aſu ke o povu aki no braziw tē majs fe ē awgo superior do** que eles. **do ke ælis]**

INQ. – Do que você não gosta aqui no Brasil?

INF. – Do que eu não gosto?... O que eu não gosto? Ahn... na realidade não tem algo que eu só posso falar”ah eu **[do kew nā gōstu o kew nā gōstu ũ na xealidadʒi nā tē awgo ke ew so posu falaŕ a ew** não gosto”. Realmente eu gosto da comida, so... alguma coisa que eu no gosto... talvez... eu nem sei... vamos **no gōso xawmētʃi ew gōstu da komida so awguma kojza kew nō gōstu tawves ew nē sej vamo** supor, com certeza se eu dirigir um carro eu não gostarias as... o transporte, dirigindo de carro, e parece que **supoŕ kō seŕteza sew ziriŕiŕ ũ kaxu ew nō gostaria as o trāspōŕtʃi ziriŕinu de kaxu e parese ke** grande bagunça, mas além disso realmente (don't) tem algo que eu... eu iria mudar aqui. **grādʒi bagūsa masalē disu xawmētʃi dō tē awgo kew ew iria mudaŕ aki]**

INQ. – Seus planos agora. Fala dos seus planos.

INF. – Meus planos pelo futuro?

[mæws plānus pelo futuru]

INQ. – Isso.

INF. – Meus planos pelo futuro eu vo-voltar vou continuar minha faculdade, ahn é... não sei exatamente o que

[mæws plānus pelo futuru ew vo vowaṭar vow kōṭṣinwaṭ miṅa fakuwdadzi ũ ε nã sej ezatamētṣi o ke
eu vou (cursar), o que eu vou fazer, então se eu vou estudar para... para poder providenciar ahn fisicamente
ew vow kuṛzaṭ o ke ew vow fazeṭ ēṭāw se ew vow estudaṭ para para podeṭ providēsjaṭ a fizikamētṣ
e espiritualmente para minha família. Vou procurar namorar e achar uma moça digna para casar com ele
i espirituwawmētṣi para miṅa familja vow procuraṭ namoraṭ e afaṭ uma mosa digna para kazaṭ kō æli por
tempu eternidade. Então, isso mesmo, realmente eu vou trabalhar para ter uma família eterna. Que é na...
poṭ tēpu eternidadzi ēṭāw iso mezmo xawmētṣi ew vow trabaḷaṭ para teṭ uma familja eterṅa kje na
eu sei que nós podemos ter, então meus planos futuros são esses. São pra... estudar, aprender ainda mais
ew sej ke nos podemus teṭ ēṭāw mæws plānus futurus sãw æsis sãw pra estudaṭ aprēdeṭ aida majs
cada dia e para ter minha família.
kada dzia i para teṭ miṅa familja]

INQ. – O que eu não te perguntei e que você gostaria de dizer?

INF. – Que eu gostaria de dizer?... ahn... eu no tenho... não tem nada.. já falei a respeito de nosso trabalho, nossa

[kjew gostarja dzi dzizeṭ a ew no tēṅo nãw tē nada za falej a xespejto dzi nosu trabaḷu nosa
coisas assim. Realmente eu gosto muito da comida, eu vou falar isso. Eu gosto muito da comida, arroz-feijão já
kojzaṣi xawmētṣi ew gōstu mujtu da komida ew vow falaṭ isu ew gōstu mujtu da komida axos fejzãw faz
parte de minha vida.
za fas paṭṣi de miṅa vida]

INQ. – Brigado.

INF. – Brigado.

[brigadu]

INFORMANTE 09

INQ. – Fala para mim como era a sua vida lá nos Estados Unidos.

INF. – No (state? Oregon.)

[nu stej ɔregon]

INQ. – Como era a vida lá? (trecho em inglês)

INF. – A minha vida era bom, er... é gostoso muito. Eu tenho, eu tenho ... pa- pais bom, e família boa. E eu gosto

[a miṅa vida era bõ ε ε gōstozu mujtu ew tēju ew tēju pa pajs bõ ã e familja boa ew gōstu

onde eu cresceu, cresci.

ōdzi ew kresew kresi]

INQ. – Por que você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Ah isso é longo história. Ahn... eu fui um missionário com... eu oriento missionários soci... sociedade e...

[a iswe lōgastōrja ã ew fuj ũ misjonarjo kō ew orjēto misjonarjos sosai sosjedadzi e

eu gosto do meu profêssom, eu acho que é muito importante para dizer pessoas sobre Jesus, e... um dia eu

ew gōsto do mew pro'feson ew asu kje mujtu ipōṛṭātṣi para dizeṭ pæsoas sobre zesus e ũ dzia ew

encontro, eu (en)contrei um moça que chama “Marla” e é... um dia e uns meses e uns dois anos e depois nossa

ēkōtro ew kōtrej ũ mosa ke ṣāma maṭla e ε ũ dzia e ũs mæzis e ũs dojs ānos e depojs nōsa

foi casamento. E a... eu preci... eu precisei procurar no outra posição porque meu primeira posição

foj kozamēto e a ew presi ew presizej prokuraṭ no owtra pozisãw porṭe mæw primejra pozisãw ã era

um posição para “single”... solteiro. E... agora eu estava... eu estava ahn... casa.. casado. E depois nossa

era ũ pozisãw para ṣigle soltero e agora ew estava ew estava ã kaza kazado e dzipojs nōsa

começamos procurando outra posição e... estudei muito porque nos queremos para dizer a precisão

komesãmos prokurãdo ã owtra pizisãw i estudej mujtu porṭe nos kerēmos para dizeṭ a presizãw

corretivo e... (pela) oração, ora.. orar e muito... do (counsel) outras pessoas. Nos a decidimos e era aqui.

koxetjivo e [pela] orasãw ora oraç e mujtu [k^hæsow] do owtras pesoas nosa desidzimos jera aki]

Circ – Conselho

INF. – Conselho. Ahn.

[kõse^hu ã]

INQ. – E qual era a imagem do Brasil antes de vir para cá?

INF. – Ah, para dizer a verdade eu no tenho muitos impressões do Brasil eu... veio os programas da televisom

[a para dzizer a verđadzi ew no tẽju mujtos ĩpresões do braziw ew vejo os progrãmas da televizõ sobre a Amazõnia e outras regiões da Brasil mas eu... eu pensei que isso não, normalmente para todo do sobre amazõnja jowtras xeziões da braziw mas ew ew pẽsej ke isu nãw nořmawmẽtji para todo do Brasil. Eu... ah fiz outros lugares como isso e... raramente eu tim... teve uma curiosidade sobre Brasil. Só braziw ew a fis owtro lugaris komo iso i xaramẽtji eu tji tævi uma kjurjozidadzi sobre braziw so curiosidade.

kjurjozidadzi]

INQ. – Como é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – (What is here?) **[wat is xjeç]** (trecho em inglês)

INF. – Ah normalmente....

[a nořmawmẽtji]

Circ. – ()

INF. – Sei. A nosso semana começamos com igreja, nas domingo nós temos dois cultos. Um de manhã e um de **[sej a noso semãna komesũmus kõ ĩgreza nas domĩgo nos temos dojs kuwtos ũ dzi mãñã e ũ dzi tarde. E segunda nós temos aulas daqui da web. E... ter... terças nós não temos nada. Isso num dia para fazer tarđzi i segũdas nos temos awlas daki da webi e teç teřsas nos nãw temus nada iso nũ dzia para fazerç outras coisas da nossa casa e outras coisas. As quarta, cinco sete. As quarta quinta sete. Se... nós estamos owtras kojzas da nosa kaza e owtras kojzas as kwaręa sika setji as kwaręa kĩa setji se nos estãmus aqui estudamos portugueses e... na fim de semana nós temos outro culto na nossa ingreja culto eu... missa começa aki æstudãmos portuges i na fi dzi semãna nos temos owtro kuwto na nosa ĩgreza kuwto ew misa às sete da tarde, sete da noite.**

komesa as setji da tarđzi setji da nojtji]

INQ. – Fala da sua profissão.

INF. – Ahn, missionário. Ahn... agora eu não sabe exatamente, eu não sei exatamente o que mais. Ahn... É dipois **[ã misjonarjo a agora ew nãw sabe ezatamẽ eu no sej ezatamẽtji o ke majs a e dzipojs**

a lengua de, a escola de lengua, não sei exatamente quando nós vamos fazer ah... talvez muitas coisas, **a lęgwa dzi a eskola de lęgwa nãw sej ezatamẽtji kwãdo nos vãmos fazerç a tawves mujtas kojzas não sei exatamente.**

nãw sej ezatamẽtji]

INQ. – No seu tempo livre, o que você faz?

INF. – (In my time here? What I've done?)

[in maj t^hajm xea wataiv don]

Circ. – (Free time() free time)

INF. – Oh, eu gosto de mui... eu gosto mui... eu gosto de muito ahn... jogar esportes. Todos esportes.

[o ew gostu dzi muj ew gostu muj ew gostu dzi mujtu ã jogaç espõrtjis todos espõrtjis

Especialmente futebol. Mas, nós não, (I) o... normalmente joga nas sextas da tarde mas (lately?)

espeřjawmẽtji futjibow mas nos nãw [aj] o nořmawmẽtji joga nas sextas da tarđzi mas [lejtili]

INQ. – Ultimamente

INF. – Ultimamente, nas sextas estava chevando, chevando muito. Então eu não ah... jogo muito ultimamente.

[uwtjimamẽtji nas sextas estava řevãdu řevãdu mujtu etãw ew no a jogu mujtu uwtjimamẽtji

Er... eu gosto de fazer outras coisas, ah, comer (risos) ahn... conversar com ... com outros sobre Brasil e...

e ew gostu dzi fazerç owtras kojzas a komeç a kõveřsar kõ os kõ owtros sobre braziw e

aprender, eu gosto de aprender mais sobre esse país.

aprẽdeç ew gostu dzi aprẽdeç majs sobre æsi pais]

INQ. – Falar português para você, como você aprendeu, como que é para vocês?

INF. – Comos... ahn... se... cer... certom...certam... certo situações situações nós estamos, nós sabemos um pouco.

[komos ã se seř seřtõ seřtã seřto sitwasões sitwasões nos estamos nos sabemos ù powko

Mas... como situações específico nós temos problemas. E nós não podemos conversar sobre alguma
mas komo sitwasões espesifiko nos temos problemas i nos nãw podemos kõwersař sobre awguma
tópico ahn... profundo ain... ainda não.

topiko ã profũdo aĩ aĩda nãw]

INQ. – Em comparação com o seu país, o que é melhor aqui?

INF. – (risos) Depende da razão. Er... todos os países tem... for... fortes e fracos. E... Brasil tem estes e nos
[depẽdži da xazãw e todos os paizes tẽ for fortis e frakos e braziw tem estjis e nos

Estados Unidos tem estes. Er, eu não sei o que é melhor, só diferente.

estadounidos tẽ estjix e ew nãw sej o ke e meloř so dziferẽtji]

INQ. – E qual é a grande diferença?

INF. – ()

Circ. – ()

INF. – A língua é muito diferente. E eu acho que... a comida é um pouco diferente, eu acho que socialmente ah...

[a ligwa e mujtu dziferẽtji i ew ařu ki a komida e ù powku diferẽtji ew ařu ki sosjawmẽtji ã

peessoas aqui trabalhar mais e tem dificuldade para existir aqui. É dinheiro é difícil para tenham bastante e... viver
peoas aki trabařař majs e as dzifikuwdadzi para ezistji aki e dzinejru e dzifisiw para tenã bastãtji i é mais

difícil aqui... você tenha a... e este tem muitos implicações da sociedade... da sociedade total aqui... por
viver e majs dzifical aki vose tena i estji tẽ mujtus ĩplikasõs da sosjedale da sosjedadzi total aki poř

exemplo você tem dois... dois parente, país. Es... tem, temos que, tem que trabalha, trabalham e... a crianças não
ekzẽplo vose tẽ dojs dojs parẽtji pajs es tẽ temos ki tẽ ki trabařa trabařã i a kriãsas nãw

tem o mãe na casa, não tem o pai na casa e totalmente a escola e... creches e outras coisas, outras lugares, e
tẽ o mãj na kaza nãw tẽ o paj na kaza e totawmẽtji a eskola i krefjis i owtras kojza owtras lugaris i

eu acho que esse tem uma profundo, profundo ahn... diferente no sociedade aqui ahn () ... ahn pessoas aqui é

ew ařu ki esi tẽ uma profũdu profundu ã dziferẽtji no sosjedadzi aki ã ã peoas aki e

mais... (amor () more friendly ()) calorosos, mais abriu, abriosos (risos)

majs [amoř [] moř řtendili []] kãlorõsos majs abriw abriosos]

INQ. – Abertas

INF. – Abertas e... (the weather) o tempo, o tempo é muito diferente.

[aberta i [õe wãõeř] u tẽpu u tẽpu e mujtu diferẽtji]

INQ. – Tem alguma coisa que eu perguntei que você gostaria de dizer?

INF. – (but don't ask you?) (risos) não sei exatamente.

[[but donãskju] nãw sej ezatamẽtji]

INQ. – Alguma coisa que você gostaria de mencionar? Qualquer coisa?

INQ. – (If you would like to say something that I din't ask you.)

INF. – Eu não sei exatamente.

[ew no sej ezatamẽtji]

INQ. – Tudo bem.

INF. – Brigado.

[brigadu]

INQ. – Brigado.

INFORMANTE 10

INQ. – São as mesmas perguntas, como era a sua vida lá nos Estados Unidos?

INF. – Ahn... Estados Unidos, eu moro na estado Oregon e eu cresci no Alaska e depois eu foi à universidade no
[a estadounidos ew mořu na estado oregõ an e æw kresi nu alaska i dzipojs æw foj a univerřadzi nu Oreg

on e depois eu e meu marido moro no Oregon.

oregõ ew e mew marido mořo no oregõ]

INQ. – E por que você decidiu vir pra cá?(trecho em inglês)

INF. – Ahn... ahn... porque eu trabalho a missionária e a... este é quando Deus (risos) (lead?)

[ãã ã porke æw trabałja a misjonarja i a estʃi ɛ kwãdo dewz led]

INQ. – Guia.

INF. – Guia, guia...

[gja gja]

INQ. – E qual era a sua imagem do Brasil antes de vir para cá?

INF. – Hum... eu não sei exatamente (but I think ()) Ahn... eu acho Brasil muito quente, e ahn... mais similar do

[ũ ew no sej exatamētʃi [bat ai θink] an ew aʃo braziw mujtu kētʃi e a majs similaɾ do

México também.

meʃiko tãbē]

INQ. – E como é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Ahn... similar do (my) (risos) (you see...) (my) dias tem aulas na web ahn todos os dias ahn... (except?)

[an do [maj mi maj iw si] majs dzias tē awlas na web a todozdzias an [ekseptʃ]]

INQ. – Exceto...

INF. – Exceto... terça e sábado domingo. Sábado domingo tem muitos ahn... coisas com Igreja, sábado à noite,

[esetu teɾsa æ sabado domĩgo sabado domĩgo tē mujtos an kojzas kō igreza sabadwa nojtʃ]

ahn domingo manhã e domingo noite tem... cultas com... com Igreja.

an domĩgo mãnjã i domĩgo nojtʃ tē kuwtas kō kō igreza]

INQ. – Fala um pouco da sua profissão. Como é ser missionária para você?

INF. – Ahn... ah depois eu ahn... gra... grad... (graduate?)

[an a dzipojs ew a gra grad [grad^hwejtʃ]]

INQ. – Me formei.

INF. – Me formei na universidade eu ahn...

[mi foɾmej na iwniversidadzi ew an]

INQ. – Era.

INF. – Eu era professora para jovens. E a escola pra público e depois eu trabalho ahn por dois anos e meia com

[ew era profesora para dzovēs ja eskola pa publiko i dzipojs ew trabałja an puɾ dojs ũnuzi mea kō

família, ahn... eu eu... era a ba... babá para dois filhos... dois crianças...

familja an æw ew era a ba baba para dojs filjos dojs kriãsas]

Cir. – Gêmeos.

INF. – Gêmeos. Gêmeos. E a... (during this time?)

[zemjos dzemjos i a [duɾɿŋ θis t^hajm]]

INQ. – Durante este tempo.

INF. – Durante este tempo eu ahn... eu e me... (Michael) ahn ahn... (start dating)

[durãtʃi estʃi tēpu ew an ew i mi [majkæ] an an [staɾ dæjtɿŋ]

(risos)

INQ. – Começamos a namorar.

INF. – Começamos a namorar e... ahn... ele trabalha com o NS e... depois a nossa casamento ahn nós queremos

[komesũmus a namora i an æli t^htrabałja kō u ĩni esi i dzipojs a nosa kazamēto an nos keremos

ahn trabalho junto e depois eu ahn... ahn... (apply?... I applied)

an trabało jũtu i dzipojs ew an an [ap^hlaɿ aj aplajd]]

INQ. – () pedi, solicitei.

INF. – Solicitei para (position) com o NS e ahn... depois ah... nós ahn... fomos aqui and... é... (risos)

[solisitej para posisiõ kō o ĩni esi e an dzipojs nos an fomus aki an ɛ]

INQ. – Como é falar português para você? Tem algo difícil, algo fácil para você?

INF. – Ahn... é... (tudo) difícil por eu... a verbos muito difícil e eu... e ah... masculino e feminino ahn... eu tem
[an e tudu dzifisiw poɾ ew a veɾbos mujtu dzifisiw i ew e a maskulinu i femininu an ew tē
 muito difícil pra...
mujtu dzifisiw pra]

INQ. – Qual é a grande diferença do Brasil e do seu país ou do Brasil com outros países que você visitou?
 INF. – Ahn... ahn... pessoas é muito aberto e a... a um diferente ahn... no... muitos... (insecure?)
[an an pessoas e mujtu abeɾtu i a a ũ diferentʃi an no [mujtus an [insekʰiɾ]

INQ. – Inseguranças

INF. – Seguranças, seguranças....

[segurāsas segurāsas]

INQ. – Insegurança

INF. – Insegurança (expensive and locks) é diferente para lá nos Estados Unidos é muito diferente e... ahn...

[isegurāsa [ekspēsiv an lɔks] e dziferētʃi para la no esatus unidus e mujtu dziferētʃi i an

língua... para eu muito diferente.

liɣwa para ew mujtu dziferētʃi]

INQ. – Qual que é seu prato preferido?

INF. – Ahn... hum... ah pizza. Brasil tem pizza muito bom.

[an an ũ a pitsa braziw tē pitsa mujtu bō]

INQ. – Muito melhor.

INF. – Muito melhor pizza aqui. E eu acho eu gosta feijão também... eu aprender como fazer feijão, so muito

[mujtu melor pitsa aki i ew aʃu ew gosta feʒãw tãbē ew aprēdeɾ komo faʒeɾ feʒãw so mujtu

bom (risos)

bō]

INQ. – Seus planos, quais são agora?

INF. – (risos) eu não sei exatamente. Nossa... ahn... aqui até maio, e depois eu voltar Estados Unidos e depois eu

[ew no sej ezatamētʃi nosa a aki atē majo i dzipojs ew vowntaɾ estados unidus e dzipojs ew

no sei exatamente. Talvez voltar aqui, talvez...

no sej ezatamētʃi tawves vowntaɾ aki tawves]

Cir. – Nós estamos abertos...

INF. – Nos estamos abertos ahn... na (leading or) ahn... (I don't know) ()

[nos estāmos abeɾtos an na [lidiɲ oɾ] an [aj dōnow]

INQ. – Brigado.

INF. – (I do have) eu tenho um pergunta para você: Por que você ahn... faz ahn... isso?

[aj du xev] ew teɲu ũ peɾgũta para vose an poɾ ke vose aɲ fas aɲ iso]

INFORMANTE 11

INQ. – Fale para mim como era a sua vida lá nos Estados Unidos.

INF. – Ah... foi boa, eu trabalhava com meu pai lá e... também eu... trabalhava quando eu estava na faculdade eu

[foj boa æw trabajava kom mæw paj la e. tãbē ew ew trabajava kwũdu ew estava na fakuwdadzi ew

trabalhava como pintura e... faculdade lá é muito bom também eu aprendi muitas coisas lá.

trabajava komo pĩtura e. fakuwdadzi la æ mujtu bō tʰãbē æw aprēdzi mujtus kojzas la]

INQ. – Que faculdade você fazia?

INF. – Ahn... () em estado de Utah. Utah. É, foi legal como... eu, eu... ahn... apren... aprendi como coisa...

[an [] em estado dzi jutʰa utʰa æ, foj legaw komo æw ew an apren aprēdzi komo kojima

educação general, general

edukasãw zeneɾaw zeneraw]

INQ. – Geral...

INF. – Geral.

[zeraw]

INQ. – Uma coisa bacana da sua infância, alguma coisa legal.

INF. – Como assim?

[komo asī]

INQ. – Uma coisa muito boa, gostosa.

INF. – Lá, faculdade ou?

[la fakuwdadzi ow]

INQ. – Infância.

INF. – Infân... ah oh... hum... ah eu morava bem perto da praia então eu e minha família nós, nós viajamos lá

[ifan a ow um a æw morava bẽ peɾto da praja eñtãw æw e min^{ja} famil^{ja} nəs nəs viadžamos la
como (cada ano) e ahn... foi divertido mesmo (risos)

komo. kada ano e foj dziverɽɽidu mæzmu]

INQ. – Tão calor quanto aqui?

INF. – Ahn... não não muito como... aqui é bem mais calor lá é... pouco mais fresquinho bem perto do praia er...

[an nã nã mujtu komo aki bem mais kaloɾ la e powko majs freskiŋu bẽ peɾt^{ho} do praja e.

eu, eu morava com o... bem perto do praia então... foi gostoso.

æw æw morava kō bem peɾt^{ho} do praja eñtãw foj gostozo]

INQ. – E por que Brasil?

INF. – Brasil... então eu sou missionário também então eu, eu estava chamado aqui para ser um missionário

[brazil eñtã æw sow misinaɾjo tambem eñtãw æw æw estava ɽamado aki para seɾ um misinaɾjo

ant... mas... ahn foi legal quando eu... eu saber foi legal.

ant^h mas an foj legaw kwãdu æw sabeɾ foj legaw]

INQ. – E qual era imagem que você tinha do Brasil?

INF. – Ah mesmo como Amazonas... mesmo como tem árvores bastante como, bem calor também.

[ah mezmō komo amazonas mezmō komo t^hem aɾvoɾis bastantɽɽi komo bem kaloɾ t^hãmbẽ

Então, só isso.

eñtãw sō isu]

INQ. – E como é o seu dia-a-dia?

INF. – Ah eu sou missionário então nós acordamos bem cedo e estudamos e trabalhamos e ensinamos as

[ah ew sow misinaɾjo eñtãw ns akoɾdãmos bem sedo e estudamos traba^lamos i eñsinãmos as
pessoas que... sobre nossa igreja, nós... só isso.

pesoas ki sobre nōsa igreza nəs sō isu]

INQ. – Tem que lavar roupa, passar roupa?

INF. – Ah com certeza isso é bem diferente. Lá tem máquinas em cada, cada casa então é... pouco diferente

[ah kō seɾteza iso e bem dziferẽtɽɽi la tem makinas i kada kada kaza eñtãw e powko dziferẽt^{hi}

(risos) porque é com as mãos (risos).

puke æ kō as mãw^s]o]

INQ. – Fala para mim como é ser missionário.

INF. – Ah missionário como ahn... o missionário só pregar sobre o evangelho de Cristo, nossa igreja e... como

[a misinaɾjo komo an o misinaɾjo sō pregaɾ sobre evãze^{lo} dzi kristo nōsa igreza komo

coisas que nós sabemos são verdadeiras. So, então nós ensinamos essas pessoas sobre a nossa igreja e

kojzas que nəs sabemos sãw veɾdadejras so eñtãw nəs eñsinamos esas pesoas sobre nōsa igreza e

convidamos a chegarem-se a Cristo através de... de nossa () que nós ensinamos. Então só.

kōvidamos a ɽegaɾe a kristo atraves dzi dzi nōsa [] ki nəs eñsinamos. eñtã sō]

INQ. – E o que você faz no seu tempo livre?

INF. – Ah eu também jogo basquete, boliche nós nós jogamos isso com () foi legal então nós e dormimos,

[ah æw tambẽ ʒɔgo basketʃi bolife nɔ ʒogamus iso kɔ [] foj legal ẽtãw nɔs e doʒmimos

(risos) sempre dormimos (risos) com certeza, então só isso.

sempre doʒmimos kɔ seʒteza ẽtã sɔ isu]

INQ. – E aprender português para você, como foi?

INF. – Oh ainda esta (risos) estou aprendendo muito com o... cada dia estou aprendendo e então eu não posso

[o aʒda esta estow apɾẽdẽdo mujtu ko o kada dzia estow apɾẽdẽdo e ẽtã æw nãw ɔsu

falar ahn... todas as coisas agora mas estou aprendendo e foi difícil como as primeiras mês lá São Paulo

falaʒ an todas as kojzas aɒra mas estow apɾẽdẽdo e foj difisiw komo as primejras mes la sãw pawlu

foi, foi difícil né.

foj foj difisiw ne]

INQ. – Qual é parte mais difícil para você?

INF. – Sei lá, é como ... acho que gramática é como... é bem diferente do que inglês então... algumas palavras

[sej la e komo aʃu ke gramatʃika e komu e bẽ dziferẽtʃi do ke ẽgles ẽtã awɒumas palawras

são... não sei... (risos) bem diferente como a gramática mesmo.

sãw nãw sej bẽ dziferẽtʃi komu a gramatʃika mezmo]

INQ. – Em comparação com os Estados Unidos, o que é muito diferente na sua opinião?

INF. – Muito diferente... ahn... sempre tem... almoço, tem almoço aqui, lá é janta comum. Nós jantamos e... aqui

[mujtu dziferẽtʃi an sẽpri tẽ awmosu tem awmosu aki la e ʒãtã komũ nɔs ʒãtãmos e aki

sempre tem arroz e feijão, isso nós não temos ahn... comida assim, nós não temos só, uma comida que nós

sẽpri tẽ axos i fejzãw iso nɔs nãw temos an komida asĩ nɔs nãw temos so uma komida ki nɔs

comemos cada dia. Então isso é diferente. Isso eu gosto.

komemos kada dzia ẽtã iso e dziferẽtʃi isu æw ɒstu]

INQ. – E qual a sua comida preferida?

INF. – Aqui? Hum... lingüiça eu acho. É gostoso.

[aki ã a ligwisa æw aʃu e gostozu]

INQ. – E uma que você não gosta?

INF. – Não gosto... ah é... eu não gosto de guaraná muito como não sei por que as... talvez eu não gosto de

[nãw ɒstu a e æw nãw ɒstu de gwarana mujtu komo nãw sej ɔʒke as tawves æw nãw ɒstu de

refrigerante muito mas eu não gosto de guaraná. muito

xefriʒerãtʃi mujtu mas æw nãw ɒstu de gwarana mujtu]

INQ. – E o que, na sua opinião, é melhor aqui?

INF. – Melhor aqui? Como... como assim?

[meʒoʒ aki komo komo asĩ]

INQ. – Em comparação.

INF. – O que é melhor? Ahn... as pessoas eu acho. Eles, eles são... são boas, eles, eles gostam de falar conosco

[u kʒe meʒoʒ an as pesoas æw aʃu ælis elis sãw sãw boas elis ɒstã dzi falaʒ konosco

e... ahn... sobre, sobre nós, nossa vida lá e também, só sobre, sobre nossa igreja, bem, bem ahn... bondosos né.

e an sobre sobre nɔs nɔsa vida la e tambẽ sɔ sobre. sobre nɔsa igreza bẽ bẽ an bõdɔzos ne]

INQ. – Quando sua missão aqui acabar e você voltar, quais são seus planos?

INF. – Eu vou terminar com faculdade e... também eu vou casar e... eu vou ter filhos como... eu quero seis

[ew vow teʒminaʒ kɔ fakuwdadzi i tãbe æw vow kazaʒ i æw vow teʒ filʒos komu æw keʒu sejs

então... (risos) eu vou buscar um serviço bom e eu vou...

ẽtã æw vow busaʒ ã seʒviso bõ e æw vow]

INQ. – Por que seis filhos?

INF. – Seis filhos, não sei como, isso é divertido, minha família é bem grande então... eu, eu gosto isso e sabe,

[sejs filʒos no sej komu iso e dziverʒidu minã familã e bẽ ɒrãdzi ẽtãw æw æw ɒstu isu e sabe

muito divertido, ter muitas pessoas (risos)

mujtu dzivertšido teŕ mujtas pesoas

INQ. – Brigado ()

INF. – Er, de nada.

[a dži nada]

INFORMANTE 12

INQ. – Fala para mim como era a sua vida lá nos Estados Unidos?

INF. – Minha vida antes? Eu trabalhava de dia, estudava também e... vivia uma vida normal, ia nas igrejas, ia na igreja, participava das atividades ah, tinha meus amigos, gostava de... saía com eles, ia para bailes, eu **igreza paŕtšisipava das atividadzis a tšija mæws amigos gostava dži saia kō ælis ja para bajles ew** gostava de... (so) fazia muito ahn... esportes, jogava (hockey), gostava de fazer () (risos). Eu gostava de fazer **gostava dži. so fazja mujto an esportšis jogava xoki gostava dži fazeŕ [] ew gostava de fazeŕ** muitas coisas, ahn... na... natureza mesmo, nas montanhas.
mujtas kojzas an na natureza mezmo nas mōtanas]

INQ. – Uma lembrança boa, gostosa, que você tem da sua infância, qual é?

INF. – Ah fazendo atividades recreativas com a minha família. Ah (gastava meu tempo) com eles (compondo)

[a fazēdo atšividades xekreatšivas kō a min'ja famil'ja a gastava mæw tēpo kō ælis [kōpōdo]

atividades (so) estando com a minha família foi a melhor coisa.

atšividades so estūdo kō a min'ja famil'ja foj a me'or kojza]

INQ. – E por que você decidiu, como você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Ahn na igreja todos nós somos dados ahn... a oportunidade de dedicar dois anos nesta vida para

[an na igreza todos nōs somos dados an a oportunitadzji dži dedžikaŕ dojs anos nesta vida para

servir uma missão e... a medida que nós somos criados, nós criamos um grande desejo de, de fazer este **serviŕ uma misãw e a medžida ki nōs somos krjados nōs krjamos um grūdžji desejo dži dži fazeŕ estšji** trabalho e é realmente o... uma grande (conta) de nossa vida que nós sempre queremos sair por dois anos e... **trabajo e e xeawmētšji o uma grūdžji kōta de nōsa vida ke nōs sēpri keremus saiŕ poŕ dojs anos e** conhecer uma outra cultura e... e pregar o evangelho, aprender como que é fora de nosso país e... até entre nosso **koŕeseŕ uma owtra kuwtura e e pregaŕ o ewāžel'jo aprēdeŕ komo kje fora de nōso pais e ate ētri nōsu** país também mas como que é para estar fazendo este trabalho.
pais tábē mas komu kje para estaŕ fazēdo estšji trabajo]

INQ. – Quando você soube que era Brasil que você tinha que vir, como é que você se sentiu, qual foi a sua expectativa?

INF. – (Eu fiquei muito feliz) mas quando eu olhei no mapa pensei que teria muito floresta, teria muito

[ew fikej mujtu felis] mas kwādu ew ojej no mapa pēsej ki terja mujtu floresta terja mujtu fazendeiro, pensei que teria muita (rua) de barro mas... eu fui muito enganado quando cheguei aqui. É muito **fazēdjro pēsej ki terja mujta xua de baxo mas ew fuj mujtu ēganado kwādu ew segej aki e mujtu** diferente que eu pensei né. Mas era, eu senti muito feliz, eu sempre queria visitar Brasil, tenho um tio que já **džiferētšji kjew pēsej ne mas era ew sētšji mujtu felis ew sēpri kirja vizitaŕ braziw tē ū tšiw ke za** conhecia Brasil e falava muito sobre Brasil.

koŕesja braziw i falava mujtu sobre braziw]

INQ. – Além de mata e de árvores, qual outras imagens você tinha do Brasil?

INF. – Ahn... futebol. Que todo mundo sabe que o Brasil tem um bom futebol, que todo mundo joga. Ahn... além

[an futšibow ke todo mūdu sabe ke o braziw tē ū bō futšibow ke todo mūdu jōga. an alē

disso eu tenho uma imagem muito de carnaval, de Rio de Janeiro, e isso é a imagem principal.

džisu ewe teŕu uma imagē mujtu dži kaŕnivaw dži xiw dži zanejro e iso e a imazē pŕisipaw]

INQ. – Como que é agora seu dia-a-dia aqui no Brasil?

INF. – Agora? Nosso dia-a-dia é bem, é a mesma coisa cada dia, quase não... nós ah... temos horários de estudar, **[agora noso dziadzia e bẽ e a mezma kojza cada dzia kwaze nãw nãs a temos orarjos dzi estudaç]**

Acordar estudar, sair de nossa casa, nós falamos com pessoas na rua, entramos nas casas das pessoas para **akoçdaç estudaç saič dzi nãsa kaza nãs falãmos kã pesoas na xua êtramos nas kazas das pesoas para** ensinar, e... andamos no sol quente. Não, mas ah... o dia-a-dia é muito bom, conhecemos bastante pessoas, todas **ẽsinaç e ãdãmos no sow kãtji nãw mas a o dziadzia e mujtu bõ konesemos bastãtji pesoas todas** as pessoas que você pode imaginar, diferentes todas, é muito bom. **as pesoas ki vose pãde imazinaç dziferẽtji todas e mujtu bõ]**

INQ. – Fala um pouco da sua profissão aqui, o que é ser missionário.

INF. – O que é ser missionário? É... realmente ah... aprender sobre como ser mais, mais como Cristo e é...

[o ke e seç misinarjo e. xawmẽtji a aprẽdeç sobre komo seç majs majs komo kristo e e realmente é aprender... eu já aprendi mais que eu... que eu aprendi em minha vida... eu me sinto uma pessoa **xawmẽtji e aprẽdeç ew za aprẽdji majs ke ew ke ew aprẽdji e miãa vida ew me sãto uma pesoa** diferente, como missionário nós realmente temos que achar os eleitos do senhor. As pessoas que estão **dziferẽtji komo misjonarjos nãs xawmẽtji temos ke aãar os elejtos do señoç as pesoas ke estãw** buscando a ajuda dele e... somos rejeitados muito mas er... vale a pena quando achamos uma pessoa de **buskãdo a azuda dãle e somos xezejtados mujtu mas e vale a pena kwãdo aããmos uma pesoa de** todas que não, não gostam. **todas ke nãw nãw gõtã]**

INQ. – E o que você faz no seu tempo livre?

INF. – Nosso tempo livre? Mas ah esse tempo livre por dois anos é difícil achar mas temos um tempinho cada **[nãso tẽpo livre mas a aese tẽpo livre poç dojs anos e dzifisiw aãaç mas temos ã tẽpinu kada** semana para ahn... aliviar um pouco o estresse, nós escrevemos cartas para nossa família, fazemos (e-mail) na **semãna para an alivjaç ã powko o stres nãs eskrevemos kaçtas para nãsa familãa fazemos imãw na** internet para eles, nós dormimos um pouquinho porque a semana é pouco difícil ah e... às vezes nós vamos **ĩteçnetji para ælis nãs domimos ã powkiño poçke a semãna e powko dzifisiw a i. as vezis nãs vãmos p** ro centro, vamos fazer alguma coisa recreativa, jogamos basquete, alguma coisa assim. **pro sãtro vãmos fazeç awguma kojza xekreatjiva zogãmos basketji awguma kojza aãi]**

INQ. – Como foi aprender português?

INF. – No começo foi muito difícil, eu me sentia, sentia muito sozinho porque quando eu cheguei ah... meu **[no komeso foj muju dzifisiw ew me sãtjia sãtjia mujtu soziño poçke kwãdo ew sejeç a mew** primeiro companheiro, primeiro amigo, ele era brasileiro, ele falava nada de inglês então... eu tinha que só **primejro kãpãneçro primejro amigo æli era brazilẽjro æli falava nada dzi igles êtãw ew tjiãa ke so** aprender ouvindo e praticando e... no primeiros, primeiros semanas foram difíceis mas depois algumas **aprẽdeç owvãdo e pratjãkãdo i no primejros primejros semanas forã dzifisejs mas depojs awgumas** semanas você acostuma e você começa entendendo e a praticar é só uma desafio a mas vai aprendendo **semãnas vose akostuma e vose komesa êtẽdẽdo ja pratjikaç e so uma dezafjo a mas vaj aprẽdẽdo** rápido. **xapido]**

INQ. – Qual é a grande diferença entre o Brasil e o seu país?

INF. – A grande diferença? Hum... 'cê vai ter quer dar uma... ah... acho que é tudo. Realmente ah... hum... deixe-me pensar,...

[a grãde dziferẽsa ã se vaj teç ke daç uma a aõo kje tudu xeawmẽtji a ã dejseme pẽsaç]

INQ. – (Pode pensar)

INF. – Tá bom (risos)... grande diferença? Entre a clima, o quê?

[ta bom grãdji dziferẽsa être a klima o ke]

INQ. – Qualquer coisa.

INF. – Qualquer coisa?

[kwawkeɾ koiza]

INQ. – O que mais te chamou a atenção.

INF. – Que mais me chamou a atenção? Ahn... tudo diferente, onde você olha a construção é diferente, as ruas

[ke majs me ʃamow a atēsãw an tudo dziferētʃi ôde vose ɔja a kōstrusãw ɛ dziferētʃi as xuas
são diferentes, as pessoas também são diferentes. A clima é bem diferente, daonde eu vim. Porque onde eu vim é
sãw dziferētʃis as pesoas tãbê sãw dziferētʃis a klima ɛ bẽ dziferētʃi daõde æw vĩ porʃke ôde æw vĩ ɛ
um deserto, quase não tem umidade, e não é tão quente. Você não soa, não sua tanto e... am... tem muitas pessoas
ũ dezerʃto kwaze nãw tẽ umidade i nãw ɛ tãw kētʃi vose nãw soa nãw swa tãto i am tẽ mujtas pesoas
muito humilde aqui também, não tem que () as pessoas são muito humilde.
mujtu umiwdzi aki tãbê nãw tẽ ke as pesoas sãw mujtu umiwdzi]

INQ. – O que você mais gosta aqui?

INF. – O que eu mais gosto? Arroz e feijão. (risos) Não, ah... o que eu mais gosto é... o trabalho que eu faço,

[o kjæw majs gɔsto axoz e fejzãw nãw a o ke æw majs gɔsto ɛ o trabajo que æw faso
apesar de ser um trabalho muito... muito difícil, ahn... quando nós achamos as pessoas e... quando nós
apezaɾ de seɾ ã trabajo mujtu mujtu dzifisiw an kwãdo nɔs aʃãmos as pesoas i kwãdo nɔs
testemunhamos esses milagres acontecer na vidas dessas pessoas traz a maior alegria para nós também pra
testemuɲãmos eses milagres akõteseɾ na vidas desas pesoas tras a majoɾ alegrja para nɔs tãbê pra
nosso trabalho. Então eu teria que falar trabalho.
nɔso trabajo ẽtãw æw terja ke falaɾ trabajo]

INQ. – O que você não gosta aqui?

INF. – O que eu não gosto? Bem, hum... o que eu não gosto... que que eu falo... coisas sobre Brasil, não? Ahn...

o ke æw nãw gɔsto bẽ ã o ke æw nãw gɔsto ki kj æw falo kojzas sobre braziw nãw an
ah eu acho que às vezes as morais das pessoas, acho que seria mais a moral. Ahn... de onde eu vim não tanto
a æw aʃo ke as vezes as morajs das pesoas aʃo ke serja majs a moraw an de ôde æw vĩ nãw tãto
aqui no Brasil, de onde eu vim (o Estado é muito...) que é... eu tenho uma força muito grande da igreja então não
aki no braziw de ôde æw vĩ o estado ɛ mujtu ke ɛ æw teɲo uma forsa mujtu grãde da igreja ẽtãw
vejo tanta ah iniquidade, quer dizer mas, tenho certeza que não somente em Brasil mas tanto lá tem a
nãw vezo tãta a inikwidade keɾ dzizer mas teɲo seɾteza ke nãw somête ẽ braziw mas tãto la tẽ a
mesma coisa só de onde eu vim mesmo. Eu só vejo pessoas que não tem muitos morais.
mezma koiza sɔ dzi ôde æw vĩ mezmo æw sɔ vezo pesoas ke nãw tẽ mujtus morajs]

INQ. – Quando sua missão acabar aqui quais são seus planos?

INF. – Quando a minha missão acabar aqui eu... eu vou voltar, eu vou continuar estudando faculdade e... ahn

kwudo a miɲa misãw akabaɾ aki æw æw vow vowtaɾ æw vow kõt^hinwaɾ estudãdo fakuwdadzi i an
vou trabalhar enquanto eu estudo, eu vou... eu vou namorar eu vou achar minha esposa e começar uma
vow trabajaɾ ẽkwãto æw estudo æw vow æw vow namoraɾ æw vow aʃaɾ miɲa espoza e komesaɾ uma
família e quando eu me formar eu vou er... quero ter uma vida feliz com a minha família servindo à igreja.
famil^ha e kwãdo æw me formaɾ æw vow e kero teɾ uma vida felis kō amiɲa famil^ha seɾvĩno a igreja]

INQ. – Quanto filhos você vai ter?

INF. – Ah, seis a oito.

[a sejs a ojto]

INQ. – Obrigado.

INF. – Obrigado.

[obrigado]

INQ. – Me fale como que era a sua vida lá.

INF. – Também eu tive uma vida normal de um rapaz de vinte anos eu estudava, trabalhava, chegava () era ...

**[tãbê ew t̃ive uma vida noṛmaw de ũ xapas de ṽite ãnos ew estudava trabajava ſegava era ahn normal.
an noṛmal]**

INQ. – Sua cidade era uma cidade grande?

INF. – É. É muito grande, Nova Iorque é muito interessante por isso achar qualquer tipo de coisa para fazer lá.

[ε ε mujtu grandzi nova ior̃ki ε mujtu ĩteresãt̃ſi poṛ iso aſaṛ kwawkeṛ t̃ſipo de kojza para fazeṛ la

Muito divertido viver lá.

mujtu dziveṛt̃ſido viveṛ la]

INQ. – Conta uma história gostosa da sua infância.

INF. – História gostosa é?... Bom, história específica? Hum... ‘xô vê...

[iſtoṛja goſtoza ε bõ iſtoṛja goſtoza eſpeſifika ũ ſo ve]

INQ. – Uma lembrança boa.

INF. – Ah, minha infância era gostosa porque não tive, não tive preocupações ahn... eu vim de uma família

[a miņa ĩfãſja era goſtoza poṛke nãw t̃ive nãw t̃ive preokupasões an ew ṽi de uma famil̃a
grande, acho que é a mesma coisa que (gostava) de... de atividades com minha família, mudava bastante
grũdzi aſo kje a mezma kojza ke [[gostava] dzi dzi at̃ſividadzis kõ a miņa famil̃a mudava baſtãt̃ſi
também, conhecia bastante lugares e que... não sei (risos)

tãbê koņesja baſtãt̃ſi lugares ĩ ki nãw ſej]

INQ. – E por que o Brasil? Como que foi essa decisão?

INF. – Ahn, bom, quando eu decidi fazer missão eu não sabia para onde eu iria. Eu só mandei os papéis () da

an bõ kwãdu ew deſidzi fazeṛ miſãw ew nãw ſabja para õde ew irja ew ſõ mũdej os papejs [] da
minha missão mas quando fiquei sabendo que era o Brasil eu... foi muito animado. Oh... não foi, Brasil é mais
miņa miſãw mas kwãdo fikej ſabẽdo ki era o braziw ew foj mujtu animado o nãw foj braziw ε majs
ou menos o que eu imaginava, mais ou menos. Ahn... muito verde aqui, as pessoas são como eu imaginava
ow menos o ki ew imazinava majs ow menos an mujtu væṛdzi aki aſ pesoas ſãw komu ew imazinava
que seria am... um povo bem e um lugar muito gostoso.

ki ſerja am ũ povo bẽ abeṛta e ũ luğaṛ mujtu goſtozu]

INQ. – Não encontrou nenhuma anaconda na rua?

INF. – Não. (risos) Ainda não. Bom, Mato Grosso é um pouco diferente do que aqui mas...

[nãw aĩda nãw bõ mato groſo ε ũ powko dziferẽt̃ſi do ki aki maſ]

INQ. – Você estava no Mato Grosso?

INF. – Estava.

[iſtava]

INQ. – E qual a diferença entre Mato Grosso e aqui, para você?

INF. – Ah aqui muito mais moderno. Ahn... tem um diferença entre aqui e de onde nós morava, onde nós

[a aki mujtu majs modeṛno an tẽ ũ dziferẽsa ẽtre aki i dzi õdzi nõs morava õdzi nõs
moramos em anos eu acho. Acho que Londrina é cinco, oito anos atrás dos Estados Unidos ainda. E o Mato
morãmos ẽ anos ew aſo aſo ki lõdrina ε ſiko ojto anos atraſ doſ eſtadoſ unidoſ aĩda i o mato
Grosso é mais, dez, quinze anos atrás.

groſo ε majs deſ kĩze anos atraſ]

INQ. – E como que é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Ah () é bem corrido. Ahm... nós estudamos e a maioi... maioria do nosso tempo é dedicado para achar e

[a [] ε bẽ koxido am nõs eſtudoſ i a majo majorja do nõſo tẽpu ε dedzikado para aſaṛ i

ensinar as pessoas que estão buscando a verdade. Então às vezes tem muito (compromisso) com pessoas que já
ẽsinaꝛ as pesoas ki estãw buskãdo a veꝛdadzi ẽtãw as vezes tẽ mujtu [kõpromiso] kõ pesoas ki za
 nós achamos ou às vezes tem que achar tempo para... para procurar.
nãs aꝛamos ow as vezis tẽ ki aꝛaꝛ tẽpo para para prokuraꝛ]

INQ. – Fale para mim como é para você ser missionário.

INF. – É... mui... muito gostoso, ()ahn ... experiência como você cresce muito, pessoalmente... você chega mais
[ẽ muj mujto gostozo [] an esperjẽsja komo vose krese mujtu pesoawmẽtꝛi vose ẽega majs
 ao Salvador e ‘cê é testemunha da... dos ensinamentos dele cresce muito. Ahn...também uma experiência de
aw sawvadoꝛ e se ẽ testemuꝛa da dos ẽsinamẽtos dele krese mujtu an tãbẽ uma esperjẽsja de
 viver com uma outra pessoa vinte e quatro horas por dia e... diferente, você aprende como ter paciência, como
viveꝛ kõ uma owtra pesoa vĩte e kwatro ɔras poꝛ dzia i dziferẽtꝛi vose aprẽdzi komo teꝛ pasiẽsja kom
 viver bem com alguém que às vezes você nem gosta, então é... (eu gostou dele, não estou falando mal) mas
o viveꝛ bẽ kõ awgẽ ki as vezis vose nẽ gõsta ẽtãw ẽ [ew gosto dele nãw estou falãdo maw] mas
 realmente vai é um experiência de aprendizado Todas as coisas.
xeawmẽtꝛi vaj ẽ ù esperiẽsja de aprẽdzizado todas as kojzas]

INQ. – Quer dizer que você volta modificado?

INF. – Ah com certeza você... você sai como rapaz e volta homem.

[a kõ seꝛteza vose vose saj komo xapas e vowta ɔmẽ]

INQ. – Suponhamos que você me encontre na rua e você queira me abordar e falar a respeito da Palavra, o que
 você me diria?

INF. – Ah provavelmente eu algumas coisas, ahn... quais são as coisas mais importantes para o

[a provawemẽtꝛi ew peꝛgũtaria awgumas kojzas an kwais sãw as kojzas majs ĩpoꝛtãtꝛis para o

senhor, sua família. Eu perguntaria se você acredita que, que Deus tem uma organização que abençoa a vida
sejõꝛ swa famiã ew peꝛgũtarja se vose akredzita ki ki dewš tẽ uma oꝛganizasãw ki abẽsoa a vida
 das pessoas, tem uma organização que pode nos levar a viver com ele de novo. E talvez eu perguntaria se
das pesoas tẽ uma oꝛganizasãw ki pãde nos levaꝛ a viveꝛ kõ eli dzi novo e tawvez ew peꝛgũtaria se
 você gostaria de conhecer essa organização. Essa é a nossa proposta, mas todo mundo... gosta de responder de
vose gostaria de kojesẽ esa oꝛgãnizasãw esa ẽ a nõsa propõsta mas todo mũdo gõsta de xespõdeꝛ de
 uma maneira diferente. Então fazer perguntas é o melhor jeito de... perguntaria várias coisas.
uma maneja dziferẽtꝛi ẽtãw fazeꝛ peꝛgũtas ẽ o melõoꝛ zejto de peꝛgũtaria varias kojzas]

INQ. – Daí você vai diagnosticando, vai percebendo o que a pessoa quer?

INF. – Exatamente.

[ezatamẽtꝛi]

INQ. – E o que você faz no seu tempo livre?

INF. – Eu durmo, escrevo cartas para família também, para namorada, é, só isso mesmo.

[ew duꝛmo eskrevo kaꝛtas para famiã tãbe para namorada ẽ sã iso mezmo]

INQ. – A namorada já está te esperando?

INF. – É, eu espero que sim, não sei. O último carta foi um mês atrás, então vamos ver no próximo né.

[ẽ ew espero ki sã nãw sej o uwꝛjimo kaꝛta foj ù mes atras ẽtãw vãmos veꝛ no pꝛõsimo ne]

INQ. – E para você, como foi aprender português?

INF. – Ah não era tão difícil como imaginava. Eu peguei sorte, eu fiquei seis semanas com um americano que já
[a nãw era tãw dzifisiw komo imazinava ew pegej soꝛte ew fikej sejs semãnas kõ ù amerikãno ki za
 fala muito bem, ele me ensinava bastante coisa daí já foi com um brasileiro, então nos primeiros dois meses
fala mujtu bẽ æli me ẽsinava bastãtꝛi koja dai za foj kõ ù brazilẽjro ẽtãw nos primejros dojs mezes
 da missão aprendi a falar bem rápido. Eu... eu acho que eu tenho um facilidade em aprender () de exercitar a
da misãw aprẽdzi a falaꝛ bẽ xapido ew ew afo ki ew teꝛo ù fasilidadzi ẽ aprẽdeꝛ [] de ezeꝛsitaꝛ a
 parte de gramática de inglês. Sempre tirava nota muito boa em Inglês e eu estudava inglês muito. Então eu

parte de gramatjika de ĩgles sēpri tširava nota mujtu boa ĩ ĩgles i ew estudava ĩgles mujtu ĩtāw ew acho que isso ajudou muito. Eu aprendi as partes da língua gramática as coisa importante eu só aplicava **afo ki iso azudow mujtu ew aprēdzi as partes da ligwa gramatjika as kojza ĩportātji ew so aplikava n** a português e eu aprendi a falar.

na portuges i ew aprēdzi a falaŕ]

INQ. – Qual a parte mais legal de português?

INF. – Acho que português tem algumas palavras que não existe tradução. Para essas palavras em inglês, por **afo ki portuges tē awgumas palavras ki nāw eziste tradusāw para esas palavras ĩ ĩgles por** exemplo a palavra “gostoso”, não tem tradu... tradição para a palavra gostoso. Então se você quer falar que uma **ezēplo a palavra gostozo nāw tē tradu tradzisāw para a palavra gostozo ĩtāw se vose keŕ falaŕ ki** coisa é gostosa em inglês como é que ‘cê fala? Não, não tem como falar, então tem outras palavras assim **uma kojza ε gostozza ĩ ĩgles komo ε ki se fala nāw nāw tē komo falaŕ ĩtāw tē owtras palavras asĩ** também. (risos)

tābē]

INQ. – Em comparação com os Estados Unidos, qual é a grande diferença?

INF. – Ahn as pessoas ahn...(em todo o lugar) acho que é as pessoas, é a maior diferença. As pessoas que são **[an as pesoas an [ē todo o lugar] afo ki ε as pesoas ε a major dziferēsa as pesoas ki sāw** mais abertas, são mais alegre apesar de ter mais dificuldade ahn... também é uma... ah são muitas as... o **majs aberttas sāw majs alegres apezaŕ de teŕ majs dzifikuwdadzi an tābē ε uma a sāw mujtas as o** clima também é bem diferente mas... acho que com todas as coisas que o mundo tem hoje em dia deve ser mais, **klima tābē ε bē dziferētji mas afo ki kō todas as kojzas ki o mūdu tē ozi ĩ dzia devi seŕ majs** deve ter mais igualdade e não tem.

devi teŕ majs igwawdadzi e nāw tē]

INQ. – Do que você mais gosta aqui no Brasil?

INF. – Churrasco.

[šuxasko]

INQ. – E do que você menos gosta?

INF. – Calor. (risos)

[kaloŕ]

INQ. – Acabando a missão, quais são seus planos?

INF. – Ahn eu não sei... é ficar famoso. Não, só ter uma família feliz e () suficiente quando eu tiver () anos **[an ew nāw seŕ ε fikaŕ famozo nāw so teŕ uma famil'ia feliz e [] sufisietji kwādo ew tšiveŕ [] ānos** para que eu possa fazer qualquer coisa com essa () e... não sei, vou tentar jogar basquete na faculdade, fazer **para ki ew pōsa fazeŕ kwakeŕ kojza kō esa [] i. nāw seŕ vow tētaŕ zogaŕ basketji na fakuwdadzi fazeŕ** todas as coisas que... que me dá saudade, aqui eu penso nas coisas que me dá saudade eu vou fazer.

todas as kojzas ki ki mi da sawdadzi aki ew pēso nas kojzas ki mi da sawdadzi ew vow fazeŕ]

INQ. – Brigado.

INF. – ()

INQ. – Quantos filhinhos mesmo?

INF. – Uns doze.

[ūns doze]

INFORMANTE 14

INQ. – Como que era sua vida lá nos Estados Unidos?

INF. – Antes de ir aqui? Minha vida foi, eu estava estudando er... estava (brincando) com a minha família **[ātjis dzi iŕ aki miŕa vida foj ew estava estudādo e estava [brīkūdo kō a miŕa famil'ia** também, ah coisas como isso. Am... eu joguei esportes como basquete e ah tênis.

tābē a kojzas komo iso am ew jogeŕ esportes komo basketji i a tenis]

INQ. – Conta uma coisa gostosa, uma coisa boa da sua infância.

INF. – Hum... lá nos Estados Unidos? Ahn... ah... as cidades grande e ah, não muito confuso, bem ah... bem simples.

[ũ la nos estados unidos ã a as sidades grãdzji i a nãw mujtu kôfuzo bê a bê sîples]

INQ. – E por que você decidiu vir para o Brasil?

INF. – O quê?

[o ke]

INQ. – Por que você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Ah porque gi... ar... Deus me chama aqui. Então eu estou aqui para servir por dó... dois anos in Brasil.

[a porke zi ar dews me sãma aki êt^hãw ew estow aki para serwiŕ por do dojs ãnos i brazilw]

INQ. – E qual era a imagem que você tinha do Brasil antes de vir para cá?

INF. – Eu achei... todo, todo Brasil é como Amazônia. Floresta, ahn... só isso, não tem muitas pessoas, ahn...

[ew aŕej todo todo brazilw e komo amazonja filoresta ã so iso nãw tẽ mujtas pesoas ã]

grande cidades, piquenas ko... coijsas como isso.

grãdzji sidadzis pikenas ko kojzas komo iso]

INQ. – E como que é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Ah bom, ahn... dia-a-dia?

[a bõ ã dziadzia]

INQ. – ()

INF. – É, ahn... nossas, nós bater, nós batermos portas aqui, falar com pessoas, ensinar, agir com... algumas

[e ã nãsas nãs bateŕ nãs batẽmos porŕtas aki falaŕ kô pesoas êsinaŕ aŕi] kô awgumas]

coisas, e também batizar pessoas.

kojzas i tãbẽ batŕizaŕ pesoas]

INQ. – E fala um pouco da sua profissão aqui, de como é ser missionário.

INF. – Ahn... estamos aqui para trabalhar ahn... por pessoas que... para ajudar como eu já falei ahn... para

[ã estãmos aki para t^hŕabaŕãŕ ã por pesoas ki para azudaŕ komu ew za falej para]

preparar pessoas para batismo ensinar e tras feliz na casa deles.

preparaŕ pesoas para batŕismo êsinaŕ e tras felis na kasa dães]

INQ. – E o que você faz no seu tempo livre?

INF. – Eu tenho pouco tempo, por isso, mas... eu estudei, estudo ahn também jogou um pouco, brincou um

[ew powko tẽpo por iso mas ew estudej estudo ã tãbẽ jogow ã powko brĩkow ã]

pouco, mas nós não temos muito tempo ahn... por isso, esta... nós estamos estudando, trabalhando, er... então, ah,

powko mas nãs nãw tẽmos mujtu tẽpo ã por iso esta nãs estãmos estudãdo t^hŕabãdo e.

dormir também.

êtãw a doŕmiŕ tãbẽ]

INQ. – Dormir?

INF. – Dormir (risos)

[doŕmiŕ]

INQ. – Como foi aprender português?

INF. – Ah difícil, eu estava (ainda) em São Paulo por quase dois meses para aprender português. Eu...

[a dzifisiw ew estava aĩda ã sãw pawlo por kwaze dojs mezez para apŕẽdeŕ porŕtuges ew]

INQ. – O que você aprende primeiro em português?

INF. – Primeiro palavra?

[primejro palavra]

INQ. – Primeiras coisas.

INF. – Ahn, que horas são, ahn... de onde você ahn... como se chama, que seu nome ahn... onde você mora,
[ũ ki ɔras sãũ ã dʒi ɔdʒi vose ã komo si sãma ki sew nɔme ã ɔdʒi vose mɔra]

INQ. – E em comparação com o seu país, o que é pior aqui no Brasil?

INF. – Ahn... Médico. Ahn também... (riso) economia, para falar a verdade, ahn... só isso.

[ũ medʒiko ã tʰãbẽ ikonomja para falaɾ a veɾdadʒi ã sɔ iso]

INQ. – E o que é melhor aqui no Brasil?

INF. – Ah pessoas aqui.. mais aberto aqui.

[a pesoas aki majs abeɾto aki]

INQ. – E o que é muito diferente?

INF. – Aqui, muito diferente? Ah... hum... vocês têm muitos cachorros na rua.

[aki mujtu dʒiferẽtʃi a ũ. voses tẽ mujtus caʃoxos na xua]

INQ. – Você já foi perseguido?

INF. – Hah, ah já (risos)

[xa a ʒa]

INQ. – Do que é que você não gosta, aqui?

INF. – Ah não gosta de muito ahn, ah ah, sol. Você tem muito quente aqui, todos os dias. Não gosta de isso muito, (riso)

[a nãũ ɡɔstʃi de mujtu ã a a sow vose tẽ mujtu kẽtʃi aki todos os dʒias nãũ ɡɔsta dʒi iso mujtu]

INQ. – Qual a sua comida brasileira favorita?

INF. – Uff... ahn... carne. Carne, feijão e arroz, todos os dias, então a carne é super, super bom.

[uf ã kaɾni kaɾni fejzãũ i axoz todos os dʒias ẽtãũ a kaɾni ɛ supe supe bõ]

INQ. – E a comida que você não gostou?

INF. – Hum... feijoada.

[ũ fejzɔada]

INQ. – Saindo daqui do Brasil, quais são seus planos?

INF. – Ah eu vou estudar, casar, am... trabalhar também.

[a ew vow estudar kazaɾ am tʰɾabaʼaɾ tãbẽ]

INQ. – Quantos filhos?

INF. – Eu vou ter? Ah eu quero dois filhos (risos)

[ew vow teɾ a ew kero dojs filʼos]

INQ. – Brigado.

INF. – Dinada.

[dʒinada]

INFORMANTE 15

INQ. – Como que era a sua vida lá nos Estados Unidos?

INF. – Ah minha vida, eu estudei, trabalhei num banco e... eu fiz academia com o meu tempo livre, namorei é

[a miɲa vida ew estudej tʰɾabaʼej nũ bãko i ew fis akademja kõ o mew tẽpo livre namorej ɛ

certo né. Sai com amigos.

seɾto ne sai kõ amigos]

INQ. – E por que você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Também junto com, com missionários, Deus me chamou aqui. E... estou aqui para servir o povo.

[tãbẽ jũto kõ kõ misjonarjɔs dews me ʃamow aki e estow aki para seɾviɾ o povo]

INQ. – Uma lembrança boa de quando você era criança?

INF. – Quando é criança? (Nossa) eu lembro quando eu era, as férias, nós fomos para Walt Disney, para as **[kwádo e kriúsa [nosa] ew lēbro kwádo ew eraas ferjas nəs fomos para wawtʃ dzisni para as** cachoeiras de Niágara, é são lembranças junto com a minha família que nunca vou esquecer e... São os **kafoejras de njagara e sãw lēbrúsas jūto kō a miņa famil'ā ke nūka vow eskeser i sãw os** momentos mais felizes de minha vida.
momētos majs felizes da miņa vida]

INQ. – E qual a imagem sua, a respeito do Brasil antes de vir?

INF. – Antes de vir eu sabia sobre carnaval, eu via o estado lá, Rio, eu imaginei ah... assim como que fosse a **ūtʃis de viř ew sabja sobre kařnavaw ew vja o estado la χjo ew imazinej a asī komu ki fosi a** Amazonas também. Floresta e... e já foi pra México muitas vezes e... acha que é assim, assim como México.
amazonjas tábē floresta i i 3a foj pra meřiku mujt^has vezis i ařa kje asī asī komo meřiko]

INQ. – E como é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Dia-a-dia, nós andamos muito, suamos muito, batemos muita perna, nós convidamos muitas pessoas, **dziadzia nəs ādāmos mujto suāmos mujtu batēmos mujta peřna nəs kōvidāmos mujtas pesoas** conversamos muito com as pessoas sobre o Senhor Jesus Cristo.
kōveřsāmos mujto kō as pesoas sobre o seņor žezus kristo]

INQ. – Fale um pouco de como é ser missionário.

INF. – Ser missionário é muito bom. Você sente o (espírito) dia-a-dia, você ajuda muitas pessoas e você pode **[seř misjonarjo e mujtu bō vose sētʃi o espirito dziadzia vose ařuda mujtas pesoas e vose pōde** ver o mudança que eles tem para lado maior.
veř o mudāsa ki eles tē para lado majoř]

INQ. – E como é seu tempo livre?

INF. – É bem pouco, quando nós temos tempo livre, nós... às vezes nós vamos para o centro para fazer algumas **[e bē powko kwádo nəs temos tēpo livre nəs as vezis nəs vāmos para o sētru para fazeř awgumas** compras, jogamos boliche, ahn comemos, dormimos, etcétera.
kōpras jogāmos bolife ō komemos dořmimos etʃisetera]

INQ. – E o que foi mais fácil em aprender português?

INF. – (Fala de novo)

[[fala dzinovo]]

INQ. – Aprender português todos disseram que foi difícil, e para você, o que foi mais fácil de aprender?

INF. – Ah, para mim, para falar a verdade eu sou descendente de mexicano, então eu já falava português... ahn, **[a para mĭ para falař a veřdadži ew sow desēdētʃi de mexikāno etāw ew 3a falava pořtuge ō** espanhol fluentemente. Eu aprendi português em mais ou menos quarenta dias. Falava muito bem depois de **ispaņow flwētʃimētʃi ew aprēdži pořtuges ē majs ow menos kwarēta dzias falava mujtu bē depojs dzi** quarenta dias.
kwarēta dzias]

INQ. – Em comparação com o seu país, o que aqui é muito diferente?

INF. – Diferente? O que aqui é muito diferente? ... A política, o sistema de política é diferente, ahn, só **[dziferētʃi o ki aki e mujtu dziferētʃi a poliřica o sistema de poliřika e dziferētʃi ā so** basicamente isso que você pode perceber.
basikamētʃi iso ki vose pude peřcebeř]

INQ. – E o que você não gosta?

INF. – Eu não gosto daqui? (risos)

[ew nāw gōstu daki]

INQ. – Pode falar a verdade.

INF. – Ahn, ‘xô vê, deixe-me pensar aqui... Ah que muito brasileiro tem, sempre tem desculpa. Isso que eu não gosto.

[ũ ʃo ve dejsemi pēsar aki a ke mujtu brazilejro tē sēpre tē deskuwpa iso kjew nãw gəsto]

INQ. – E o que você não gosta aqui?

INF. – Eu gosto aqui, o povo. E sei que eles são muito humilde, muitos abertos, né, conversa muito com a gente

[ew gəsta aki o povo e sej kiales sãw mujtu umiwde mujtus abertos ne kōwersa mujtu kō a zēte

e não são tão fechados como lá nos Estados Unidos.

e nãw sãw tãw feʃados komo la nos estados unidus]

INQ. – A sua comida preferida?

INF. – Preferida aqui? Eu gosto de mandioca frita.

[preferida aki ew gəstu de mūdʒjəka frita]

INQ. – E a que você não gosta?

INF. – Não gosto... não gosto quibe.

[nãw gəstu nãw gəsto kibe]

INQ. – E saindo daqui, quais são seus planos?

INF. – Quando eu volto para casa eu vou continuar estudando para ser um farmacêutico e... estou pensando,

[kwādo ew vowto para kaza ew vow kōtʃinwaʃ estudādo para seʃ ũ faʃmasewtʃiko i estow pēsādo

tenho namorada lá, então vou casar lá, ter filhos e ter uma família boa.

teʃo namorada la ētãw vow kazaʃ ka teʃ fiʃos e teʃ uma famiʃa boa]

INQ. – Quantos filhos?

INF. – Ah dois também.

[a dojs tãbē]

INQ. – Brigado.

INF. – Brigado.

[brigado]

INQ. – Algo que eu não te perguntei que você gostaria de falar?

INF. – É você me fez uma pergunta o que eu não gosto também. Junto com as desculpas das pessoas que muitas

[e vose me fes uma pergūta o ke ew nãw gəsto tãbē zūto kō as deskuwpas das pesoas ke mujtas

das vezes têm, sou muito tímido e eu tenho muita vergonha do pessoal daqui, não sou tão corajoso assim

das vezes tē sow mujtu tʃimido e ew tēʃo mujta verʒoŋa do pesoaw daki nãw sow tãw koraʒozo asī

como nos Estados Unidos.

komo nos etados unidus]

INFORMANTE 16

INQ. – Fala pra mim, como que era a sua vida lá nos Estados Unidos?

INF. – Antis da missãu? Bem, lá nos Estados Unidos eu estava... indo para... estudar, fazendo faculdadi,

[‘ãtʃis ‘dɛ mi’sãw? ‘bē, ‘la ‘nos es’tadus u’nidus ‘ew es’tavɛ... ‘idu ‘pa.lɛ... ‘istu’dɑ.l, fa’zɛdu fakuw’dadzɪ,

em colégio, e... depois estava trabalhando antis da missãu.

‘ē kolɛʒiw, ‘ɪ ... dɪ’pojs is’tavɛ tʃaba’lãdo ‘ãtʃis ‘da mi’sãw].

INQ. – Se você tivesse que me contar uma história é..., uma coisa boa da sua infância, qual seria? Uma coisa gostosa que você se lembra?

INF. – Bem... umas coisas gostosas... antis da missãu eu gosta de andar de cavalo i... i meu pai

[‘bē, ... ‘umas ‘kojzas goʃ’tɔzas... ‘ãtʃis ‘da mi’sãw ‘ew ‘gɔʃtɛ ‘dʒɪ an’dɑ.l ‘dʒɪ ka’valo ‘ɪ... ‘ɪ ‘mew ‘pai

sempre ele ia andar comigo. E... isso mesmu.

'sɛp.lɪ 'elɪ 'iɛ ko'migo. 'ɪ... 'iso 'mesmu].

INQ. – E... por que você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Bem... eu sempre queria fazer um missão. E o ... Senhor lá me mandou... para o Brasil.

['bẽ... 'ew 'sɛp.lɪ ke'liɛ fa'ze.l 'ũ mi'sãw. 'ɪ 'u... se'ŋo.l 'la 'mɪ 'mãdow... 'pa.lɛ 'u b.la'ziw].

INQ. – Qual que era a imagem do Brasil antes de vir pra cá?

INF. – Ah hum.... mais ou menos assim eu estava pensando (inint.) muito quenti e muito quenti aqui mesmo. E...

['ah 'ũ... 'majs 'ou 'menos a'sɪ 'ew ɪs'tavɛ pẽ'sãdu 'mujtu 'kɛtʃɪ 'ɪ 'mujtu 'kɛtʃɪ a'ki 'mesmu. 'ɪ...
isso mesmu.

'isu 'mesmu].

INQ. – E como é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Dia-a-dia... Eu... nós acordamus às seis e meia. Fazemus exercícius e depois fazemus acho

['dja 'a 'dja... 'ew... 'nɔs ako.l'damus 'as 'sejs 'ɪ 'mejɛ. fa'zemos eze.l'sisius 'ɪ di'pojs fa'zemos 'aʃu
que tudo o dia inteiro.

'kɪ 'tudo 'u 'dʒiɛ in'tejɾu].

INQ. – E, fale um pouco da missão, aqui no Brasil.

INF. – A missão, nós estamos aqui pra pregar o evangelho à todas as pessoas que... ah... nós temos

['a mi'sãw, 'nɔs ɪs'tamus a'ki 'p.la p.le'ga.l 'u evã'geliw 'a 'todas 'as pɪ'soas 'kɪ... ah... 'nɔs 'temos
oportunidadɪ para passarmus em casa para, ah... ensinarmus as coisas que acreditamus.

opo.ltuni'dadzɪ 'pa.lɛ pa'sa.lmos 'ẽ 'kazɛ 'pa.lɛ, ah... ẽsi'na.lmos 'as 'koizas 'kɪ ak.lɛdʒi'tamus].

INQ. – E o que você faz no seu tempo livre?

INF. – Tempo livre... brincamus muito. (risos) Ah, nós, bem... jogamus basqueti, futebol americanu,

['tɛpu 'livɪ... b.lin'kamos 'muito. ah, 'nɔs, bẽ... ʒo'gamus bas'ketʃɪ, fu'tʃɪbɔw ame.lɪ'kãno,
coisa assim.

'koizɛ a'sɪ]

INQ. – Aprender português. Como que foi?

INF. – Vixi, foi difícil dimais. Ainda estou aprendendu. (risos) Tem muitos ainda... muitas coisas diferenti em

['viʃɪ, 'foj di'fisɪw dʒɪ'mais. a'ɪdɛ es'tow ap.lɛ'dɛdu. 'tɛ 'mujtus a'jdɛ... 'mujtas 'kojzas dʒife'lɛtʃɪ 'ẽ
inglês.

in'gles].

INQ. – E onde você aprendeu?

INF. – Ah, aqui na missão mesmu. Hã... nem sabia nada antes da missão. Só que... com meus companheiros.

[ah, a'ki 'na mi'sãw 'mesmu. ham... 'nẽ sa'biɛ 'nadɛ 'ãtʃɪs 'da mi'sãw. 'sɔ 'kɪ... 'kõ 'mews kɔpa'ɲejɾos]

INQ. – Qual é a grande diferença entre o Brasil e o seu país?

INF. – Ixi, grandɪ diferença é idioma. A língua portuguesa (risos). Não a diferença, ah... as pessoas. Aqui

['iʃɪ, 'g.lãdʒɪ dʒife'lɛsɛ 'ɛ ɪdʒɪ'omɛ.'a 'linguɛ po.ltu'gezɛ. 'nãw a 'g.lãdʒɪ dʒife'lɛsɛ, ah... 'as pɪ'soas. a'ki 'as...
as pessoas aqui são muito bom!... Muito bom!

as... 'as pɪ'soas a'ki 'sãw 'mujtu 'bõ ... 'mujtu 'bõ].

INQ. – Do que é que você não gosta?

INF. – Sobre Brasil? Acho... a calor. (risos)

['sob.lɪ b.la'ziw? a'ʃu... 'a ka'lo.l].

INQ. – É muito?

INF. – É.

['ɛ]

INQ. – Quais são seus planos depois de sair da missão?

INF. – Dipois da missão eu vou voltar para trabalhar. Eu vou... estudar.

[dɪ'pojs 'da mi'sãw 'ew 'vow 'vowta.l 'pa.lɛ t.laba'ʎa.l. 'ew 'vow... iʃtu'da.l].

INQ. – Obrigado!

INF. – Di nada!

['dʒɪ 'nadɛ]

INFORMANTE 17

INQ. – Me fala como era a sua vida lá nos Estados Unidos.

INF. – Estados Unidos? Era... normau. Eu trabalhava em... construção, eu ia para a faculdadi,

[is'tados u'nidos? 'ɛ.lɛ... no.l'maw. 'ew t.laba'ʎave 'ẽ... kōst.lu'sãw, 'ew 'iɛ 'pa.lɛ 'a fakuw'dadzɪ, brincava muito com meus amigos, saía com eles. Era uma vida normau.

b.lin'kave 'mujto 'kō 'mews a'migos, sa'jɛ 'kō 'elɪs. 'ɛ.lɛ 'umɛ 'vide no.l'maw].

INQ. – Conta uma história gostosa, assim, uma coisa boa da sua infância.

INF. – Infância... Ah... gostava muito da nevi. Agora é bem frio lá. Ondi eu moro,né. Então, cada

[i'fãsiɛ... ah... gos'tavɛ 'mujto 'da 'nevi. a'gɔ.lɛ 'ɛ 'bɛ 'fliw 'la. õ'dʒɪ 'ew 'mɔ.lɔ, 'nɛ, m'tãw, 'kadɛ

invernu, nós juntava todos meus amigos e nós fazia aquela bolinha di nevi, tipu brincamus

in've.lno, 'nɔs zũ'tavɛ 'todos 'mews a'migos 'ɪ 'nɔs fa'zjɛ a'kele bo'liɲɛ 'dʒɪ 'nevi, 'tʒipɔ b.lin'kamos mais, e nós andava muito de snowboarding. Então, sabe, issu foi muito divertidu.

'majɪ, 'ɪ 'nɔs ã'dave 'mujto 'dʒɪ snow'bo.ɔ.lɔ. m'tãw, 'sabɪ, 'isɔ 'foj 'mujto dive.l'tzido].

INQ. – E... por que você decidiu vir aqui para o Brasil?

INF. – O que foi?

['o 'kɪ 'foj?]

INQ. – Por que você decidiu vir aqui para o Brasil?

INF. – Ah, intão o que acontece, nós como missionários temus uma outra pessoa, que... fala pra nós que

[ah, m'tãw 'o 'kɪ akõ'tɛsɪ, 'nɔs 'komu misio'nalɪus 'temus 'uma 'owt.lɛ pɪ'soa, 'kɪ... 'falɛ 'p.la 'nɔs 'kɪ 'nɔnɔs vamos para o Brasil. Então lá na minha escola umas... sempre queria ir pra o Brasil, porque

s 'vamos 'pa.lɛ 'o b.la'ziw. m'tãw 'la 'na 'miɲɛ ɪ'skɔlɛ 'umas... 'sɛp.lɪ ke'.liɛ 'i.l 'p.la 'o b.la'ziw, po.l'ke eu joga muito futebol, intão aqui... jogam bastanti, né. Intão sempre queria ir para Brasil mesmu.

'ew 'jɔgɛ mujto futʃɪ'bɔw, m'tãw a'ki... 'jɔgã bas'tãtʃɪ, nɛ. m'tãw 'sɛp.lɪ ke'.lɪa 'i.l 'pa.lɛ b.la'ziw 'mesmu]

INQ. – Qual era a imagem que você tinha do Brasil antes de vir para cá?

INF. – Bem, quer dizer.... tipo.... choveu muito. Muito vérdi, muito assim.

['bɛ, 'kɛ.l di'zɛ.l... 'tʃipɔ... ʃɔ'vew 'mujto. 'mujto 'vɛ.lɔzɪ, 'mujto a'sɪ].

INQ. – Como que é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Meu dia? Bem, nós como missionários andamus muito no sóu. O dia inteiru. (inint.) nós conversamus

['mew 'dʒiɛ? 'bɛ, 'nɔs 'komu misio'nalɪus a'damus 'mujto 'no 'sɔw. 'o 'dʒiɛ i'tejru. 'nɔs kōve.l'samus com monti de pessoas por aí (inint.). Isso que nós fizemus cada o dia, quase mesma coisa. Conversamus

'kō 'mõtʃɪ 'dʒɪ pɪ'soas 'po.l 'ai. 'isɔ 'kɪ 'nɔs fi'zɛmus 'kadɛ 'o 'dʒiɛ, 'kuazi 'mesmɛ'koizɛ. kōve.l'samus com todas pessoas.

'kō 'todas pɪ'soas].

INQ. – E o que você faz no seu tempo livre?

INF. – Livre? Nós da missãu gostamus muito futebol. Futebol brasileiro mesmu. E basqueti. Joga

['livɪɪ? 'nɔs 'da mi'sãw gos'tamus 'mujto fu'tʃɪ'bɔw. fu'tʃɪ'bɔw b.lazi'lejru 'mesmu. 'ɪ baʃ'ketʃɪ. 'zɔgɛ muitos esportis. Nós (inint.) e estudar.

'mujtus ɛʃ'pɔ.lʃɪs. 'nɔs 'ɪ iʃtu'da.l

INQ. – Como que foi aprender português?

INF. – No início foi meu difíciu mesmu. Vixi, moitu difíciu, porque... tudo muito diferenti. Entãu

[no i'nisiw 'foj 'mejw di'fisiw 'mesmu. vixi, 'mojtu di'fisiw, po.l'ke... 'tudu 'mujtu dife'létʃɪ. m'tãw istudava muito, muito... mas, coisa que ajuda bastanti, tem que ser pacienci. Tem que praticar... presta iʃtu'dave 'mujtu, mujtu... 'mas, 'kojzɐ 'kɪ a'zude baʃ'tãtʃɪ, 'tẽ 'kɪ 'se.l pasi'ětʃɪ. 'tẽ 'kɪ p.laʃ'i'ka.l...p.lej'taatencão sempri e com o tempu pega bem rápidu.

atẽ'sãw 'sẽp.lɪ 'ɪ 'kõ 'o 'tẽpu 'pegɐ 'bẽ 'rapidu].

INQ. – Qual é a grande diferença entre o Brasil e o seu país?

INF. – Ah... aqui não faz friu. Essa que é mais diferenti. (risos)

[ah... a'ki 'nãw 'fas 'f.liw. 'esɐ 'kɪ 'ɛ 'mais dʒife'létʃɪ].

INQ. – Sentindo falta da neve, né?

INF. – Oh loco! Bastanti!

[oh 'loko baʃ'tãtʃɪ].

INQ. – E... quais são os seus planos?

INF. – Ah... hum... depois missãu, eu vou voltar pra casa, continuar istudandu faculdadi, e...

[ah... hum... di'pojs mi'sãw, 'ew 'vow vow'ta.l 'p.la 'kazɐ, kõtʒinu'a.l iʃtu'dãdu fakuw'dadzɪ, 'ɪ... arrumar um trabalho, quero ser médicu depois missãu. Eu vou trabalhar pra isso. Tentar trabalhar

[a.lu'ma.l 'ũ t.la'baʃu, 'ke.lu 'se.l 'medʒiku di'pojs mi'sãw. 'ew 'vow traba'ʃa.l 'p.la i'so. tẽ'ta.l t.laba'ʃa.l num... hospital, alguma coisa assim.

[a.lu'ma.l 'ũ t.la'baʃu, 'ke.lu 'se.l 'medʒiku di'pojs mi'sãw. 'ew 'vow traba'ʃa.l 'p.la i'so. tẽ'ta.l t.laba'ʃa.l num... hospital, alguma coisa assim.

'nũ... oʃpi'taw, aw'gumɐ 'kojzɐ a'sĩ].

INQ. – Obrigado!

INF. – Ah, di nada!

[ah, 'dʒɪ 'nadɐ]

INFORMANTE 18

INQ. – Como que era a sua vida lá nos Estados Unidos? Conta pra mim.

INF. – Ah, bem legau, nós... eu brinquei bastanti, mas eu, sabe tinha igreja também. E eu estava

[ah, 'bẽ le'gaw, 'nõs... 'ew b.lin'kej baʃ'tãtʃɪ, 'mas 'ew, 'sabi 'tiŋɐ i'g.lezɐ tã'bẽ. 'ɪ 'ew eʃ'tavɐ

preparandu bastanti pra... pra missãu, porque... é uma coisa muito importanti nossa igreja.

p.lepa'lãdu baʃ'tãtʃɪ 'p.la... 'p.la mi'sãw, po.l'ke ... 'ɛ 'umɐ 'koize 'mujtu impo.l'tãtʃɪ 'nõsɐ i'g.lezɐ].

INQ. – Conta uma coisa gostosa de quando você era criança.

INF. – Ah, eu gostava de jogar baseball bastanti. Eu gostu muito dias isporti. Eu gostu di

[ah, 'ew goʃ'tavɐ 'dʒɪ jo'ga.l 'bejzibõw baʃ'tãtʃɪ. 'ew 'gõʃtu 'mujtu 'dʒias iʃ'põ.l'tʃɪ. 'ew 'gõʃtu 'dʒɪ

qualquer isporti, mas foi baseball que...

kuaw'ke.l iʃ'põ.l'tʃɪ, 'mas 'foj 'bejzibõw 'kɪ...

INQ. – Por que você decidiu vir pro Brasil?

INF. – Ah, porque eu creio nas coisas da nossa igreja. Eu creio que todú mundu aprecia essas coisa, essas

[ah, po.l'ke 'ew 'k.lejw 'nas 'kojzas 'da 'nõsɐ i'g.lezɐ. 'ew 'k.lejw 'kɪ 'todu 'mũdu a'p.liesiɐ 'esas

coisa também. Intãu eu estou aqui tentandu para... para proclamar o evangéliu.

'koize, 'esas 'koize tã'bẽ. m'tãw 'ew eʃ'tow a'ki tẽ'tãdu 'pa.lɐ... 'pa.lɐ p.lo'klama.l 'o evã'geliw].

INQ. – Qual era a imagem do Brasil que você tinha?

INF. – Ah, eu pensei... um pouquinho de carnaval e Amazonas, só. Pensava, eu pensava que estava vindu pra

[ah, 'ew 'pẽsej... 'ũ pow'kiŋõ 'dʒɪ ka.lni'vaw 'ɪ ama'zonas, 'sõ. pẽ'savɐ, 'ew pẽsavɐ 'kɪ is'tavɐ 'vĩdu 'p.lɐ '

uma lugar muito, muito loco realmenti.

umɐ lu'ga.l 'mujtu, 'mujtu 'loko .leaw'métʃɪ].

INQ. – E como que é então o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Ah, dia-a-dia é normau, né, não é tão diferenti Estadus Unidos. Aqui em Londrina é um

[ah, 'dʒiv 'a dʒiv 'e no.l'maw, 'ne, 'nāw 'e 'tāw dʒife'rētʃɪ 'is'tadʊs u'nidʊs. a'ki 'ē lō'dline 'e 'ũ
cidade bem diferenti do... eu sou di uma cidadi pequena só di cinco mil pessoas só. Então... foi... é dia-a-dia é... é
si'dadʒɪ 'bē dʒife'lētʃɪ 'do... 'ew 'sow 'dʒɪ 'umɐ si'dadʒɪ pe'kenɐ 'sɔ 'sɪnko 'miw pɪ'soas 'sɔ. m'tāw... 'fojduro
. Bem calor aqui. Bem... quenti mesmu. Quenti dimais.

...e 'dʒiv 'a dʒiv 'e... 'e 'du.lo. 'bē ka'lo.l a'ki. 'bē ... 'kētʃɪ 'mesmu. 'kētʃɪ dʒɪ'majs

INQ. – Fala... fala de que como é ser missionário.

INF. – Ah, é... é bem recoponsáveu. Tipu... é... é duro, mas realmenti eu gosto muito, eu gosto di

[ah, 'e... 'e 'bē .lekōpō'savew. 'tʃipɔ... 'e... 'e 'du.lo, 'mas .Jɛw'mētʃɪ 'ew 'gɔʃtu 'mujtu, 'ew gɔʃtu 'dʒɪ
trabalha porque você senti o amor das pessoas, realmenti quando você está pregandu o evangélu.

t.laba'ʎa po.l'ke vo'se 'sētʃɪ 'o a'mo.l 'das pɪ'soas, .Jɛw'mētʃɪ ku'ādu vo'se eʃ'ta p.le'gādu 'o evā'zɛliw].

INQ. – E o que você faz no seu tempo livre?

INF. – Ah, aqui em Londrina, nós... nós vamos passear na... na shopping, na... alguma coisa assim. Quando nós

[ah, a'ki 'ē lō'dline, 'nɔs.. 'nɔs va'mus pase'a.l 'na... 'na 'ʃɔpin, 'na... aw'gumɐ 'kojzɐ a'si. 'kuādu 'nɔs

estamus, na quarta-feira nós temus um dia (inint.) nós vamos para shopping, podemus passear na cidadi,

is'tamus, 'na 'kua.ltɐ 'fejɾɐ 'nɔs 'temus 'ũ 'dʒia 'nɔs 'vamus 'pa.lɐ 'ʃɔpin, po'demus pase'a.l 'na si'dadʒɪ, 'para
alguns parques e coisa assim... e o que nós fazemus jogamus basqueti e coisa assim.

pa.lɐ al'guns 'pa.lkɪs 'ɪ 'kojzɐ a'si... 'ɪ 'o 'kɪ 'nɔs fa'zɛmus ʒo'gamus baʃ'ketʃɪ 'ɪ 'kojzɐ a'si].

INQ. – Como foi aprender português?

INF. – Uh... foi bem difícil, realmenti. Ah, duro mais ou menos uns cinco mesis para mim pegar o ... o ...

[uh... 'foj di'fisiw, .Jɛw'mētʃɪ. ah, 'du.lo 'majs 'ow 'menos 'uns 'siku 'mezis 'pa.la 'mī pe'gal 'o...o...
mas, quando eu peguei é mais fácil agora, eu posso entender, posso falar, mas foi bem duro

'mas, 'kuādu 'ew pe'gej 'e 'majs 'fasiw a'gɔ.lɐ, 'ew 'pɔsu ɛtē'de.l, 'pɔsu fa'la.l, 'mas 'foj 'bē 'du.lo
porque se chega não tem nem um conhecimento do língua. É bem duro!

po.l'ke 'se 'ʃɛgɐ 'nāw 'tē 'ũ koŋɛsi'mētu 'do 'linguɐ. 'e 'bē 'du.lo].

INQ. – Qual é a grande diferença entre Brasil e o seu país?

INF. – Ah... esse, ó... com certeza a língua. A língua é muito, é muito diferenti, mas também... também não... é

[ah... 'esi, 'ɔ... 'kō se.l'tɛzɐ 'a 'lɪgua. 'a 'lɪgua 'e 'mujtu, 'e mujtu dʒife'lētʃɪ, 'mas tā'bē. tā'bē 'nāw... 'e '
muito úmido aqui. E foi muito difícil para... mas comida é bem diferenti também, mas... tem muitas

mujtu 'umido a'ki. 'ɪ 'foj 'mujtu di'fisiw 'pa.lɐ... 'mas ko'midɐ 'e 'bē dʒife'lētʃɪ tā'bē, 'mas... 'tē 'mujtas
coisas diferenti. Mas é, é legau.

'kojzas dʒife'lētʃɪ. 'mas 'ɛ, 'e le'gaw].

INQ. – Qual é a sua comida brasileira preferida?

INF. – Oh ... esse é difícil...

[oh... e'sɪ 'ɛ di'fisiw...]

INQ. – Esse é difícil?

INF. – Eu gostu é... di lasanha brasileira, eu gosto muito. Eu gostu de arroz i feijão. É bom!

['ew 'gɔʃtu 'ɛ... 'dʒɪ la'zɔŋa b.Jazi'lejɾɐ, 'ew 'gɔʃtu 'mujtu. 'ew 'gɔʃtu 'dʒɪ a'xoz 'ɪ fej'zãw. 'e 'bõ].

INQ. – E do que você não gosta?

INF. – Oh... eu não gostu de maionesi muito. Maionese o ... é um poco diferenti do que feito com

[oh... 'ew 'nāw 'gɔʃtu 'dʒɪ majo'nezɪ 'mujtu. majo'nezɪ 'o... 'e 'ũ 'poku dʒife'lētʃɪ 'do 'ke 'fejtu 'kō
ovos cru, ixi, eu não gostu muito não!

ɔ'voʃ 'kru, ixi, 'ew 'nāw 'gɔʃtu 'mujtu 'nāw].

INQ. – Saindo do Brasil, quais são seus planos?

INF. – Ah, eu vou faze faculdadi, eu vou namora e casa e ... e só.

[ah, 'ew 'vow fa'ze fakuw'dadʒɪ, 'ew 'vow namo'la 'ɪ ka'za 'ɪ... 'ɪ sɔ].

INQ. – Obrigado.

INQ. – Obrigado você!

[ob.li'gadu vo'se].

INFORMANTE 19

INQ. – Como que era a sua vida lá?

INF. – Lá nos Estados Unidos? Eu... trabalhava muito e... é, uma vida bem... tranqüila, né. Eu tive uma [la 'nos is'tadus u'nidos? 'ew... t.laba'Λave 'mujtu 'i... 'e 'umε 'vide 'bē... t.lā'kilε, 'nε. 'ew 'tivr 'umε família ... é ainda tenho uma família muito grandí, então eu sempri fazia muitas coisas com a fa'milie... 'e a'ide teŋu 'umε fa'milie 'mujtu 'g.lādzi, m'tāw 'ew 'sép.lɪ fa'ziε 'mujtas 'koizas 'kō 'a minha família... meus amigus... e jogava muito basqueti... gostu de jogar basqueti, coisa assim. Ir na cinema. 'miŋε fa'milie... 'mewus a'migus... 'i jo'gavε 'mujtu baʃ'ketʃɪ, 'kojzε a'si. 'i.l 'na si'nemε.

Coisa assim.

'kojzε a'si.

INQ. – Conta uma história gostosa da sua infância.

INF. – Di minha infância? Eu... eu me lembro uma vez que... quando estava jogando basqueti, eu tinha mais [dʒi 'miŋε i'fāsie? 'ew... 'ew 'me lē'b.lo 'uma 'vez 'ke... 'koādu εʃ'tavε jo'gādu baʃ'ketʃɪ, 'ew 'tʃiŋε 'majs ou menos dozi anos... de sua infância? Pode ser? (risos) Então durante essis dozi anos eu tive ... eu 'ow 'menos 'dozi 'ānos... 'dʒi 'sue i'fāsie? 'pɔdʒɪ 'se.lʃ m'tāw du'jātʃɪ 'esis 'dɔzi 'ānos 'ew 'tivr... 'ew me lembro que fomos até campeonato e... no ano inteiro estavam jogando contra os times, então essi 'me 'lēb.lo 'kɪ 'fomus a'te kāpio'natu 'i... 'no 'ānu in'tejro ε'stavā jo'gādu 'kōt.lε 'os 'times, m'tāw 'esi foi o ano em que um dos melhores anos que eu joguei basqueti, nós ganhamos campeonato e foi muito 'foj 'o 'ānu 'ē 'kɪ 'ū 'dos me'Λɔ.lis 'ānus 'kɪ 'ew jo'gej baʃ'ketʃɪ, 'nɔs ga'ŋamus kāpio'natw 'i 'foj 'mujtu bom. 'bō].

INQ. – E por que você decidiu vir para o Brasil?

INF. – Eu decidi vir para a Brasil por causa da... da mensagem que nós temus. É... mensagem que é (ininti.) eu [ew des'i'dɪ 'vi.l 'pa.lε 'a b.la'ziw 'po.l 'kawzε 'da... 'da mē'sazē 'kɪ 'nɔs 'temus. 'ε... mē'sagē 'ki 'e 'ew 'sei que é verdadeira então por causa disso eu queria ajudar os outras pessoas, então eu fui sej 'kɪ 'e ve.la'de.j.lε m'tāw 'po.l 'kawzε 'disu 'ew ke'lie aʒu'da.l 'os ow'tras pɪ'soas, m'tāw 'ew 'fuj mandado para cá, então eu estou gostandu. mǎ'dado 'pa.lε 'ka, m'tāw 'eu εʃ'tow goʃ'tādo].

INQ. – E qual era a imagem do Brasil?

INF. – A imagem do Brasil não como... é... (risos) eu pensei... não pensei que seria é índio ou coisa assim, mas [a i'mazē 'do b.la'ziw 'nāw 'se 'komo... 'ε... 'ew pē'sej... 'nāw pē'sej 'kɪ se'lie 'ε 'i'dio 'ow 'kojzε a'si, eu pensei que teria ah... eu pensei que tivessi mais pobreza e coisa assim, mas realmenti não é 'mas 'ew pē'sej 'kɪ te'l.ja ah... 'ew pē'sej 'kɪ ti'vesi 'majs po'b.jezε 'i 'kojzε a'si, 'mas .lew'mētsɪ 'nāw 'ε assim. a'si].

INQ. – E como que é o seu dia-a-dia?

INF. – Meu dia-a-dia? É nós... ensinamus muitas pessoas, conversamus com muitas pessoas, nós... [mew 'dʒiv 'a 'dʒiv? 'e 'nɔs...ēsi'namus 'mujtas pɪ'soas, kōve.l'samus 'kō 'mujtas pɪ'soas, 'nɔs... estamos aqui para ensinar o evangéliu de Jesus Cristo. Nós passeamus muito, até a noiti, nós is'tamus a'ki 'pa.lε ε'sina.l 'o evā'geliw 'dʒi ze'zus 'k.lɪʃtu. 'nɔs pasɪ'amus 'mujtu, a'te 'a 'nojʃɪ, 'nɔs vamus sair a noiti e ia pra bailes e coisa assim, mas nós pregamus o evangéliu de Cristu dos 'vamus 'saj.l 'a 'nojʃɪ 'i 'iε 'p.la 'bajles 'i 'kojzε a'si, 'mas 'nɔs p.le'gamus 'o evā'geliw 'dʒi 'k.lɪʃtu 'dos 'Últi mos Dias.

uwtimus 'dzies.

INQ. – Me fala como é... por exemplo você me encontrou na rua e... você quer falar a respeito do evangélio. Como é que vocêalaria comigo?

INF. – Como vai? Nós somos missionários, verdadeiros representantis de Jesus Cristo, nós temos a ['komo 'vaj? 'nɔs 'somus misjo'a.ljos, ve.la'dej.los .lep.lezẽ'tãtʃis 'dʒi ze'zus 'k.liʃtu, 'nɔs 'temus 'a mensagem mais importanti do mundo. Nós gostaríamos de passar sua casa pra compartilhar essa mẽ'sagẽ 'majs ipo.l'tãtʃi 'do 'mũdu. 'nɔs goʃta'riemus 'dʒi pa'sa.l 'sue 'kaze 'p.la kõpa.lti'la.l 'ese mensagem com você e sua família. Podemos? mẽ'sagẽ 'kõ vo'se 'i 'sue fa'mi.ljẽ. po'demus?]

INQ. – E o que é que você faz no seu tempo livre?

INF. – É meu tempu livri eu... eu escrevo cartas para... para as moças lá em casa... para minha ['ẽ 'mew 'tẽpo 'livri 'ew... 'ew ẽʃ'krevo ka'l'tas 'pa.lẽ... 'pa.lẽ 'as 'mosas 'la 'ẽ 'kaza... 'pa.lẽ 'miŋe família... e... nós vamos para o centro de vez enquanto também, fazer algumas compras. E... é fa'mi.ljẽ... 'i... 'nɔs 'vamos 'pa.lẽ 'o 'sẽtro 'dʒi 'ves ẽ'kwãdo tã'bẽ, fa'ze.l aw'gumas kõ'p.las. 'i... 'ẽ também nós jogamos basquete, esportis, vôlei, porque nós temos um dia de preparação. Um dia tã'bẽ 'nɔs zo'gamus baʃ'ketʃi, iʃ'põ.lʃis, 'volej, po.l'ke 'nɔs 'temus 'ũ 'dʒiẽ 'dʒi p.lepa.la'sãw. 'ũ 'dʒiẽ de folga, que nós podemos relaxar um pouco. 'dʒi 'fõwge, 'ki 'nɔs po'demus .le.la'ʃa.l 'ũ 'powku].

INQ. – Como foi aprender português?

INF. – Aprender português foi um pouco difíciu. Então, é... você sofre muito nos primeiros seis, sete [ap.len'de.l põ.ltu'ges 'foj 'ũ 'powku di'fisiw. m'tãw, 'ẽ... vo'se 'sõf.li 'mujtõ 'nos p.li'mejros 'sejs, 'setʃi meses para aprender, mas depois tranqüilo, a gente tem que continuar a praticar pra falar bem. (risos) 'mezis 'pa.lẽ ap.len'de.l, mas di'pojs t.lã'kujilo, 'a 'zẽtʃi 'tẽ 'ki kõʃt'i'nuẽ.l 'a p.laʃi'ka.l 'p.la fa'la.l 'bẽ].

INQ. – Em comparação com o seu país, do que você gosta mais aqui do Brasil?

INF. – Eualaria... o fruitu. O fruitu é bom. Aqui. (risos) ['ew fala'.liẽ... 'o 'flujto. 'o 'flujto 'ẽ 'bõ. a'ki].

INQ. – Qual é a grande diferença?

INF. – Grandi diferença do Brasil e os Estados Unidos? Eualaria grandi diferença... ah, a maneira ['grãdʒi dzife'.lẽsẽ 'do b.la'ziw 'i 'os is'tados u'nidos? 'eu fala'.liẽ 'grãdʒi dife'.lẽsẽ... ah, 'a ma'nej.lẽ di ver. Brasileru às vezes tem costumis diferentis e nós temos costumis diferentis. 'dʒi 've.l b.lazi'lejro 'as 'vezis 'tẽ koʃ'tumis dzife'.lẽtʃis 'i 'nɔs 'temus koʃ'tumis dzife'.lẽtʃis].

INQ. – Voltando pros Estados Unidos, quais são os planos?

INF. – Meus planos, é... voltar, encontrar com uma moça muito bonita, casar com ela no templu da ['mews 'planos, 'ẽ... vow'ta.l, ẽkõ't.la.l 'kõ 'umẽ 'mosẽ 'mujtõ bo'nite, ka'za.l 'kõ 'elẽ'no 'tẽplo 'da Igreja de Jesus Cristo. Ir para a facultadi, e... começarmos (inint.) e trabalhar. i'g.lezẽ 'dʒi ze'zus 'k.liʃtu. 'i.l 'pa.lẽ 'a fakuw'dadzı, 'i... kome'sa.lmos 'i t.laba'la.l.

INQ. – Quantos filhos?

INF. – Ah, eualaria seis ou seti. (risos) Talves quinzi. [ah, 'ew fala'.liẽ 'sejs 'ow 'setʃi. 'tawves 'kizi].

INQ. – Obrigado.

INF. – Obrigadu. [ob.li'gado].

INQ. – Fala pra mim, é... como que era a sua vida lá nos Estados Unidos.

INF. – Ah, foi bom bastantí,né. (risos) Bom, nós é...

[ah, 'foj 'bõ baj'tátʃɪ, 'nɛ. 'bõ, 'nɔs 'ɛ...]

INQ. – A sua vida lá.

INF. – Ah, a minha vida trabalhava como... vendi violão, antes trabalhava como cortando grama

[ah, 'a 'miŋɐ 'vidɐ t.laba'ʃave 'komo... 'vɛdʒɪ vjo'lãw, 'ãʃɪs t.laba'ʃave 'komo kol'tãdu 'g.lãme
também. Istudei, fiz várias coisas, isportis, joguei futebol americanu, e... só issu.

tã'bê. iʃtu'dej, 'fiz 'va.ljas 'kojzas, iʃ'pɔ.ʃɪz, ʒo'gej futʃɪ'bɔw ame.li'kãnu, 'ɪ... 'sɔ 'isu.

INQ. – Fala pra mim uma lembrança boa que você tem da sua infância.

INF. – É... eu gosto di... esquiari muito, na nevi, eu aprendi esquiari muito bom, né. Com a minha

[ɛ... 'ew... 'gɔʃtu 'dʒɪ... eʃki'a.l 'mujtu, 'na 'nevi, 'ew ap.lɛ'dʒɪ eski'a.l 'mujtu 'bõ, 'nɛ. 'kõ 'a 'miŋɐ

família nos divertimus esquiandu.

fa'milie 'nos dive.l'timus eski'ãdu].

INQ. – Por que você decidiu vir para o Brasil?

INF. – É... esse é missão que fazemos para nosso igreja. Esse aí pequena é saber que eu farei isso..., então

[ɛ... 'esɪ mi'sãw 'ki fa'zemos 'pa.lɛ 'nɔsso i'greʒɐ. 'esɪ 'ai pe'kenɐ 'ɛ sa'be.l 'ki 'ew fa'leʒ 'isu..., m'tãw
não sei, sempre quis aí, fazer esse missão, então elas me mandaram para o Brasil.

'nãw 'sej, 'sɛp.lɪ 'kis 'ai, fa'ze.l 'esɪ mi'sãw, m'tãw 'elas 'mɪ mã'darã 'pa.lɛ 'o b.la'ziw].

INQ. – Todo mundo antes de vir para cá tinha uma imagem. Qual era a sua imagem do Brasil?

INF. – Eu tinha uma imagem de Rio de Janeiro e Amazonas só. Mas aí conhecemo homem que viajava

[ɛu 'tiŋɐ 'umɛ i'mazɛ 'dʒɪ 'ljo 'dʒɪ ʒa'nej.lo 'ɪ ama'zonas 'sɔ. 'mas 'ai konʒe'semu 'omɛ 'ki vja'zava
para Londrina e a cada mês por vários anos, aí já... sabia um pouco mais sobre essa área aqui em

'pa.lɛ lõ'd.line 'ɪ 'a 'kadɐ 'mez 'pɔ.l 'va.ljos 'ãnos, 'ai 'ʒa... sa'bie 'ũ 'powku 'majs 'sob.lɪ 'esɐ 'a.leɐ 'a'ki 'ɛ Lon
drina.

lõ'd.lina].

INQ. – E como que é o seu dia-a-dia aqui?

INF. – Nós acordamus cedo e... estudamus, almoçamus com pessoas e... trabalhamus o dia inteiru.

[nɔs ako.l'damus se'du 'ɪ... istu'damus, awmo'samus 'kõ pi'soas 'ɪ... t.laba'ʃamos 'o 'dʒɪa i'tejɾɔ].

INQ. – Fala uma pouco de profissão. De como é ser missionário.

INF. – Missionário é muito bom. Nós falamus com pessoas e ensinamus alguns princípios muitos...

[misjo'na.ljo 'ɛ 'mujtu 'bõ. 'nɔs fa'lamus 'kõ pi'soas 'ɪ ɛsi'namus al'guns p.lin'sipios 'mujtus...

muitus especiais que nós soubemus que são verdadeiras. E nós ensinamus isso porque queremos que

'mujtus espesi'ajs 'ki 'nɔs sow'bemus 'ki 'sãw ve.la'deʒ.las. 'ɪ 'nɔs ɛsinamus 'isu pɔ.l'ke ke'lemus 'ki
todo mundo pode conhecer esses verdades também.

'todo 'mũdu 'pɔdʒɪ konʒe'se.l 'esis ve.l'dadis tã'bê].

INQ. – Se você me visse na rua e viesse e abordar o que que você diria?

INF. – Ah, bom dia, como está? E conversamos um pouco sobre a igreja. Nós como missionários

[ah, 'bõ 'dʒɪɐ, 'komo eʃ'ta? 'ɪ kõve.l'samus 'ũ 'powku 'sob.lɪ 'a i'g.leʒɐ. 'nɔs 'komo mis jo'na.ljos
apresentamos a igreja.

ap.lezɛ'tamus 'a i'g.leʒɐ].

INQ. – E... o que que você faz no seu tempo livre?

INF. – Nós... jogamus basqueti, nós passamus tempu na shopping às vezes vendu as coisas mais legais e

[nɔs... ʒo'gamus baʃ'ketʃɪ, 'nɔs pa'samus 'tɛpu 'na 'ʃɔpin 'as 'vezɪs 'vɛdu 'as 'kojzas 'majs le'gajs 'ɪ
dormimus também.

do.l'mimus tã'bê].

INQ. – Como que é aprender português? Como que foi?

INF. – Foi difíciu, então eu estou aprendendu ainda, foi só... mas, passamos São Paulo dois mesis,

[**'foj di'fisiw, m'tãw 'ew 'estow ap'len'dêdu a'ĩdɐ, 'foj 'sɔ... 'mas, pa'samos 'sãw 'pawlo 'dojs 'mezis,**
só aprendemus o básico. Chegamus aqui e aprendemus na rua e (inint.) a cada dia.

'sɔ ap'len'demos 'o 'baziko. ʃe'gamus a'ki 'i ap'len'demos 'na 'Jue 'i 'a 'kadɐ 'dzɪɐ].

INQ. – O que é muito diferente dos Estados Unidos aqui no Brasil?

INF. – Muito deferenti é... sempre percebi as casas, são muito diferente. Muito... meteriau e estilo é

[**'mujto defe'Jêʃɪ 'ɛ... 'sɛp.ɪ pe.lse'bi 'as 'kazas, 'sãw 'mujto dzife'Jêʃɪ. 'mujto... mete.li'aw 'i is'tʃilo 'ɛ**
muito diferente dos Estados Unidos. A altura da casa é muito diferente.

'mujto dzife'Jêʃɪ 'dos is'tados u'nidos. 'a aw'tu.lɐ 'da 'kaza 'ɛ 'mujto dzife'Jêʃɪ].

INQ. – Com relação as pessoas do Brasil, o que mais te chamou a atenção?

INF. – Elas são muito genti boa. Elas querem falar e elas.... parece que elas tem mais tempu para... pras

[**'elas 'sãw 'mujto ʒêʃɪ 'boɐ. 'elas 'kɛ.lɛ fa'la.l 'i 'elas... pa'lese 'ki 'elas 'tɛ 'mais 'têpu 'pa.lɐ... 'p.las**
pessoas como nós. E eles são muito... muito... (inint.) como as pessoas (inint.) muito falso. Elas confiam muito

pr'soas 'komo 'nɔs. 'i 'elis 'sãw 'mujtu ... 'mujtu 'komo 'as pr'soas 'mujtu 'fawsu. 'elas kô'fiã 'mujtu
mais nas pessoas, mais que elas são relaxadas um pouco, mais também...

'majs 'nas pr'soas, 'majs 'ki 'elas 'sãw .lɛla'fadas 'ũ 'powko, 'majs tã'bɛ...]

INQ. – Do que você não gosta aqui no Brasil?

INF. – Eu não gosto do tempu, ah... é muito calor aqui. E... eu gostu mais do friu, mas além disso eu gosto

[**'ew 'nãw 'gɔʃtu 'do 'têpu, ah... 'ɛ 'mujtu ka'lo.l a'ki. 'i... 'ew 'gɔʃtu 'majs 'fliw, 'mas a'lɛ 'diso 'ew 'gɔʃtu**
muito da comida di verdadi Brasil, então só o tempu. Muito calor aqui.

'mujtu 'da ko'midɐ 'dzɪ ve.l'dadzɪ b.la'ziw, m'tãw 'sɔ 'o 'têmpo. 'mujtu ka'lo.l a'ki].

INQ. – Qual a sua comida preferida?

INF. – Eu gostu di... lingüiça.

[**'ew 'gɔʃtu 'dzɪ... li'guisɐ].**

INQ. – E o que você não gosta?

INF. – É não gostu... que não gostu?

[**'ɛ 'nãw 'gɔʃtu... 'ki 'nãw 'gɔʃtu?]**

INQ. – Arroz e feijão talvez?

INF. – Eu gostu arroz e feijão. Ah... eu gostu di tudo, só que ...

[**'ew 'gɔʃtu a'xois 'i fei'zãw. ah... 'ew 'gɔʃtu 'dʃɪ 'tudo, 'sɔ 'ke...]**

INQ. – Feijoadá?

INF. – Eu gostu de feijoadá, só que... não com orelha e pé de vaca e... (risos)

[**'ew 'gɔʃtu 'dʃɪ feiʒo'ɛdɐ, 'sɔ 'ke... 'nãw 'kô o'reʎɐ 'i 'pɛ 'dzɪ 'vakɐ 'i...]**

INQ. – Assim que acabar sua missão e você voltar, quais que serão os seus planos?

INF. – Eu vou fazer faculdadi e vou me casar. Começar uma família e normal, eu vou estudar

[**'ew 'vow fa'ze.l fakuw'dadzɪ 'i 'vow 'me ka'za.l. kome'sa.l 'umɐ fa'milɪɐ 'i no.l'maw, 'ew 'vow istu'da.l**
para ser um dentista.

'pa.lɐ 'se.l 'ũ dɛ'tɪʃtɛ].

INQ. – E quantos filhinhos você quer ter?

INF. – Quero seis.

[**'kɛro 'sejs]**

INQ. – Obrigado.

INF. – Di nada.

[**'dzɪ 'nada]**

APÊNDICE II
Lista de Erros

INFORMANTE 01

BBC: bebe'si	Favor: fa'vo	Pergunta: pegūta
Britânia: bɾitsãnja	Importante: ʔpo'tãts	Perguntou: peɾɣūtso
Burocracia: biwɾokrasia	Interior: ʔtsiɾjo	Pior: piɔ
Caminhada: k ^h ami'ɣada	Informação: ʔfoɾmasaw	Polícia: poli'sia
Computador: kōpiwta'do	Internet: ʔtsinets	Por: po
Conhece: koɲesɪ	Ipanema: ipani.ma	Portão: potaw
Correios: kohæjus	Jornais: ʒonajs	Português: potu'ges
Diferente: dʒifeɾçetsɪ	Jornal: ʒo'naw	Possibilidade: posibilitada'dʒe
Difícil: di'fisil	Leis: læjs	Prefiro: prefero
Dinheiro: dʒiɲejɾo	Leio: læju	Regulações: ɣegilasões
É: æ	Mantiqueira: mãtskejɾa	Sim: si
Eles: 'ælis	Meu: 'mæw	Similar: simi'la
Elétrica: eletsrika	Melhor: mel'ɔ	Sítio: sitsio
Eletrônica: eletsɾoni	Mim: 'mi	Também: tã'bæ
Estranha: estrãɲa	Morar: moɾa	Tenho: tẽɲu
Eu: æw	Muito: muj'tu	Tipo: tsipo
Exemplo: ekzem'pow	Não: naw	Veze: væzis
Exterior: eksteɾjoɾ	Normal: no'maw	
Fantástico: fã'tastik	Origem: o'ɾidʒẽ	

INFORMANTE 02

Amigos: âmigus	Melhor: mel'ɔɾ	Que: k ^h i
Bares: baɾs	Mesmo: mæzmu	Queimar: keɲmaɾ
Certeza: seɾteza	Minha: miɲa	Similar: similaɾ
Continuar: kōtʃinwaɾ	Não: nō	Sobreviver: sobreviveɾ
Conversação: kōveɾsasãw	Normal: noɾmaw	Ter: teɾ
Curso: kuɾso	Particulares: paɾtʃikulares	Tinha: tʃiɲa
Difícil: difisiw	Passear: paseaɾ	Trabalhar: travaɾ'a
Dinheiro: dʒiɲejɾu	Pessoas: pesowas pæsowas	Trabalho: travaɾ'u
Dirigir: dʒiriɾiɾ	Por: puɾ	Trabalhando: travaɾ'ãdu
Dizer: dʒizeɾ	Porque: poɾke	Verbos: veɾbus
Então: êtsãw	Preocupação: prekapasãw	Viajar: viaɾaɾ
Feminino: fæmininu	Pretendendo: pretsẽdẽdu	Verdade: veɾdadʒi
Jornal: joɾnaw	Professor: profesoɾ	
Ler: leɾ		

INFORMANTE 03

Aberta: abeɾta	Então: ʔtõ	Meu: mæw
Aparecer: apaseseɾ	Equador: ækwadoɾ	Melhor: mel'ɔɾ
Apartamento: paɾtmento	Escritório: æskritõriw	Melhorar: meloraɾ
Assistir: asistʃiɾ	Estudar: estudaɾ	Minha: mjo
Brincar: bɾikaɾ	Feijão: feɲzõ	Missão: misõ
Certinho: seɾtʃiɲu	Ficar: ficaɾ	Missionária: miʃjonaɾia
Certo: seɾtu	Igrejas: iglezjas	Morrer: moxeɾ
Conversando: kōveɾsãnu	Importante: ʔpõtãts	Normalmente: noɾmawmẽtʃi
Corrigir: korigiɾ	Ir: iɾ	Oportunidade: opoɾtunidade
Deus: dzews	Lugar: lugaɾ	Parte: paɾtʃ
Dez: dæs	Mandar: mãdaɾ	Pior: piɔɾ peɔɾ

Porque: poɾke	Surpresa: suɾpreza	Verbos: veɾbos
Porta: poɾta	Tenho: tẽnu	Veze: væsis
Português: poɾtuges	Tinha: tĩna	Viajar: vjaʒaɾ
Pregador: pɾegadoɾ	Trabalhando:	Visitar: vizitaɾ
Quiser: kiseɾ	tɾabajãdu trabaĩdu	Voltar: vowaɾ
Saber: sabeɾ	Trabalhar: trabaɾ	
Sozinho: soʒĩnu	Ver: veɾ	

INFORMANTE 04

Acordei: akoɾ'dei	Falar: fa'laɾ	Pouquinho: po'kiɲu
Acordo: a'koɾdu	Jesus: ʒi'zus	Realidade: xiãli'dadʒi
Boa: 'boə	Manhã: ma'ɲã	Ter: 'teɾ
Certeza: seɾ'teʒə	Minha: 'miɲə	Trabalhador: trabaɲãdox
Desertos: de'zeɾtus	Montanhas: mõ'taɲas	Tudinho: tũdʒiɲ
Diferença: dʒife'rensə	Mórmon: 'moɾmo	Verdade: vēdaði
Dormimos: doɾ'mimos	Nenhum: ni'ɲu	Verdadeiros: vēdãdeiros
Exercícios: ezeɾ'sisius	Pessoa: pi'soə	
Evangelho: evan'ʒeliu	Português: poɾtu'ges	

INFORMANTE 05

Aprender: aɾẽndẽ	Internet: inteɾ'netʃi	Qualquer: kuaw'keɾ
Banheiros: ba'ɲeiros	Irmão: iɾ'mãw	Quebradas: ke'bɾadas
Confessar: kõfesaɾ	Lugares: lu'gaɾis	Quero: 'qeɾu
Conforme: con'foɾmi	Mais: maiʃ	Rápido: 'ɾapido
Delas: 'deɾaʃ	Mandar: mãdaɾ	Realmente: xiaw'mẽtʒi
Deles: 'deɾaʃ	Melhorar: miɾo'ɾaɾ	Ressurreição: xeɾuɾe'sãu
Diferentes: dʒife'ɾẽtʃis	Mesma: 'meʃmə	Rica: 'ɾika
Doutor: dou'toɾ	Minha: miɲə	Salvador: sawva'doɾ
Eles: 'eɾiʃ	Missionário: misio'naɾiw	Semana: si'manə
Escrituras: iskɾi'turas	Moderna: mo'deɾnə	Senhor: se'ɲoɾ
Escutar: esku'taɾ	Nós: 'nõʃ	Ser: seɾ
Espanhol: espa'ɲow	Obra: 'õbɾə	Servindo: seɾ'vĩdu
Esperança: espe'ɾansə	Olhava: oɲ'avə	Servir: seɾ'viɾ
Estava: eʃ'tavə	Oportunidade: opoɾtuni'dadʒi	Sobre: so'bɾi
Este: es'ti	Orenancias (?):oɾe'nãsiã	Temos: 'temuʃ
Estudar: istu'daɾ	Outros: 'outɾos	Tenho: 'tẽnu
Falar: fa'laɾ	País: pa'ĩʃ	Tinha: 'tĩɲə
Fazer: fa'zeɾ	Para: 'paɾə	Trabalhamos: trabaɾa'mos
Forte: 'foɾtʃi	Pessoas: pi'soã	Trabalhar: traba'ɾaɾ
Funcionar: fũsio'naɾ	Porque: poɾ'ke	Trabalhava: traba'ɾavə
Geral: ʒe'ɾaw	Pouquinho: pou'kiɲu	Variações: vaɾia'sõiz
Geralmente: ʒeɾaw'mẽtʒi	Precisa: pɾe'sizə	Várias: 'vaɾiez
Histórias: is'tõɾiãʃ	Primeira: pɾimeɾa'ɾə	Verdadeira: veɾda'deɾiã
Igreja: i'gɾeʒa	Profeta: pɾo'fete	Vir: 'viɾ
Integração: integɾa'sãu	Pronunciar: pɾonũ'siaɾ	

INFORMANTE 06

Ajudar: aʒu'daʎ	Internet: inte'l'netʃɪ	Primeiramente: pɫimeira'mɛtʃɪ
Americano: ameʎi'kãnu	Lavar: la'vaʎ	Qualquer: kuaw'keʎ
Aprender: a'prendeʎ	Lugar: lu'gaʎ	Que: 'ki
Calor: ka'loʎ	Minha: 'miɲe	Receber: ʎese'beʎ
Cartas: 'kaʎtas	Missão: mi'saw	Representantes: xepʎezen'tãtʃɪs
Casar: ka'zaʎ	Missionário: misio'nãɫiu	Restaurante: ristau'rãtʃɪ
Comprar: 'kõpraʎ	Mordendo: moʎ'dẽdu	Semana: si'mãna
Conhecia: koɲe'sie	Mudar: mu'daʎ	Servir: seʎ'viʎ
Conversando: kõveʎ'sãdu	Namorada: namo'radẽ	Tenho: 'teɲu
Cozinha: ko'ziɲa	Namorar: namoraʎ	Terminar: teʎmi'naʎ
Cozinhamos: kozi'ɲãmus	Obras: 'õblas	Tinha: tʃiɲe
Diferença: dʒife'ʎẽse	Ouvir: ou'viʎ	Trabalhamos: traba'jamus
Divertir: diveʎ'tʃiʎ	Para: 'paʎe	Trabalhar: traba'iaʎ
Dormindo: doʎ'mĩdu	Partir: paʎ'tiʎ	Trabalhava: tʎaba'jave
Durante: du'ʎãtʃɪ	Pensar: pe'saʎ	Trabalho: tra'baju
Durmo: 'dõʎmu	Perguntou: peʎgu'tou	Tranquei: tʎã'kei
Entender: ente'deʎ	Pernilongas: peʎni'lõgas	Tudinho: tu'dʒiɲu
Era: eʎe	Pessoas: pi'soas	Vendedor: vẽde'doʎ
Espanhol: espa'ɲõw	Poder: po'deʎ	Verdadeiros: veʎda'deɪros
Evangelho: evan'geliu	Por: poʎ	Viver: vi'veʎ
Fisioterapia: fizioteʎa'piẽ	Porque: poʎ'ke	Voltar: vow'taʎ
Freqüentar: fre'kuẽtaʎ	Português: poʎtu'ges	
Grande: 'gãdi	Pretendo: pre'tẽdu	
	Primeira: pi'meɪe	

INFORMANTE 07

Amigos: ã'miɲus	Estamos: is'tãmus	Pessoas: pi'soas
Apertados: apeʎ'tadus	Estar: is'taʎ	Porque: poʎ'ke
Ar: 'aʎ	Eterno: e'teʎnu	Propósito: pɫo'põzitu
Brinquei: bliɲ'kei	Evangelho: evã'geliu	Rapidamente: rapida'mɛtʃɪ
Caminho: ka'miɲu	Exatamente: ɪzata'mɛtʃɪ	Representantes: xepʎezẽ'tãtʃɪs
Cartas: kaʎtas	Falar: fa'laʎ	Responder: xespõ'deʎ
Desde: 'deʃdʒɪ	Gostaríamos: gosta'ʎiãmus	Revelou: ʎeve'low
Diferentes: dʒife'ʎẽtʃɪs	Interpretando: ẽteʎpe'tãdu	Sagradas: sa'gʎadas
Dormir: doʎmiʎ	Jogar: jo'gaʎ	Sempre: se'pɫɪ
Encontrar: ẽkõtraʎ	Maior: maj'õʎ	Senhor: se'ɲoʎ
Ensinar: ẽsi'naʎ	Minha: 'miɲa	Ser: 'seʎ
Entender: ẽte'deʎ	Missionários: misio'nãɫius	Supõe: su'pow
Escrevendo: iskle'vedu	Mordido: moʎ'dʒidu	Terra: 'teɲe
Escrito: es'kʎitu	Mórmon: 'mõʎmo	Testificar: testifi'kaʎ
Escritório: iskʎi'tõɪu	Moro: 'mõʎu	Tinha: 'tʃiɲe
Escrituras: eskʎi'tuʎas	Olha: õiẽ	Verdadeiros: veʎda'deɪɫus
Esfregando: isfɪɲadu	Passar: pa'saʎ	Voltar: vow'taʎ
Esportes: is'põʎtʃɪs	Pergunta: peʎ'gũte	

INFORMANTE 08

Ajudar: ajudar	Espanhol: espanow	Pedindo: pedžino
Amazonas: amizõnjas	Esportes: esporťjis	Percebi: peršebi
Amor: amor	Esse: æsi	Perseverar: perševerar
Andando: ãdãno	Estudar: estudar	Por: por
Apresentar: aprezẽtar	Eternidade: eternidadzi	Porque: poke
Arrependimento: xepẽdžimẽto	Eu: æw	Português: portuges
Brasil: bɾaziw	Exercício: ezesisio	Preparar: preparar
Caminho: kãmiɲu	Explicar: eksplikar	Providenciar: providẽsjar
Cartas: karťas	Falar: falať	Qualquer: kwawqueť
Casar: kazať	Fazendo: fazẽnu	Realmente: xawmentŝi
Certeza: serťeza	Fazer: fazeť	Receber: xesebeť
Continuar: kõtŝinwať	Futebol: futŝbol	Senhor: seɲoť
Conversar: kõveťsať	Jogar: joгаť	Servir: serviť
Convidamos: kãvidãmos	Lavando: lavãnu	Supor: supoť
Cortando: koťãdu	Levantar: levãtať	Tenho: teɲu
Criador: krjadoť	Liberta: libeťta	Tentar: tẽtať
Cursar: kuťzať	Lutar: lutať	Tinha: tiɲa tŝiɲa
Dirigindo: žirižĩnu	Meu: mãw	Tiver: tŝiveť
Dirigir: žirižitiť	Minha: miɲa	Tranquílamente: trãkwimẽťŝi
Divertir: džiweťŝitiť	Missão: misõ	Transporte: trãsporťŝi
Ele: æli	Mudar: mudať	Verdade: veťdadzi
Eles: ælis	Orar: ora	Verdadeiros: veťdadejros
Encher: eŝeť	Ouvir: owviť	
Escrevendo: æskrevẽdu	Parte: paťŝi	

INFORMANTE 09

Abertas: abeťta	Fazer: fazeť	Posição: pizisũw
Amor: amor	Fortes: foťtis	Procurar: prokurať
Aprender: aprẽdeť	Língua: lẽgwa	Profissão: pro'feson
Calorosos: kalɔɔsɔs	Manhã: mãɲa	Quarta: kwarta
Casamento: kozamẽto	Melhor: meloť	Solteiro: soltæro
Chovendo: ŝevãdu	Minha: miɲa	Tarde: taťdzi
Comer: komeť	Importante: ĩporťãťŝi	Televisão: tælevizo
Conversar: kõveťsať	Meses: mãzis	Tenham: teɲã
Dinheiro: džinejru	Meu: mãw	Tenho: teɲu tẽɲu
Dizer: dizeť	Normalmente: noťmawmẽťŝi	Terças: teťsas
Especialmente: espeŝjawmẽťŝi	Orar: orať	Teve: tævi
Esportes: esporťjis	Pessoas: pæsoas	Trabalhar: trabaľjať
Esse: æsi	Porque: porťke	Verdade: veťdadzi
Exemplo: ekzẽplo	Português: portuges	

INFORMANTE 10

Aberto: abeťtu	Filhos: filjos	Pergunta: peťgũta
Depois: džiɔjs	Formei: foťmej	Por: puť por
E: æ	Gêmeos: džemjos	Porque: porťke
Ele: æli	Jovens: džiɔvẽs	Similar: similať
Eu: æw	Manhã: mãɲa	Tenho: teɲu
Fazer: fazeť	Meia: mea	Trabalha: trabaľja t ^h rabalja

Universidade:
uniweɾsidadʒi jwniweɾsidadʒi

Verbos: veɾbos
Voltar: vowtaɾ

INFORMANTE 11

Acordamos: akoɾdãmos	Falar: falaɾ	Pregar: pregaɾ
Árvores: aɾvoɾis	Filhos: fiʎos	Que: kjã
Buscar: buscaɾ	Fresquinho: fɾeskiɲu	Ser: seɾ
Calor: kaloɾ	General: zeneɾaw	Serviço: seɾviso
Casar: kazaɾ	Janta: ʒãt ^h a	Também: t ^h ãbê
Certeza: seɾteza	Melhor: meʎoɾ	Tem: t ^h em
Divertido: dziveɾtʃidu	Meu: mæw	Ter: teɾ
Dormimos: doɾmimos	Mesmo: mæzmu	Terminar: teɾminaɾ
É: æ	Minha: min ^h a	Trabalhava: trabajava
Eles: ælis	Missionário: misionaɾjo	Utah: ut ^h a
Então: êt ^h o	Perto: peɾt ^h o	Verdadeiras: veɾdadejras
Eu: æw	Porque: puke poɾke	

INFORMANTE 12

Acabar: akabaɾ	Ensinar: êsinaɾ	Por: poɾ
Achar: aʃaɾ	Esportes: espoɾtʃis	Porque: poɾke
Acontecer: akõteseɾ	Esse: æse	Pouquinho: powkiɲo
Acordar: akoɾdaɾ	Estar: estaɾ	Pregar: pregaɾ
Aliviar: alivjaɾ	Estudar: estudaɾ	Qualquer: kwawkeɾ
Apesar: apezaɾ	Evangelho: evãʒeʎo	Quer: keɾ
Aprender: apɾêdeɾ	Fazer: fazeɾ	Realmente: xawmêtʃi
Carnaval: kaɾnivaw	Força: foɾsa	Sair: saiɾ
Cartas: kaɾtas	Formar: foɾmaɾ	Senhor: seɲoɾ
Certeza: seɾteza	Imaginar: imaʒinaɾ	Ser: seɾ
Começar: komesaɾ	Internet: ãteɾnetʃi	Servir: seɾviɾ
Companheiro: kõpãɲejɾo	Melhor: meʎo	Sozinho: sõiɲo
Conhecemos: konesemos	Meu: mæw	Também: tamem
Conhecer: koɲeseɾ	Minha: miɲa min ^h a	Tenho: teɲu
Conhecia: koɲesja	Montanhas: mõtanas	Ter: teɾ
Continuar: kõt ^h inwaɾ	Namorar: namoraɾ	Testemunhamos: testemuɲãmos
Dar: daɾ	Normal: noɾmaw	Tinha: tʃiɲa
Dedicar: dedʒikaɾ	Olha: oja	Trabalhava: trabajava
Dele: dæle	Olhei: ojeɟ	Trabalho: trabajo
Deserto: dezertõ	Oportunidade: opoɾtunidadʒi	Visitar: vizitaɾ
Dormimos: domimos	Participava: paɾtʃisipava	Voltar: vowtaɾ
Eles: ælis	Pensar: pêsar	

INFORMANTE 13

Abertas: abeɾtas	Cartas: kaɾtas	Exercitar: ezeɾsitaɾ
Achar: aʃaɾ	Conhecer: koɲeseɾ	Falar: falaɾ
Apesar: apezaɾ	Divertido: dziveɾtʃidu	Fazer: fazeɾ
Aprender: apɾêdeɾ	Durmo: duɾmo	Importante: ãpoɾtãtʃi
Calor: kaloɾ	Ensinar: êsinaɾ	Iorque: iõɾki

Levar: levaɾ	Porque: poɾke	Tentar: tɛtaɾ
Lugar: lugaɾ	Português: poɾtuges	Ter: teɾ
Melhor: meʎoɾ	Procurar: pɾokuraɾ	Testemunha: testemuɲa
Minha: miɲa	Qualquer: kwawkeɾ	Tiver: tʃiveɾ
Moderno: moɽeɾno	Quer: keɾ	Trabalhava: tɾabajava
Normal: noɾmaw	Responder: xespõdeɾ	Tradução: tɾadziɫãw
Organização: oɾganizasãw	Salvador: sawvadoɾ	Ver: veɾ
Parte: paɾte	Senhor: seɲoɾ	Verdade: veɾdadzi
Perguntaria: peɾgũtaria	Ser: seɾ	Verde: væɾdʒi
Perguntas: peɾgũtas	Sorte: soɾte	Viver: viveɾ
Por: poɾ	Tenho: teɲo	

INFORMANTE 14

Aberto: abeɾto	Ensinar: êsinaɾ	Porque: poɾke
Ajudar: aʒudaɾ	Então: êt ^h ãw	Portas: poɾtas
Bater: bateɾ	Esportes: espoɾtes	Preparar: pɾeparaɾ
Batizar: batʃizaɾ	Falar: falaɾ	Servir: seɾviɾ
Carne: kaɾni	Filhos: fil ^ʎ os	Super: supe
Casar: kazaɾ	Gosta: goɫʃi	Também: t ^h ãbe
Deles: dæles	Ir: iɾ	Tenho: tɛɲo
Dormir: doɾmiɾ	Minha: miɲa	Trabalhar: t ^h ɾabaʎaɾ
Economia: ikonomja	Por: poɾ	Verdade: veɾdadzi

INFORMANTE 15

Abertos: abeɾtos	Farmacêutico: faɾmasewtʃiko	Perna: peɾna
Carnaval: kaɾnavaw	Fazer: fazeɾ	Senhor: seɲoɾ
Casar: kazaɾ	Filhos: fil ^ʎ os	Ser: seɾ
Certo: seɾto	Maior: majoɾ	Servir: seɾviɾ
Continuar: kõtʃinwaɾ	Minha: miɲa	Ter: teɾ
Conversa: kõveɾsa	Muitas: mujt ^h as	Trabalhei: t ^h ɾabaʎej
Dormimos: doɾmimos	Pensar: pɛsaɾ	Verdade: veɾdadzi
Espanhol: ispaɲow	Perceber: peɾcebeɾ	Vergonha: veɾgoɲa
Falar: falaɾ	Pergunta: peɾgũta	Vir: viɾ

INFORMANTE 16

Acordamos: ako.l ¹ damus	Difícil: di ¹ fisiw	Passaremos: pa ¹ salmus
Acreditamos: akledzi ¹ tamus	Ensinar-mos: êsi ¹ nalimus	Pessoas: pi ¹ soas
Americano: ame.l ¹ kãnu	Estava: is ¹ tavɛ	Portuguesa: po.ltu ¹ geze
Andar: an ¹ dal	Estudar: iftu ¹ dal	Pra: p.la
Aprendendo: ap.lê ¹ dêdu	Evangelho: evã ¹ geliw	Pregar: ple ¹ gal
Brasil: b.la ¹ ziw	Exercícios: eze.l ¹ sisius	Queria: ke ¹ lie
Brincamos: bli ¹ n ¹ kamus	Fazer: fa ¹ zel	Sempre: ¹ sêplɪ
Calor: ka ¹ lol	Gosta: ¹ gõʃte	Senhor: se ¹ ɲo.l
Companheiros: kõpa ¹ ɲejɾus	Gostasas: goʃ ¹ tozas	Sobre: ¹ soblɪ
Depois: di ¹ pojs	Grande: ¹ glãdʒɪ	Trabalhando: tɾaba ¹ ʎãdu
Diferença: dʒife ¹ lêse	Oportunidade: opo.ltuni ¹ dadʒɪ	Trabalhar: t.laba ¹ ʎal
Diferente: dʒife ¹ .lêʃɪ	Para: ¹ palɛ	Voltar: ¹ vowtal

INFORMANTE 17

Agora: a'gɔlə	Divertido: dive'l'tzidu	Para: 'paɫe
Arrumar: alu'mal	Dizer: di'zeɫ	Pessoa: pi'soa
Basquete: baʃ'ketʃɪ	Era: 'ɛɫe	Porque: poɫ'ke
Bastante: baʃ'tātʃɪ	Esportes: ɛʃ'pɔɫʃɪs	Pra: 'pɫa
Bolinha: bo'liɲe	Estudando: iʃtu'dādu	Praticar: pɫatʃi'kaɫ
Brasil: bla'ziw	Estudar: 'ɪ iʃtu'daɫ	Presta: pɫeʃ'ta
Brasileiro: blazi'lejrɔ	Estudava: iʃtu'davɛ	Quer: 'keɫ
Brincamos: bliɲ'kamɔs	Frio: 'fliw	Queria: ke'lie
Brincava: bliɲ'kavɛ	Hospital: oʃpi'taw	Rápido: 'rapidu
Choveu: ʃu'vew	Inteiro: ã'tejrɔ	Sempre: 'sɛpɫɪ
Continuar: kɔtʃinu'al	Inverno: in'veɫnu	Tentar: te'taɫ
Construção: kɔstɫu'sāw	Ir: 'ɪɫ	Trabalhava: tɫaba'ʎavɛ
Conversarmos: kɔveɫ'samɔs	Minha: 'miɲɛ	Trabalho: tɫa'baʎu
Depois: di'pojs	Missionários: misio'naliɔs	Verde: 'vɛɫdʒɪ
Diferente: dife'lɛtʃɪ	Moro: 'mɔɫu	Voltar: vow'taɫ
Diferente: dʒife'lɛtʃɪ	Normal: noɫ'maw	
Difícil: di'fisiw	Outra: 'owtɫɛ	

INFORMANTE 18

Agora: a'gɔlə	Entender: ɛtɛ'dɛɫ	Parques: 'paɫkis
Amor: a'moɫ	Esporte: iʃ'pɔɫʃɪ	Passear: pase'al
Aprecia: a'plesie	Estava: eʃ'tavɛ	Pegar: pe'gal
Basquete: baʃ'ketʃɪ	Evangelho: evã'ʒeliw	Pessoas: pi'soas
Bastante: baʃ'tātʃɪ	Falar: fa'lal	Porque: poɫ'ke
Brasileira: blazi'lejrɛ	Fazer: fa'ze	Pra: 'pɫa
Brinquei: bliɲ'kej	Gostava: goʃ'tavɛ	Preparando: pɫepa'lādu
Calor: ka'loɫ	Gosto: 'goʃtu	Pouquinho: pow'kiɲu
Carnaval: kaɫni'vaw	Igreja: i'gɫɛʒɛ	Proclamar: plo'klaɫaɫ
Casa: ka'za	Importante: impoɫ'tātʃɪ	Qualquer: kuaw'keɫ
Certeza: seɫ'teʒɛ	Jogar: jo'gal	Quarta-feira: 'kualtɛ 'fejrɛ
Conhecimento: koɲesi'mɛtu	Lasanha: la'zaɲa	Realmente: .leaw'mɛtʃɪ
Creio: 'kɫejw	Londrina: lɔ'dɫiɲɛ	Recompensável: ɫɛkɔpɔ'savew
Diferente: dʒife'lɛtʃɪ	Namora: namo'la	Tinha: 'tiɲɛ
Difícil: di'fisiw	Normal: noɫ'maw	Trabalhar: tɫaba'ʎa
Duro: 'duɫo	Obrigado: obɫi'gadu	
Durou: 'duɫo	Ovos: ɔ'voʃ	

INFORMANTE 19

Ajudar: aʒu'daɫ	Contra: 'kɔtɫɛ	Encontrar: ɛkɔ'tɫaɫ
Aprender: apɫɛɲ'dɛɫ	Conversamos: kɔveɫ'samɔs	Escrevo: eʃ'krevu
Basquete: baʃ'ketʃɪ	Costumes: koʃ'tumɪs	Esportes: iʃ'pɔɫʃɪs
Brasil: bla'ziw	Cristo: 'kɫiʃtu	Estados: ɪs'taduɔs
Cartas: kaɫ'tas	Decidi: desi'dɪ	Estava: eʃ'tavɛ
Casar: ka'zaɫ	Depois: di'pojs	Evangelho: evã'geliw
Compartilhar: kɔpalti'ʎaɫ	Diferença: dʒife'lɛʒɛ	Falar: fa'lal
Compras: kɔ'pɫas	Difícil: di'fisiw	Falaria: fala'lie
Continuar: kɔtʃɪ'nueɫ	Durante: du'lātʃɪ	Fruto: 'fluʒtu

Ganhamos: ga'ŋamus	Passar: pa'sal	Seria: se'liɐ
Gostando: goʃ'tãdu	Pessoas: pɾ'soas	Sofre: 'soflɪ
Gostaríamos: goʃta'riɐmus	Pobreza: po'blezɐ	Tenho: teɲu
Grande: 'g.lãdʒɪ	Português: pɔltu'ges	Teria: te'lja
Igreja: i'glezɐ	Praticar: pɾatʃɾ'kal	Times: 'times
Importante: ãpol'tãtʃɪ	Preparação: pɾepala'sãw	Tinha: 'tʃɪɲɐ
Ir: 'iɪ	Primeiros: pɾi'mejros	Tive: 'tɪvɪ
Lembro: lɛ'bɫo	Queria: ke'liɐ	Trabalhava: tɫaba'ɫavɐ
Maneira: ma'nejɫɐ	Realmente: ɾeãw'mɛtsɪ	Tranqüila: tɫã'kɪlɐ tɫã'kujɪlo
Melhores: me'ɫoɫɪs	Relaxar: ɾela'ʃal	Últimos: 'uwtɪmus
Minha: 'miɲɐ	Representantes: ɾepɾezɛ'tãtʃɪs	Verdadeira: veɫda'dejɫɐ
Por: 'pɔɪ	Sair: 'sajɪ	Voltar: vow'tal
Para: 'paɫɐ	Sempre: 'sɛpɪɪ	

INFORMANTE 20

Acordamos: akoɫ'damus	Dormimos: doɫ'mimus	Parece: pa'lɛsɐ
Americano: ameli'kãnu	Esportes: iʃ'pɔɫtʃɪz	Percebi: pɛɫsɛ'bi
Aprendendo: apɫen'dɛdu	Esquiar: eʃki'al	Pessoas: pɾ'soas
Apreendi: apɫɛ'dʒɪ	Está: eʃ'ta	Por: 'pɔɪ
Apresentamos: apɫezɛ'tamus	Estou: 'ɛʃtuw	Porque: pɔɫ'ke
Área: 'alɛɐ	Estudamos: istu'damus	Princípios: pɾɪn'sɪpius
Basquete: baʃ'ketʃɪ	Estudar: istu'dal	Querem: 'keɫɛ
Bastante: baʃ'tãtʃɪ	Estudei: iʃtu'dɛj	Relaxadas: ɾela'ʃadas
Brasil: bla'ziw	Falar: fa'lal	Rio: 'ɫjo
Calor: ka'loɫ	Fazer: fa'zɛɪ	Rua: 'ɫue
Casar: ka'zal	Frio: 'fliw	Saber: sa'beɪ
Começar: kome'sal	Gosto: 'goʃtu	Sempre: 'sɛpɪɪ
Conhecemos: koɲɐ'semu	Gramma: 'g.lãmɐ	Sobre: 'sobɪɪ
Conhecer: koɲɐ'sɛɪ	Igreja: i'glezɐ	Tinha: 'tɪɲɐ
Conversamos: kõveɫ'samus	Janeiro: ʒa'nejɫo	Trabalhamos: tɫaba'ɫamus
Cortando: koɫ'tãdu	Londrina: lɔ'dɫɪnɐ	Trabalhava: tɫaba'ɫavɐ
Dentista: dɛ'tɪʃtɐ	Mandaram: mã'dara	Várias: 'vaɫjas
Diferente:	Minha: 'miɲɐ	Verdade: veɫ'dadʒɪ
dʒɪfɛ'lɛtʃɪ defɛ'lɛtʃɪ	Missionários: misjo'nalʒus	Verdades: veɫ'dadɾɪs
Difícil: di'fisiw	Normal: noɫ'maw	Verdadeiras: veɫda'dejɫas
Divertimos: diveɫ'timus	Para: 'paɫɐ	